2239-ART/2

Acquired with the assistance of the

Sophia Augusta Brown

Fund

JOHN CARTER BROWN LIBRARY

ENSAYOS
POLITICOS, ECONOMICOS,
E
PHILOSOPHICOS,

POR BENJAMIN

CONDE DE RUMFORD

CAVALLEIRO DAS ORDENS DA AGUIA BRANCA, E DE SANTO ESTANISLAO, CAMARISTA, CONSELHEIRO DE ESTADO PARTICULAR, E TENENTE-GENERAL NO SERVIÇO DE S. A. S. ELEITORAL BAVARO-PALATINA, CORONEL DO SEU REGIMENTO DE ARTILHERIA, E COMMANDANTE EM CHEFE DO ESTADO MAIOR DOS SEUS EXERCITOS, MEMBRO DAS SOCIEDADES REAES DE LONDRES E DUBLIN, DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE BERLIN, DAS ELECTORAES DE MANHEIM E MUNICH, MEMBRO DA SOCIEDADE PHILOSOPHICA DA AMERICA, E DA SOCIEDADE DAS ARTES DE GENEBRA, E DA COMMISSAÕ DE AGRICULTURA DE LONDRES.

TRADUZIDO EM VULGAR
POR
HIPPOLYTO JOSE' DA COSTA PEREIRA.

QUINTA DAS LAGRIMAS
M. Osorio
COIMBRA

LISBOA,
NA TYPOGRAPHIA CHALCOGRAPHICA, TYPOPLASTICA, E LITTERARIA DO ARCO DO CEGO.

M. DCCCI.
De Ordem Superior.

COIMBRA
BIBLIOTECA
UNIVERSIDADE DAS LARANJAS

RP/CB

INTRODUCÇAÕ.

Situaçaõ do Author ao tempo em que entrou no serviço de Sua Alteza Serenissima Eleitoral Bavaro-Palatina.

Razões que obrigáraõ a formar hum estabelecimento, para o amparo dos pobres.

NO meio das vicissitudes da minha vida, e entre a multiplicidade de acontecimentos, que me tem conduzido a figurar em muitas scenas interessantes, se me offereceo occasiaõ de attender circumspectamente a hum objecto da maior importancia; o qual tendo huma relaçaõ intima, e inseparavel, com a felicidade, e prosperidade de todas as sociedades civis, deverá certamente interessar a toda a alma bem fazeja. Nada menos he, que o modo de acudir ás necessidades dos pobres, e de lhes segurar os meios de subsistir, e serem felizes, pelo estabelecimento de ordem, e apego á industria, de que tanto necessita esta classe da especie humana.

Este objecto, posto que taõ interessante para o genero humano, naõ tem sido examinado, e tratado com tanta felicidade, quanta era para desejar. A prova disto he naõ sómente a indolencia, miseria, e pobreza, que reina em quasi todos os Estados da Europa, mas tambem a diversidade de opiniões daquelles, que tem meditado neste assumpto com a maior attençaõ, e que tem proposto meios de remediar estes males, de que se queixaõ com tanta razaõ a generalidade dos homens. As reflexões, que sobre esta materia offereço, naõ saõ filhas de huma opiniaõ meramente especulativa, saõ sim o resultado da experiencia, e da experiencia authentica feita em grande, e em circumstancias, que a fazem particularmente interessante; por estas razões me lisonjeio, de que o Leitor achará no decurso desta obra, naõ só divertimento, mas instrucçaõ.

Parecerá talvez extaordinario, que hum militar emprendesse taõ estranha tarefa ao seu estado, como a de formar, e executar planos para o amparo dos pobres: esta reflexaõ me fez suppor necessario dar aqui huma conta succinta dos motivos, porque entrei nesta empreza, antes que passe a descrever o resultado dos meus trabalhos.

Para fazer esta materia mais clara, e in-

tel-

telligivel, principiarei dizendo alguma cousa de mim mesmo, da minha situaçaõ no paiz em que resido, e dos differentes objectos, que tinhaõ em vista ás medidas que se tomavaõ para a utilidade publica, em que me achava pessoalmente involvido. Este preambulo he outro sim necessario, para se poder fazer huma idéa clara das circumstancias, que existiaõ ao tempo, em que emprehendi as operaçôes, de que vou a tratar, e da relaçaõ, que ellas tinhaõ com as outras medidas de utilidade publica, que no mesmo tempo se adoptáraõ.

Tendo-me Sua Magestade Britanica permittido entrar no serviço de Sua Alteza Eleitoral Bavaro-Palatina em 1784, fui empregado por S. A. E. em varios ramos do serviço publico, e particularmente na administraçaõ dos negocios militares, introduzindo nas tropas novo systema de ordem, disciplina, e economia.

Na execuçaõ desta empreza, tive sempre em vista a grande, e util maxima, de que nenhum arranjamento politico, póde ser realmente bom, senaõ contribuir ao bem geral da sociedade; tentei por tanto em todo o curso das minhas operaçôes, de unir o interesse do soldado, com o interesse da sociedade civil, e de fazer com que a força militar

tar fosse util ao bem publico, ainda mesmo em tempo de paz.

Para facilitar, e ampliar objectos taõ importantes; estabelecer huma força militar constante, e respeitavel, que naõ causasse á populaçaõ o menor prejuizo, que naõ pervertesse os costumes, nem fosse nociva as manufacturas, e agricultura do paiz, era necessario fazer com que os soldados fossem cidadãos, e os cidadãos soldados: conseguia-se isto fazendo-se, que a situaçaõ do soldado se tornasse taõ suave, agradavel, e livre, quanto possivel fosse: augmentou-se-lhe por tanto a paga; vestio-se bem, naõ só em commodidade, mas em asseio, e elegancia; permittio-se-lhe toda a liberdade, que naõ era incompativel com a boa ordem, e subordinaçaõ: simplificáraõ-se os exercicios militares, e a instrucçaõ se fez por isso breve, e facil; baniraõ-se do serviço os abusos, e práticas antiquadas. Teve-se huma grande attençaõ a que os quarteis tivessem com o maior asseio; estendendo este cuidado até á decoraçaõ exterior do edificio, sem desprezar cousa alguma, que pudesse fazer a habitaçaõ agradavel aos homens, que della se serviaõ. Estabeleceraõ-se escolas em todos os Regimentos, para ensinar aos soldados a ler, escrever, e contar, admittiraõ-se nestas escolas, naõ só-

men-

mente os soldados, e seus filhos, mas tambem os paizanos, que ficavaõ vizinhos, recebendo-se indistinctamente todas as pessoas sem estipendio algum, antes pelo contrario, se lhe subministravaõ, á custa do Soberano, os livros, papel, pennas, e tinta de que haviaõ mister.

Além destas escolas, a que se deo o nome de *Escolas de Instrucçaõ*, havia nos Regimentos outra, a que chamáraõ *Escolas de Industria*, nestas se ensinava aos soldados, e a seus filhos, a trabalhar em diversas occupaçõeS, e se lhe forneciaõ tambem instrumentos, e materiaes, para que trabalhassem por sua conta.

Nada he mais pernicioso aos bons costumes, que a occiosidade, principalmente na classe inferior da especie humana, pelo que se achou necessario empregar todos os meios possiveis, a fim de metter a industria nas tropas. Animaraõ-se os soldados, por todos os modos possiveis, a que se aproveitassem dos momentos de descanço que tinhaõ, quando naõ estavaõ em serviço, trabalhando em cousas, que lhes fossem lucrosas; e, entre outros estimulos que se lhe applicáraõ, se achou ser o mais efficaz, dar-lhe plena liberdade de usar do producto do seu trabalho, sem que fossem obrigados a dar conta do modo porque

del-

delle tinhaõ disposto. Forneciaõ-se-lhe vestidos proprios para estar no trabalho, que constavaõ de humas pantalonas, e hum casacaõ de pano de linho, o que se lhe entregava ao tempo de se alistarem, sem que por isso se exigisse delles alguma paga: e se lhe permittia, além disto, o guardar os uniformes velhos para o mesmo fim, tendo aliás o cuidado de lhes fazer certo hum salario vantajoso, sempre que se empregassem no trabalho.

Os soldados recebiaõ ordinariamente pelo seu trabalho de dezesseis até dezoito *creutzers* por dia (1), e além disto tinhaõ a vantagem do vestido, e alojamento, e algumas vezes de receber por inteiro o seu soldo de cinco *creutzers*, e arratel e meio de paõ (á razaõ de $13\frac{1}{2}$ onças o arratel), que o Soberano lhes mandava pagar.

Quando entravaõ para o serviço, montando a guarda regularmene, segundo lhe tocava (o que era sempre com a folga de 4 dias), e trabalhando os dias que estavaõ folgados, recebiaõ o soldo por inteiro, porém se estavaõ dispensados do serviço do Regimento, ou se lhes era permittido trabalhar o dia inteiro para seu lucro, entaõ naõ recebiaõ

(1) O *creutzer* de Alemanha he huma moeda de cobre, que contém 4 pfenings, e vale 6 reis, e 69 centessimos de hum real de Portugal.

biaõ o soldo de cinco *creutzers*, e só venciaõ o paõ, e o alojamento nos quarteis.

Em tudo que eraõ obras publicas se empregavaõ com preferencia os soldados, taes eraõ a factura, ou reparo das estradas publicas, o dessecamento dos pantanos, o concerto dos diques, o encanamento dos rios, etc., e sempre nestas occasiões se attendia com o maior cuidado, naõ só as commodidades, mas até ao divertimento das pessoas assim empregadas. Preparavaõ-se de antemaõ alojamentos commodos, mantimentos sãos, em abundancia, e por moderado preço; e tratavaõ-se aos que adoeciaõ com toda a attençaõ necessaria.

Havendo hum numero consideravel de soldados, empregados em algum destes trabalhos, se lhe mandava tocar a musica ao pé: e naõ só lhe era permittido, mas até se induziaõ a divertimentos, nos Domingos, e dias de Festa, já com a dança, já com outros exercicios corporaes, e de recreio.

Para manter a ordem, e boa intelligencia entre os soldados, que se achavaõ destacados no emprego de algumas destas obras, se lhe nomeavaõ hum certo numero de officiaes, e officiaes inferiores, que serviaõ, naõ só de regular, e conter os soldados nos seus deveres, mas, de superintender asmesmas

obras, e que em consequencia do duplicado emprego, percebiaõ tambem augmento do soldo.

Sempre, que o serviço das guarnições permittia, se concedia licença aos soldados para trabalhar por fóra nas Cidades, ou lugares onde estavaõ acantonados, e de formar sociedades para a factura de alguma obra publica, mas além disto se facilitavaõ, e animavaõ os soldados naturaes do paiz, a que fossem visitar seus parentes, e amigos, e que os ajudassem nos seus trabalhos: para isto se licenciavaõ por todo o tempo do intervallo entre os exercicios, que vinha a ser dez mezes, ou dez e meio. Este arranjamento he favorabillssimo á agricultura, a prosperidade das fabricas, e mesmo a populaçaõ do paiz (pois que era permittido aos soldados o casar): e foi por este modo que se conseguio introduzir, e estabelecer huma harmonia perfeita, e até relações de amizade, entre os soldados, e os habitantes da campanha, o que facilita muito as recrutas.

Outra medida, que tende igualmente a fazer suave, e agradavel a situaçaõ do soldado, subministrando ao mesmo tempo meios de fazer recrutas, he o estabelecimento das guarnições permanentes. Esta medida naõ seria prudente em hum Governo despotico, ou odio-

odioso ao povo ; porque em hum Estado onde he mister sustentar a authoridade do Soberano com o terror das armas , devem ser perniciosas todas as relações de amizade entre o soldado , e o vassallo: mas em hum governo bem regulado , taes ligações só produziraõ grandes vantagens.

Hum paizano terá maior facilidade em sentar praça de soldado , no Regimento estabelecido fixamente , nas vizinhanças da sua terra , do que em hum corpo de Tropas , que se acha a huma grande distancia , ou cujo destino he incerto. Se o posto he permanente , e o Regimento recebe as recrutas dos lugares circumvizinhos ao Quartel General , os soldados que vaõ com licença , se ausentaráõ para perto , e poderáõ facilmente achar-se quando forem precisos.

Na maior parte da Baviera , he summamente necessario dar aos soldados toda a facilidade possivel , para que vaõ com licença a suas casas , porque ha tanta falta de jornaleiros , que o lavrador naõ poderia cultivar as suas terras , se lhe fosse prohibido empregar os militares , que se achaõ ausentes dos seus Regimentos , com licença.

O habito de ordem , e industria , que o soldado adquire em quanto está na guarniçaõ , o faz hum util jornaleiro , durante o tem-

po da sua licença : mas eu naõ contente de subministrar aos cultivadores mais este soccorro, desejei empregar o exercito em melhoramentos uteis aos campos.

Ainda que a agricultura esteja elevada a hum bom gráo de perfeiçaõ, em algumas partes do Estado do Eleitor, com tudo ha muitas outras, e particularmente Baviera, onde se acha estar muito atrazada. Eraõ desconhecidas na prática geral do paiz, grande numero de descobertas, e melhoramentos uteis, taes como a adopçaõ das plantas estrangeiras, a cultura do trevo, e nabos, successaõ regular, ou rotaçaõ das colheitas, etc.: até as batatas, huma das mais uteis producções era considerada pelos Bavaros, como huma planta estranha.

A introducçaõ da cultura das batatas foi o motivo principal, que me obrigou a formar os jardins militares. Estes jardins, que se achaõ em todas as guarnições dos Estados do Eleitor (excepto em Düsseldorf, e Amberg (1)), saõ porções de terrenos situados nas Cidades, ou perto dellas, cultivados regularmente, e applicados para o uso dos officiaes inferiores, e soldados dos Regimentos, que se

(1) Algumas razões provenientes do local, fizeraõ com que se naõ estabelecessem jardins militares nestas duas guarnições.

se achaõ de guarniçaõ. Divide-se o terreno regularmente em districtos dos Regimentos, Batalhões, Companhias, e Esquadras (corporal-schaft), de que cada Companhia tem quatro. A quantidade de terreno, applicada á huma Esquadra, deve ser tal, que cada official inferior, ou soldado pertencente a ella, possa ter para o seu uso huma superficie de 365 pés quadrados.

Esta porçaõ de terreno lhe pertence exclusivamente, em quanto continua a servir no Regimento, e tem a plena liberdade de o cultivar como melhor lhe parecer, dispondo a seu arbitrio dos productos: he porém obrigado a ter este terreno em estado de cultura, e limpallo das sizanias, ou hervas más, porque se fosse negligente em cultivallo, lhe tirariaõ a propriedade para a adjudicar á outro, que fosse mais laborioso.

As divisões destes jardins militares, saõ marcadas com ruas, ou passeios cubertos de aréa grossa, e conservados com asseio: as mais principaes saõ assás largas, para dar lugar a servirem como hum passeio publico, de modo que possaõ todos ser testemunhas desta scena industriosa, e intessante. Os effeitos que este estabelecimento tem já produzido depois da sua instituiçaõ (ha menos de cinco annos) saõ admiraveis: nunca me atrevia es-

pe-

perar, que chegasse ao pontô de grãndezà, e importancia, em que hoje se acha.

Os soldados, que antigamente eraô os mais preguiçosos dos mortaes, e que naô tinhaô o menor conhecimento da cultura dos jardins, estaô hoje cultivadores intelligentes cheios de industria; actualmente gostaô dos vegetaes, e com particularidade das batatas, de modo que estas producçõe taô uteis, como sadias, fórmaô parte do seu mantimento diario.

Estes ensayos de cultura se espalharaô promptamente pelos camponezes, e paizanos em todo o paiz. Naô ha quasi soldado algum que, ao voltar para sua casa com licença, naô leve batatas, ou sementes de alguma hortaliça, com o designio de as fazer plantar. Donde me parece provavel, que em poucos annos as batatas seraô taô cultivadas em Baviera, como em outro qualquer paiz, e os vegetaes faraô parte dos alimentos na classe ordinaria do povo. Tive já a satisfaçaô de ver em alguns lugares pequenos jardins, ou hortas, e espero que brevemente naô haverá casa alguma de agricultura em Baviera, que naô tenha huma porçaô de terreno, empregada neste ministerio.

Para ajudar os soldados a cultivar os seus jardins, ou hortas, se lhe prestaô de graça

as

as ferramentas de que necessitaõ; e se fornecem de tempos em tempos com alguma porçaõ de estrume, e sementes de hortaliça. Porém elles de ordinario naõ se fiaõ sómente neste soccorro; os mais industriosos ajuntaõ pelos quarteis, e ruas vizinhas, as materias, que lhe podem servir de estrume, e achaõ na sua mesma horta as sementes, de que necessitaõ: e para que se possaõ aproveitar das hortaliças, que vem logo na primavera, cada Companhia tem hum canteiro reservado para este effeito.

Emprega-se ainda outro meio para fazer com que os soldados adquiraõ maior apego a esta pequena propriedade, e he dar-lhe meios de a cultivar commodamente, e com prazer: mandaõ-se construir certo numero de cabanas, ou barracas, huma para cada Companhia, as quaes servem para dar abrigo aos trabalhadores, quando chover, ou para que nellas descancem, estando fatigados.

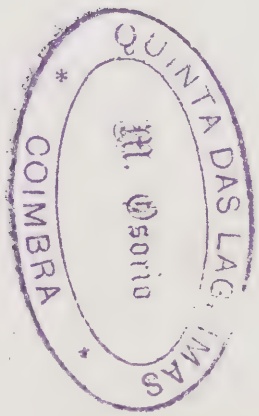
Os officiaes de todos os Regimentos, tem ordem de dar aos soldados todos os soccorros possiveis, e necessarios para a cultura das suas hortas; mas he-lhes ao mesmo tempo prohibido, debaixo de rigorosas penas, o apropriar-se da menor parte, ou receber qualquer dos productos deste terreno, mesmo a titulo de presente.

EN-

ENSAYOS POLITICOS, ECONOMICOS, E PHILOSOPHICOS.

CAPITULO I.

Força, e actividade dos mendigos em Baviera, quando se projectou destruillos.



Entre as medidas, que me lembrárão, para fazer com que a força militar utilizasse ao Estado em tempo de paz, nenhuma me pareceo mais importante, que a de empregar o exercito em limpar o paiz de mendigos, vagabundos, e ladrões, e proteger ao mesmo tempo a segurança, e tranquilidade publica.

Porém, o numero dos mendigos tinha crescido a tal ponto em Baviera, que para expurgar inteiramente o paiz deste mal, era necessario adoptar medidas geraes, e ener-

gicas, que apresentassem soccorros efficazes. Existiaõ na verdade algumas leis, que obrigavaõ as municipalidades a cuidar dos pobres estabelecidos dentro da sua jurisdicçaõ, mas estas leis tinhaõ cahido em desuso, e a mendicidade crescido ao ponto de exigir meios extraordinarios, e trabalho infatigavel para se poder atalhar. O numero de mendigos naõ domiciliados, tanto estrangeiros, como nacionaes, de ambos os sexos, e de todas as idades, era quasi incrivel; viajavaõ o paiz todo, caminhando em todas as direcções, passando por toda a parte, mettendo a contribuiçaõ os habitantes industriosos, trapaceando, gatunando, furtando, e levando huma vida ociosa, e a mais depravada possivel. Nas Cidades, e principalmente na capital, os enxames de pobres se tinhaõ feito taõ petulantes, e desavergonhados, e taõ assiduamente importunos, que era impossivel atravessar a rua sem ser accommettido por esta canalha, e obrigado por assim dizer, a satisfazer aos seus peditorios arrogantes.

Entretanto naõ eraõ estas pessoas velhas, doentes, ou aleijados, incapazes de trabalhar, e ganhar de que subsistir, a maior parte, ou quasi todos eraõ homens robustos, possantes, e no flor da idade, que, tendo perdido a vergonha, e todos os sentimentos de honra,

ou

ou decencia, tinhaõ abraçado esta profissaõ por escolha, e naõ por necessidade; de modo, que naõ só pediaõ importunamente, mas chegavaõ a ser insolentes, e a produzir ameaças, querendo assim extorquir pelo medo, o que naõ tinhaõ podido conseguir pela compaixaõ, que trabalhavaõ por excitar.

Naõ sómente infestavaõ as ruas, os passeios, e praças publicas, mas entravaõ sem escrupulo nas casas particulares, e roubavaõ aquillo, que lhe ficava á maõ, se acontecia naõ serem encontrados. As Igrejas estavaõ taõ cheias destes vagabundos, que realmente incommodavaõ a quem lá hia, e faziaõ escandalo com o seu máo comportamento durante o serviço Divino. As pessoas, que se empregavaõ nas suas devoçõẽs, se viaõ continuamente interrompidos, por estes homens, e eraõ obrigados a satisfazer aos seus peditorios importunos, se queriaõ ter lugar de continuar nas suas orações sem esta inquietaçaõ.

Em huma palavra, atacando todos os lugares, naõ só se valiaõ do expediente de ser insolentemente importunos, porém commettiaõ os maiores excessos, e chegavaõ até os crimes mais atrozes no exercicio do seu infame trafico. Furtavaõ crianças a seus pais, e, tendo-lhe tirado os olhos, ou mutilado os delicados membros, os expunhaõ ao publico pa-

ra excitar a commiseraçaõ. Empregavaõ todos os artificios possiveis, para tocar a sensibilidade, e extorquir contribuições das pessoas humanas e caritativas.

Alguns destes monstros eraõ taõ destituidos de sentimentos, que expunhaõ no meio das ruas seus proprios filhos nus, e esfaimados, para que com os gritos, choro, e expressaõ de dor attrahissem a caridade dos que passavaõ; mais, estes pais ferozes, chegavaõ a açoitar cruelmente os filhos se lhe naõ ajuntavaõ huma certa somma, que lhe tinhaõ prescripto trouxessem.

Vi muitas vezes sentado ao canto de huma rua hum pobre menino, que teria cinco ou seis annos de idade, soffrer, quasi nu, todo o frio de huma rigorosa noite de inverno, sem outro allivio, que o de chorar continuamente. Se lhe perguntavaõ a causa, porque choravaõ: » Tenho frio e fome, respondia » elle, mas naõ me atrevo a voltar, porque » minha mãi me ordenou, que ajuntasse do» ze *creutzers*, e eu ainda naõ tenho senaõ » cinco: minha mãi me acoitará certamente » se eu lhe naõ levar os doze. » Quem deixaria de empregar huma somma taõ modica em soccorrer a miseria deste innocente, que expunha a necessidade em que se achava com tanta candura, e simplicidade? Porém que hor-

horrivel artificio o de procurar mover a compaixaõ do publico por semelhante modo, e extorquir contribuições forçadas, para sustentar a ociosidade, e depravaçaõ! Entretanto os males, que provinhaõ da actividade dos mendigos, naõ se limitavaõ a estes exemplos.

O publico já fatigado pelo numero, e vexame dos mendigos; enganado repetidas vezes pela esperança de ser isento dos roubos, que elles commettiaõ, e desgostoso do pouco successo, que tinhaõ os planos, e projectos até entaõ adoptados, para remediar estes males, principiava já a perder as esperanças de ver extincta a perversa raça dos mendigos, e se sujeitava ao mal, que suppunha irremediavel. He facil conceber quaes seriaõ as consequencias desta resignaçaõ. Os mendigos animados pela victoria, adquiriraõ maior apego á sua infame profissaõ, e outras pessoas, seduzidas pela apparencia de huma vida ociosa, pelo bom exito de suas fraudes, e pela impunidade do crime se ajuntavaõ a estes. A tranquilla resignaçaõ do publico lhes dava huma especie de direito, para proseguir as gatunarias, de que usavaõ. O seu numero, e bom successo nas expedições, dava a esta profissaõ taõ nomeada, e o habito de mendigar era já taõ commum, que o exercicio de pedir esmolas se naõ reputava de modo

do algum vergonhoso ; parecia já que fazia parte dos regulamentos civis. Os mesmos pastores , que guardavaõ rebanhos junto ás estradas se aproveitavaõ da posiçaõ para extorquir aos passageiros pesadas contribuições; houve, quem me segurasse, que os salarios, ou paga destes homens eraõ ordenados, calculando sobre os interesses, que deste outro modo fariaõ. Nas aldéas, as crianças, ou filhos dos camponos, ainda os mais abastados, estavaõ no costume de pedir esmola a todos os estrangeiros que passavaõ ; e era raro encontrar hum viajante de pé nas estradas, principalmente sendo mulher, que naõ estendesse a maõ para pedir esmola.

Nas grandes Cidades havia huma classe numerosa, e distincta do resto dos habitantes, que era composta dos mendigos de profissaõ , e isto além dos filhos da gente inferior, que ordinariamente todos pediaõ esmola. Havia huma especie de connexaõ politica entre os membros deste formidavel corpo, observavaõ certas leis , e regulamentos nos ataques que faziaõ ao publico. Cada mendigo tinha hum posto , ou districto particular, de que se lhe dava posse, e onde naõ devia ser perturbado por outro algum. Observavaõ-se certas formalidades, para distribuir estes postos em caso de vacancia , ou resignaçaõ vo-

lun-

luntaria, fazendo-se para isto promoções, e translações: algumas vezes se naõ decidia os direitos dos candidatos, ou oponentes ao lugar sem huma briga sanguinolenta, porém todas as vezes que hum dos pretendentes tinha obtido a posse do lugar, ou fosse violentamente, ou de outro qualquer modo, entaõ se considerava ter direito incontestavel. Faziaõ-se casamentos frequentes nesta especie de communidade; e os Magistrados, por mais extraordinario que isto pareça, concediaõ facilmente licença, para se contratarem semelhantes allianças. Os filhos tinhaõ o direito de proseguir na occupaçaõ de seus pais, e, sendo nella criados desde os mais tenros annos, adquiriraõ grandes talentos no exercicio deste infame commercio.

Naõ ha grande differença entre o privar huma pessoa, do que he seu por meio do roubo, ou extorquir-lhe alguma cousa contra sua vontade por clamores importunos, ou pretextando miserias naõ existentes; e esta analogia parece fazer com que a passagem, ou transiçaõ da mendicidade ao roubo seja, naõ sómente facil, mas perfeitamente natural. A insensibilidade absoluta para tudo, o que he vergonhoso, e as demais qualidades necessarias para exercitar o officio de mendigo, saõ igualmente essenciaes para formar hum ladraõ com-

completo; de mais estas duas profissões tiraõ consideraveis vantagens da sua reuniaõ. Hum mendigo, que pede de porta em porta, acha facilmente muitas occasiões de furtar, que outrem difficilmente encontraria, o estado de pedinte lhe facilita occasiões de dispôr do que tem roubado, porque póde sempre sustentar, que a cousa lhe foi dado de esmola, isto posto naõ he para admirar, que a gatunisse, e o roubo sejaõ frequentes nos paizes, que abundaõ de mendigos.

A Baviera entrava certamente neste numero, nem poderá duvidar-se disso, quando se souber, que no espaço de quatro annos, desde que se adoptáraõ as medidas necessarias para abolir a mendicidade, e alimpar o paiz dos mendigos, ratoneiros, e ladrões, se prenderaõ mais de dez mil destes vagabundos, tanto nacionaes, como estrangeiros; os quaes foraõ entregues aos Magistrados civis. E em Munich, quando se apanháraõ os mendigos, depois de se terem tomado as medidas necessarias para a sua mantença, se acharaõ 2,600 alistados em huma só semana, e isto nesta Cidade, cuja populaçaõ naõ passa de 60,000 almas, comprehendendo tambem os arrabaldes.

Estes factos saõ taõ extraordinarios, que me naõ atrevia a citallos, com medo de ser ac-

accusado de exaggeraçaõ, senaõ tivesse em apoio os mais authenticos testemunhos; porém no paiz saõ perfeitamente conhecidos, tendo sido impressos, e publicados naquelle tempo nas gazetas com todas as circunstancias, e particularidades necessarias, para informar o publico.

Supponho que, o que tenho allegado, he sufficiente para demonstrar a necessidade de dar hum prompto remedio ao mal, que acabo de descrever, introduzindo o espirito de ordem, e de industria, nas classes inferiores do povo. Passo já sem outro preambulo a referir as medidas, que se adoptáraõ, e puzeraõ em execuçaõ, para conseguir este fim.

CAPITULO II.

Disposições preparatorias para a abolição da mendicidade em Baviera. Aquartelamento da Cavallaria nas pequenas aldéas, e lugares. Formação de huma commissaõ encarregada de dirigir o estabelecimento, para o amparo dos pobres em Munich. Fundos deste estabelecimento.

DEcidido, e determinado o ponto, de que devia tentar-se esta grande empreza, e assentado finalmente o plano, que se havia seguir; começáraõ logo os preparativos necessarios para o pôr em execuçaõ.

A primeira medida preliminar, foi aquartelar quatro Regimentos de Cavallaria em Baviera, e nos paizes adjacentes, de modo que naõ sómente cada Cidade algum tanto consideravel teve hum destacamento, mas se occupáraõ tambem a maior parte das villas, e aldéas mais populosas: dividio-se a tropa em partidas de tres ou quatro soldados na distancia de algumas leguas, de modo que podem fazer as suas patrulhas diarias, e voltar a seus pos-

postos, sem que precisem demorar-se em casa de algum paizano, para lhe pedir mantimento, ou forragem. Este arranjamento acautela as disputas, ou collisões, que poderiaõ haver entre os militares, e a gente do campo. O quartel general de cada Regimento, onde reside o Commandante, está em posiçaõ central, relativamente á extensaõ do territorio, que o Regimento occupa. O Chefe de esquadraõ está tambem no centro do districto, occupado pelas tropas, que lhe saõ subordinadas, e os Officiaes inferiores se achaõ distribuidos pelos differentes acantonamentos, de modo que todos estaõ debaixo da inspecçaõ dos seus superiores, que tem ordem de os vigiar attentamente, de visitar com frequencia os diversos quarteis, e de manter a mais exacta ordem, e disciplina.

Nomeou-se hum Official-general para commandar estas tropas; que, depois de ter visitado os differentes acantonamentos, fixou a sua residencia em Munich.

O Official, ou Official inferior, que tem o commando de hum posto separado, ou patrulha, tem instrucçoes impressas. Os chefes de esquadraõ daõ a sua parte todos os mezes ao Commandante do Regimento: e o Commandante dá contas ao General em Chefe, e este ao Conselho de guerra, e ao Soberano.

Para acautelar as alterações, que costuma haver entre as authoridades civis, e os militares, para evitar, quanto for possivel, todas as causas de ciume, ou rixa, e para manter a paz, e tranquilidade, entre os militares e paizanos, se ordenou estrictamente á tropa prestar aos Magistrados civis todo o respeito, e acatamento possiveis, de se conduzir para com os paizanos do modo o mais socegado, e amigavel; de se recolher cedo a quarteis; e sobre tudo de evitar cuidadosamente quaesquer disputas, ou questões com os habitantes da campanha. Determinou-se igualmente que houvessem patrulhas diarias de hum posto ao outro, feitas com exactidaõ, e actividade; e que prendessem os ladrões, e outros vagabundos, que infestaõ o paiz, entregando-os aos Officiaes civis: tiveraõ tambem ordem de prender os desertores, e de os escoltar de posto em posto até os seus respectivos Regimentos; de conduzir os prezos de huma parte do paiz para outra; e de prestar aos Magistrados a força armada, necessaria para a execuçaõ das leis, e para a manutençaõ da paz, e boa ordem do paiz, em todos os casos, em que fossem para isso requeridos; de fazer o officio de correio, nos casos de necessidade, levando cartas, ou officios do Governo, ou outras quaesquer ordens civis, ou mi-

militares; de trazer á Capital ãs noticias dos acontecimentos importantes, que succederem no paiz; de guardar as fronteiras, e auxiliar os officiaes das alfandegas, em prevenir o contrabando; de vigiar attenciosamente os soldados, que se acharem licenciados, e de os prender, quando for necessario, conduzindo-os aos seus Regimentos; de soccorrer os habitantes em caso de incendio, especialmente guardando-lhes os effeitos, que se livrarem das chammas, para acautelar que se naõ percaõ, ou sejaõ roubados no meio da confusaõ, e desordem, que ordinariamente acontece em semelhantes occasiões; de procurar, e prender os ladrões, roubadoros, ou assasinos, e outros quaesquer malfeitores; e em geral de prestar a força armada em todas as occasiões, em que for necessario, para manter a ordem, e tranquilidade do paiz.

Como o Soberano tem o direito incontestavel de obrigar os habitantes a fornecer quarteis ás suas tropas, todas as vezes que estas se achaõ empregadas na policia, ou defensa do paiz, se lhes ordenou de fazer os quarteis necessarios para a tropa, distribuida nos acantonamentos: para que esta obrigaçaõ fosse menos onerosa aos habitantes, naõ se lhe pedio alojamento senaõ para os soldados, e Officiaes inferiores, porém em lugar de os re-

ce-

ceber em suas proprias casas, e de lhes dar alojamento, e mantimento, como era costume antigamente, se fez construir huma pequena barraca, ou quartel, com as estrebarias immediatas, e em quanto isto senaõ fez, os Magistrados alugaraõ huma casa conveniente para este fim, e que deve ser paga pela communidade. O Regimento se provê a si mesmo de forragem, ou ha commissarios de exercito encarregados desta diligencia. Dá-se aos soldados lenha, e os aprestos necessarios para fazer a sua comida, e elles compraõ no mercado o que haõ mister, preparando o no seu mesmo quartel.

Os Officiaes tem certo augmento de soldo, com a obrigaçaõ de se munirem á sua custa de alojamento, e cavalharice, e tudo mais que haõ mister.

A despeza extraordinaria, que faz a caixa militar para o estabelecimento, e manutençaõ destes acantonamentos, he de pouca monta (1), e a imposiçaõ sobre o povo, para as despezas do alojamento dos soldados, e Officiaes inferiores, muito insignificantes em comparaçaõ das vantagens, que daqui lhe resultaõ de ter protegida a sua pessoa e bens.

A

(1) A totalidade desta despeza extraordinaria chega a 30,000 florins por anno, o florim de Baviera he na nossa moeda 348 reis e $\frac{87}{100}$ de real.

A repartiçaõ da cavallaria em acantonamentos posta em execuçaõ, como huma medida preliminar á extinçaõ dos mendigos, foi acompanhada de outros preparativos, necessarios para esta empreza.

Como eraõ precisas grandes sommas para o sustento dos pobres, cuja idade, ou molestias os impossibilitava a cuidar da sua subsistencia com o seu proprio trabalho, e industria; e como naõ havia fundos publicos, que pudessem ser applicados, para huma taõ grande despeza, se confiou inteiramente o successo da empreza ás subscripçõeS dos particulares. Para que estas subscripçõeS fossem voluntarias, era necessario que elles approvassem os planos propostos, e que tivessem huma inteira confiança nas pessoas encarregadas da sua execuçaõ.

O numero dos mendigos em Munich era considerabilissimo, e taõ importunos, que naõ podia duvidar-se, que o publico acolheria com prazer qualquer plano sabio, que se lhe apresentasse, e as repetidas, e infructuosas tentativas de occasiõeS passadas o naõ tivesse desanimado, e previnido contra semelhantes projectos. Daqui vem, que os habitantes olhavaõ esta empreza, como impossivel de executar, e consideravaõ, como imaginaria, toda a proposiçaõ, que tinha por fim

o prover as necessidades dos pobres, e destruir a mendicidade.

Conhecia perfeitamente esta opiniaõ geral; e por isso tomei as minhas medidas em conformidade della. Para convencer ao publico da solidez do meu plano, me determinei a executallo completamente, empregando meios grandes, e determinando pedir-lhe, depois os soccorros necessarios para a sua mantença. Com o fim de fixar a confiança publica nos sugeitos encarregados desta administraçaõ, se escolheraõ pessoas da primeira ordem, e do mais respeitavel caracter, as quaes superintendessem, e dirigissem os negocios do novo estabelecimento, tomando-se todas as medidas imaginaveis, para previnir os abusos.

Dous objectos principaes se tiveraõ em vista, quando se determinaraõ estes arranjamentos; o primeiro, foi procurar occupaçaõ conveniente aos pobres, que estavaõ em estado de trabalhar; e o segundo supprir as necessidades daquelles, que, pela idade, aleijaõ, ou molestias, naõ estavaõ em estado de ganhar a vida. Além disto, era tambem necessario estabelecer hum systema de policia geral, entre estes infelices, e tomar as medidas convenientes para os corrigir, e fazellos vassallos uteis.

A policia dos pobres, a distribuiçaõ das esmolas, e todas as miudezas economicas do estabelecimento, estaõ debaixo da direcçaõ de huma Junta, ou Commissaõ, composta do Presidente do Conselho de guerra, do Presidente da Regencia suprema, do Presidente do Conselho Ecclesiastico, e do Presidente do Conselho da Fazenda. Cada hum destes Chefes escolheo huma pessoa na sua repartiçaõ para o ajudar a trabalhar: os Conselheiros assistem á todas as sessões da Junta, ou Commissaõ, e estaõ encarregados de todos os trabalhos, ainda os mais incommodos. Esta Junta he chamada a *Deputaçaõ do estabelecimento dos pobres*: tem casas convenientes para fazer as suas sessões, deo-se-lhe hum Secretario, hum Escripturario, e hum Guarda livros, e debaixo da sua inspecçaõ immediata, se achaõ os guardas ordinarios da policia.

Os Presidentes e Conselheiros, que pertencem á esta Deputaçaõ, naõ recebem salario, ou emolumento algum pelo seu serviço; preenchem as funções deste emprego por motivos de humanidade, e por hum generoso desejo de contribuir ao bem publico. O Secretario, e mais pessoas empregadas, saõ pagos pela thesouraria, ou por alguma outra repartiçaõ, e de nenhum modo pelos fundos

destinados para o soccorro dos pobres. Para destruir radicalmente toda a suspeita, que pudesse haver relativamente a administraçaõ dos negocios, e a fiel applicaçaõ do dinheiro destinado aos pobres; naõ se estabeleceo Thesoureiro da Deputaçaõ, e para servir, ou exercitar estas funções se elegeo hum Banqueiro da Cidade, o mais cheio de probidade, e recommendavel por todos os titulos (1), o qual se encarregou de receber, e pagar todas as sommas pertencentes ao estabelecimento: determinando-se ao mesmo tempo, que todos os tres mezes se imprimiriaõ, e distribuiriaõ as contas miudas de toda a receita e despeza.

Para que todos pudessem ficar plenamente convencidos da exactidaõ das contas, e de que as sommas carregadas em despeza, tinhaõ sido fielmente applicadas aos pobres, se ordenou, que os pagamentos deveriaõ ser feitos todos os Sabbados na *Casa da Cidade*, em presença de hum certo numero de Deputados, escolhidos de entre os mesmos habitantes: tendo-se o cuidado de tempos em tempos de affixar em huma das salas do edificio a lista alphabetica dos pobres, que recebem soccorros pecuniarios, declarando a somma que lhes he entregue, e onde moraõ.

(1) O Senhor Dallarmi.

Naõ se limitaõ aqui as precáuçõeſ. Para afferrar, e firmar a confiança publica de hum modo inalteravel, e para o induzir a ſuſtentar de boa vontade, e com gosto ás medidas, que se tinhaõ adoptado, se convidavaõ os Cidadãos, a que tomassem huma parte activa, e honrosa, na execuçaõ, e direcçaõ das mais interessantes partes deste plano.

A Cidade de Munich, que contém perto de 60.000 habitantes, estava dividida em quatro bairros: cada bairro se subdividio em quatro districtos, vindo a conter toda a Cidade dezeseis districtos: todas as casas, principiando do Palacio do Soberano, até a mais pobre choupana, estavaõ numeradas, e registadas nas listas, que para este fim haviaõ sido impressas. A inspecçaõ dos pobres de cada districto, está commettida a hum Cidadaõ distincto, que se chama *Commissario de districto*: e tem por associados, ou cooperadores, hum Ecclesiastico, hum Medico, hum Cirurgiaõ, e hum Boticario: todas estas pessoas assim empregadas, se encarregaõ deste serviço sem emolumento, ou salario algum, e meramente por motivos de humanidade, e patriotismo: pagaõ-se unicamente ao Boticario os preços das drogas, ou remedios que fornece.

Para dar mais pezo, e dignidade ás fun-

ções da commissaõ de districto, todos estes commissarios, cada hum por sua vez assistem as sessões da commissaõ suprema, e todas as petições, que se fazem para obter esmolas, devem ser vistas pelo commissario do districto, ou para melhor dizer, he elle o canal, porque estas petições chegaõ á commissaõ: os Commissarios estaõ igualmente encarregados da policia, e inspecçaõ dos pobres nos differentes districtos.

Quando hum pobre, cujo nome, se acha nas listas, ou outra alguma pessoa reduzida a infelicidade, tem necessidade de soccorros, dirige-se ao Commissario do districto, que, depois de o ter visitado em sua casa, e examinado a situaçaõ, em que se acha, lhe dá immediatamente o que suppõem ser absolutamente necessario, ou se as circumstancias permittem alguma demora, recommenda o caso a attençaõ da Commissaõ, e della recebe as ordens sobre o modo, porque deve obrar; se este pobre, ou indigente, se acha molesto, o transportaõ ao hospital, ou se manda logo chamar o Medico, e Cirurgiaõ do districto, para lhe assistir, e ter delle cuidado no seu mesmo alojamento. Se a enfermidade augmenta, e tem symptomas de perigo, o Ecclesiastico acode a dar-lhe os soccorros espirituaes, e se morre cuidaõ de lhe fazer hum funeral de-

decente. O Commissario assiste ao fazer o inventario dos bens do morto, de que se entrega huma copia á Commissaõ. Estes bens, quaesquer que elles sejaõ, saõ ao depois vendidos, e, tendo-se abatido do producto a somma que o defunto tinha recebido, durante a vida, a titulo de esmola, e as despesas da sua molestia, e enterro, o restante, no caso que o haja, he entregue aos seus herdeiros. Porém quando o resultado da venda dos bens naõ chega para pagar todas estas despesas, entaõ suprem os fundos do estabelecimento.

Estes fundos provem de differentes cousas.

Primeiramente. De huma contribuiçaõ voluntaria, feita mensalmente pelo Thesouro particular do Soberano, caixa dos Estados, e Thesouraria do Conselho da Fazenda.

Em segundo lugar, e principalmente. Do producto da subscripçaõ particular dos habitantes.

Em terceiro lugar. Dos legados feitos a favor do Estabelecimento.

Em quarto lugar. De algumas pequenas contribuições, ou multas applicadas para este fim.

Poder-se-hiaõ talvez unir ao novo estabelecimento fundos publicos consideraveis, que originariamente foraõ destinados para soccor-

rer

rer os pobres, porém como algumas destas rendas se tinhaõ inconsideradamente applicado para outros fins, e outras se tinhaõ absolutamente anniquilado pela má administraçaõ, seria na verdade difficultoso entender com as pessoas, que estavaõ na posse de cuidar de taes fundos; pelo que julguei mais prudente de naõ me intrometter com semelhante ramo, o que me evitou grande numero de opposições, que aliàs encontraria na execuçaõ do meu plano.

CA-

CAPITULO III.

Preparativos necessarios para occupar os pobres. Difficuldades que acompanhaõ esta empreza. Os meios que se adoptáraõ foraõ completamente bem succedidos. Os pobres tornaraõ a adquirir o habito de industria util. Descripçaõ da casa de industria em Munich.

ANtes de entrar no exame particular dos fundos apropriados para o estabelecimento dos pobres, e do modo porque elles se administraõ, parece necessario dizer alguma cousa dos preparativos, que se fizeraõ, para dar emprego aos pobres, e dos meios que se adoptáraõ para fazer perder os habitos viciosos, que tinhaõ, infundindo-lhes ao mesmo tempo a industria, e fazendo os por isso vassallos uteis. Esta parte era sem duvida a mais difficultosa, porém ao mesmo tempo a mais interessante da empreza. Era necessario muita precauçaõ, e prudencia para confiar a mendigos os materiaes rudes, que se haviaõ de manufacturar: e o que parecerá sem duvida summamente difficil, por naõ dizer impossivel,

he

he o mudar radicalmente os costumes, as maneiras, e os usos desta raça perversa, e desordenada, e de a fazer huma parte util da sociedade. Entretanto consegui o meu fim; e para provar a minha asserçaõ, appello para o estado florente das differentes manufacturas, em que se empregaõ actualmente os pobres; veja-se o decente, e honesto passadio dos obreiros; observe-se a sua alegria, a sua industria, o desejo que tem de chegar á perfeiçaõ cada hum no seu officio; em fim medite-se no seu ar exterior. Os estrangeiros que visitavaõ a casa de trabalho (e poucos deixaõ de querer ter este incommodo) naõ podem suster a admiraçaõ, vendo o ar de contentamento, e satisfaçaõ, que reina por toda a parte, neste vasto estabelecimento: apenas podem persuadir-se, que as pessoas empregadas nas differentes officinas, e que se observaõ alegres, e contentes, sejaõ pela maior parte as mesmas, que ha cinco ou seis annos eraõ os entes mais desgraçados, inuteis, e miseraveis, em huma palavra, simples mendigos.

Toda a alma bemfeitora se interesserá em saber os meios, e modos, porque se conseguio esta mudança, e he isto o que me obriga a apresentar ao publico esta relaçaõ.

A maior parte dos pobres, de que se havia ter cuidado, eraõ naõ sómente mendi-

gos,

gos, mas pessoas, que tinhaõ abraçado este genero de vida desde a infancia, e que preferiaõ o ocio, e dissoluçaõ, em que se achavaõ, a toda a outra situaçaõ qualquer. Ignoravaõ o modo de occupar-se em algum officio, e até tinhaõ aversaõ decidida a tudo o que era trabalhar. Tinhaõ-se por longo tempo, familiarisado com toda a especie de vicios, e o habito inveterado lhes tinha calejado a alma, fazendo-os insensiveis aos sentimentos de vergonha, e aos remorsos.

Póde facilmente imaginar-se, que para com esta classe de homens, que acabo de descrever, os preceitos, as exortações, e até os mesmos castigos, naõ podiaõ ser de grande consequencia: porém o habito he capaz muitas vezes de operar, quando tem falhado outros meios.

Era opiniaõ recebida até o presente, que, para fazer feliz huma classe de homens viciosa, e abandonada de si mesma, se precisava infundir-lhe primeiro a virtude. Mas por que naõ inverteremos nós esta ordem? Por que a naõ faremos primeiro feliz, para que ao depois venha a ser virtuosa? Se a felicidade, e a virtude saõ inseparaveis, quer adoptemos hum, quer outro meio conseguiremos sempre o mesmo fim; e certamente he muito mais facil contribuir a felicidade, e conforto

das pessoas pobres, e miseraveis, do que reformar-lhes os costumes por meio de exortações, e castigos.

Intimamente persuadido da importancia desta verdade, tomei em consequencia della as minhas medidas. Fiz tudo quanto era possivel, para que os pobres, que hia a ajuntar, vivessem felizes, contentes, e satisfeitos com a nova situaçaõ que tinhaõ; e me naõ enganei na esperança, de que o habito de gozar dos auxilios, e soccorros, que se lhes davaõ, lhe adoçaria os costumes, abriria os olhos, e os faria gratos, e doceis.

O contentamento, que me causou esta experiencia, he mais facil de sentir, que de descrever. Praza a Deos que este bom successo induzisse outras pessoas a seguir o meu exemplo! Oxalá fosse mais geralmente sabido quaõ pouco trabalho, e que pequena despeza he precisa para se fazer bem! A satisfaçaõ interior que se experimenta, quando se soccorre aos nossos semelhantes, he taõ grande, que me persuado seriaõ mais frequentes os actos de caridade, e que se diminuiria consideravelmente a miseria, em que se acha grande parte da especie humana.

Tendo-me resolvido a cuidar primeiramente da felicidade dos pobres, cuja existencia devia fazer suave, e agradavel; entrei a pen-

pensar sobre os accessorios da vida, que podiaõ mais contribuir para este fim; e achei que o artigo mais essencial, depois do nutrimento, e morada, era o aceio. He tal a influencia da limpeza, que até os mesmos animaes sentem a sua necessidade.

Que attençaõ, e que cuidado prestaõ ás aves em lavar, e pensar as pennas! Naõ chega o seu aceio ao ponto de catar as plumas huma a huma? Entre os quadrupedes vemos, que os que saõ tratados com maior aceio, saõ mais alegres, e mais vigorosos; conhece-se nelles hum ar de tranquilidade, e de contentamento. As aves, cujo canto he mais agradavel, se distinguem pelo aceio das pennas. Os effeitos da limpeza nos homens, chegaõ a influir no seu caracter phisico. A virtude naõ se póde conciliar por longo tempo com a negligencia, e porquidade; e eu me naõ posso persuadir, que hum homem perluxo, e exquisito no aceio, fosse já mais hum malvado absoluto (1). A ordem, e desordem, a paz,

(1) Todos os Legisladores, e fundadores de religiões, desde a antiguidade a mais remota, conheceraõ a influencia do aceio sobre o caracter dos homens, e procuraraõ inculcar a necessidade da limpeza. Em muitos casos a uniraõ com os mais solemnes ritos do culto publico, e particular, e este uso se conserva ainda em muitos paizes. A idéa de que a alma se faz impura;

e a guerra, á saude, e a enfermidade, naõ podem existir juntamente; mas o contentamento, e satisfaçaõ, que acompanhaõ inseparavelmente a felicidade, e a virtude, naõ podem provir senaõ da ordem, da paz, e da saude.

O instincto ensina aos animaes a ser aceiados; póde logo dar-se huma prova mais convincente, de que o aceio he essencialmente necessario á sua felicidade, e bemaventurança? Porém se o aceio he necessario á classe animal, deve sello ainda mais á especie humana.

Póde-se demonstrar plenamente, e ao ponto de convicçaõ, os bons effeitos do aceio; ou, para melhor dizer, os máos effeitos da porquidade. Os nossos corpos estaõ continuamente em guerra, com o que lhes he nocivo, e parece offendellos tudo o que lhes fica adherente, e que os irrita; e ainda que por hum longo habito, se possaõ acustumar a supportar este mal, de modo, que fiquem qua-

---

e degradua, quando o corpo toca algum objecto immundo, prevaleceó em todas as idades, e foi particularmente adoptada por estes bemfeitores do genero humano, que introduzindo a ordem, e paz na sociedade, trabalharaõ utilmente em augmentar a felicidade dos seus semelhantes.

quasi insensiveis, entretanto neste caso o espirito naõ póde estar tranquillo.

Aquelles, que depois de terem sido afflictos por longos, e dolorosos males, recobraõ subitamente a saude, saõ os que melhor podem apreciar a força deste raciocinio. A sensaçaõ diliciosa que experimentaõ, quando se achaõ livres dos males, que soffriaõ, e da existencia, em que estavaõ, os habilita a conhcer toda a extensaõ da sua antiga miseria: já mais o coraçaõ humano está taõ susceptivel de receber impressões virtuosas, como em semelhantes occasiões.

Foi com o projecto de dar estas disposições ao espirito dos pobres infelizes, com quem me devia occupar, que tomei tantos cuidados em fazer-lhes agradavel a nova situaçaõ, que lhes dava. O estado em que até alli tinhaõ vivido, era certamente miseravel, e deploravel em todo o sentido; porém havia tanto tempo, que estavaõ acostumados á sua desgraça, que eraõ já insensiveis a ella. Era por tanto necessario, para lhes despertar a attençaõ fazer-lhes sentir vivamente o contraste, que havia entre a situaçaõ antiga, que tinhaõ deixado, e o estado actual em que se achavaõ. Para conseguir isto se tomaraõ todas as medidas imaginaveis, que po-

diaõ

diaõ contribuir, para lhes fazer a vida realmente agradavel.

Pela maior parte estavaõ acostumados a viver em miseraveis barracas, cercados de sevandijas, e cubertos de immundices; ou a dormir pelas ruas, debaixo de alpendres, quasi nus, e expostos ao rigor das estações. Preparou-se, para os receber, hum edificio vasto, e commodo, arranjado propria, e agradavelmente. Neste retiro, verdadeiramente bello, acháraõ elles quartos espaçosos, elegantes, asseados, aquecidos, com bastante luz; hum bom jantar servido com toda a ordem, e aceio possivel; materiaes crus, e ferramentas para aquelles, que se achavaõ em estado de trabalhar; mestres para quem necessitava aprender; e experimentavaõ além disto o tratamento mais affavel, da parte de todas as pessoas, que tinhaõ qualquer emprego no estabelecimento. Porque neste asylo destinado aos indigentes, e infelizes, se naõ tolera algum máo tratamento, nem alguma linguagem áspera, ou deshonesta. Ha cinco annos que este estabelecimento existe, ainda se naõ deo huma só pancada em alguem, nem ainda nos meninos, quando naõ obedecem a seus mestres.

Como os regulamentos para manter a ordem

dem saõ em pequeno numero, e faceis de observar, ficaõ sendo muito raras as occasiões, em que se poderiaõ illudir; e como o trabalho he liberalmente pago, segundo as empreitadas, e naõ a jornal, os que mais ganhaõ pelo seu trabalho da semana, recebem ao Sabbado de tarde recompensas proporcionadas; estes meios animaõ perfeitamente a industria.

Antes que dê conta da economia interior do estabelecimento, parece necessario fazer a descripçaõ do edificio, que se destinou para este uso; e de outras circumstancias locaes, que devem saber-se, para que se possa formar huma idéa clara, e precisa deste objecto.

Este edificio vasto está agradavelmente situado em hum dos arrabaldes de Munich, chamado o *Au*. Tinha sido antigamente occupado por huma fabrica, porém havia annos que o tinhaõ abandonado, e estava bastante arruinado. Reparou-se o edificio em parte. Accrescentou-se-lhe huma grande cozinha, com huma sala adjacente para jantar, e com huma padaria commoda. Construiraõ-se tambem loges para carpinteiros, ferradores, torneiros, e outros obreiros necessarios para o entretenimento da fabrica, e concertos das ferramentas. Proveraõ-se todas estas officinas

com

com os instrumentos necessarios; preparaõ-se grandes salas para os fiandeiros, e torcedores de canamo, linho, algodaõ, e lãa; e na extremidade de cada sala se arranjou hum pequeno quarto para o Inspector da sala, ou seu escrevente (chamado Spin-schreiber). Este quarto, que serve ao mesmo tempo de armazem, e de escriptorio, tem huma janella, que deita para a sala por onde se passaõ aos fiandeiros os materiaes crus, e por onde se recebem os que tem já fiado, entregando-se-lhe ao mesmo tempo huma sedula do escrevente, com a qual vaõ cobrar do caixa do estabelecimento a paga do seu trabalho.

Prepararaõ-se tambem salas para os tecelões de lãa de varias qualidades, como sarja de chalões, e outras; para os tecelões de linho, para os que faziaõ pannos de algodaõ, e finalmente para os tecelões de meias de lãa. Dispozeraõ-se os differentes laboratorios, para os que se empregavaõ na factura dos pannos, para tosquiadores, tintureiros, selleiros; e quartos para os que separaõ as laãs, fazem meias, ou saõ custureiros. Distribuiraõ-se certos quartos destinadas a servir de armazens para os materiaes crus, e artigos já fabricados; outros que deviaõ servir de escriptorios, outros de despensas, perto da cosinha, e padaria, e finalmente quartos de mo-

ra-

rada para o Inspector, e mais Officiaes empregados na casa.

Destinou-se para enxugar os panos huma sala espaçosa de cento e dez pés de cumprido, trinta e dous de largo, e vinte e dous de altura, e com muitas janellas, de modo que se podem estender nesta sala oito peças de pano ao mesmo tempo, e está arranjada de modo, que póde servir aos que fazem os panos, e aos tintureiros.

Fez-se hum pizaõ movido pelo pequeno regato, que passa proximo ao pateo do edificio, e ao lado do pisaõ se estabeleceo o laboratorio dos tintureiros, e das barrellas.

Todo este grande edificio foi arranjadõ do modo o mais proprio, como tenho observado: chegando a ter-se muito cuidado até na decoraçaõ, e boa prespectiva do exterior. Pintou-se por dentro, e por fóra unindo a elegancia ao aceio. O pateo, que está no meio do edificio foi calçado, e o terreno da frente livelado, e cuberto de aréa grossa, os caminhos, e lamedas de todas as partes se comporaõ, e acearaõ. Sobre a porta da entrada para a parte da rua se gravou huma inscripçaõ anunciando o destino deste edificio, e na passagem por onde se vai ao pateo se pintou com letras de ouro, sobre campo preto: » *Aqui naõ se recebem esmolas.* »

No interior do pateo se puzeraõ inscripções sobre todas as portas do primeiro andar rente ao chaõ, e que conduzem as differentes repartições do edificio: estas inscripções saõ em letras de ouro, e indicaõ o uso a que as differentes repartições estaõ destinadas.

Preparado o edificio, e comprados os orgãos dos teares, e mais aprestos necessarios para o estabelecimento de huma fabrica ordinaria; e huma certa quantidade de materiaes crus; procedi a execuçaõ do meu plano, do modo que vou a referir no Capitulo seguinte.

CAPITULO IV.

Modo porque se prenderaõ os mendigos em Munich. Convidaõ-se os habitantes a que lhes prestem auxilios. Subscripçaõ geral para o soccorro, e mantença dos pobres. Aboliçaõ de todas as outras contribuições, e impostos destinados a favorecer os pobres.

FOi sempre costume em Baviera, desde tempo immemoravel, dedicar dia de anno bom para a distribuiçaõ das esmolas, e como nesta occasiaõ naõ deixavaõ os mendigos de sahir a recolhellas, me aproveitei deste momento como o mais favoravel para o começo das minhas operações. Na madrugada do primeiro de Janeiro de 1790, se acharaõ os Officiaes, e Officiaes inferiores, de trez Regimentos de Infantaria da guarniçaõ, distribuidos pelas differentes ruas, com a recommendaçaõ de esperar ordens ulteriores.

Tendo junto ao mesmo tempo em minha casa os Officiaes superiores, e principaes Magistrados da Cidade, communiquei-lhes a minha intençaõ de proceder nessa manhã á exe-

cuçaõ do plano, que tinha formado de prender todos os pobres, e cuidar da sua subsistencia. Roguei-lhes por tanto, que me seguissem immediatamente.

A fim de mostrar ao publico, que a minha intençaõ naõ era de executar esta medida só com a força militar (o que lhe poderia dar hum caracter odioso), mas que pelo contrario estava determinado a mostrar todo o acatamento, devido á authoridade civil, pedi aos Magistrados civis, que acompanhassem com os Officiaes superiores da guarniçaõ, para proceder a operaçaõ mais difficil, que era a prizaõ dos mendigos. Consentiraõ no que lhes propuz sem hesitaçaõ, e sahimos logo para a rua, eu acompanhado pelo primeiro Magistrado, e cada hum dos Officiaes por Magistrados inferiores de policia.

Apenas tinhamos dado alguns passos na rua, quando hum mendigo se chega a nós, e pede esmola, encosto me a elle, e batendo-lhe no hombro lhe disse: » Desde este mo» mento se bane a mendicidade de Munich. » Se tendes verdadeira necessidade de auxi» lios, o que saberemos immediatamente, » tereis toda a assistencia, que vos for ne» cessaria, e se daqui em diante vos encon» trarem a pedir sereis castigado. » Entreguei-o logo a hum sargento, que trazia de ordens,

dens, para que o conduzisse á casa da Cidadade, e o entregasse ás pessoas que alli se achavaõ para o receber.

Voltando-me depois para os Officiaes e Magistrados, que me seguiaõ, lhes disse: » Tendes visto que eu mesmo, com a minha » propria maõ, prendi o primeiro mendigo, » que encontramos, peço-vos encarecidamen- » te naõ só que sigais o meu exemplo, mas » que trabalheis por persuadir aos outros Of- » ficiaes, Sargentos, e Soldados da guarni- » çaõ, de que elles naõ degraduaõ o seu ca- » racter como militares, contribuindo pes- » soalmente para huma empreza taõ util co- » mo louvavel. » Prometteraõ-me fazello de boa vontade, e tendo-se espalhado por toda a Cidade, onde encontravaõ militares promptos ás suas ordens, em menos de huma hora, já se naõ via hum simples mendigo pelas ruas.

Os que se prendiaõ eraõ conduzidos á casa da Cidade, onde se lhes escreviaõ os nomes nas listas impressas, e se tornavaõ a mandar embora, convidando-os a que quizessem voltar na manhã seguinte á *casa do trabalho militar*, no arrabalde de *Au*, segurando-lhes que lá achariaõ quartos abrigados, hum bom jantar todos os dias, e que fazer para todos aquelles, que estivessem em estado de tra-

ba-

balhar. Declarou-se-lhes, que havia huma commissaõ particular, encarregada de examinar a sua situaçaõ, e de lhes dar todas as semanas os soccorros pecuniarios, que lhe fossem mister, o que realmente se executou.

Depois deraõ-se ordens a todos os postos militares das differentes partes da Cidade, para que destacassem patrulhas desarmadas, a prender o resto dos mendigos, que tivessem escapado; promettendo-se huma certa recompensa por cada hum dos mendigos, que conduzissem ao Magistrado civil. Ordenou-se á guarda de policia de duplicar a vigilancia, e cuidado, que deviaõ ter, e exortáraõ-se todos habitantes de todas as classes, a que cooperassem, para o complemento de huma obra taõ util ao publico, e que tinha começado com taõ felices auspicios (1). Fez-se imprimir e

(1) Naõ me devo esquecer de huma circumstancia particular, que contribuio principalmente para limpar a Cidade de mendigos. Como se tinha observado, que alguns destes vagabundos inveterados tornavaõ a pegar-se aos seus antigos habitos, e que achavaõ meios de se evadir as patrulhas, desencontrando-se dellas acauteladamente, ordenou-se aos soldados, que faziaõ este serviço, que corressem as ruas desarmados. A consequencia desta disposiçaõ foi, que naõ podendo os mendigos distinguir os soldados, que estavaõ de obrigaçaõ,

e circular huma memoria dirigida aos habitantes, onde se descreviaõ do modo mais vivo, e mais energico ás fataes consequencias da mendicidade, e se indicava o modo de contribuir mais efficazmente a desarraigar este mal taõ nocivo á sociedade.

Como esta memoria (escripta eloquentemente pelo Professor Babo, assás conhecido na republica das letras) pinta com igual energia, que exacçaõ o caracter, costumes, e usos destes enxames de vagabundos ociosos, e depravados, que infestavaõ Munich, ao tempo em que se adoptou o plano de que trato, dando conta dos differentes artificios, de que faziaõ uso, para exercitar a sua ladroeira, julguei a proposito inserir este papel por extenso no Appendice Num. I.

Esta memoria foi apresentada a todos os pais de familia da Cidade, em grande parte por mim mesmo; era acompanhada de huma lista impressa, e se rogava aos habitantes de escrever nella os seus nomes, o lugar do seu domicilio, e as sommas com que podiaõ contribuir todos os mezes para a sustentaçaõ deste estabelecimento. Estas listas (cuja traducçaõ

daquelles que o naõ estavaõ; suppunhaõ a cada passo estar já prezos por huma patrulha, e como a guarniçaõ em Munich era numerosa, em breve tempo desappareceraõ os mendicantes todos.

çaõ se achará no Appendis Num. II.) foraõ entregues aos chefes de familia com duas copias, para que ficando com huma, remettes sem a outra á Commissaõ.

Como estas subscripçõeś eraõ perfeitamente livres, podiaõ ser arbitrariamente augmentadas, ou diminuidas. Se qualquer pessoa desejava mudar a subscripçaõ, mandava ao cartorio buscar duas copias das listas, enchendo-as com as alterações, que bem lhe parecia, e depositando na Commissaõ esta nova subscripçaõ recolhia a antiga.

Tendo-se junto todas as listas das subscripçõeś, se dispozeraõ, e separaraõ, arranjando-as, segundo o numero da casa do subscriptor; classificaraõ-se em dezesseis listas geraes, correspondentes ás dezesseis divisõeś, ou districtos da Cidade (1); e entregou-se a cada Commissario de districto, huma copia destas listas geraes.

Estas copias devidamente reconhecidas, servem de roteiro ao Commissario, para recolher as subscripçõeś do seu districto, o que se faz regularmente no ultimo Domingo de cada mez.

O resultado desta cobrança he immedia-

ta-

(1) Pela nova divisaõ da Cidade, em que se comprehendem os arrabaldes se augmentáraõ os districtos a 23.

tamente entregue pelo Commissario ao Banqueiro do estabelecimento, e se lhe daõ dous recibos, hum que guarda para sua quitaçaõ, e outro que envia a Commissaõ.

Como ha pessoas que, por modestia, ou outros motivos, naõ desejaõ fazer publico o que daõ aos pobres, e por consequencia naõ querem que se inscreva nas listas toda a somma, que tem destinado para este fim; se propoz o seguinte arranjamento para os contentar, e que foi muito bem succedido.

Advertiraõ-se aquelles, que desejavaõ contribuir occultamente para o auxilio dos pobres, por huma noticia publicada na Gazeta, que poderiaõ enviar ao banqueiro do estabelecimento todas as sommas, que lhes parecesse, debaixo de hum nome supposto, ou outro qualquer distinctivo que escolhessem, e que naõ sómente se daria hum recibo ao portador sem lhe fazer pergunta alguma, mas que para maior segurança, se imprimiria na gazeta de Munich hum reconhecimento da somma, unindo-lhe o nome supposto ou distinctivo, que o doador tivesse escolhido.

Para facilitar o arranjamento daquelles, que estivessem dispostos a dar accidentalmente algumas pequenas sommas, para ajuda dos pobres, e que naõ quizessem enviallos ao banqueiro, se estabeleceraõ mealheiros em todas

as Igrejas, e na maior parte das estalagens, botequins, e outros lugares publicos: porém já mais se obriga pessoa alguma a dar a menor cousa, nem se permittem collectas, ou peditorios alguns publicos, ou particulares.

Tendo os habitantes generosamente subscripto para a mantença do estabelecimento, era tambem justo de os livrar da importunaçaõ dos pobres. Isto tinha-lhe sido promettido, e foi executado a pezar das difficuldades que encontrou esta empreza, e das grandes despezas, a que o estabelecimento ficou sugeito.

Os estudantes pobres, que frequentavaõ as escolas Latinas, e Alemãs; as *irmãs da caridade*, os directores do hospital de leprosos, e ainda outros estabelecimentos publicos, tinhaõ adquirido por taõ longo tempo o habito de fazer collectas, indo de casa em casa a certas épocas determinadas, que parecia terem adquirido huma especie de direito, a impor estas contribuições periodicas, de modo que naõ parecia prudente desapossallos sem lhe dar hum equivalente; e para que a indemnisaçaõ naõ parece ser tirada das contribuições dos particulares, se applicaraõ para este fim as sommas, que se recebiaõ todos os mezes ou do Conselho da Fazenda, ou do Thesouro publico.

Além destas collectas periodicas haviaõ outras, que pezavaõ mais aos habitantes, e de que era preciso alliviallos, muitas das quaes tinhaõ a approvaçaõ da authoridade legal. A maior parte dos aprendizes de officios, e artes mechanicas, por quasi toda a Alemanha, tanto que acabaõ o tempo do seu tirocinio, estaõ no costume de viajar por tres, ou quatro annos, para se aperfeiçoarem na sua profissaõ; trabalhando como companheiros, ou officiaes em toda a parte onde achaõ que fazer. Quando hum destes officiaes viajadores chega a qualquer cidade, e que naõ póde achar emprego, tem huma especie de direito a implorar a protecçaõ dos habitantes, e particularmente daquelles, que professaõ a sua arte, ou officio, para ter com que se possa transportar até outro lugar: pelo que naõ parecia justo negar-lhes este auxilio. Mas este costume naõ sómente era pezado aos habitantes, mas abria a porta a muitos abusos. Grande numero de vagabundos sem officio algum, viajavaõ todo o paiz com o nome de official viajador; e, ainda que fossem obrigados a produzir para serem conhecidos, as certidões dos mestres, com quem tinhaõ aprendido, estas certidões eraõ taõ faceis de contrafazer, e falsificar, ou mesmo de al-

cançar, mediante alguma astucia, que de pouco, ou nenhum credito se faziaõ merecedoras.

Para remediar estes abusos se fez o arranjamento seguinte. Os officiaes viajadores, que chegaõ a Munich, e que naõ achaõ commodo, saõ obrigados a sahir immediatamente da cidade, ou a apresentar-se na casa de trabalho militar. Se nella naõ ha em que os empregar, dá-se-lhe huma pequena somma para continuar a sua viagem.

Outra disposiçaõ, que alliviou os habitantes de grande incommodo, e acautelou muitos abusos, foraõ os novos regulamentos para os incendios. Aquelles que experimentavaõ este mal, obtinhaõ ordinariamente huma permissaõ do Governo, para fazer collectas em certas commarcas, e durante certo tempo; actualmente, em lugar de pedir estes soccorros pela cidade de Munich, cobraõ certa porçaõ dos fundos do estabelecimento dos pobres. Por este meio naõ soffrem os habitantes peditorios importunos, e os que padeceraõ com o incendio naõ perdem o precioso tempo, que empregavaõ em ajuntar as esmolas de porta em porta; este methodo acautelou mais, que se podessem vender semelhantes licenças a certos velhacos, attacando ao

mes-

mesmo tempo outros abusos, que tinhaõ lugar antes deste novo arranjamento.

No appendice num. III. se acha huma conta de receita, e despeza do estabelecimento em cinco annos, por ella se poderá conhecer o total da despeza, que se fez para isentar os habitantes de todas as collectas periodicas, e outros peditorios, a que estavaõ sugeitos.

Mas para naõ perder de vista o objecto mais interessante do estabelecimento, seguiremos as pessoas prezas pelas ruas, até o asylo, que se lhe tinha preparado, que sem duvida no primeiro momento, lhe devia parecer huma prizaõ odiosa.

CAPITULO V.

Differentes occupaçôes, que se deraõ dos mendigos, logo que se juntaraõ na casa de industria. Inaptidaõ que tinhaõ ao principio. Adquirem docilidade, e fazem progressos em varios ramos da industria util. Modo porque saõ tratados. Modo porque saõ nutridos. Precauções para acautelar os abusos da cozinha publica, destinada a preparar-lhe os alimentos.

COmo a maior parte dos pobres estava habituada a naõ trabalhar em cousa alguma util, pareceo conveniente empregallos ao principio em obras muito faceis, e que necessitassem materiaes de pouco valor, para que se pudessem estes homens empregar ao depois em objectos de maior importancia, quando tivessem adquirido uso de trabalhar, e com el[illegible] e mais alguma destreza.

O canamo, sendo huma producçaõ barata, e facil a fiar, principalmente sendo destinado a fazer lonas, ou pannos grosseiros, foi o que melhor servio, compraraõ-se 15.000 libras deste artigo no Palatinado, que se trans-

por-

portaraõ a Munich, e logo que se abrio a casa de industria aos pobres, se lhes apresentou grande numero de rodas de fiar, e fiandeiros mestres para os ensinar.

Fez-se tambem provimento de linho, e lãa, e se ajustaraõ alguns fiandeiros habeis para instruir os pobres no maneio destes dous artigos; a maior parte delles porém se empregou em fiar o canamo; mas a sua ineptidaõ, e falta de geito eraõ taes, que estragavaõ quasi todos os materiaes crus, que se lhe mettiaõ entre mãos. Por hum calculo exacto, que se fez dos lucros e percas dos tres mezes primeiros se verificou, que só nestes dous artigos, canamo, e linho, tinha a fabrica perdido mais de 3.000 florins: porém estas experiencias, pouco favoraveis, naõ desanimaraõ; era facil de prever que assim succederia, considerando a classe de homens, que trabalhavaõ, e o preço exorbitante, que se haviaõ obrigado a dar-lhe pela pouca obra que faziaõ, o que aliàs era necessario para os animar, e induzir a ganhar maior destreza.

Se o estabelecimento foi obrigado a fazer ao principio alguns emprestimos; a indemnizaçaõ, que ao depois teve naõ deixou de ser correspondente, e ampla, como ao depois provarei.

Os uniformes para o exercito eraõ a es-

pe-

peculaçaõ, que mais me promettia no estabelecimento desta manufactura, na casa de industria: pelo que o fiar, e fabricar pannos de lãa, foraõ os objectos, que julguei mais essenciaes, e de que principalmente se deviaõ alli occupar: porém sempre era necessario começar pelo trabalho do canamo e linho, naõ sómente porque estes artigos tem menor valor que a lãa, e por consequencia a perca, que devia resultar da falta de destreza dos obreiros era menos consideravel, mas tambem outra razaõ igualmente importante, e que passo a explicar.

Disse já, que para animar aos principiantes, me tinha parecido necessario pagar hum preço consideravel, pela pouca obra, que podiaõ fazer, porém todos sabem que huma manufactura naõ póde subsistir, quando o preço da maõ de obra he exorbitante; e póde facilmente conceber-se o desgosto que causaria á diminuiçaõ do preço do trabalho huma vez estabelecido.

Empregando por tanto os pobres principiantes em manufacturar o canamo e linho, a cujo fabrico se naõ pertendia dar grande attençaõ, era facil, depois que elles tivessem adquirido a destreza e agilidade necessaria, fazellos passar deste trabalho ao outro de fiar a lãa simples torcida, ou algodaõ, tendo en-

taõ

taõ fixado os jornaes neste trabalho, por hum preço racionavel.

O estabelecimento em geral naõ podia soffrer inconveniente da diminuiçaõ de huma manufactura particular, ou mesmo da sua inteira aboliçaõ; porém a diminuiçaõ do preço no mesmo trabalho podia ter consequencias funestas.

He necessario em huma empreza, tal qual esta, que acabo de descrever, ter suma cautela em evitar tudo o que póde ter alguma tendencia desacoroçoar, ou causar descontentamento entre aquelles, cujo trabalho, e industria se quer animar.

Concebe-se facilmente, que hum taõ grande numero de entes infelizes, de todas as idades, e de ambos os sexos, tirados da sua esphera, e postos em huma situaçaõ, que lhes era taõ estranha, devia produzir effeitos singulares, e interessantes .... Oxalá pudesse eu aqui elevar-me á altura, em que se acha o meu objecto! Mas nenhuma linguagem poderia exprimir as scenas ternas, de que fui testemunha.

O sentimento delicioso, que deve experimentar huma alma sensivel, vendo muitos centos de miseraveis, mudados repentinamente do estado de inactividade, e de miseria, do mesmo modo, que se acordassem de hum

sonho, applicados já com alegria, e preseverança ao exercicio de huma industria util, mostrando sobre a face, enrugada pelo habito de padecer, os primeiros raios da felicidade, e os sinaes do contentamento interior, que experimentaõ . . . . he impossivel descrever todas estas sensações.

Foi impraticavel prevenir a confusaõ, durante os primeiros dias, que se seguiraõ ao ajuntamento dos pobres: he verdade, que se naõ descubria symptoma algum de motim, ou resistencia, porém a nova situaçaõ em que se achavaõ lhes era taõ estranha, e a maior parte entrou na casa de industria com tal inercia, que foi difficil introduzir entre elles a ordem. Pouco a pouco se foraõ distribuindo, conforme o sexo, e a idade, e por numeros, nas differentes salas, debaixo da inspecçaõ dos differentes mestres, cada hum segundo o pouco talento que já tinha, ou as disposições que mostrava ter para o futuro. Empregou-se o maior numero em fiar canamo: ensinou-se aos meninos de quatro até sete annos a fazer meia, e a cozer; aos velhos, e doentes a cardar lãa; as mulheres de idade, cuja vista estava cançada, e as forças debilitadas, a dobar o fio para os teares; em fim as crianças pequenas, incapazes de algum trabalho, se colocaraõ em certos assentos ele-

va-

vados ao redor da casa onde seus pais, ou camaradas mais idosos estavaõ trabalhando.

Mantinha-se bom fogo em todas estas casas, e havia luz acceza até ás nove horas da noite no inverno; varriaõ-se todas estas casas, e escadas duas vezes por dia, de manhã antes de chegarem os trabalhadores, e em quanto estavaõ a jantar; havia ventiladores em todos os quartos, e se abriaõ além disso de tempos em tempos as janellas, para introduzir ar novo, e dissipar igualmente algum máo cheiro, ou vapores mephiticos, que se tivessem accumulado; os quartos eraõ frequentemente lavados, e arranjados cuidadosamente até ao ponto de elegancia; os caixilhos das vidraças eraõ muitas vezes limpos, o pateo varrido todos os dias, do mesmo modo que o terreno na frente da casa até grande distancia; tendo-se regularmente o cuidado de o limpar de toda a immundicie, e de o cubrir com arêa grossa.

Aquelles que devem frequentar o estabelecimento, tem já determinadas as horas a que devem chegar, que variaõ segundo a estaçaõ; e saõ reprehendidos se chegaõ demaziadamente tarde, ainda que isto se faça brandamente: se persistem nesta negligencia sem dar huma excusa admissivel da sua falta, se castigaõ com ficar privados do jantar, o qual

se dá sempre de graça a todos os que chegaõ a tempo conveniente.

A's horas de jantar toca a campa grande, que está no pateo, e se chegaõ todos para a sala de comer, onde achaõ huma refeiçaõ nutriente, e sadia: a comida consta de huma libra e quarta (haver do pezo) (1) de boa sopa, feita de feijaõ, e cevada, com pedacitos de paõ branco, e huma porçaõ de excellente paõ de centeio, que peza sete onças, ordinariamente levaõ este paõ na algibeira, e o guardaõ para a ceia. Os meninos recebem a mesma porçaõ que os homens, e huma mãi de familia, que tem muitos filhos recebe igual porçaõ para cada hum delles.

Aquelles que por molestia, ou enfermidade naõ se podem transportar á casa de industria; e as mulheres que estaõ de cama, ou criando os seus filhos; e as pessoas occupadas no tratamento dos doentes, que suppõem ser mais conveniente trabalhar em suas casas, naõ ficaõ por isso privadas do seu jantar.

---

(1) Em Londres, e Inglaterra pezaõ-se as mercadorias no *haver do pezo*, onde a onça tem 24 grãos, e he por isso menos pezada que a onça chamada *Troya*, de que se faz uso para as pedras preciosas, ouro, prata, e trigo. 121 libras do haver do pezo fazem 100 libras e 8 onças do pezo de *Troya*, e 109 libras de Pariz.

tar. Naõ ha mais que representar ã situaçaõ em que se achaõ á Commissaõ, porque esta lhe distribue logo bilhetes, a cuja exhibiçaõ se lhes entrega diariamente o numero de rações prefixo nesta especie de ordem; a qual podem enviar pelo portador, mas que para prevenir os abusos, deve ser apresentada todos os dias.

Tomaraõ-se tambem varias precauções para prevenir, e acautelar os descaminhos, que poderiaõ causar ás pessoas empregadas na cozinha, ou occupadas em outras repartições onde se distribue o mantimento dos pobres.

Compra-se o centeio, feijaõ, cevada, etc. em certa quantidade, no mercado, na occasiaõ em que se podem ter estes artigos mais baratos; e se guardaõ em armazens destinados para este fim, e entregues ao cuidado do fiel dos armazens da casa de trabalho militar.

O padeiro recebe a pezo, do fiel dos armazens, certa quantidade de farinha, e entrega huma quantidade de paõ determinada, proporcional á farinha que recebeo.

Cada paõ, bem cozido, e posto a seccar nos armazens por quatro dias em lugar arejado, peza duas libras e quatro onças, *haver do pezo*. Este paõ se divide em seis partes, enchem-se as alcofas com os pedaços, e se dis-

distribuem aos pobres, quando passaõ do pateo para a casa de jantar: cada pessoa he obrigada a apresentar hum tento de chumbo para receber o seu paõ: estes tentos, que se distribuem todos os dias aos pobres nos differentes laboratorios, ou officinas em que trabalhaõ, acautela, a fraude que poderia haver na distribuiçaõ do paõ, porque as pessoas encarregadas desta diligencia, saõ obrigadas a exhibir os tentos em prova da quantidade, que tem distribuido.

Aquelles, que receberaõ o pedaço de paõ o mostraõ, quando entraõ na sala do jantar, para poder ter direito de se sentar á meza, e recebem para cada pedaço de paõ huma tigela de caldo; ainda que tenhaõ o direito de o levar, querendo fazello; de modo, que a distribuiçaõ do paõ regula a do caldo, e a deste reciprocamente á do paõ.

A cozinha está disposta com o maior cuidado possivel, tanto para a commodidade, como para a economia dos combustiveis. Quem visitou já o estabelecimento tem visto a prova do que digo, observando que tres cozinheiros saõ bastantes, para preparar a comida para mil pessoas, e que a despeza diaria da lenha chega a 121 kreutzers. No veraõ o numero das pessoas, que recebem comida desta cozinha chega a mil, e no inverno a

mil

mil e duzentos: porém frequentemente acontece acharem-se á meza mais de quinhentos.

Juntaremos a esta obra a descripçaõ exacta da construcçaõ desta cozinha, com as estampas, e hum resumo de experiencias novas, e interessantes, relativamente á economia dos combustiveis; porém para naõ ser accusado de exaggeraçaõ, na exposiçaõ dos meus arranjamentos economicos, julguei conveniente exhibir huma certidaõ, que diz respeito a isto, e que se achará no Appendice Num. IV.

Parece quasi incrivel, que se pudesse fazer hum jantar para mil pessoas, gastando menos de 34 reis por dia em combustivel, sabendo se que custa mais de 1243 reis huma *corda*, ou pilha de lenha de pinho, ou abeto que deve ter de altura 5 pés 3 pollegadas e nove decimos, e 5 pés 3 pollegadas e dous e dous decimos de largura, medida Ingleza (1); e se he lenha mais dura como carvalho, faia, ou outra, custa dobrado dinheiro: entretanto affirmo, e me obrigo approvallo ao publico, que na cozinha da Academia militar em Munich, e em huma cozinha, que ultima-

(1) O pé francez foi dividido em 1440 partes, das quaes o pé de Munich tem 1280, e o de Londres 1350.

mamente fiz construir no hospital de *la Pieta* em Verona, he ainda maior esta economia do combustivel.

Para acautelar os abusos na cozinha do estabelecimento dos pobres em Munich, os artigos, que se haõ de gastar saõ entregues todos os dias pelo mordomo ao cozinheiro mór, e huma pessoa de confiança, que naõ está empregada nesta parte, vigia se estes artigos saõ effectivamente gastos como devem ser.

Hum dos Inspectores, ou dos principaes Officiaes da casa, está presente a hora do jantar, para ver se os alimentos, que se daõ aos pobres, saõ de boa qualidade, bem preparados, e servidos com aceio.

Como a sala de comer naõ he assás grande para conter todos os pobres ao mesmo tempo, jantaõ por companhias de 150 pessoas cada huma; servindo-se os que trabalhaõ na casa com preferencia aos que vem de fóra.

Ainda que a maior parte dos pobres, que trabalhaõ em sua casa mandem buscar o jantar, com tudo ha outros muitos, cujas enfermidades, molestias, ou idades lhes naõ permitte trabalhar, e que vaõ todos os dias jantar á sala publica: e como estes seriaõ obrigados a esperar á porta da sala, até que os que trabalhaõ na casa, tivessem acabado a sua comida, se preparou da parte de fóra do edi-

edificio huma grande casa, aquecida no inverno, onde estes pobres se ajuntaõ, e se abrigaõ do tempo, em quanto esperaõ a occasiaõ de serem admittidos.

Para manter a ordem, e a decencia nestas comidas publicas, e para acautelar os apertões, e disputas á porta da sala de comer, preside, durante o jantar, hum Inspector, ou outro Official; e dous guardas da policia, que conhecem pessoalmente a maior parte dos pobres, se postaõ de cada lado da sala onde os pobres entraõ hum depois de outro.

Assim que os pobres tomaraõ na meza o seu lugar, onde se tem já previamente servido a sopa, o Official que preside, faz hum sinal, e todos juntamente fazem huma curta oraçaõ ao Ente supremo.

Como pertendo dar ao depois contas exactas, do que se despende com a nutriçaõ dos pobres, observarei aqui unicamente, que se tem diminuido a despeza consideravelmente pelo paõ, e refugos de carne, que vem de presente dos padeiros, e carniceiros da Cidade, e seus arrabaldes.

Antigamente, naõ contentes os mendigos com extorquir o dinheiro de todo o povo por meio das suas importunações, tinhaõ sujeitado huma certa classe de habitantes a contribuições periodicas feitas em materia prima,

e que constavaõ principalmente de comestiveis. Estas contribuições se pagavaõ ordinariamente huma vez por semana, ou mais a miudo; e, quem as dava, eraõ os padeiros, carniceiros, fabricadores de cerveja, ou que a vendem pelo miudo, taberneiros, etc. os quaes eraõ obrigados a dar á todos os pobres, que apareciaõ, paõ, carne, cerveja, sopa, e outros comestiveis em taõ grande quantidade, que os mendigos podiaõ depois negociar estes artigos, vendendo-os aos regatões, que os revendiaõ tambem aos cidadãos laboriosos, mas de pequenas fortunas. Ainda que estes abusos fossem conhecidos do publico, existiaõ por tanto tempo, e estavaõ já taõ inveterados, e os mendigos se tinhaõ feito taõ temiveis, que naõ seria na verdade prudente deixar de lhes satisfazer a estes peditorios.

Tendo a Cidade ficado limpa dos mendigos, cessáraõ por consequencia estas contribuições, e os cidadãos dignos, que se viraõ desembaraçados deste pezo, foraõ taõ sensiveis a importancia do serviço, que se lhes tinha feito, que para testemunhar o seu agradecimento, e o desejo, que tinhaõ de sustentar, e apoiar hum estabelecimento taõ util, offereceraõ contribuir cada dia para o mantimento dos pobres da casa do trabalho militar, dando-lhe carne, paõ, sopa, etc. Os serventes

tes do estabelecimento, recolhiaõ todos ôs dias estes differentes artigos em pequenas carretas, muito aceiadas, pintadas, e puxadas por hum cavallo, com a qual corriaõ a Cidade.

Sendo necessario, que as collectas de caridade se fizessem de modo, que o publico pudesse confiar inteiramente nas pessoas, encarregadas deste trabalho, tomáraõ-se certamente precauções, que fazem *evidentemente impossivel* de privar aos pobres da menor parte daquillo, que os cidadãos caridosos, e ricos destinaõ para os soccorrer. Foi, ao que me parece, esta circumstancia a que contribuio principalmente, para fazer, com que estas caridades sejaõ taõ abundantes a mais de cinco annos, que se fundou o estabelecimento.

A respeito do caldo, e rebotalhos de carne, senaõ tomaraõ muitas precauções por naõ serem estes artigos de natureza tal, que estimulem a cubiça, e corraõ perigo de ser extraviados: assim, para se fazer esta collecta, se mandavaõ a certas horas as carretas empregadas neste serviço, e havia sobre huma carreta de quatro rodas hum tonel, pintado por fóra, para trazer a sopa, ou caldo, e tinha o rotulo » Para os Pobres »: havia tambem nas mesmas carretas huma grande tina com

a mesma inscripçaõ destinada a trazer a carne.

Além desta tina ha baldes pintados do mesmo feitio, e com a mesma inscripçaõ, os quaes se conservavaõ em hum lugar visivel, junto ao picadeiro dos carniceiros: esta disposiçaõ tem dous fins: o primeiro he facilitar aos carniceiros o aproveitar todas as partes, e fragmentos de carne, que destinaõ para os pobres, em quanto esperaõ que os vaõ buscar; e o segundo he dar aos compradores occasiaõ de reservar para os pobres os ossos, cartilagens, e outras partes, que naõ querem levar para suas casas.

O preço da carne em Munich, he estabelecido pela policia, ficando livre aos carniceiros vender os animaes, que mataõ sem fazer separaçõeſ algumas: de modo que a cada pedaço de carne escolhida, ajuntaõ sempre huma porçaõ de carne mediocre, ossos, ou cartilagens, a que chamaõ *zugewicht*, e que nos chamariamos contrapezo. Estes pedaços de rebotalhos saõ frequentemente lançados nos baldes dos pobres, e ao depois de bem limpos servem para lhes fazer a sopa, ou caldo mais nutriente, e substancial.

O paõ, que se ajunta todos os dias, podia com maior facilidade ser furtado, ou escondido, pelo que se tomaraõ as cautelas necessarias,

rias, a fim de que os criados, e serventes naõ commettessem extravios, quando vaõ fazer as collectas.

Ha huma carreta destinada para este uso; sobre a qual se põem hum cofre de madeira fixo com grandes pregos rebatidos, e fechado com boa fechadura; pintado, e com a inscripçaõ ordinaria. Na parte superior do cofre ha hum tubo de madeira em fórma de ratoeira, que dá lugar a entrar hum paõ de qualquer grandeza que seja, mas que faz impossivel tirar de dentro, cousa alguma estando o cofre fechado. Quando a carreta chega ao estabelecimento, o economo, ou mordomo da casa abre o cofre tira delle o paõ, de que faz huma conta exacta, e o entrega depois ao fiel dos armazens.

O paõ que se ajunta por esta maneira he de ordinario muito velho, e deseccado, para que o possaõ vender, porém sendo cortado em miudos, se emprega vantajosamente nas sopas de feijaõ, ou de outra cousa.

Achar-se-ha no Appendice Num. III. huma conta por extenso destas esmolas, copiada do original.

Deixou-se em breve tempo de continuar com a collecta de sopa, ou caldo, porque, em geral, naõ era de taõ boa qualidade, que se pudesse misturar com a que se fazia na cozi-

nha

nha do estabelecimento; porém sempre se ficou fazendo a collecta do paõ, e carne, e ainda rendem muito estes donativos dos padeiros.

Porém o maior recurso que ha para nutrir os pobres, he, o de que principio a fazer uso actualmente, e vem a ser as batatas (1). Deste assumpto tratarei ao depois por extenso.

As precauções empregadas para se fazerem as differentes collectas, poderaõ parecer superfluas, ou minuciosas, porém saõ certamente necessarias. Pareceo igualmente indispensavel mudar todos os mealheiros das Igrejas, para impedir, que os naõ roubassem, por quanto ainda que os primeiros de que se usou, fossem naõ sómente estreitos, mas providos com hum tubo inclinado, ou revirado, de modo que parecia impossivel tirar-lhe o dinheiro de dentro pela abertura, por que tinha entrado; com tudo introduzindo-lhe pequenas talas de páo elastico, untadas com grude se podiaõ facilmente roubar. Precaveo-se este inconveniente fazendo novos mealheiros, em que o dinheiro descia por huma especie de bolça elastica, feita de arame de ferro, ou lataõ, e com hum buraco na extremidade, e posta no centro do mealheiro.

CA-

(1) Isto foi escripto em 1795.

CAPITULO VI.

Apologia pela falta de methodo, que ha, tratando desta materia. Differentes modos de animar a industria dos pobres. Do arranjamento, e da administraçaõ interior da casa de industria. Porque razaõ se chama casa de trabalho militar. *Modo de trabalhar neste estabelecimento. Meios, que se empregaõ para prevenir a fraude nas differentes manufacturas. Estado florecente destas manufacturas.*

Ainda que todas as repartições de hum bem ordenado estabelecimento devaõ ter entre si o mesmo acordo, que as differentes partes de huma harmoniosa orquesta; com tudo he impossivel escrever estas em partitura, como faz o musico, porque naõ se podem adiantar simultaneamente todas as partes da narraçaõ: e he absolutamente necessario, naõ só descrever separadamente certos movimentos, que existem juntos, e que tem relações, e dependencias intimas, mas he tambem preciso desenvolver cada hum de persi, para os fazer mais intelligiveis: e para se fazerem seme-

melhantes descripções, de modo que se dé ao todo aquella ordem, dependencia mutua, connexaõ, e harmonia, que lhe saõ devidos, he forçoso prestar hum grande cuidado, além de se possuir habilidade bastante para o fazer. Em caso algum he maior a difficuldade, que na descripçaõ dos objectos de que trato, pela grande variedade de miudezas, que fazem impossivel o determinar, por qual dellas se deve principiar, e até que ponto se póde estender a narraçaõ, sem o temor de alhear certos objectos do lugar que lhes he devido, ou de se esquecer totalmente da sua exposiçaõ.

As differentes medidas que se adoptáraõ, e as cautelas, que se tomáraõ na prizaõ dos mendigos; a collecta, e distribuiçaõ das esmolas; a introducçaõ da ordem, e policia entre os pobres; a sua nutriçaõ, e vistuario; o estabelecimento de diversas manufacturas em que elles se occupassem, saõ objectos que merecem igualmente huma explicaçaõ particular, entretanto todas estas operações naõ só tiveraõ principio ao mesmo tempo, e se avançaraõ juntamente, mas saõ de tal modo correlativas, que he impossivel formar idéas exactas de humas, sem que se tenha o conhecimento das outras, ou de tratar estas sem fazer mençaõ daquellas. Se me accusarem de falta de methodo, ou de clareza nas minhas

des-

descripções, espero que esta apologia me desculpará. Isto posto, vou já sem outro preambulo a entrar na exposiçaõ dos outros objectos, que me restaõ para descrever.

Observei já quaõ importante era o animar por todos os modos possiveis o espirito de industria, e emulaçaõ entre pessoas, que, depois de terem levado huma vida ociosa, e depravada, se queriaõ fazer membros uteis á sociedade; fallei de algumas medidas, que se adoptáraõ para este fim; resta-me agora tratar esta interessante materia com o cuidado, e attençaõ, que a sua importancia exige.

Ainda que se pagasse liberalmente o trabalho, que os pobres faziaõ nas differentes manufacturas; isto naõ era bastante para os interessar efficazmente nas occupações em que se empregavaõ. Para excitar-lhes a actividade, e introduzir-lhes hum verdadeiro espirito de industria, era necessario inflammar a emulaçaõ, e reviver nelles huma paixaõ amortecida, de que já mais tinhaõ sentido a influencia, e vem a ser o amor de huma boa nomeada, o desejo ardente de chegar á perfeiçaõ, em fim o amor da gloria, quer se use deste nome, quer de outro menos pomposo, para caracterizar a mais nobre, e a mais bem feitora paixaõ, que se póde atear no coraçaõ dos homens.

Para excitar a emulaçaõ he necessario recorrer aos louvores, as distinçõeS, e aos premios; empregaraõ-se todos estes meios. Applaudiraõ-se, e animaraõ-se publicamente aquelles, que se faziaõ distinctos pela sua industria, applicaçaõ, e habilidade: davaõ-se a estes os lugares mais imminentes, mostravaõ-se aos estrangeiros, que hiaõ visitar o estabelecimento, chamavaõ-se particularmente pelo seu nome, e propunhaõ-se como modélo aos seus semelhantes.

Adoptou-se hum vestido particular para o uniforme do estabelecimento, que naõ deixava de ser elegante, ainda que fosse bastante economico como ao depois veremos. Este uniforme repartido de graça, aos que se tinhaõ distinguido por hum modo mais particular, foi olhado como honrosa caracteristica do merecimento evidente, e veio a ser poderoso incentivo da emulaçaõ entre os differentes competidores. Duvido que os attributos da vaidade, em circumstancia alguma, tenhaõ produzido mais gozo, e satisfaçaõ interior, do que experimentavaõ os pobres ao receber esta gratificaçaõ do novo uniforme. Quanto he preciso conhecer as molas secretas do coraçaõ dos homens para dirigir a classe mais degraduada, e mais insensivel da especie humana! A maquina he sempre a mesma em to-

todas as situações; o grande talento está em acordar bem as suas partes, antes de a pôr em movimento. He necessario extinguir totalmente os sons discordantes das vibrações antigas, sem o que seria impossivel produzir armonia alguma: porém quando o instrumento está em boa ordem, os sons devem corresponder perfeitamente ao toque de hum habil mestre.

Ainda que se empregassem todos os meios possiveis para imprimir no espirito de todos, sem distinçaõ de idade, que frequentavaõ o estabelecimento, os sentimentos necessarios para vir a ser bons, e uteis membros da sociedade, e ainda que me possa lisongear de ter effeituado isto muito além do que podia esperar, com tudo fundei sempre as principaes esperanças na geraçaõ actual.

Por tanto os filhos dos pobres foraõ o objecto dos meus cuidados, e attençaõ particular. Para induzir aos pais a que os mandassem ao estabelecimento, ainda antes de terem idade sufficiente para se empregarem em algum trabalho, naõ sómente se lhe dava de graça o seu jantar, mas se lhe pagavaõ tres kreutzers por dia, sómente por assistir ao trabalho dos outros.

Já observei, que estes meninos demaziamente crianças para trabalhar, se punhaõ em

bancos elevados ao redor da sala, onde os outros meninos trabalhavaõ. Este regulamento tinha por fim inspirar-lhes o desejo de imitar o que faziaõ os outros meninos mais favorecidos, mais estimados, e mais acariciados que elles, e de quem eraõ espectadores ociosos; isto produzio o effeito desejado.

Nada aborrece mais a hum menino, que estar parado no mesmo lugar por muito tempo; como o trabalho em que os meninos se empregavaõ era facilimo de executar, pois que naõ passava de fiar canamo, ou linho em pequenas rodinhas, que movem com o pé, aquelles que eraõ simplesmente expectadores desta scena activa, e divertida, haviaõ necessariamente desejar participar della; muitas vezes manifestavaõ a sua impaciencia por choros, e lagrimas, até que se lhes concedia o favor de trabalhar com os seus camaradas.

Póde facilmente imaginar-se, que atractivos teriaõ para mim estas lagrimas.

A alegria que tinhaõ estes meninos, quando se apeavaõ dos bancos para os pôr a trabalhar na officina, era igual a importunaçaõ, com que haviaõ solicitado este favor.

Dava-se-lhe huma roda, sómente para a fazer andar com o pé, sem que lhe fosse permittido emprehender outra obra, durante alguns

guns dias. Depois que tinhaõ adquirido o habito, e andar com a roda, e de mover o pé sem mover, ou balancear ao mesmo tempo a cabeça, e que podiaõ continuar neste exercicio dando attençaõ a outros objectos; e que podiaõ responder ás perguntas que se lhe faziaõ, ou conversar com os seus vizinhos sem interromper o movimento da roda, entaõ se lhe dava canamo, ou linho, e se lhe ensinava a fiar.

Quando tinhaõ já adquirido huma certa destreza em fiar o canamo, e linho, se passavaõ a fiar lãa, e isto era sempre considerado como huma promoçaõ honrosa. Recebiaõ nesta occasiaõ alguma recompensa publica, huma camiza, hum par de çapatos, ou ainda o uniforme do estabelecimento, o que os obrigava a perseverar nos seus industriosos habitos.

Como a constante applicaçaõ ao mesmo emprego devia enfastiar aos meninos, e por grande continuaçaõ vir-lhes a ser naõ só desgostosa, mas até ruinosa a sua saude, se achou necessario dar aos meninos duas horas de descanço, além do tempo do jantar, que eraõ desde as oito até ás nove da manhã, e das tres ás quatro da tarde. Estas duas horas se passavaõ na escola, que se dá na casa de jantar, e onde se ensina a ler, escrever, e contar

tar (1). Era permittido ás pessoas de mais idade, que frequentavaõ o estabelecimento, ou que nelle residiaõ, de se poder utilizar desta escóla no caso de assim o pedirem; porém havia muito poucos, que se quizessem aproveitar desta permissaõ.

A respeito dos meninos naõ lhes era livre o dispensarem-se da escóla, e até aquelles que dependiaõ do estabelecimento eraõ obrigados a assistir regularmente á escóla de manhãa, e á tarde. O estabelecimento fornecia os livros necessarios, pennas, papel, e tinta.

Os homens naõ saõ outra cousa mais do que meninos grandes. Conduziaõ-se aqui, com igual successo, pelos mesmos principios de emu-

(1) Como estes meninos naõ estavaõ continuamente na casa de industria, e que a maior parte delles moravaõ na cidade em casa de seus pais, ou amigos, tinhaõ frequentes occasiões de recreio, e de fazer exercicio ao ar livre, naõ sómente aos dias de festa, de que se conserva em Baviera, pouco a proposito, hum grande numero, mas tambem nos dias de trabalho, na hida, e volta da casa de industria. A naõ haver esta circumstancia se lhe teriaõ regulado alguns momentos de recreio. Os cadetes da Academia militar de Munich tem tres horas por dia, destinadas para o divertimento, ou para fazer exercicio, huma depois de jantar dedicada á musica, e duas á tarde para o passeio, ou jogos de campo.

emulaçaõ, que eraõ taõ efficazes na mocidade. Os obreiros mais habeis, e mais industriosos formavaõ classes distinctas, e estavaõ accommodados em quartos separados. Esta separaçaõ, além de lhe servir de estimulo a emulaçaõ, produzia outra vantagem a manufactura; porque deste modo se achavaõ naturalmente classificados os resultados do trabalho, e podiaõ ser applicados a pannos mais, ou menos finos. Os fiandeiros de lãa mais habeis, por exemplo, trabalhavaõ a lãa mais fina, que era destinada a fazer pannos de certo preço; e era necessario que fossem separados daquelles, que trabalhavaõ a lãa mais grosseira: sem esta precauçaõ as porçõeS de lãa fina ficariaõ misturadas com a lãa menos escolhida, e poderiaõ por isto deteriorar muito a manufactura. A mesma razaõ obrigava a separar os fiandeiros de lãa de diversas cores. Mas como estas precauções saõ usadas em quasi todas as fabricas, he inutil que me occupe em fallar mais dellas, nem que entre no exame de todas as manufacturas, que existem no estabelecimento, de que faço a descripçaõ. Bastará notar particularmente, e dar hum esboço succinto das medidas que se tomáraõ, para prevenir as fraudes da parte dos obreiros, e outras pessoas empregadas.

Será necessario, para tratar desta materia,

ria, fazer hum passo retrogrado, e descrever com mais particularidade a administraçaõ interior do estabelecimento; e observarei em primeiro lugar, que a administraçaõ da casa de trabalho militar, he inteiramente separada do estabelecimento dos pobres. A casa de trabalho he simplesmente huma manufactura, que se sustenta pelo capital, e fundos proprios; e naõ tem relaçaõ alguma com os fundos destinados para soccorrer os pobres, esta manufactura está debaixo da direcçaõ dos seus administradores particulares, e se mantem por conta, e risco do proprietario. O estabelecimento dos pobres, por outra parte, he huma instituiçaõ caritativa, que só está sujeita á direcçaõ geral de policia, no que diz respeito ás pessoas necessitadas. A Commissaõ, ou chamada *Deputaçaõ*, que preside a este estabelecimento, tem a direcçaõ de todos os fundos destinados para soccorrer os pobres de Munich; e governa a distribuiçaõ das esmolas. Esta Deputaçaõ tem igualmente a direcçaõ da cozinha, e padaria, estabelecidas na casa do trabalho militar, e de todas as mais particularidades, relativas á nutriçaõ dos pobres; porque esta despeza sahe dos fundos destinados para seu soccorro. A Deputaçaõ tem algumas relaçõens com a casa de trabalho militar, em razaõ do vestido dos pobres,

bres, e da distribuiçaõ das recompensas, aós que se tem particularmente distincto pela sua industria, e boa conducta; mas estas relações naõ saõ mais, que huma especie de correspondencia mercantil. A Deputaçaõ naõ tem direito algum de se intrometter com a administraçaõ interior do estabelecimento, que, a este respeito, se considera meramente como huma fabrica; e segundo o meu plano, e o seu fim, he huma instituiçaõ perfeitamente distincta, e independente. Ha porém certos pontos, em que estes estabelecimentos tem huma dependencia mutua, que faz naõ poder existir hum sem o outro.

A casa do trabalho militar foi principalmente destinada para ser huma manufactura, ou fabrica, onde se preparasse o vestuario para o exercito; por isso o seu capital, que originariamente era de 150.000 florins, e que ao depois se elevou a 250.000, foi emprestado pela caixa militar, e a sua direcçaõ foi entregue ao Conselho de guerra.

Nomeou-se huma commissaõ especial, para a administraçaõ interna do estabelecimento; composta de hum Conselheiro de guerra, da repartiçaõ da economia militar, ou do fardamento do exercito, de hum Capitaõ, que he o inspector da casa, e que lá mora, e

do fiel dos armazens dos fardamentos militares.

Estes Commissarios, que tinhaõ ao mesmo tempo a direcçaõ dos armazens dos fardamentos militares, saõ os unicos administradores do estabelecimento, que está immediamente debaixo da sua inspecçaõ. Todos os officiaes inferiores, criados, fabricantes, e trabalhadores lhes saõ subordinados. Elles tem o cuidado, e disposiçaõ de todas as operações mercantis, as compras, vendas, mercados, etc. Os Regimentos se correspondem com os Commissarios para serem supridos de fardamentos, e outros objectos; e a elles se entrega o preço dos artigos, que tem remettido para o exercito.

O dinheiro pertencente ao estabelecimento está guardado em huma caixa de trez fexaduras, e cada hum dos Commissarios tem a sua chave, e a Commissaõ he responsavel, *in solidum*, pelo todo que a caixa contém.

Estes Commissarios se ajuntaõ regularmente, duas vezes por semana, em hum quarto da casa de trabalho militar, que se acha destinado para este fim, onde se guardaõ as cartas, contas, e mais papeis, que dizem respeito ao estabelecimento. O secretario da Commissaõ assiste sempre a estas sessões.

Quan-

Quando se fazem compras consideraveis de materiaes crus, principalmente se o negocio deve effeituar-se com estrangeiros, os Commissarios submettem as condiçoes do contracto á approvaçaõ do Conselho de guerra; porém, nas transacçoes de menor importancia, e no expediente ordinario da manufactura, compras, e vendas do costume, ou outras convençoes mercantis, obraõ os Commissarios por authoridade propria. Mas estaõ acauteladas as occasiões de haver o menor extravio, porque se faz hum jornal exacto de todas as transacçoes, vendas, compras, receita, e despeza: faz-se todos os annos hum inventario dos materiaes crus, e dos artigos manufacturados, e outras cousas pertencentes ao estabelecimento; e dá-se huma conta annual do lucro, ou perca que houve.

O economo, que se designa pelo nome de guarda, ou fiel dos armazens dos materiaes crus, está encarregado da sua boa conservaçaõ, e da de outros objectos quaesquer já manufacturados, e que se destinaõ para a venda particular. Os materiaes crus saõ guardados em armazens, de que só o fiel tem as chaves; os outros estaõ em huma especie de armazem, ou loja expostos ao publico, e destinados a ser vendidos pelo miudo. Para pre-

venir os abusos, que se podiaõ commetter na venda, se marca o preço sobre cada peça, calculando para isto o custo primittivo, com a addiçaõ de hum pequeno lucro a favor do estabelecimento. Este preço naõ póde já mais alterar-se, e se faz huma conta exacta de todos os artigos inda os mais insignificantes, que se venderaõ, especificando-se nella a quantidade, qualidade, e preço de cada objecto; une-se a isto, naõ só o dia da venda, mas, se he possivel, o nome do comprador.

Todos os artigos de vestuario, destinados para o exercito, e fabricados no estabelecimento, bem como todas as peças de panno destinadas para os uniformes, saõ postas no armazem militar, que está situado a alguma distancia da casa de trabalho, e confiada ao cuidado, e inspecçaõ do fiel dos armazens.

Os Regimentos recebem todos os artigos de vestuario militar da casa de trabalho, o que os constitue em huma especie de dependencia deste estabelecimento, e os somette a mesma direcçaõ; o que faz simplificar as contas do exercito, facilita mais a sua regulaçaõ, e faz com que se possa determinar de hum modo preciso a despesa annual: de mais, por este methodo, pagaõ os Regimentos hum certo, e determinado preço por cada hum dos artigos, que recebem do armazem militar, e

car-

carregaõ a despesa na conta annual, que apresentaõ ao tribunal de guerra.

A ordem, que deve observar o fiel dos armazens na entrega dos materiaes crus ás pessoas, que estaõ destinadas para se occuparem com o seu fabrico, segue o formulario, que vou a dizer.

Nas manufacturas de lãa, por exemplo, o fiel dos armazens entrega ao mestre da fabrica dos pannos huma certa quantidade de lãa, ordinariamente cem arrateis, de certa qualidade, e tirada de tal repartiçaõ, ou de tal balote do armazem, que tem certo numero; e esta lãa vai a ser escolhida, e separada. Examinado hum registo exacto, que se guarda de todos os balotes de lãa, cujas especies, ou qualidades se achaõ separadas, se conhece, e sabe facilmente, ao momento, que se precisa, de que parte veio a lãa, a quem se comprou, por quanto se pagou; e por consequencia he possivel distinguir, e seguir a variedade da lãa, desde que está em velo, até que chega a ser panno, e mesmo depois de estar reduzida a vestido. O mesmo arranjamento se practica em todos os outros materiaes crus, de que se faz uso nas differentes manufacturas.

As vantagens, que resultaõ destes arranjamentos saõ taõ evidentes, que naõ precisaõ

de

de que as numere particularmente. Naõ só se acautelaõ por este modo os abusos, que poderiaõ haver da parte daquelles, que estaõ empregados nas differentes manufacturas; porém se fica igualmente apto para descubrir todas as fraudes, que poderiaõ haver da parte dos que vendem os materiaes crus.

O mestre da fabrica dos pannos, que recebe a lãa, a entrega aos separadores, para que a dividaõ pelas suas qualidades: e para prevenir algum abuso dos separadores, naõ só se fazem trabalhar todos em huma sala, debaixo da inspecçaõ de hum mestre separador, porém se obrigaõ a separar, na presença de hum dos officiaes da casa, huma certa quantidade da lãa de hum balote, para determinar, por esta experiencia, o abatimento, que terá por cento a lãa, depois de separada, e limpa da terra, e immundicias: em conformidades destas experiencias, he que se determina a quantidade de lãa separada, e escolhida, que o mestre escolhedor he obrigado a entregar por cada balote de cem libras, que recebeo do armazem.

A grande arte das manufacturas de lãa, consiste na separaçaõ, e divisaõ das lãas; porque senaõ houver a mais escrupulosa attençaõ em separar, e dividir as differentes especies de lãa, que se achaõ no vello, para se em-

empregar cada huma dellas no fabrico, que mais lhe convem, he impossivel, que manufactura alguma possa subsistir.

Os separadores de lãa da casa de trabalho militar, dividem ordinariamente cada porçaõ de vello em cinco ou seis feixes de diversas qualidades de lãa. Huns destes feixes se empregaõ para o ordume, outros para a trama, e outros se destinaõ a serem cardados: a mais inferior se emprega para fazer as luvas sem dedos, de que usaõ os camponezes, e os ourelos dos pannos, etc.

Logo que a lãa se acha separada, o mestre separador a entrega ao economo, que a guarda no armazem da lãa preparada, dividindo-a em balotes separados, conforme as suas differentes especies, e qualidades, e alli se conserva até ser entregue aos fiandeiros. Todos estes balotes saõ numerados; e como a lãa de cada feixe he da mesma qualidade, e he destinada para o mesmo fim, quando o balote passa do armazem para as mãos do fabricante, naõ ha necessidade de outra cautela, que de fazer assento do numero do balote.

Como a relaçaõ particular das differentes preparações e cautelas, que se empregaõ para prevenir as fraudes, e desvios dos fabricantes, póde ser interessante aos que amaõ

sa-

saber estas miudezas, ou que quizerem tentar semelhantes emprezas, me alargarei alguma cousa mais sobre este objecto.

O mestre fabricante de pannos recebe novamente a lãa do armazem da lãa separada, para a fazer bater, limpar, cardar, e fiar, tudo á sua vista, e depois a entrega no armazem da lãa fiada. Torna depois a recebella daqui, quando he mister, para a entregar ao tecelaõ: e este faz a entrega della ao economo já em estado de panno; o economo entrega o panno ao mestre pizoeiro, o pizoeiro leva ao tosador, este á prensa, em fim se entrega outra vez ao economo, que o deposita no armazem militar, se este panno he destinado para o vestuario do exercito, ou na loja, se deve ser vendido. O mestre fabricante responde por toda a lãa separada que recebe, até que a entrega ao sotto-mestre dos teares, e todas as suas contas se regulaõ semanariamente pelo economo. O sotto-mestre dos teares responde pela lãa separada, e cardada, que recebe do mestre fabricante, até a ter entregue, ao armazem em meadas de fio: as suas contas saõ igualmente reguladas semanariamente com o mestre fabricante, e subinspector dos armazens. O trabalho dos fiadores he pago pelo Inspector geral, pelo bilhete, que lhe he apresentado, assignado pelo contra-mestre

tre da casa dos fiandeiros: este bilhete especifica a quantidade de lãa fiada, e o nome do fiador. O numero de meadas de lãa entregues ao armazem pelo contra-mestre dos fiandeiros deve corresponder exactamente ao numero de bilhetes pagos pelo Inspector geral. Para prevenir os abusos de hum modo ainda mais efficaz se entregaõ as meadas ao contra-mestre dos fiandeiros cada huma de per si, e se lhe ajunta hum extracto do bilhete de fiadura, que especifique a data, em que se entregou ao armazem, o numero do bilhete, e a quantidade de lãa fiada. Este arranjamento facilita naõ sómente as contas, que o contra-mestre dos fiandeiros he obrigado a apresentar, todas as semanas ao Inspector geral, da lãa fiada, que tem entregue ao armazem, mas facilita igualmente o modo de descubir os furtos, que poderiaõ fazer os fiandeiros.

A finura da lãa he, quem regula o salario dos fiandeiros, isto he, segundo o numero de meadas, que resultaõ de hum arratel de lãa; e cada volta deve ter o comprimento de duas varas, medida de Baviera. Para se acautelar a fraude, que os fiadores poderiaõ usar, ao dividir as meadas, cada fiador tem huma vara aferida, e sellada pelo Inspector do estabelecimento. A pezar destas precauções he impossivel prevenir, que os fiandeiros tentem

enganar, fazendo meadas, que contenhaõ menos de cem voltas; mas, como o salario lhe he pago em consequencia do pezo da lãa, o engano nunca póde ser de grande consideraçaõ, porque o numero de meadas só serve para regular, quanto se lhes deve pagar por arratel. Naõ obstante tudo isto, far-se-hiaõ muitos mais enganos, se os fiandeiros naõ estivessem capacitados, que necessariamente se haõ de vir a conhecer.

He facil descubrir as ladroices do fiandeiro; porque o contra-mestre da casa de fiar examina a lãa fiada, quando a recebe, e conta os fios das meadas, que lhe parecem demaziadamente pequenas: de mais, o nome do fiandeiro, e numero de meadas, que tem entregue ao armazem se une á sua obra, quando sahe para o tecelaõ, que as faz dividir para as pôr no tear, e ahi necessariamente se patentea a fraude que houver.

Os feixes de lãa cardada, e entregue aos fiandeiros, ainda que se lhe chamem arrateis, com tudo excedem este pezo, em certa quantidade determinada, que necessariamente se ha de perder na operaçaõ de fiar, ficando entaõ as meadas com hum arratel certo. Se o fiandeiro entrega menos que este pezo, retem-se-lhe huma parte do seu salario, que exceda sempre o valor da lãa, que poderia ter roubado.

Acau-

Acautelaõ-se os abusos da parte dos tecelões, entregando-lhe a pezo a lãa fiada, e recebendo igualmente a pezo o panno já tecido. Depois que o panno passa para o pizaõ, ou prensa, já naõ ha malversações que temer.

Tomaõ-se semelhantes precauções para prevenir os abusos nas manufacturas de pannos de linho, algodaõ, e outras: e os meios, que se empregaõ, saõ taõ efficazes, que ha cinco annos, que o estabelecimento existe, naõ se tem ainda descuberto algum roubo consideravel: e até he impossivel, que a havello se pudesse occultar por muito tempo.

Ainda que a relaçaõ miuda, que acabo de fazer, seja sufficiente para dar huma idéa da ordem, que reina em todas as partes deste vasto estabelecimento; com tudo como o bom exito de huma empreza desta qualidade, depende essencialmente do methodo porque as differentes operações estaõ entre si connexas; e da responsabilidade dos empregados pelas fraudes, ou negligencias, que se podem commetter nas repartições encarregadas á sua inspecçaõ; ajuntarei ao Appendice, que espero publicar separadamente, huma relaçaõ das differentes manufacturas, e laboratorios, que se achaõ na casa de trabalho militar: e terei mais o cuidado de dar huma copia dos differentes bilhetes, recibos, e taboas arithe-

meticas, contas, etc., de que se faz uso no estabelecimento.

Estas contas faraõ mais volumosa a presente obra, do que eu desejava, porém me determinei a pnblicallas, por ver, que naõ podem deixar de ser interessantes ás pessoas, que se quizerem valer dellas, para formar semelhantes emprezas, quer em maior, quer em menor escala.

A prova de que saõ sabios, e bons os regulamentos adoptados na casa de trabalho militar, e que se observaõ nas differentes repartições, e fabricas, he, o estado florente deste estabelecimeuto, a sua reputaçaõ estabelecida, as relações extensas, que tem até com paizes estrangeiros, a exactidaõ, com que se preenchem todos os contractos, hum crédito illimitado, em fim a sua opulencia, que augmenta todos os dias.

A pezar das contrariedades, que o estabelecimento encontrou ao principio, o lucro, e ganho liquido, no espaço de seis annos, chega a mais de 100.000 florins, que valem 40:190,000 reis da nossa moeda; tendo sido já pagas as mais despezas do estabelecimento. De mais tem sido tal o augmento de actividade na manufactura pelas novas encommendas, que tem havido de fardamentos para o exercito, que os artigos preparados, e

fa-

fabricados o anno passado chegaõ a mais de 500.000 florins, ou 174:435.000 reis.

Deve-se observar, que em Baviera naõ ha mais de quinze regimentos, que recebaõ da casa de trabalho militar de Munich os pannos, que lhe saõ necessarios. As tropas eleitoraes, que estaõ de guarniçaõ no Palatinado, e no Ducado de Bergs, e de Juliers, recebem os seus fardamentos de hum estabelecimento semelhante, que existe em Manhein (1).

A casa de trabalho militar de Manhein foi estabelecida alguns mezes antes da de Munich, porém como ella naõ tem connexaõ alguma com o soccorro dos pobres, e estes naõ recebem della alimentos; em huma palavra, como a casa do trabalho militar de Manhein fosse hum ensayo, que fiz na materia, fica em muitos respeitos inferior á de Munich: eis-aqui o que me induzio a fazer a descripçaõ deste estabelecimento, que posso propôr para modélo com preferencia ao outro.

Como ambos estes estabelecimentos me devem a sua existencia, e ambos estaõ debaixo da minha inspecçaõ, seria natural pergun-

(1) A casa do estabelecimento militar de Manhein foi incendiada durante o bombardeamento, que os Austriacos fizeraõ a esta Cidade em 1795. *Trad.*

guntár-me, porque o de Manhein naõ está no mesmo pé, que o de Munich? A esta pergunta responderia, que diversas circumstancias cuja explicaçaõ he difficil, me impediraõ poder levar o estabelecimento de Manhein ao mesmo gráo de perfeiçaõ, em que se acha o de Munich.

Porém he tempo de voltar aos pobres de Munich, cuja situaçaõ tenho, com tanta satisfaçaõ, procurado fazer agradavel, e feliz. A exposiçaõ dos meus cuidados a este respeito, será sempre, ao que me parece, a parte mais interessante desta obra.

CAPITULO VII.

Situaçaõ dos pobres recolhidos na casa de industria. Alteraçaõ interessante dos seus costumes, e disposiçôes. Diversas provas, que confirmaõ o bom successo, dos meios empregados para os fazer industriosos, e procurar-lhes huma vida commoda, e feliz.

HE facil de conceber a inhabilidade, e falta de geito para o trabalho, que os infelizes pobres teriaõ ao entrar para o estabelecimento, que lhes foi destinado; porém a promptidaõ, com que elles adquiriraõ agilidade, e destreza para os objectos do seu emprego, excedeo todas as minhas esperanças. O que me admirou mais, e me tocou de hum modo indisivel, foi a mudança rápida, que tiveraõ os costumes, e a conducta geral, até a cara, e os trasses do rosto, á medida que se acostumavaõ á sua nova situaçaõ. A brandura do tratamento, que experimentavaõ, e a felicidade, que gozavaõ, tinhaõ lhes mudado os coraçôes, e revivado sentimentos, que lhes pareciaõ novos, e que os admiravaõ, mas que eraõ

eraõ interessantissimos para as pessoas que os cercavaõ.

Este ar mesquinho, e embaraçado, esta humilhaçaõ, que o habito de miseria lhes tinha infundido, desapparecêraõ gradualmente, e foraõ substituidos pelos primeiros ensayos de huma alegria timida, cujo espectaculo se fazia mais interessante pela mistura de hum silencioso agradecimento, que nenhuma linguagem póde exprimir.

Nos principios do estabelecimento visitei muitas vezes estes infelizes, fallando-lhes para os consolar, e animar; e já mais atravessei as salas, sem que fosse testemunha de alguma scena terna.

Entes, que tinha por muito tempo visto mendigar pelas ruas, abatidos ao ultimo gráo de miseria, e desesperaçaõ; raparigas, talvez victimas de huma seducçaõ vil, e baixa, perdidas de reputaçaõ, abandonadas de todo o mundo, sem amigos, e sem asylo, reduzidas a mendigar para sustentar a sua miseravel existencia: estes desgraçados viaõ em mim hum bemfeitor, hum pai: continuavaõ a trabalhar em silencio, quando eu passava de perto; mas as lagrimas, que lhe humedeciaõ as faces, faziaõ o silencio bem expressivo. Se lhe perguntavaõ, que tendes? A sua resposta era (*nichts*), nada, acompanhada de hum olhar

ter,

terno, em que estava pintado o reconhecimento do modo mais energico, e pathetico; o espectador mais insensivel naõ podia deixar de ter parte nestes sentimentos, e até de os acompanhar nas lagrimas.

Naõ era possivel, que alguem se enganasse nos sentimentos reaes, que estes infelices experimentavaõ: tudo mostrava, que estavaõ profundamente tocados da doçura com que os tratavaõ: as expressões naturaes do seu reconhecimento, as suas vistas, ou olhar affectuoso para aquelles, que lhes faziaõ bem, davaõ a conhecer, que os seus coraçõe estavaõ internecidos: em huma palavra já mais testemunhei scenas taõ interessantes, como as que se passavaõ entre os pobres, e seus filhos.

Tinhaõ-se estes separados; mas assim que se estabeleceo a ordem, em todas as partes da casa de industria, e que os pobres tinhaõ adquirido huma certa destreza, e agilidade para o trabalho, e que haviaõ até adquirido hum certo prazer em trabalhar; entaõ se lhe concedeo a permissaõ de ter comsigo os seus filhos, e em breve se acharaõ as salas atacadas de familias occupadas com os diversos trabalhos, que profiavaõ, entre si, na diligencia, e habilidade, com huma satisfaçaõ, e alegria, de que apenas se póde fazer idéa.

O Hu-

Huma familia industriosa he sempre hum objecto agradavel de contemplar; mas, no espectaculo deste montaõ de pobres, havia alguma cousa de mais particular, e interessante. A comparaçaõ do seu estado actual com a sua situaçaõ primittiva; o gosto, e alegria pintado no rosto dos pais á vista de seus filhos, que trabalhavaõ em roda; a satisfaçaõ destas pobres creaturinhas, que tinhaõ já huma alta idéa da sua habilidade, e que redobravaõ de actividade, quando se olhava para ellas: todas estas impressões reunidas, faziaõ a scena interessantissima; vi poucos estrangeiros, que tivessem feito esta visita, sem sahir ternamente movidos.

Muitas pessoas verdadeiramente caridosas, deixaõ de dar a esmola por causa da depravaçaõ dos mendigos. Esta circumstancia deve certamente entrar em consideraçaõ, quando se trata do modo de os soccorrer; mas he preciso, que ella naõ obste absolutamente ao soccorro, pelo contrario talvez deva ser hum motivo de mais para o fazer; porque he certo, que muitas vezes os crimes dos pobres, saõ o effeito, e naõ a causa da sua miseria, e que destruindo-se a causa cessa tambem o effeito.

Nada he mais difficil de explicar, que a inconsequencia dos homens, até na prática des-

desta virtude taõ agradavel, e gloriosa a que chamamos beneficencia. A maior parte dos nossos erros provém mais da indolencia, e de falta de attençaõ, que dê causas mais graves. As pessoas occupadas naõ tem tempo, a gente ociosa naõ tem vontade de meditar sobre hum objecto, que se lhe apresenta, em geral, debaixo de hum aspecto pouco attractivo: porém se he verdade, que nós naõ somos felizes, senaõ em tanto quanto merecemos ser; quero dizer, em tanto quanto contribuimos para a felicidade de outrem, nenhum estudo he preferivel áquelle, que nos ensina a trabalhar efficazmente ao bem dos nossos semelhantes. Se o amor he cego, o amor proprio, ou amor de si mesmo tambem naõ póde ver, e he hum máo guia na pesquiza da felicidade, senaõ he ajudado pela razaõ, e pela reflexaõ.

Aquelles que se aprazem em menoscabar as virtudes sociaes, tem representado a piedade como hum ramo do egoismo, e certos factos parecem justificar esta opiniaõ. He certo, que os males dos outros nos affectaõ, naõ á proporçaõ da sua importancia, mas na razaõ do aspecto, debaixo do qual nos ameaçaõ, ou da probabilidade, que temos que estes males nos tocaraõ tambem. Hum homem rico he infinitamente mais tocado da infelicidade de seu

vizinho, que por huma bancarrota, percas ao jogo, ou outras causas se vê obrigado a diminuir a sua equipagem, e tratamento, e retirar-se ao campo, para viver dos restos que lhe ficáraõ; do que se compadecerá da ruina total de hum negociante industrioso, que vai a ser mettido em prizaõ, e cuja familia numerosa fica exposta a morrer de fome.

Porém se a piedade provém do egoismo, a beneficencia tem certamente huma origem mais nobre. He hum sentimento mais generoso, que naõ tem necessidade de ser posto em tortura para produzir huma acçaõ boa. He este sentimento, e naõ a piedade, ou compaixaõ, que eu quereria excitar.

A piedade he sempre acompanhada de alguma dor; e se a que nós soffremos, quando somos testemunhas da infelicidade de outrem nos obriga a soccorrer ao nosso proximo, naõ fica algum merecimentto, nem devemos ter nenhuma satisfaçaõ duravel destes actos de caridade, que entaõ fazemos, pois saõ de certo modo involuntarios: porém o gozo que acompanha os actos de huma beneficencia verdadeira saõ taõ duraveis, quanto saõ deliciosos; e quanto mais se contemplaõ, e mais se analisaõ, mais elles contribuem para esta paz interna da alma, e esta aprovaçaõ intima da consciencia, que só constitue a verda-

dadeira felicidade; e a recompensa da virtude.

Para induzir os homens a entrar em qualquer empreza, he preciso demonstrar-lhes, que o bom exito della será acompanhado de huma avantagem real; depois, que se poderá concluir sem maior difficuldade. O prazer da benevolencia tem sido tantas vezes descripto, e tantas vezes celebrado em todos os paizes, e em todas as linguas, que seria em mim presumpçaõ, querer accrescentar alguns riscos a quadros, que tantos mestres grandes tem desenhado. Porém como os exemplos dos successos tem algumas vezes a efficacia, de compelir os homens a obrar, quando os mais bellos raciocinios, e todos os encantos da eloquencia tem falhado; pois isso o bom exito na minha empreza, que acabo de referir, he em que principalmente fundo as minhas esperanças, de que terei imitadores.

Eis-ahi porque volto tantas vezes a esta parte do meu objecto, e porque insisto sobre o prazer, que me deraõ os successos que tive. Sei, que me notáraõ de querer ostentar, principalmente aquellas pessoas, que naõ puderem vir ao meu lugar; porém nem esta consideraçaõ, nem outra alguma embaraçará a minha pena, quando aquillo, que tenho pa-

ra dizer he capaz de contribuir parã a vantagem publica.

Logo, porque occultarei eu os signaes de reconhecimento, e respeito, que recebia dos infelizes, para cuja felicidade tinha contribuido; e os testemunhos de estima publica, que se me liberalisáraõ? Será em mim vaidade se fallar do interesse, que os pobres de Munich testemunharaõ de hum modo taõ sensivel, quando em huma enfermidade que tive, a minha vida esteve em perigo? Se fallar da procissaõ, que fizeraõ, a Collegiada, das orações ferventes pelo meu restabelecimento; se disser, que quatro annos depois, sabendo que eu estava molesto em Napoles, consagraraõ, de commum acordo, huma hora no fim do dia, para rogar a Deos pela conservaçaõ de hum homem, que lhes era taõ caro?

Devo calar a recepçaõ, que me fizeraõ o veraõ passado, tendo estado quinze mezes auzente da casa de industria; a scena mais pathetica de que já mais fui testemunha? Devo abster-me do prazer de fallar da funçaõ, que em agradecimento lhe dei no jardim Inglez, festa á que assistiraõ mil e oitocentos delles, e mais de trinta mil habitantes de Munich? Supprimirei tudo isto pelo temor de ser accusado de ostentaçaõ? Sim, eu supprimo,

mas

mas ao menos deixem-me trazer o leitor aos sentimentos, que eu experimentei, e que este pergunte a si mesmo, se ha recompensa terrestre taõ sublime, e se ha prazeres mais puros, que estes: que se figure, se lhe for possivel, na minha situaçaõ jazendo em huma cama cheio de dores, enfraquecido por hum excesso de applicaçaõ aos meus trabalhos, martyr, como se dizia, da causa á que me tinha entregue . . . . ; que ouça, como eu, o ruido confuso de huma multidaõ, que enchia as ruas . . . ; que saiba, como eu, que saõ os pobres de Munich, que vaõ em procissaõ aos Templos, offerecer seus votos ao Eterno, por quem? Por hum particular, hum estrangeiro, hum protestante! He o primeiro exemplo de testemunho neste genero; e me atrevo a affirmar, que naõ ha prova mais convincente, de que as medidas adoptadas para trabalhar na felicidade destes infelizes foraõ efficazes. He aqui, que se deve lembrar tudo o que me tinha proposto provar, e provar sem replica, quando intentei fazer esta narraçaõ.

CA-

CAPITULO VIII.

Meios empregados para soccorrer os pobres naõ mendigos. Consideraveis sommas distribuidas aos pobres a titulo de esmola. Medidas que se tomáraõ para introduzir o habito de industria naquelles, que recebiaõ esmolas. Utilidade da casa de industria para os pobres, e necessitados de todas as classes. Cozinhas publicas para alimentar os pobres addidos ao estabelecimento, ou que nelle tem emprego, e da grande vantagem, que haveria em formar estabelecimentos semelhantes em todas as Paroquias. Alojamento dos pobres de Munich.

FAllando dos pobres de Munich, me limitei, até aqui, taõ sómente aos mendigos. Agora direi alguma cousa das medidas, que se tomaraõ para soccorrer aos pobres, que naõ tinhaõ já mais mendigado, e que por infelicidades, ou outras circumstancias, se achavaõ em hum estado de miseria, e sem meios de soccorrer as suas necessidades physicas.

Hum estabelecimento para o conforto dos po-

pobres, he naõ sómente obrigado a soccorrer aquelles que publica, e claramente pedem para supprir as suas necessidades; mas deve com maior justiça, e por hum titulo mais forte de humanidade attender aos outros, que aterrados por huma silenciosa timidez, senaõ atrevem a pedir, ou aquelles, que independentemente da pobreza, e da necessidade naõ podem soportar a vergonha, e abatimento, inherentes á sua situaçaõ desesperada.

Convidáraõ-se, e pedio-se a todos aquelles, que tinhaõ necessidade de soccorros, que expozessem a situaçaõ em que se achavaõ á Commissaõ, encarregada da direcçaõ do estabelecimento, e em caso algum se lhe negou, o que se suppunha ser-lhes necessario. Ninguem duvidará, que estes soccorros foraõ distribuidos com a maior generosidade, quando se lhe disser, que a moeda corrente, dispendida com os pobres de Munich no espaço de cinco annos, excedeo 200.000 florins (mais de 69:774.000 reis) sem comprehender o custo do vestuario, e mantimento dos pobres, que estavaõ addidos ao estabelecimento.

Porém as somas de dinheiro distribuidas aos pobres naõ foraõ os soccorros mais importantes, que se lhes deraõ; ensinou-se-lhes mais a serem industriosos, e animáraõ-se a isso; e elles provavelmente tiráraõ mais fru-

cto da sua industria, que de todas as esmolas, que recebéraõ.

Deo-se que fazer a todos aquelles, que estavaõ em circumstancias de ganhar alguma cousa pelo seu trabalho, e se tomaraõ medidas effectivas para os excitar a ser industriosos. Quando se determinava a soma, que huma destas pessoas deveria receber, por semana, se tinha o cuidado de saber, quanto poderia ella ganhar diariamente pelo seu trabalho, e se lhe ajuntava sómente o que era necessario, para a subsistencia dos pobres, que naõ estavaõ addidos ao estabelecimento. Mas esta mesma precauçaõ naõ teria sido sufficiente, para obrigar a ser industriosos aquelles, que tinhaõ já disposiçaõ a ser preguiçosos; porque com os soccorros da pequena retribuiçaõ, que se lhes dava, teriaõ podido achar meios de subsistir, já furtando, já commettendo outro acto illicito; de modo, que os soccorros, que lhes fossem dados, naõ fariaõ mais do que animallos á ociosidade. Este mal, que he para temer em todos os estabelecimentos dos pobres, e que póde ter consequencias as mais funestas, he atalhado em Munich do modo seguinte. Daõ a cada pobre, que tem o direito de receber esmolas, hum papel impresso, estreito, e comprido; e nelle se contém, entre duas, ou mais linhas parallelas,

o dia do mez, por onde começaraõ todas as semanas do anno, inscreve-se neste papel o nome da pessoa; o numero debaixo do qual se acha classificado na lista dos pobres, o soccorro, que lhe he dado cada semana, e a soma, que póde adquirir pelo seu trabalho. Este papel, que o pobre he obrigado a apresentar, quando vai receber a esmola semanaria, que lhe daõ, prova se elle tem, ou naõ preenchido as condições, com que se obrigaraõ a dar-lhe os soccorros; quero dizer, se tem sido laborioso, e tem ajuntado, pelo seu trabalho, a soma prefixa. Este facto he verificado da fórma seguinte. Quando a pessoa, que frequenta a casa de industria, ou que trabalha em sua casa, entrega cada semana o producto da obra, que deve fazer; marca-se com hum sello, que se acha na casa do trabalho, a semana correspondente no papel, que apresenta; ou, se, por enfermidade ou outra circunstancia, naõ póde preencher esta condiçaõ, o commissario do seu districto lhe poem a sua firma. O papel, revestido destas formalidades, fica sendo hum certificado de industria para a pessoa, e se lhe entrega o determinado soccorro: porém se ella naõ póde produzir este titulo, entaõ se retem o subsidio caridoso.

Póde-se facilmente imaginar, quanto este

simples arranjamento previne o ocio : porém abatendo , e punindo a ociosidade , procura-se igualmente excitar a industria , por todos os meios immaginaveis , principalmente pelas distinçõe , e recompensas. Os pobres , que excedem a tarefa , que lhes he imposta por semana , recebem huma gratificaçaõ em moeda , ou hum vestido de certo valor ; aliàs se lhes faz huma distinçaõ na distribuiçaõ de dinheiro , que tem lugar duas vezes por anno , para ajudar aos pobres a pagar o aluguel das casas. Taes gratificações , longe de causar alguma diminuiçaõ nos soccorros semanarios , saõ , pelo contrario , titulos para o seu augmento.

Ha mais , principalmente nas grandes Cidades , huma classe de indigentes summamente interessante : e saõ aquelles , que tem justamente só o que lhes he preciso para naõ morrer de fome , e que experimentando huma repugnancia invencivel de serem pezados ao publico , lutaõ todo os dias contra a infelicidade , a necessidade , e a desesperaçaõ. He esta sem duvida a fórma respeitavel , por que se descobre , pois que ella procura esconder se por todos os modos.

Naõ se deveria certamente negar soccorro algum ao desgraçado , que se apresenta com este caracter , taõ respeitavel como interessante :

te: porém, que circunspecçaõ naõ he necessaria, quando se lhe extende a maõ caridosa, para naõ offender a delicadeza daquelles, que as infelicidades tem feito sensiveis, e timidos; e que tem a alma muito elevada para se sujeitarem a contrahir huma obrigaçaõ, que naõ tem algumas esperanças de poderem desempenhar.

A casa de industria de Munich ministra, de hum modo o mais delicado, os soccorros, que merecem muitas familias desgraçadas, e grande numero de indigentes, que se envergonhariaõ de acceitar directamente hum beneficio. Muitas pessoas de nascimento distincto, principalmente viuvas, ou mulheres solteiras, mandaõ buscar occultamente a casa de industria, materiaes crús, linho, e lãa para fiar, camizas para coser, etc.; e recebem em moeda o preço do seu trabalho por meio do mensageiro, a quem já mais se fazem perguntas algumas.

Mais de hum soldado das tropas do Eleitor, trazem camizas, que tem sido cosidas por mãos delicadas, e pouco acustumadas a emprego taõ grosseiro. Mais de huma vez, pessoas em outro tempo habituadas a sumptuosos jantares, fizeraõ huma boa comida com o caldo, ou sopa destinada para os pobres, e distribuida de graça, na cozinha publica da casa

de

de industria. He de esperar, que todos os indigentes, a quem hum falso ponto de honra ainda retem, se saberaõ aproveitar, em fim, destes soccorros.

Falta ainda alguma cousa ao estabelecimento dos pobres de Munich, para o aproximar a perfeiçaõ. A casa de industria está hum tanto demasiadamente longe do centro da Cidade, e muitos pobres, que ficaõ distantes, perdem tempo precioso em quanto vaõ, e vem de suas casas para o trabalho. He verdade, que a casa de industria, está situada em huma paragem onde habita muita gente pobre; porém ha tambem muitos, que naõ tiraõ deste estabelecimento toda a vantagem, que tirariaõ se o estabelecimento lhes ficasse mais á maõ. O meio de remediar esta falta seria estabelecer cozinhas pnblicas em diversos bairros da Cidade com dous, ou tres quartos adjacentes, onde os pobres podessem trabalhar. Deste modo teriaõ meio de procurar, e obter materiaes crús da casa de industria, ou de os receber da maõ daquelles, que superintendessem, ou governassem as cozinhas. Estes Superintendentes podiaõ ao mesmo tempo ser os economos, e inspectores destes estabelecimentos parciaes; debaixo da direcçaõ, e superintendencia da casa de industria. Trata-se agora deste arranjamento, e se porá em execuçaõ,

as-

assim que se acharem lugares convenientes para este fim.

Nas grandes Cidades, as cozinhas publicas, e as casas de trabalho deveriaõ estar distribuidas por todas as Paroquias; e será difficil de imaginar, quanto este arranjamento contribuiria para a satisfaçaõ, e felicidade dos pobres, influindo igualmente nos seus costumes.

Esta especie de officinas poderiaõ ser arranjadas, naõ só com aceio, mas com elegancia, estar bem aquecidas, com bastante luz, e limpas; e isto com pouca despeza. Em fim, tendo-se o cuidado de tratar aos pobres com brandura, e que se naõ constrangissem a frequentar estes estabelecimentos, se veria em pouco tempo, que elles se aproveitavaõ das vantagens, que lhes offereciaõ estes doces, e socegados retiros. A agitaçaõ dos seus espiritos se acalmaria, deixariaõ de ser desconfiados, viriaõ a ser felizes, e por consequencia reconhecidos, e doceis.

Ainda que naõ seja possivel offerecer aos pobres melhores alojamentos, que as miseraveis barracas onde actualmente moraõ; com tudo naõ experimentariaõ algum inconveniente real no pouco agradavel das suas habitações, porque passariaõ a maior parte do dia nos estabelecimentos publicos, naõ voltando

do

do trabalho para suas casas, senaõ a horas de se deitarem.

Se algum delles cahisse enfermo, poder-se-hia transportar a algum hospital, ou aos quartos, que estivessem junto ás officinas, e que fossem igualmente destinados para os velhos, e doentes. Poder-se-hiaõ tambem destinar algumas horas cada dia, para a instrucçaõ dos meninos, dando-lhes liçõeş publicas na sala de comer, ou em outro quarto conveniente.

A despeza de hum estabelecimento semelhante, em cada Paroquia, seria inconsideravel, em comparaçaõ das vantagens, que delle se tirariaõ. Os pobres poderiaõ ser sustentados pelas cozinhas publicas, com metade do que elles gastaõ em suas casas: e tirariaõ mais partido da sua industria em hum estabelecimento publico, e governados por huma administraçaõ sabia, do que trabalhando particularmente em suas casas: estabelecer-se hia entre elles o espirito de emulaçaõ, passariaõ o tempo mais agradavel, e com maior alegria: a despeza do combustivel para lhes aquecer os quartos, e cozer a comida seria quasi nenhuma, e a dos alugueis tambem diminuiria muito, pois que naõ viriaõ a necessitar senaõ de huma cama. He por tanto evidente, que todos estes pequenos artigos juntos tenderiaõ efficazmente

te a diminuir o gasto do publico nos soccorros dos pobres. Adoptando medidas convenientes, e seguindo-as com cuidado, e perseverança, estou persuadido, que, com o tempo, se reduziria a despeza a quasi nada.

A respeito do alojamento dos pobres, sou de opiniaõ, que, nas grandes Cidades, he preciso, que lhes fique a seu cuidado este artigo. O que elles sem duvida prefiriraõ ao estar amontoados, e comprimidos como prezos nos hospitaes, ou casas particulares: estou convencido mais, que a differença da despeza seria pouco menor, ainda que os pobres ficassem talvez mais mal accommodados. Este inconveniente lhes fica amplamente compensado pelo indisivel prazer da liberdade, que lhes resta.

Em Munich quasi todos os pobres se munem de alojamento, e duas vezes por anno se lhes dá algum adjutorio para o pagamento dos alugueis. Os que naõ saõ casados naõ recebem este favor, e por tanto naõ tendo alojamento vaõ á certas casas, onde lhes daõ huma cama em hum celeiro, pela qual pagaõ hum *kreutzer* por dia (pouco mais de 5 reis): quando tem mais alguma cousa podem obter melhores alojamentos por dous *kreutzers* por dia.

Ha taes miseraveis, que, naõ tendo nem

familia, nem parentes, e sendo velhos, ou enfermos, se exporiaõ a morrer por falta de algum soccorro, se morassem solitarios. A estes se deixa a escolha, ou de se unirem a alguma familia decente, ou de se refugiarem a hum asylo, que se acaba de fazer em Munich para este fim.

O edificio está agradavelmente situado sobre huma pequena collina nas margens do Iser, donde se descobre a Cidade, huma parte da campanha, e o curso do rio. Ha hum grande jardim junto a este hospicio: e a casa está repartida de modo, que tem dezesete quartos, capazes de accommodar mais de oitenta pessoas. Huma só cozinha fornece o mantimento a todos; e os mais doentes saõ servidos, e soccorridos, pelos que estaõ menos incommodados: A cultura da horta lhes serve de divertimento, e gozaõ do seu producto. Dá-se-lhes obra proporcional a suas forças, e o que podem ganhar pelo trabalho lhes fica inteiramente á sua disposiçaõ. O mantimento, o vestido, e os remedios, que se lhes daõ, saõ de graça: e aquelles, que naõ podem absolutamente trabalhar, recebem todas as semanas huma pequena soma para comprar o seu tabaco, ou poder ter outro algum pequeno divertimento.

Quereria que este asylo fosse mais proxi-

mo-

mo da casa de industria; he verdade, que só dista trezentas toezas, ao mais; porém acho, que esta distancia ainda he demasiada. Se este asylo pudesse estar no circuito da casa de industria, as pessoas, que nelle moraõ seriaõ sustentadas pela cozinha publica do estabelecimento, e estariaõ debaixo da inspecçaõ dos officiaes da casa de industria. O estabelecimento viria a ser ainda mais interessante, e agradavel para aquelles, que tomaõ o trabalho de o visitar, o que he mais importante do que ordinariamente pensaõ as pessoas, que naõ tem tido occasiaõ de experimentar, que a approvaçaõ do publico he o vehiculo das emprezas as mais difficeis.

He hum objecto, que merece a attençaõ dos homens de Estado, o saber unir o divertimento á felicidade das pessoas, cuja sorte se pertende melhorar por grandes, e serias medidas.

CAPITULO IX.

Meios empregados para extender a influencia da instituiçaõ dos pobres de Munich, á outras partes de Baviera. A imitaçaõ dos estabelecimentos, que se formaraõ em Munich produzio vantajosas mudanças em outros paizes.

AInda que o estabelecimento, de que acabo de fallar, se limite unicamente a Munich, e seus arrabaldes, com tudo adoptáraõ-se taes medidas, que podessem extender-lhe a influencia a outros lugares do paiz. Os meios, que se escolheraõ, para fazer cessar a mendicidade na Capital, e dar emprego aos pobres tiveraõ todo o bom exito, que se podia esperar; e este acontecimento se anunciou nas gazetas, e papeis publicos, convidando-se a outras Cidades a que seguissem este exemplo. Publicou-se naõ sómente a relaçaõ das medidas, que se adoptaraõ para executar esta importante empreza, mas o estabelecimento de Munich dava promptamente instrucções, e outros soccorros necessarios a todos aquelles, que

que pareciaõ dispostos a formar semelhantes estabelecimentos no paiz.

Todas as pessoas nacionaes, ou estrangeiras, que desejavaõ ter copias das listas, dos recibos, e dos certificados, que se usaõ na casa dos pobres os recebiaõ *gratis*, naõ se lhes negando informaçaõ alguma, ou conta, que elles podessem desejar.

A casa de industria estava patente desde manhãa até á noite, a todos os que a quizessem visitar; haviaõ pessoas destinadas a acompanhar os estrangeiros ás differentes officinas, com ordem de lhes dar toda a informaçaõ possivel, relativamente ás diversas manufacturas, que lá se achaõ estabelecidas: davaõ-se-lhe, no caso de o pedir copias impressas dos bilhetes, das taboas, e dos registos, de que se faz uso nos negocios ordinarios da casa: informavaõ-se do modo, porque actualmente se serviaõ, e de outras medidas, que já tinhaõ sido adoptadas, para prevenir a fraude, e as dilapidações, neste vasto estabelecimento.

Como em Baviera ha poucas fabricas, que se achem em hum estado florecente, os habitantes mais indigentes se achaõ em tal estado de inepcia, e pouco conhecimento das obras, em que se podem empregar os pobres, que só esta circumstancia he hum grande obs-

ta-

taculo, para que as medidas adoptadas em Munich se possaõ introduzir em outras partes do paiz.

Para tirar esta difficuldade, se convidáraõ as differentes Cidades, e Concelhos, que desejassem formar estabelecimentos para occupar os pobres, que mandassem á casa de industria de Munich pessoas devidamente qualificadas, e que pudessem aprender a fiar toda a especie de materias, que se fiaõ, a fazer meia, e a cozer, para que voltando depois estivessem em situaçaõ de instruir aos outros. A casa de Industria de Munich fez mais, offereceo officiaes já formados, que podessem servir de instructores, ou mestres, para aquellas Cidades, ou Concelhos, que os desejassem.

Outra difficuldade, que me parece igualmente importante, mas que se venceo com facilidade, foi o embaraço, em que se achavaõ as pequenas Villas, ou Concelhos, para obter materiaes crus, e vender ao depois com vantagem aquillo, que os pobres tivessem manufacturado. O fio, por exemplo, que se podia fiar em huma pequena Villa, ou em huma Aldêa, distante de toda a fabrica qualquer, ficaria nos armazens muito tempo, sem que se pudesse vender. Para obviar este inconveniente, a casa de Industria de Munich

tem

tem ordem para fornecer materiaes crus á todas as Cidades, ou Villas, e Concelhos, que os pedirem, e de receber, pelo preço fixo em Munich todos os artigos manufacturados, que se lhe enviarem. Além destas medidas, e outras de semelhante natureza, que excitaõ a industria entre os pobres do campo, usaõ-se todos os meios convenientes para induzir os individuos a que se mettaõ nesta empreza. As Cidades, ou outras corporações, que foraõ primeiras em seguir o exemplo da capital, saõ citadas honrosamente nos papeis publicos: e os individuos, que se distinguem pelo seu zelo, e actividade, saõ applaudidos, e recompensados.

Hum digno Cura (o Senhor Lechner), prégador nas Paroquias de Munich, que de seu moto proprio tinha recommendado do pulpito o systema adoptado para o soccorro dos pobres, foi tratado com distinçaõ pelo Eleitor, que lhe deo huma audiencia particular, agradecendo-lhe o seu zelo.

Apenas se tinha feito publico este facto nas gazetas, quando o clero, em todas as partes da Baviera, entrou a recommendar dos pulpitos as medidas caritativas, que se seguiaõ na capital.

Naõ cito certamente este exemplo, para indicar de modo algum, que o clero Bavaro, pre-

precisava deste estimulo, para contribuir com a sua influencia a acoraçoar os povos para hum estabelecimento, que tinha por fim, o beneficio, e conforto de huma interessante parte da especie humana; e que por consequencia tinha tantas relações com as respeitaveis funções, que o clero deve preencher. Pelo contrario, faltaria a verdade, e ao reconhecimento, se me naõ aproveitasse desta occasiaõ para dar hum testemunho publico, do quanto me aprazem os soccorros, e assistencias efficazes, que elles subministráraõ.

Os excellentes sermões, que se prégáraõ para recommendar aos fieis, que sustentassem com as suas esmolas as medidas adoptadas pelo Governo para o soccorro dos pobres, provaõ, quanto o respeitavel corpo do clero anhelava o bom successo da empreza; e achei que, ainda sendo eu protestante, concorriaõ sempre com o maior zelo em cooperar comigo, em todas as medidas, que achava ser do bem publico. A generosidade de sentimentos do clero lhes faz infinita honra, e merece o meu reconhecimento particular.

Concluirei este ensayo annunciando os progressos, que tem feito em outros paizes as instituições, cujo modélo formei em Munich. Durante huma viagem, que fiz á Italia, para o restabelecimento da minha saude, entrei em

em Verona; e tendo travado amizade com os directores dos dous magnificos hospitaes *la Pieta*, e *la Misericordia*, que contém ambos cento e sincoenta pobres, tive occasiaõ de lhes fallar dos differentes arranjamentos adoptados no estabelecimento de Munich. Tomei a liberdade de lhes propôr diversas economias para o sustento dos pobres, e sobre tudo para a diminuiçaõ do combustivel, que se emprega nas cozinhas; porque a lenha, que he summammente cara neste paiz, e que he o unico combustivel de que se servem, fazia hum consideravel artigo de despeza.

A escaceza de combustivel, na Italia tinha, ha alguns annos, obrigado a fazer certas experiencias, e economias, para distribuir melhor o calor, e poupando mais a lenha; porém examinando com attençaõ as cozinhas destes hospitaes, e comparando a quantidade de lenha consumida, com a da comida, que se fazia cozer, vi que era possivel poupar *sete oitavos* do combustivel (1).

Communicando as minhas observaçõeş aos directores, e tendo-me offerecido para fazer

(1) Examinando a cozinha do grande hospital de Florença vi, que o gasto inutil de combustivel era ainda mais consideravel que em Verona.

reedificar os fogões das suas cozinhas, conforme aos principios adoptados para as cozinhas do estabelecimento de Munich, acceitáraõ a minha proposiçaõ: por tanto foraõ feitas de novo as duas cozinhas, e sahiraõ taõ boas, que excedéraõ as minhas esperanças. A do hospital de *la Pieta* he a mais commoda, e mais economica, que fiz construir; e della darei huma descripçaõ particular, com as estimativas das despezas, no meu ensayo sobre a economia do calor.

Entretanto, que fazia construir a nova cozinha do hospital de *la Pieta*, tive occasiões de me convencer de quanto era possivel economizar no vestido dos pobres addidos a este estabelecimento. Propuz aos directores de os munir de vestidos, absolutamente semelhantes aos que se usaõ na casa de industria de Munich, e quando voltei lhes enviei doze vestidos de differentes grandezas, para lhes servir de modélos, com huma nota do preço, que lhe poderiaõ custar postos em Verona.

O successo desta pequena especulaçaõ foi completo, e se abrio hum novo ramo de commercio, proprio a acoraçoar a industria em Baviera. Este modélo de vestido foi approvado, e achando que ficava vinte por cento mais barato, que o seu usual, comprehendidos os gas-

gastos do transporte, fizeraõ á casa de industria encommendas consideraveis para vestidos de pobres, no mez de Setembro ultimo 1794. Pouco antes da minha partida de Munich para a Inglaterra, tive o prazer de ver embalotar, e partir, pelo caminho do Tyrol, seiscentos vestidos completos, destinados aos pobres de Verona, e espero, que em breve os pobres de Baviera ganharáõ com que passar commodamente, fazendo vestidos para os pobres de Italia.

FIM DO PRIMEIRO ENSAYO.

ENSAYO II.

DOS PRINCIPIOS FUNDAMENTAES PORQUE SE PODEM FORMAR, EM TODOS OS PAIZES, ESTABELECIMENTOS PARA O SOCCORRO DOS POBRES.

CAPITULO I.

Idéa geral da materia. Estado deploravel dos que se achaõ reduzidos à pobreza. Naõ he possivel formar hum codigo de leis, que attenda efficazmente a todas as suas necessidades. As contribuições voluntarias das pessoas humanas, e bemfeitoras, saõ as unicas, que podem segurar-lhes soccorros sufficientes. Como se devem fazer certos estes soccorros. Resposta às objecções, que se podiaõ fazer relativamente a despeza, que traz comsigo esta protecçaõ dos pobres. Modo de introduzir hum plano geral para o soccorro dos pobres.

AInda que os principios fundamentaes sobre que se acha formado o estabelecimento de

de Munich, se possaõ recommendar como susceptiveis de ser geralmente adoptados, e que eu creia ter dado, no ensayo precedente, sufficientes luzes sobre quanto lhe diz respeito; com tudo, como as relações, e explicações que dei se achaõ espalhadas pelo decurso da obra, e entresachadas com outras narrativas, talvez o leitor teria encommodo em ajuntar de repente idéas systematicas, e completas sobre este objecto. Pelo que, julguei dever tratar de novo o mesmo assumpto, e communicar o resultado das minhas pesquizas por hum modo mais conciso, methodico, e util. A experiencia me poz em circumstancias de poder trabalhar com bom successo no amparo dos pobres, e de poder empregar utilmente huma classe de homens ociosos, e vadios; por isso creio poder tambem fallar destes objectos com alguma segurança. Pelo que, em vez de repetir o que já fica explicado, sobre o estabelecimento de Munich, o que se faria, ao menos, fastidioso, extenderei as minhas indagações a hum circulo mais vasto, e apresentarei o resultado dellas.

O systema, que espero propôr, será na verdade fundado sobre as experiencias felizes, que fiz em Munich; porém como as circunstancias locaes exigem certas modificações, na adopçaõ de hum plano geral, terei nisso o

maior

maior cuidado, e mencionarei todas as variações de que for susceptivel. (1)

Antes de entrar nestas particularidades, me parece conveniente lançar hum golpe de vista sobre este objecto, tomado em maior extenção; e desenvolver os principios sobre que, todo o estabelecimento para o soccorro dos pobres, deve ser fundado, em qualquer paiz: considerarei ao mesmo tempo, quaes saõ as difficuldades, que se suppoem dever acompanhar semelhantes emprezas, e demonstrarei, que ellas naõ saõ insuperaveis.

Este gráo de pobreza, que reune a impossibilidade absoluta de satisfazer as necessidades da vida, sem a assistencia do publico, he sem duvida a maior das infelicidades: por que, naõ sómente traz a poz de si, os males physicos, a dor, e o encommodo; mas tambem os males moraes, que o opprimem mais; como he

(1) O Leitor estrangeiro, qualquer que seja, terá a bondade de observar, que o Author deste ensayo, ainda que Inglez, rezide em Alemanha, e que as suas relações com este paiz o obrigaõ a ter huma attençaõ particular ás suas situações locaes, na desenvoluçaõ deste objecto, que elle desejava fazer geralmente util. Ha tambem outra razaõ, que o obriga a fixar a sua attençaõ particular, no decurso deste ensayo, sobre a sorte dos pobres do continente, e he a obrigaçaõ, em que se constituio de tratar este assumpto em toda a sua extençaõ.

he o abatimento, humilhaçaõ, e desacoroçoamento total. Em geral he hum mal incuravel, que mais se irrita do que se alivia pela applicaçaõ dos remedios, com que se pertende curar. O unico alivio de que he susceptivel deve provir dos affectuosos cuidados das pessoas verdadeiramente bemfeitoras. He o unico balsamo, que póde mitigar a agonia de hum coraçaõ ulcerado, ou acalmar a agitaçaõ de hum espirito irritado pelos revezes da fortuna, e a quem a desesperaçaõ tem disposto a ser feroz.

He logo evidente, que o mais bem regulado codigo de leis naõ poderia prover os pobres do que haõ mister, sem a livre assistencia dos particulares, que formaõ a sociedade: por que; ainda que o legislador possa impor hum tributo para o sustento dos pobres, naõ póde ordenar os cuidados bemfeitores, e attençaõ delicada, que se fazem taõ preciosos para o tratamento dos pobres; nem estas consolações, estas notas, ou estes signaes de cuidado, que saõ os unicos, que podem arrostar os habitos viciosos dos pobres, e animallos no desacoroçoamento, em que a miseria os tem posto. Toda a medida, que naõ seguisse esta vereda obteria hum fim muito contrario ao que se deseja. (1)

Po-

(1) Segundo o meu parecer, a unica medida ne-

Porém se o unico meio efficaz, por que he possivel obter o alivio da pobreza, e o unico remedio aos males infinitos, que a mendicidade permanente, a indolencia, e a miseria introduzem nas classes inferiores da sociedade, só podem ter origem nos esforços voluntarios da beneficencia dos individuos, que a compoem; he necessario captar a confiança absoluta do publico; e esta se naõ póde obter de modo permanente, e duravel, se naõ entregando a direcçaõ, de hum estabelecimento formado para a protecçaõ dos pobres, a homens cuja rectidaõ, zelo, e absoluto desinteresse concentrem os votos de todos os cidadaõs.

He certamente possivel conseguir este fim, se pessoas revestidas de hum caracter respeitavel, e empregadas em lugares eminentes, tomarem a direcçaõ do estabelecimento, ajuntando-lhes, para a administraçaõ dos negocios, hum certo numero de individuos de outra classe menos distincta, como negociantes acreditados, pais de familia abastados, e outros particulares conhecidos pela sua disposi-

---

cessaria, e prudente, que hum legislador póde tomar, quando quizer formar hum estabelecimento para os pobres em qualquer paiz, he adoptar hum plano sabiamente calculado, e abolir, ou mudar as leis, que se pudessem oppôr á sua execuçaõ.

çaõ á beneficencia (1) : he tambem necessario que as pessoas , encarregadas da administraçaõ dos negocios dos pobres , naõ recebaõ sallario , ou emolumento algum , deve igualmente publicar-se de tempos em tempos huma conta por extenso da receita , e despeza , para que o publico naõ possa ter duvida alguma , sobre o emprego , que se deo ao dinheiro , destinado para o soccorro dos pobres : em fim seria huma precauçaõ util fazer circular a lista alphabetica das pessoas a quem se soccorre , ajuntando lhe a idade , profissaõ , e domicilio , e quanto recebem por semana ; para que as pessoas duvidosas , sobre a rectidaõ , com que se applicaõ os soccorros dos pobres , pudessem ter meio de se assegurar por si mesmas do cuidado , e equidade , que presidem a sua distribuiçaõ. Os meios que acabo de referir , e a execuçaõ prompta , e total do plano , que se houver de adoptar , podem segurar permanentemente a confiança do publico , e induzillo a prestar os auxilios necessarios.

Naõ ha talvez maior flagello da sociedade , que os enxames de mendigos ; os particulares sentem os seus inconvenientes de hum mo-

(1) He este hum objecto da maior importancia , e de que depende em grande parte o successo de huma empreza semelhante.

modo taõ palpavel, que estaõ intimamente persuadidos da obrigaçaõ, em que ficaõ, a quem os livra deste mal; esta razaõ, junta a hum principio de amor proprio nacional, obriga a todas as classes de pessoas a apoiar as medidas, que se adoptaõ, para o soccorro dos pobres. Naquelles mesmos paizes, onde os pobres naõ estaõ no habito de mendigar, a idéa, de que elles soffrem, deve affligir a toda a alma, inclinada a fazer bem, e tenho prazer em persuadir-me, que naõ ha homem que tenha o coraçaõ assás endurecido para se naõ regozijar, quando vê, que se prestaõ aos indigentes auxilios efficazes.

A maior difficuldade em introduzir hum plano, fundado nos soccorros do publico, para proteger os pobres, e fazer cessar a mendicidade, he a opiniaõ, geralmente adoptada, que he preciso huma despeza enorme para sustentar semelhante empreza. Porém he facil remover este obstaculo, provando, que a execuçaõ de hum plano, sabiamente combinado, para o soccorro dos pobres, e que occupe os ociosos, vadios, e preguiçosos, longe de trazer comsigo grande despeza, acabaria por economisar trabalho, e dinheiro tanto do publico como dos particulares.

Aquelles, que extorquem a sua subsistencia roubando, ou mendigando, saõ realmente

sustentados pelo publico: mas isto naõ he tudo; vivem além disto de hum modo, que se faz juntamente incommodo, e dispendioso: e eis-aqui o que se póde dizer dos pobres em geral.

Huma pessoa pobre, e infeliz, que vive do trabalho diario de suas mãos, naõ tem meios de dispôr todos os arranjamentos economicos, que podem fazer aquelles, que vivem mais commodamente; e menos, de fazer as especulações, que saõ possiveis em hum estabelecimento publico. Acresce a isto, que a maior parte dos pobres bem como todos aquelles, que estaõ acostumados a mendigar; podem ser utilmente empregados em differentes especies de trabalhos. Suppondo que, por hum termo medio, póde cada hum delles ganhar ametade da sua subsistencia, a despeza, de que o publico se encarrega, fica diminuida na mesma proporçaõ: e esta despeza se póde ainda abater usando de ordem, e economia nos differentes artigos, necessarios a sua mantença.

Se os habitantes de huma grande Cidade, quizessem fazer huma subscripçaõ para pagar ametade das sommas, que os mendigos lhe arrancaõ pela importunaçaõ, estou persuadido, que tomando certos arranjamentos, se acharia o meio de fazer subsistir, de

hum

hum modo conveniente, todos os pobres em geral.

Naõ sómente os pobres, que mendigaõ pelas ruas, porém todos os outros, que recebem soccorros em Munich, sem excepçaõ alguma, formaõ hum numero que excede mil e oitocentos, e saõ sustentados por subscripções voluntarias dos habitantes, com tudo muitos cidadaõs ricos, e de hum caracter respeitavel, me seguraraõ, que as sommas, que lhe extorquiaõ os mendicantes, sem contar as esmolas particulares que faziaõ, montava ao triplo do valor da subscripçaõ annual, que ajuntaraõ para sustentar o novo estabelecimento.

Insisto sobre este ponto, porque sei, que a opiniaõ recebida das grandes, e consideraveis despezas, que traz comsigo o estabelecimento para os pobres, e supressaõ da mendicidade, tem impedido, que grande numero de pessoas bemfeitoras se mettessem em huma tal empreza. Oxalá, que, o que tenho dito, e provado, dissipasse todas as duvidas, e reanimasse o zelo do publico em huma causa, que taõ particularmente interessa a humanidade.

Existe sempre hum certo gráo de desconfiança em todas as cousas publicas, que se emprehendem por huma reuniaõ voluntaria

de

de particulares, e sem a intervençaõ do Governo, e o desviar toda a suspeita, em semelhantes casos, he taõ trabalhoso como difficil. Aquelles, que tem de cuidar da subsistencia dos pobres, por meio de huma subscripçaõ voluntaria, sentiraõ estas difficuldades, mais que ninguem; porém lizonjeo-me, que naõ os atemorisará hum obstaculo, taõ facil de vencer.

Quando se trâta de fazer adoptar hum projecto de estabelecimento para a protecçaõ dos pobres, por meio de huma subscripçaõ voluntaria, ou de hum imposto, he preciso, que as pessoas encarregadas de semelhante empreza, informem o publico da qualidade de medidas, que pertendem adoptar, e da relaçaõ, que ellas tem, com a vantagem da sociedade, e que designem os meios, por que os particulares podem contribuir para o bom exito do seu plano.

Creio que ha poucas Cidades na Europa, onde a situaçaõ dos pobres exija, que se publique huma memoria, semelhante á que se fez circular em Munich ao tempo da prizaõ dos pobres mendicantes, mas hum escripto deste genero, adaptado as cirunstancias locaes, penso que produziria o melhor effeito. A respeito da especie de auxilios, que os individuos podem prestar para segurar o succes-

so

so de hum plano para o soccorro dos pobres, he necessario attender a que sejaõ da mais facil execuçaõ, que for possivel: e he preciso prevenir aos particulares dos obstaculos, que elles mesmo podem oppôr ao estabelecimento; por exemplo se continuarem a dar esmolas aos mendigos.

Por mais tyranico, e injusto, que pareça o impedir os particulares de soccorrer aos mendigos, e aos que se achaõ em estado de necessidade; entre tanto como está demonstrado, que dando-se-lhes directamente esmola, se anima o vicio, e ociosidade, e que se perpetua a mendicidade, e os males que della se seguem, desanimando ao mesmo tempo os pobres industriosos, he preciso saber, que já mais se acautelará demasiadamente o publico para que se guarde de hum uso taõ fatal a sociedade.

Deve-se advertir a todos aquelles, que desejaõ contribuir para o soccorro dos pobres, que enviem as suas esmolas as pessoas encarregadas do estabelecimento destinado ao seu amparo, pois que estes lhe devem conhecer melhor as necessidades: e se os particulares desejaõ distribuir as suas mesmas esmolas, deveriaõ ao menos ter o trabalho de procurar objectos dignos da sua beneficencia, para naõ

con-

contrariar as medidas, que servem de base ao estabelecimento.

Mas he conveniente, antes de entrar nestas particularidades, determinar a extensaõ, e limites de hum estabelecimento para os pobres, e de fixar a divisaõ de huma Cidade em districtos, o que facilitará infinitamente a execuçaõ do plano proposto.

CAPITULO II.

Da extençaõ de hum estabelecimento para os pobres. Divisaõ da Cidade em districtos, ou bairros. Maneira de administrar os negocios de hum estabelecimento publico para os pobres. Necessidade de numerar todas as casas de huma Cidade, onde se pertende formar hum estabelecimento para os pobres.

DE qualquer extençaõ, ou grandeza que seja a Cidade, onde se ha de formalizar hum estabelecimento para os pobres, sou de acordo, que nella naõ deve haver mais de hum estabelecimento, huma commissaõ geral para a administraçaõ dos negocios, e hum só thesoureiro. Esta unidade me parece essencial, e necessaria, naõ sómente, porque as differentes partes de hum todo encontraõ menos difficuldade, e vencem melhor os obstaculos, tendo hum centro commum, e concorrendo todas ao mesmo fim, debaixo da mesma direcçaõ; mas tambem em razaõ da distribuiçaõ desigual da riqueza, assim como da pobreza, e da miseria nos differentes bairros de huma mesma Cidade. Em huma Cidade popu-

losa, algumas Paroquias tem muito poucos pobres, entretanto que outras estaõ sobrecarregadas delles: e naõ ha nenhuma razaõ para que o proprietario, ou inquilino de huma casa pague mais, ou menos para o soccorro dos pobres sómente, porque vive em tal, ou tal bairro. Ha outro motivo mais, que na maior parte das Cidades populosas ha certos districtos, onde a pobreza, e a miseria tem tomado o seu aposento, e onde seria impossivel, que os habitantes pudessem prestar-lhes os soccorros, e assistencia necessaria. As medidas, tomadas para extinguir os mendigos, em qualquer Cidade devem ser geraes, para que possaõ ser bem succedidas: esta unica circumstancia, as faria impraticaveis, se os que estaõ domiciliados nos bairros mais ricos, recusassem dar alguns soccorros.

Em Munich, por exemplo, hum dos arrabaldes chamado o *Au*, que fórma huma Paroquia consideravel (que se póde comparar ao arrabalde de St. Marceau de Pariz) recebe vinte vezes mais esmolas, do que todo o bairro dá de fundos para sustentar o estabelecimento dos pobres. Os habitantes das outras Paroquias naõ tem olhado, como hum carrego, a communicaçaõ dos soccorros publicos, entre os pobres de *Au*, e os dos outros districtos.

Ca-

Cada Cidade deve ser dividida em mais, ou menos districtos, ou subdivisões, segundo a sua extençaõ, e cada hum destes districtos, ou bairros deve ter huma commissaõ de inspecçaõ, ou melhor hum commissario com seus ajudantes, encarregados da superintendencia, e administraçaõ de todos os negocios relativos á mantença, e soccorro dos pobres.

Como, nas Cidades demaziadamente grandes, devem ser muito complicadas, e extenças as particularidades de hum estabelecimento geral dos pobres; a direcçaõ dos negocios se faria provavelmente mais facil, se, independentemente das subdivisões dos bairros, ou districtos, se formassem divisões maiores, reunindo muitos bairros debaixo da direcçaõ de algumas commissões particulares.

O modo mais natural, e conveniente de dividir huma Cidade grande, onde se deseja formar hum estabelecimento geral para os pobres, seria tomar as Paroquias pela primeira divisaõ, e dividir cada Paroquia em tantos bairros, ou districtos, que cada bairro comprehendesse tres ou quatro mil habitantes. Ainda que a inspecçaõ, e superintendencia immediata dos negocios de cada Paroquia, possa ser confiada á sua commissaõ particular, com tudo a revisaõ de todos os objectos deve

pertencer á commissaõ geral, que tem a direcçaõ suprema do estabelecimento: e, em nenhum caso, as commissões poderiaõ fazer collectas dos seus paroquianos, ou propor lhes subscripções voluntarias, nem dispôr de dinheiro algum pertencente ao estabelecimento, excepto o caso de necessidade urgente. Seria igualmente essencial, que as commissões particulares naõ podessem introduzir algum arranjamento novo, sem o consentimento, e aprovaçaõ da commissaõ geral: porque a unidade a mais perfeita no modo de tratar os pobres, e administrar os seus negocios, he indispensavelmente necessaria, para o bom exito da empreza, e para firmar o estabelecimento sobre huma base firme, e immudavel.

Pela mesma razaõ naõ deve ficar á disposiçaõ das commissões, o dinheiro, que se ajuntar pelas Paroquias, mas deve ser lançado na caixa publica do estabelecimento, e levado em conta na receita geral; e as sommas necessarias para a mantença dos pobres de cada Paroquia, devem ser subministradas pela caixa geral, com ordem da commissaõ suprema.

Quanto ás petições particulares das pessoas necessitadas, essas deveraõ sempre passar das mãos do commissario do districto, pa-

pa-

para a commissaõ paroquial; e se o caso naõ for de grande urgencia, ou que os soccorros, que haõ de dar-se, devaõ ser continuados, será conveniente, que a commissaõ paroquial se refira á decisaõ da commissaõ Suprema. Em caso de necessidade absoluta, a commissaõ paroquial, ou ainda o Commissario do districto, poderá estar authorizado para dar immediatamente os soccorros; e em consequencia disto se lhe entregará anticipadamente huma certa somma, de que elles seraõ obrigados a dar conta.

Para que a commissaõ suprema possa ter informaçaõ exacta da situaçaõ real das pessoas, que pedem os soccorros, todos os requerimentos enviados pelas commissões paroquiaes, ou pelos commissarios, naõ havendo a commissaõ, deveraõ ser acompanhados por huma relaçaõ circumstanciada da situaçaõ do supplicante, assignada pelo Commissario do seu districto, ou bairro, com huma nota da somma, que suppozer se lhe deve dar cada semana, para remir as suas necessidades.

Para evitar aos Commissarios do districto o trabalho de fazer a sedula da informaçaõ dos pobres, que pedem os soccorros, se lhes poderiaõ dar modélos impressos semelhantes aos que se achaõ no Appendice num. 5. Esta qualidade de formulas póde ser adoptada para

ra muitos usos, na administraçaõ dos negocios dos pobres.

A respeito do modo porque a commissaõ suprema, e as commissões paroquiaes devem ser formadas, penso, que, qualquer que fosse a sua organizaçaõ, seria indispensavelmente necessario, para manter a boa ordem, e acordo entre todas as partes do estabelecimento, que hum dos membros de cada commissaõ paroquial, tivesse voto nas sessões da commissaõ suprema, como membro do conselho.

Para que todos os membros das commissões paroquiaes, fossem igualmente informados dos negocios geraes do estabelecimento, seria talvez a proposito, que cada hum delles assistisse, por sua vez, ás sessões da commissaõ suprema.

Pela mesma razaõ seria utilissimo convidar os commissarios de districto para que fossem cada hum por sua vez assistir ás sessões, da commissaõ paroquial, ou da commissaõ suprema, naõ havendo assembléas de Paroquia (1).

Naõ

(1) Esta medida teve em Munich o mais saudavel effeito: os Commissarios de districto lizongeados da distinçaõ, que se lhes concedia, empregaraõ infinitamente mais zelo, e assiduidade, no exercicio das suas funções: he verdade, que o emprego de Commissario de districto, para o estabelecimento dos pobres de Munich, he de grande importancia.

Naõ he porém o meu desejo, que se formem commissões paroquiaes, senaõ nas grandes, e populosas Cidades: todas as Cidades, que tiverem menos de cem mil almas, seria melhor dividillas em bairros, sem attender á extençaõ das Paroquias, e dirigir todos os negocios do estabelecimento por meio de huma só commissaõ. Esta fórma foi a que se adoptou em Munich, e o exito provou, que esta medida era igualmente facil, que util. He com huma especie de desconfiança, que me atrevo a propor a adopçaõ de hum plano, que naõ tem ainda a experiencia a seu favor.

Porém ainda que a Cidade seja dividida em districtos, ou bairros, será indispensavelmente necessario, que todas as casas sejaõ numeradas, e que se fassa huma lista exacta de todas as pessoas, que as habitaõ. A utilidade desta precauçaõ he assás evidente, para que necessite de explicaçaõ. He huma das primeiras medidas, que se devem tomar, para realizar hum plano de estabelecimento para os pobres; por que he taõ necessario conhecer os nomes, e os domicilios das pessoas, que soccorrem os pobres por subscripções voluntarias, ou por outro qualquer modo, como de estar informado do lugar, onde habitaõ os objectos desta caridade publica. Logo, esta medida he taõ necessaria para hum estabelecimento de

po-

pobres formado em huma pequena Cidade, ou Villa, como o he na Capital.

He provavel, que em muitos casos as leis do Paiz, onde se queira formar o estabelecimento dos pobres, ou certos usos, e costumes, que tem ainda maior influencia que as leis, poderaõ exigir algumas mudanças, e variações, que me he impossivel prever. Entre tanto creio, que os principios fundamentaes, que devem servir de base ao projecto de hum estabelecimento de pobres saõ fixos, e inalteraveis; e que estando-se bem imbuido nelles se acharaõ poucas difficuldades em introduzir o plano proposto prestando-se a devida attençaõ ás circunstancias locaes, que possaõ exigir algumas leves alterações.

CA-

CAPITULO III.

A direcçaõ geral dos negocios de hum estabelecimento naõ traz comsigo demasiado trabalho. Do melhor modo de tratar os negocios correntes, e da utilidade das fórmulas impressas. Qualidades que devem ter as pessoas, que estaõ encarregadas de hum estabelecimento para o soccorro dos pobres. Grande importancia desta materia. Imprudencia, e crueldade, que haveria em entregar a sorte dos pobres entre as mãos de pessoas, que elles naõ podem amar nem respeitar. Pessoas indicadas, como capazes de dar projectos para o soccorro dos pobres, e de contribuir de hum modo activo a sua execuçaõ.

QUalquer que seja o numero de districtos, que compoem huma Cidade, ou o numero de commissões empregadas na administraçaõ de hum estabelecimento, destinado para a protecçaõ dos pobres, he indispensavelmente necessario, que todos aquelles, que concorrem para o successo desta empreza, sejaõ pes-

soas de huma integridade conhecida: por que a mais intacta probidade he taõ necessaria ao administrador de hum estabelecimento de caridade publica, como a coragem he a hum general de exercito. Demoro-me sobre este ponto, por que, sendo todo o plano fundado nos soccorros, e auxilios voluntarios, que os particulares prestaõ, o seu successo depende da confiança illimitada, que o publico tem nas pessoas encarregadas da sua execuçaõ. Poderia tambem unir a este motivo, que o modo, por que tem sido administrados a maior parte dos estabelecimentos fundados até aqui na Europa, para o soccorro dos pobres, mostra, que naõ saõ absolutamente superfluas, as precauções, que recommendo.

As observações, que tenho feito sobre a importancia da escolha das pessoas, que se haõ de empregar, as quaes devem ser dotadas de huma integridade conhecida, para que possaõ estar á frente de hum estabelecimento destinado para o soccorro dos pobres; estas observações, digo, respeitaõ principalmente a necessidade de animar as pessoas abastadas, e o publico em geral, para que supportem huma semelhante instituiçaõ. Ha outra razaõ, talvez igualmente forte, que exige, que se naõ empreguem, senaõ pessoas do caracter mais respeitavel, na administraçaõ de

hum

hum estabelecimento de caridade publica, e he o bom effeito, que huma tal escolha produziria no espirito, e costumes dos pobres.

As pessoas reduzidas á indigencia, e necessitadas dos soccorros publicos, entraõ nos estabelecimentos, que lhes saõ destinados, com os espiritos abatidos pelas adversidades, e magoados pelos infortunios: pelo que, achando-se separados do resto do genero humano, sem esperanças de ver nascer dias mais felizes, se tornaõ afflictos, descontentes, e desconfiados naõ só dos seus superiores mas até dos companheiros: para evitar, que se naõ façaõ excessivamente desgraçados, he preciso tratallos com infinita doçura, e bondade, e attender á todas as circunstancias, que podem fazer a sua situaçaõ menos penosa. Quanto a mim nada contribue mais a socegar os espiritos de pessoas, que se achaõ em huma posiçaõ taõ infeliz, e desesperada, como he o serem recommendadas aos cuidados, e á protecçaõ de pessoas de hum caracter suave, e affavel, inclinado á beneficencia, e de huma probidade severa; pessoas em fim a quem os infelizes naõ possaõ deixar de amar, e respeitar, a pezar dos prejuizos, e desconfiança, de que a sua alma está imbuida.

Toda a pessoa, que tiver analyzado o caracter do espirito humano; e examinado com

attençaõ as circunstancias, de que depende a felicidade dos homens, deve saber, quanto influe para ella, o ter a alma encontrado hum objecto digno da sua affeiçaõ, e hum ente, a quem possa amar, estimar, e respeitar: este recurso he summamente necessario nos momentos de adversidade, e desacoroçoamento, em que se naõ divisaõ algumas esperanças, que alentem, e dem novos esforços para supportar as torturas da infelicidade.

Os pobres, que se achaõ reduzidos a miseria, depois de ter vivido em hum estado decente, e ter gozado de huma certa affluencia, saõ verdadeiramente dignos de lastima, a pezar de tudo, o que se póde fazer para os aliviar: estou certo que, reflectindo-se attentamente na situaçaõ destas pessoas, se deve ficar persuadido, que naõ podem já mais ser demaziados os esforços, e trabalhos, que se empregaõ em aliviar os seus males, e acalmar as agonias incuraveis, que os atormentaõ.

A esperança he o melhor remedio contra as infelicidades ordinarias da vida; porém que remedio se póde applicar a males, que naõ daõ esperanças de ser curados? e qual he a posiçaõ daquelles que estaõ separados, e excluidos para sempre da sociedade, e que naõ podem tomar parte nos negocios, que occupaõ os outros homens? As honras, as distin-

çõeſ,

ções, os louvores, a mesma propriedade; em huma palavra, todos os vehiculos de huma emulaçaõ louvavel, que excitaõ com tanta efficacia a actividade dos homens na sociedade civil, e contribuem taõ essencialmente para a felicidade, enchendo a alma de idéas agradaveis, e do prospecto de prazeres futuros, todos estes objectos naõ saõ, para esta classe infeliz, mais que palavras sem significaçaõ; ou, para melhor dizer saõ objectos que renovaõ todos os dias as suas lastimas, e augmentaõ o desgosto destes entes miseraveis.

Certamente naõ póde deixar de ser terrivel a nuvem, que offusca o espirito, quando se extingue de todo a esperança, este faxo da alma, que a illumina, e que a mantem, pondo em acçaõ todas as suas faculdades!

Ha na verdade muitas pessoas que, por indolencia, e por huma serie de extravagancias, ou de habitos viciosos, cahem em necessidade, e pobreza, e vem a ser deste modo pezados ao publico, sendo assás vis, e bastante corrompidos para naõ serem affectados pela sua situaçaõ: estes miseraveis merecem dos homens bemfeitores hum gráo particular de compaixaõ: devem ser muito infelizes, pois que se tem já familiarizado com o vicio; e naõ se devia desprezar meio algum, que os pudesse reconduzir a virtude. Nada poderia contribuir

pa-

para isto mais efficazmente do que o bom tratamento, que lhes dessem as pessoas, a quem elles deviaõ aprender a amar, e respeitar.

Perdoem-me, se me tenho estendido demaziado nesta materia. Estou taõ capacitado, e taõ influido da importancia do objecto, que trato, que excedo os limites, á que pertendia restringir-me, e me faço diffuso, ao mesmo tempo que desejo evitar ao leitor até o mais leve fastio. O soccorro dos pobres me parece de taõ grande importancia, que espero terá desculpa a minha prolixidade. Penso, que este objecto comprehende hum dos deveres mais sagrados, impostos ao homem na sociedade; huma das obrigações notadas pelas mãos do mesmo Deos, que já mais deixa impune a sua negligencia.

O que tenho dito a respeito das qualidades necessarias aos que devem tomar á seu cargo o cuidado dos pobres, naõ deverá obstar a que pessoas bem intencionadas, e que desejem cooperar para huma empreza taõ util, apresentem os seus projectos para hum estabelecimento publico, que preencha estes fins; ou a que concorraõ para ser empregados na administraçaõ dos negocios. He licito a todos os homens confessar, que possuem as qualidades, que tenho indicado, a probidade, as disposições humanas, e bemfeitoras, a honra,

hum

hum coraçaõ sensivel, e generoso, sem que por isso se possaõ accusar de vaidade, ou ostentaçaõ. Se os particulares, que se achaõ em huma esphera hum pouco elevada, devem em alguma circunstancia vencer a sua modestia, e timidez, he incontestavelmente quando os seus cuidados, e esforços podem contribuir para augmentar o bem da sociedade.

He bem conhecido o proverbio vulgar, que *ninguem se importa com aquillo, que importa a todos.* Muitos projectos, que tendiaõ evidentemente ao bem publico, foraõ desprezados, por falta de hum individuo, que se determinasse a apparecer primeiro, e sustentar a empreza. Eis aqui sem duvida o que succedeo a respeito de muitas propostas sabias, e bem combinadas, que tendiaõ ao alivio da pobreza, e provavelmente ainda acontecerá o mesmo para o futuro. Eu me proponho a mostrar que, ainda que as pessoas de todos os estados sejaõ obrigadas a sustentar, e favorecer as emprezas, que interessaõ o bem da sociedade; comtudo, quando se trata de introduzir medidas, taes quaes as que proponho, que se adoptem para o soccorro dos pobres, saõ muito principalmente certas pessoas as que, pela sua graduaçaõ, e posiçaõ, devem ser as primeiras a pôr-se á frente desta empreza, e a conduzilla ao seu ponto de perfeiçaõ; e estas

pes-

pessoas devem igualmente superintender a administraçaõ, e conducta dos negocios, logo que o estabelecimento se forme: A natureza, e fim desta empreza, daõ bem a conhecer, quaes saõ as pessoas, que devem mais particularmente dar o exemplo em semelhantes occasiões.

Reflectindo se, que o alivio da pobreza he hum objecto de grande importancia para toda huma Naçaõ, pois que tem relações inseparaveis com a paz, e tranquilidade da sociedade, e com a gloria, e prosperidade do Estado; que os particulares se aproveitaõ das vantagens do bem publico á proporçaõ do capital que tem nos fundos nacionaes; isto he á proporçaõ da sua graduaçaõ, e prosperidade de que gozaõ; e da influencia, que tem no Governo: reflectindo-se quaõ justo he que cada hum contribua á proporçaõ das vantagens que tira da boa ordem da sociedade; fica evidente quem saõ os que devem apparecer primeiro como chefes, em semelhantes circumstancias.

O maior interesse, que tem no bem publico as pessoas compicuas em graduaçaõ, de grandes propriedades, ou empregadas nos lugares do Governo, naõ he a unica razaõ; por que elles saõ obrigados a sustentar as medidas, que se dirigem ao soccorro das pobres; ha outra consideraçaõ que faz o seu concurso absolu-

tamente necessario ao apoio destas medidas, e vem a ser a influencia, que o seu exemplo tem sobre os outros homens.

He impossivel obstar a que a massa da especie humana seja levada pelo exemplo daquellas pessoas, que se olhaõ como existentes em classe superior: convem logo, que todos aquelles, que gosaõ de alguma distinçaõ, ou de algum privilegio, empreguem a influencia, que lhes dá a sua graduaçaõ, e fortuna em estender os limites do bem publico. Póde dizer-se, que esta obrigaçaõ he de huma especie particular, que he hum serviço pessoal addido á graduaçaõ, que tem na sociedade, e que se naõ podem dispensar de preencher pessoalmente.

Porém se as pessoas de graduaçaõ, e os proprietarios estaõ ligados taõ estreitamente á obrigaçaõ de sustentar as medidas adoptadas para o soccorro dos pobres; quanto mais obrigatorio naõ será este dever a respeito daquelles, que tomaraõ sobre si a respeitavel obrigaçaõ de dar preceitos de moral, e de virtude! A respeito dos ministros da santa Religiaõ; desta Religiaõ sublime, cujas leis primordiaes inculcaõ a caridade, e a beneficencia, e cujo fim principal he, sem contradiçaõ, o estabelecimento da paz, e do bem da sociedade!

Se ha homens, a quem particularmente compita occupar-se com o alivio da pobreza, e con-

solaçaõ dos afflictos; se ha pessoas a quem os deveres do seu estado obriguem a animar os actos da caridade geral, por todos os meios possiveis, e principalmente pelo seu exemplo, estes saõ sem duvida os ministros do Evangelho. A natureza das funções que, elles exercem, lhe daõ tal influencia, que o seu exemplo he da maior importancia.

Espero que naõ será necessario empregar meios de persuasaõ, para induzir o clero de qualquer paiz que seja, a contribuir com grande diligencia, e zelo para o soccorro dos pobres, e para o seu conforto, e felicidade, introduzindo entre elles a ordem, e industria.

Os magistrados civis saõ tambem do numero daquelles que, pelo emprego, que exercem na sociedade, e pelo conhecimento, que tem das leis do paiz, podem ser utilissimos ao bom exito de huma semelhante empreza: qualquer que seja a organizaçaõ da commissaõ, que deve dirigir, e administrar os negocios dos pobres, sou de opiniaõ, que o primeiro magistrado da cidade, em que se formar semelhante estabelecimento, deve ser hum dos membros desta commissaõ. O ecclesiastico, que occupar a primeira dignidade deve igualmente ter nella hum lugar, e se este for hum Bispo, ou Arcebispo, a sua presença será ainda mais necessaria.

Po-

Porém como as pessoas que occupaõ lugares muito importantes, quer na Igreja, quer na administraçaõ civil, podem estar sobrecarregados com as occupaçõe dos seus empregos, e naõ ter tempo bastante para se empregar em outros negocios; he conveniente que se estas pessoas distinctas se quizerem encarregar da administraçaõ de hum estabelecimento para o alivio da pobreza, se façaõ ao mesmo tempo acompanhar por pessoas de sua escolha, que as possaõ ajudar. O Bispo, por exemplo, pelo seu esmoler; o magistrado pelo seu secretario, o homem de qualidade, ou o cavalheiro pelo seu filho, ou seu amigo, etc. Porém nas pequenas Cidades, em que ha duas, ou tres parochias, e particularmente nas villas, e aldéas, em que ha sómente huma, ou duas parochias, será justo que os negocios dos pobres sejaõ administrados pelos membros da Commissaõ, sem que façaõ uso de ajudantes; por que, neste caso, os negocios naõ podem ser nem extensos, nem complicados; tanto assim que até nas grandes Cidades, sempre que o estabelecimento dos pobres esteja regulado por hum bom plano, poderaõ estar de tal modo repartidas pelos commissarios dos bairros todas as partes da administraçaõ, ainda nas cousas mais minuciosas, que os membros da commissaõ suprema naõ tenhaõ outro empre-

go senaõ possuir as rédeas do governo, e dirigir os movimentos da maquina. Mas he preciso para isto, que a uniformidade mais perfeita reine em todos estes movimentos, sem o que depressa viriaõ a confusaõ, e a desordem; o que faz absolutamente necessario, que a direcçaõ geral parta do centro.

Os commissarios dos bairros podem ter a seu cargo a inspecçaõ dos pobres, o cuidado, que delles se deve ter em caso de enfermidade, a distribuiçaõ das esmolas, e dos vestidos, e a collecta do producto das subscripções, ou somas, com que os habitantes concorrem. Quanto ás particularidades, relativas ao trabalho, em que se devem empregar os pobres, e ao seu mantimentõ, estas podem ser dirigidas por particulares: deste modo as funçõe da commissaõ suprema se limitaraõ simplesmente a huma superintendencia geral.

He verdade, que a commissaõ deverá dicidir as petiçõe dos pobres, que solicitarem soccorros; mas como estes requerimentos devem ser acompanhados de huma relaçaõ circunstanciada da posiçaõ do supplicante, da quantidade, e qualidade de soccorros, que lhe saõ necessarios, certificado isto pelo commissario do bairro, em que o pobre reside, e pela commissaõ parochial, no caso de a haver, será tal o ponto de clareza, em que a materia se deve achar,

char, que a commissaõ suprema naõ terá difficuldade em saber differir, ou escusar o requerimento, e determinar os soccorros, que julgar convenientes.

Estes soccorros consistiráõ em huma certa soma de dinheiro, que o commissario de bairro deve entregar todas as semanas ao supplicante, tirada esta soma dos fundos do estabelecimento; ou sómente em parte da distribuiçaõ do paõ, ou alguns vestuarios, que se deveraõ designar expressamente, ou finalmente em huma ordem para fornecer ao supplicante mantimento, vestuario, e lenha, seja pela cozinha, seja pelos armazens do estabelecimento, pelo preço primitivo do seu custo; o que será hum soccorro real, e effectivo, que o deve pôr em circunstancias de naõ ser pezado ao publico.

Este ultimo expediente, que proponho de soccorrer os pobres, que he fornecer-lhes os objectos das necessidades physicas por hum preço inferior áquelle, por que se vendem ao publico, he hum ponto taõ attendivel, que espero entrar ao depois em todas as suas miudezas.

Quaesquer que sejaõ os soccorros que se pedirem á commissaõ, se lhe entregaraõ sempre duas copias do requerimento, para que, escrevendo-se em ambos elles o despacho, se possa re-

remetter huma das copias, e ficar outra depositada no archivo da commissaõ; de maneira que o negocio se expressa com toda a brevidade, e sem que seja necessario que a commissaõ dê novas ordens.

Já fallei da utilidade das formulas impressas para os requerimentos, respostas, etc., que se fazem necessarias no corrente dos negocios de hum estabelecimento em favor dos pobres, e tomo a liberdade de recommendar agora, outra vez, o uso geral dellas. Aquelles que ainda naõ experimentaraõ o uso destas formulas impressas naõ podem conhecer quaõ necessarias saõ para manter a ordem, e facilitar a expediçaõ dos negocios. A ordem perfeita que tem reinado no vasto estabelecimento da casa de industria dos pobres de Munich, desde a sua existencia até o presente, he devida mais ao uso destas fórmulas do que á outra nenhuma causa.

Estas fórmulas impressas naõ sómente se empregaõ nos negocios do estabelecimento, como saõ os requerimentos, respostas, listas dos pobres, e sua descripçaõ, lista dos habitantes, que saõ assignantes para o sustento dos pobres, as letras sobre o banqueiro, ou thesoureiro do estabelecimento; mas tambem servem para as relações das collectas, que os commissarios dos bairros fazem todos os me-

zes

zes ; para as contas que estes commissarios daõ das despezas extraordinarias feitas para soccorrer aquelles , que tem necessidade de hum soccorro instantaneo ; para a receita do banqueiro ; e até para os mesmos livros , que se guardaõ no estabelecimento por onde se confere a receita com a despeza.

Naõ he possivel dar huma indicaçaõ geral sobre a fórma destes modelos , pois que isto depende em grande parte de circunstancias locaes ; mas devem se , geralmente fallando , adoptar as formulas mais claras , e mais laconicas : he tambem necessario que cada objecto particular esteja disposto de modo , que o contheudo se possa facilmente copiar nas contas , e nas taboas geraes , segundo a natureza da cousa : além disto he necessario ter o cuidado de fazer imprimir os modelos em fórma ; e proporçaõ tal , que se possaõ facilmente dobrar , e emmassar , para se conservarem nos archivos do estabelecimento.

CA-

CAPITULO IV.

Da necessidade de medidas efficazes para introduzir o espirito de industria entre os pobres, formando hum estabelecimento para o seu amparo, e soccorro. Meios, que se podem empregar para este fim, e para a formaçaõ de hum estabelecimento, em que se possaõ alimentar os pobres.

HE da maior importancia, quando se fórma hum estabelecimento para o soccorro, e amparo dos pobres, que se tomem medidas efficazes para lhes introduzir o espirito de industria; por que he certissimo, que *todo o dinheiro, ou outros soccorros quaesquer, distribuidos aos pobres, e que naõ tendem a fazellos industriosos, deveraõ produzir hum effeito contrario animando, e favorecendo a ociosidade, e o vicio.* E como o merecimento de huma acçaõ se naõ póde determinar, senaõ pelo bem, que ella produz, a beneficencia de huma acçaõ senaõ deve calcular pelos milhões, que produz a taxa para os pobres, mas pelo trabalho, que se toma em empregar de maneira conve-

veniente ôs dinheiros, que se cobraõ dos particulares.

Empregar os pobres em hum trabalho util, e fazellos ao mesmo tempo industriosos, he hum problema de economia politica, que até aqui se naõ tinha resolvido; he logo conveniente desenvolver esta materia taõ interessante.

O grande erro, que se tem commettido em todas as emprezas até agora experimentadas para introduzir o espirito de industria em lugar da ociosidade habitual, tem sido o uso intempestivo, e demasiada frequencia de medidas coactivas; isto em lugar de corrigir as pessoas, que se pertendiaõ tornar a trazer a ordem, naõ fez mais que desgostallas, e irritallas desde os primeiros momentos. O constrangimento naõ produzirá já mais o effeito desejado; em semelhantes circunstancias deve usar-se de astucia, e naõ de força. Os meninos, postos sobre bancos elevados em torno da sala, onde trabalhava a mocidade, que estava empregada na casa de industria de Munich, obrigados a ser espectadores ociosos desta scena interessante, choravaõ amargamente se lhe naõ permittiaõ descer dos seus lugares, e metter-se na classe dos meninos, que trabalhavaõ; mas com toda a probabilidade teriaõ gritado deploravelmente se os tivessem de subito ar-

rancado dos seus lugares para os obrigar a trabalhar.

Os homens naõ saõ outra cousa mais do que meninos grandes; e as pessoas encarregadas de os governar naõ deveraõ perder já mais de vista esta verdade interessante.

As pessoas, que desejaõ fazer bem, ou tirar hum partido util da especie humana, devem manejar com summa precauçaõ, e sagacidade a repugnancia, que tem os homens de todas as classes, em soffrer qualquer reprehençaõ; e ao mesmo tempo naõ atacar directamente o zello, e perseverança, com que estaõ dispostos a defender a sua liberdade pessoal, e a sua independencia.

Tem-se dito, e repetido muitas vezes, que os pobres saõ viciosissimos, e intimamente corrompidos, e que por tanto só a força os poderia fazer voltar á obediencia, e mantellos na ordem; mas deveria antes dizer-se que, visto serem os pobres viciosos, e corrompidos, he necessario evitar de lhes fazer violencia alguma para que naõ succeda revoltallos, e tornallos incorrigiveis.

Os que se empregaõ a domar os cavallos selvagens, e bravios, criados nos bosques de Düsseldorff, que pertencem ao Eleitor Palatino, naõ empregaõ já mais a força para fazer estes animaes brandos, e doceis. Daõ huma gran-

grande volta antes de se aproximar a elles, e empregaõ antes a astucia, que o constrangimento para os conduzir á situaçaõ, em que os desejaõ ter : depois disto continuaõ ainda a tratallos com infinita doçura, tendo provado a experiencia, que a aspereza naõ deixava já mais de lhes causar o aborrecimento dos homens, fazellos manhosos, e excessivamente viciosos. Supporaõ talvez, que tenho idéas chimericas, e fantasticas, quando asseverar que, tendo prestado huma attençaõ particular aos meios, que empregavaõ os moços de estrebaria para ganhar a confiança destes animaes, e ensinallos a amar as pessoas, que se aproximavaõ delles, ou das suas estrebarias, e mangedouras; me capacitei de ser bem succedido se fizesse uso de iguaes meios para domar estes animaes selvagens, que fazem parte da especie humana, e que eu tinha emprendido fazer brandos, obedientes, e doceis.

Quando se projecta introduzir o espirito de ordem, e industria nas pessoas viciosas, e estragadas, he necessarissimo naõ sómente evitar todo o máo tratamento, que, como já observei, naõ serviria senaõ a irritallas, e afferrallas mais no vicio, mas igualmente animar, e recompensar todas as acções, que anunciassem huma mudança nos seus costumes.

Algumas vezes será indispensavel punir

aquelles, que mostrarem huma obstinaçaõ decidida; porém já mais se deveria recorrer á severidade, antes que se tivesse experimentado, que a bondade, e a doçura, naõ produziriaõ algum effeito. He preciso, que o culpado veja, que tem merecido o castigo, e he necessario fazer-lho conhecer, quando este se lhe infligir: mas para que a pena tenha o effeito desejado, e que pelo contrario naõ sirva de irritar a pessoa, que a recebe, ou excitar-lhe na alma sentimentos de odio, e de vingança, em vez de a dispôr a reflexões serias: he tambem necessario, que seja administrada sem ira, e solemnemente, e que naõ discontinue senaõ depois, que apparecerem os primeiros symptomas de mudança nos costumes, e conducta.

Que prudencia, e precauçaõ naõ saõ necesarias na distribuiçaõ dos premios, e castigos; e entretanto como he raro, que se attenda a estes objectos taõ importantes!

Os premios, e castigos saõ os unicos meios, que se podem empregar, para governar os homens, e para os conter: com tudo he demaziado frequente ver, que estes se distribuem com negligencia, imprudencia, e muitas vezes da maneira menos conveniente; que se confundem sem motivo; que se applicaõ fóra de proposito; e, o que he ainda

da peior, que se empregaõ como hum vehiculo das mais vis, e mais sordidas paixões.

Todas as desordens, que reinaõ na sociedade, podem ser attribuidas á má applicaçaõ dos premios, e castigos. He ao abuso destes meios, que se deve a existencia da pobreza da miseria, e da mendicidade em quasi todos os paizes da Europa, particularmente na Gran-Bretanha, que em razaõ da fertilidade do terreno, da abundancia de combustivel, do estado florecente das manufacturas, da extençaõ do commercio, e de milhões de geiras de terra sem cultura, poderia offerecer huma occupaçaõ util a todos os seus habitantes, e ter huma populaçaõ muito mais numerosa.

Mas em vez de animar os esforços da industria, de assistir, e soccorrer os enfermos, e desgraçados, unicos objectos de compaixaõ, os meios, que se destinavaõ para estes fins, saõ taõ mal applicados, que só servem de recompensar a ociosidade, e manter o vicio. Quanto mais contribuições se impõem á classe abastada da sociedade, para o fim de soccorrer os pobres, mais se anima a sua depravaçaõ, a sua insolencia, e a sua importunidade desenfreada.

Naõ se póde dissimular a propensaõ natural, que o homem tem para a preguiça, e in-

do-

dolencia; e ainda que o habito de estar occupado em objectos de industria lhes possa fazer imaginar facil, e agradavel, o que de antes lhe era penoso, e enfadonho; com tudo em qualquer situaçaõ, que o homem se ache, senaõ occupará em huma cousa util, sómente pelo puro amor do trabalho. He para evitar males maiores, ou pela esperança de gozar algum prazer, que os homens se determinaõ a ser industriosos.

No estado da simples natureza, ou entre as nações selvagens, os homens tem poucas necessidades, e podem satisfazellas sem commetter crimes: a industria, nesta situaçaõ, naõ he necessaria, e a indolencia naõ póde ser considerada como hum vicio: mas na sociedade civil, quando a populaçaõ he consideravel, e que os meios de subsistencia senaõ podem adquirir sem trabalho, ou sem usurpar dos seus semelhantes o fructo da sua industria, a ociosidade he hum crime, cujas consequencias saõ funestas, e por consequencia da natureza a mais odiosa; e se deviaõ empregar todos os meios possiveis para a desanimar, punir, e acautelar.

Vemos que a natureza sempre attenta a applicar o remedio aos males, que os progressos da sociedade poderiaõ occasionar no mundo, achou hum para a preguiça, depois

que o estado de sociedade a fez hum vicio, e naõ antes. O castigo he conveniente á natureza do vicio; impede que se propague, e acautela as consequencias perniciosas, que poderia ter. Este castigo he a *necessidade*, o remedio mais efficaz para o mal; se a *sabedoria humana* lhe naõ quer contrariar os effeitos, e prevenir esta saudavel vantagem.

Porém deixando para o diante desenvolver ainda mais este objecto, de que trato, e de indicar os meios, que se devem adoptar para animar a industria, tratarei por agora de provar em poucas palavras, como se poderia formar, e executar hum plano, para extinguir, e pôr termo á mendicidade, e introduzir nos pobres o espirito de industria, mesmo em circumstancias as menos favoraveis.

Vejo-me obrigado a fazer hum grande circuito para chegar ao meu fim, porém he necessario lembrar, que quando se trata de applicar as forças humanas, para levantar hum pezo consideravel, he preciso estar provido de grande numero de máquinas, e que só a reuniaõ dos esforços de muitas potencias, podem conseguir o objecto, que se deseja. He tambem necessario lembrar, que huma máquina naõ póde obrar, sem que se lhe applique huma força sufficiente, para vencer a força de inercia, e o attrito; do mesmo modo nenhum a-

gen-

gente moral se póde decidir a obrar, para obter qualquer fim, sem que tenha motivos sufficientes; quero dizer, sem motivos, que a pessoa, que tem de obrar, julgue de hum pezo assás grande, naõ sómente para decidir a sua opiniaõ, mas tambem para vencer a sua indolencia.

O fim, a que se propõem o soccorro dos pobres, e os cuidados, que se empregaõ em os trazer contentes, e fazellos felizes, infundindo-lhes o espirito de industria, naõ póde deixar de obter o voto de todo o homem bem intencionado. Mas eu supponho, que sómente a convicçaõ da utilidade desta medida naõ póde vencer a indolencia do publico, e induzillo a tomar huma parte activa na empreza; porém como, em todos os tempos, e em todas as posições os homens se tem disposto a fazer, o que suppunhaõ ser do seu interesse, se produzindo hum projecto de utilidade publica, se empregarem os meios proprios para despertar a curiosidade, e fixar a attençaõ do publico, naõ ha duvida, que se alcançará a possibilidade da execuçaõ.

Para se apresentar este plano aos olhos do publico, e tomar as medidas previas á sua execuçaõ, he indispensavelmente necessario, que se tenha hum perfeito conhecimento dos homens, e particularmente dos meios, que

os

os põem em áccaõ, segundo o gráo de civilizaçaõ, ou de apuramento politico, ou de corrupçaõ da Sociedade; mas com este conhecimento, e com hum certo gráo de zelo, astucia, prudencia, e perseverança, ha poucos projectos, em que hum homem estimavel, e de qualidades se interesse vivamente, que se naõ possaõ executar em qualquer paiz.

Seria util fazer ver, ao mesmo tempo, que se propunha ao publico hum estabelecimento deste genero, que as pessoas, que se convidavaõ para concorrer na execuçaõ deste plano, naõ tirariaõ sómente grande prazer, e satisfaçaõ, mas outras vantagens reaes; porque já mais seriaõ demaziados os cuidados, que se tomassem em interessar o publico individual, e directamente no bom exito das medidas, que devem contribuir para o bem da sociedade.

As proposições seguintes, que eu supponho deverem ser feitas por alguma pessoa distincta, e de hum caracter respeitavel, e que tenha coragem bastante, para se entregar a huma empreza taõ espinhosa, explicaraõ claramente as minhas idéas a este respeito. Pertence ao Leitor o decidir se saõ, ou naõ bem fundadas. Quanto a mim estou de tal modo persuadido, que o plano que proponho histo-

ricamente para servir de exemplo, he susceptivel de huma perfeita execuçaõ, que naõ hesitaria em emprender esta tarefa, se naõ tivesse todos os momentos taõ empregados, como tenho.

PLA;

PLANO

Para formar, por meio de assignantes particulares, hum Estabelecimento para dar de comer aos pobres; para os empregar utilmente; e para fornecer os artigos necessarios por preços commodos, e baratos, aos que necessitarem deste soccorro. Reuniaõ de outro Estabelecimento para fazer conhecer, e diffundir o uso de novas invençõe, e novas descubertas particularmente daquellas, que disserem respeito á propagaçaõ do calor, e economia dos combustiveis; e de outras invençõe mecanicas, que podem augmentar o conforto, e economia domestica.

Apresentado ao Publico por A. B.

» A Pessoa que faz estas proposiçõe, de-
» clara solemnemente, na face de toda a ter-
» ra, que nenhumas vistas de interesse o obri-
» garaõ a fazellas: que nenhum outro motivo
» o determina, senaõ o desejo de fazer bem,
» de augmentar a felicidade, e prosperidade
» da sociedade, e a honra, e fama da sua

» Patria; que naõ pedirá, nem acceitará já
» mais algum salario, algum donativo, algu-
» ma recompensa, de qualquer natureza, ou
» de qualquer pessoa, que esta venha, a ti-
» tulo dos seus serviços, ou pelo trabalho,
» que poderá ter na execuçaõ do projecto que
» apresenta, ou de qualquer das suas partes,
» ou de qualquer cousa que possa fazer, ou
» emprender para o futuro, e que possa ter
» alguma relaçaõ com as suas differentes re-
» partiçôes, ou accessorios.

» Obriga-se mais a naõ se aproveitar de
» nenhuma occasiaõ, que se lhe possa apre-
» sentar, durante a execuçaõ deste plano,
» para tirar algum proveito, emolumento, ou
» vantagem qualquer para si, seus amigos,
» ou conhecidos. Mas pelo contrario se obri-
» ga a ser pessoalmente responsavel ao pu-
» blico, e particularmente aos assignantes,
» que nenhuma pessoa achará meios de fa-
» zer alguma especulaçaõ de utilidade pelo
» estabelecimento proposto, nem por nenhu-
» ma de suas partes, ou da sua administra-
» çaõ, em quanto a pessoa, que faz estas
» proposiçôes estiver dirigindo os negocios.

» A respeito dos objectos particulares, e
» da extençaõ do estabelecimento proposto,
» se podem ver as suas circumstancias mais
» pelo miudo junto a estas proposiçôes: quan-

to

» to a sua utilidade, ninguem a póde ques-
» tionar. Estas proposições tem certamente
» por fim contribuir ao conforto, felicidade,
» e prosperidade da sociedade; ellas farõ
» honra á Naçaõ, e aos particulares, que
» quizerem concorrer para as effeituar.

» A possibilidade da execuçaõ do plano
» proposto, e a facilidade com que se póde
» pôr em prática será facil de conhecer, e fi-
» cará patente, quando se designar o modo,
» e methodo de o conseguir.

» Logo que o producto das somas, com
» que entrarem os assignantes, for sufficien-
» te para obter o fim proposto, o author des-
» te Plano convocará vinte cinco pessoas, de
» entre os assignantes, que tiverem entrado
» com maiores somas, os quaes se ajuntaraõ
» para examinar a lista dos assignantes, e para
» nomear a escrutinio huma commissaõ, com-
» posta de cinco pessoas intelligentes de archi-
» tectura, e habituadas a rever contas, que rece-
» baõ as entradas dos assignantes, e superinten-
» daõ a execuçaõ do plano. Esta commissaõ es-
» colhida de entre todos os assignantes será au-
» thorizada para examinar todas as construcções
» necessarias á formaçaõ do estabelecimento;
» cuidar em que sejaõ bem executadas, e por
» conveniente preço; aprovar as avaliações,
» os contratos, e compras dos materiaes; veri-

» fi-

» ficar, e rever todas as contas, e memorias
» relativas á execuçaõ do plano, e ordenar os
» pagamentos.

» O arranjamento geral, e a disciplina do
» estabelecimento, e suas partes seraõ con-
» fiadas ao author deste plano, que ficará res-
» ponsavel pelo seu bom exito. Com tudo el-
» le se obriga solemnemente a ligar-se fiel-
» mente ao plano que propõem, e de senaõ
» apartar delle já mais.

» Quanto á escolha do lugar em que se
» deve construir o edificio para o estabeleci-
» mento, se tomará hum terreno, que fique
» na posiçaõ mais central da cidade, que for
» possivel; e em situaçaõ conveniente para
» se poder obter por preço commodo, hum
» chaõ assás grande para a execuçaõ do pla-
» no (1). O contrato de aquisiçaõ, compra,
» ou emphyteuse, no caso de a haver, deve
» ser apresentado, e aprovado pela commis-
» saõ, bem como todos os outros mercados.

» A ordem que se propoem seguir na exe-
» cuçaõ das differentes partes do plano será
» a seguinte. Estabelecer-se-ha primeiramen-
» te huma cozinha publica, para dar de co-
» mer aos pobres, que forem recommenda-
» dos

(1) Seria conveniente que se designasse no Plano o lugar, que se pertendia escolher.

» dos pelos assignantes, para que se lhe
» dem soccorros.

» A comida constará de quatro iguarias
» differentes, a saber:

» Num. 1. Huma sopa substancial, com-
» posta de cevada, ervilhas, batatas, e paõ:
» temperada com sal, pimenta, e ervas de
» adubar. Tres quartos de canada, ou o pe-
» zo de 20 onças, poderá custar *dous soldos*.

» Num. 2. Huma boa sopa de ervilha bem
» temperada, com pedaços de paõ frito: a
» porçaõ que pezar 20 onças, poderá custar
» *quatro soldos*.

» Num. 3. Huma sopa nutriente de ce-
» vada, ervilhas, e batatas, convenientemente
» temperada, com paõ frito, duas onças de
» toucinho cozido, cortado em pequenos pe-
» daços, e misturados na sopa; a porçaõ de
» 20 onças por *oito soldos*.

» Num. 4. Huma boa sopa de carne co-
» zida, batatas, couve, cenoura, e hum quar-
» to de paõ de centeio; á porçaõ *doze soldos*.
» Haverá proximo á cozinha quatro refeito-
» rios grandes, onde se ministráraõ todos os
» dias huma das quatro sobreditas iguarias.

» Perto do refeitorio haverá outras salas
» agradaveis, e asseadas, claras, e aqueci-
» das, onde os pobres, que frequentaõ o es-
» tabelecimento, poderaõ estar de dia, e até

» cer-

» certa hora da noite. Devem induzir-se, e » animar-se a que tragaõ para estas sallas o » seu trabalho; e pelo tempo em diante se » lhe hiraõ dando ferramentas, e materiaes » crus, para que trabalhem por sua conta. » Aquelles, que se distinguirem pela sua in- » dustria, e por huma conducta regular, e » soccegada, seraõ publicamente applaudi- » dos, e recompensados.

» A construcçaõ da cozinha deve ser cal- » culada, para se aproveitar nella de todas as » descubertas, e melhoramentos uteis, que » possaõ economisar o combustivel, simplifi- » car a preparaçaõ dos alimentos, e fazella » menos dispendiosa. Este arranjamento me- » canico será o mais completo, e perfeito » que for possivel; para que possa servir de » modélo. Deve igualmente haver cuidado » em que a construcçaõ do refeitorio, e das » outras sallas do estabelecimento, seja pro- » videnciada com cheminés ingenhosamente » construidas, estufas economicas, tubos de » calor, e outras invençõe mechanicas, pa- » ra aquecer os quartos, e corredores. Ser- » vir-se-haõ dos melhores lampiões economi- » cos, da figura mais elegante: em huma pa- » lavra, deveraõ reunir-se em todas as partes » deste estabelecimento, todas as invençõe » uteis, e agradaveis, que o possaõ fazer naõ

» só-

» sómente hum objecto de curiosidade, mas
» de huma utilidade a mais extensa, e a mais
» real.

» Ainda que naõ seja possivel formar hum
» estabelecimento assás vasto, para soccorrer
» todos os pobres de huma Cidade populosa,
» com tudo póde fazer-se assás consideravel
» para fornecer hum asylo a grande numero
» de infelices. Este espectaculo, taõ patheti-
» co, como interessante, naõ póde deixar
» de mover a curiosidade do publico; e ha
» razões de esperar, que o bom exito da ex-
» periencia, e o fim das medidas, que se
» adoptaraõ para o conforto, e beneficio da
» sociedade, induziraõ muitas pessoas a for-
» mar estabelecimentos semelhantes em ou-
» tras partes. Até ha probabilidade, que o
» bom exito deste primeiro ensayo, o qual se
» deve limitar exactamente a grandeza dos
» meios, que se puderem obter, induzirá
» muitas pessoas, que naõ foraõ assignantes
» ao principio, a prestar soccorros, com que
» se augmente o estabelecimento, e se faça
» mais geral a sua utilidade.

» No caso de que esta esperança se rea-
» lize, será possivel estabelecer para o fu-
» turo em cada paroquia cozinhas secundari s
» com quartos adjacentes, destinados a rece-
» ber os pobres: e logo que se tivesse exe-

» cutado este projecto naõ haveria mais, que
» hum passo a dar para estabelecer o syste-
» ma da economia, e arranjamento para os
» pobres.

» Poder-se-hia abolir inteiramente a taixa
» para os pobres, e substituilla pelas offertas
» voluntarias dos assignantes, que naõ chega-
» riaõ certamente á metade daquillo, que pro-
» duz actualmente a taixa, e seria bastante
» para formar hum estabecimento geral para
» o soccorro, e alivio dos pobres desta capi-
» tal.

» Entretanto deve-se observar, que se-
» gundo a intençaõ do author deste plano,
» aquelles que tem contribuido para formar
» o primeiro estabelecimento, que deve ser-
» vir de modélo aos outros estabelecimentos,
» destinados a sustentar, e occupar os po-
» bres, seraõ já mais importunados com no-
» vas solicitações; longe disto tomar-se-haõ
» as medidas proporcionando a extençaõ da
» empresa ao producto das contribuições dos
» assignantes, para que huma vez, formado o
» estabelecimento, se naõ tenha necessidade
» de outro algum soccorro da parte dos mes-
» mos assignantes. Se alguns delles, de seu
» moto-proprio, quizerem accrescentar alguns
» donativos ás suas contribuições, estes no-
» vos soccorros seraõ recebidos com todo o

» re-

» reconhecimento, e se empregaráõ segundo
» o destino geral, ou particular, que elles
» determinarem; mas os assignantes podem
» estar seguros, que ninguem os importuna-
» rá com novos petitorios, que possaõ ter re-
» laçaõ com a empreza, debaixo de qualquer
» pretexto que seja.

» Hum dos objectos secundarios do esta-
» belecimento, e de que se cuidará imme-
» diatamente, antes de se executar o proje-
» cto de sustentar os pobres, e de os empre-
» gar utilmente; he a construcçaõ de hum
» vasto deposito, para toda a qualidade de
» máquinas uteis, e particularmente daquel-
» las, que podem servir no interior das ca-
» sas, e que dizem respeito ás commodida-
» des, e economia domestica.

» Hum deposito deste genero será naõ
» sómente interessante, como objecto de cu-
» riosidade; mas além disso será realmente
» util, e contribuirá poderosamente a animar
» as invençõeś importantes.

» Para que esta parte do estabelecimen-
» to fique ainda mais perfeita, se faraõ pre-
» parar salas destinadas, para nellas se guar-
» darem, e mostrarem ao publico todas as
» novas invençõeś uteis, que se fizerem tan-
» to no paiz, como nas naçõeś estrangeiras,
» e que forem enviadas ao estabelecimento.

» A cada peça se porá hum rotulo, alguma cousa circunstanciado, e que mostre » naõ só o seu nome e uso, mas o nome » do inventor, o lugar em que se acha de » venda, o seu preço; para instrucçaõ daquelles, que desejarem extender os seus » conhecimentos.

» Se o producto das contribuições dos assignantes for sufficiente, para supprir a despesa addicional, que occasionaria este novo arranjamento, entaõ se deveriaõ preparar modélos, reduzidos a pequenas proporções, para fazer ver o modo, porque se » podiaõ aperfeiçoar as caldeiras, e alambiques, de que se servem nas fabricas de cerveja, e na distilaçaõ dos espiritos; igualmente as correcções, e melhoramentos, » que se podem fazer nas suas fornalhas tanto para a economia do combustivel, como » para a facilidade no maneio.

» Devem tambem construir-se cozinhas » da grandeza ordinaria, fornecidas com todos os seus instrumentos, destinados a servir de modélo para as dos particulares; e » para que estas cozinhas naõ sejaõ inuteis, » se lhe ajuntaraõ casas de comer, e se nomearaõ cozinheiros, que sejaõ obrigados a » fornecer aos assignantes, ou aquelles a quem » lhes pareça delegar este direito, bons jan-

» ta-

» tares, pelo preço primitivo dos comesti-
» veis; e o gasto da preparaçaõ da comida;
» o que certamente naõ excederá hum *she-*
» *ling* esterlino.

» A cozinha publica, onde se preparar a
» comida dos pobres, será construida de mo-
» do, que sirva de modélo aos hospitaes, e
» outros estabelecimentos deste genero.

» Póde-se acudir a despesa necessaria do
» sustento dos pobres, vendendo porçõeS dos
» comestiveis preparados na cozinha publica,
» por hum preço fixo de maneira, que naõ
» exceda já mais a despesa, que se fez. For-
» malisado por tanto o estabelecimento se sus-
» tentará pelos seus proprios meios.

» Espalhar-se haõ, o mais que for possi-
» vel, bilhetes de mantimento (que seraõ hu-
» ma especie de letra paga á vista, sacada
» sobre a cozinha publica) dando-os a todas
» as pessoas, que os pedirem, cuidando sem-
» pre em primeiro lugar da subsistencia dos
» pobres, que frequentaõ regularmente os la-
» boratorios unidos ao estabelecimento: em
» segundo lugar se deve attender aqüelles,
» que forem recommendados pelos assignan-
» tes, fazendo servir sem nenhuma demora
» aquelles, que vierem munidos com bilhe-
» tes de sua parte.

» Logo que o estabelecimento estiver fun-

da-

» dado, se distribuiraõ *gratis*, pelos assignan-
» tes, bilhetes de mantimento, no valor de
» *dez por cento* da soma das suas entradas;
» achando-se determinado o valor dos bilhe-
» tes pelo custo dos comestiveis, que haõ de
» ser dados ás pessoas, que apresentarem os
» bilhetes na cozinha publica. Passados seis
» mezes, se daraõ novos bilhetes aos assignan-
» tes, que cheguem ao valor de *dez por cen-*
» *to*, e se repitirá isto todos os seis mezes,
» até que cada hum dos assignantes tenha re-
» cebido em bilhetes ametade da sua entrada
» primittiva. Como o preço fixado aos manti-
» mentos, deve ser cincoenta por cento mais
» barato, que o seu custo ordinario, pelas
» outras partes, os assignantes ficaraõ realmen-
» te embolçados do valor total das suas en-
» tradas; de modo que por fim estaraõ todos
» plenamente embolçados dos emprestimos,
» ou entradas que tiverem feito, e *sem que*
» *pessoa nenhuma tenha feito a menor des-*
» *pesa*, se achará fundado hum estabeleci-
» mento publico dos mais uteis. O Author
» deste plano, se supporá bem pago dos cui-
» dados, que houver de ter na execuçaõ do
» projecto, com a satisfaçaõ, que experimen-
» tará, quando reflectir, que foi o agente de
» hum serviço taõ necessario á humanidade.

» Parece quasi inutil accrescentar, que

» pos-

» posto que os assignantes recebaõ o valor to-
» tal das suas entradas em bilhetes de manti-
» mento, ou estas letras sobre a cozinha pu-
» blica, com tudo a propriedade do estabele-
» cimento, e suas pertenças, fica inteiramen-
» te dos assignantes, e seus herdeiros, e del-
» le poderáõ dispôr da maneira, que julga-
» rem mais conveniente, e dar as ordens pa-
» ra a sua administraçaõ futura.

(*Assignado*) A. B.

Londres 1. de Janeiro de 1796.

» Este plano, que deve ser impresso, e
» de que se deve fazer huma amplissima dis-
» tribuiçaõ, seria acompanhado de huma lis-
» ta de assignatura, impressa em bom papel
» de escrever cartas; e para evitar trabalho
» aos assignantes, poderia ser arranjado de
» huma fórma particular. No cimo de meia
» folha de papel *em folio*, se imprimirá o avi-
» zo, que vai aqui abaixo, e o resto da pa-
» gina se póde dividir em differentes colum-
» nas do modo seguinte.

As-

Assignaturas.

» Para executar o projecto de hum *Es-*
» *tabelecimento*, destinado a sustentar os po-
» bres, erigindo cozinhas publicas, empre-
» gando-os utilmente, etc.; proposto por A.
» B., cuja assignatura se achará no plano jun-
» to a esta lista de assignaturas.

Londres o 1. de Janeiro de 1796.

N.B. » Naõ se exigiraõ as entradas, que
» os assignantes offerecerem, senaõ depois
» de calculado, que a sua soma total he suf-
» ficiente, para executar completamente o
» projecto proposto, sem que seja necessario
» importunar segunda vez os assignantes, pe-
» dindo-lhe soccorros ulteriores.

Nomes dos Assignantes.	Lugares de sua residencia.	Somas de suas entradas.

» Attesto, que a lista acima he authenti-
» ca, e que as pessoas nella declaradas, se
» obrigáraõ cada hum pela soma, que se acha
» escripta defronte do seu nome.

Assignado ( )

» *A pessoa que se encarregar desta lista,*
» *terá a bondade de certificar a sua authen-*
» *ticidade, assignando a attestaçaõ supra;*
» *fechando-a, e serrando-a com o sello, e re-*
» *mettella ha depois ao lugar mencionado no*
» *sobscrito, que se acha nas costas da mes-*
» *ma lista.*

O sobscrito (que deve ser dirigido ao author do plano, ou outra pessoa, que elle nomear) deverá estar impresso nas costas da lista dos assignantes de tal modo; que ao dobrar o papel em fórma de carta, o sobrescrito se ache logo no lugar, em que deve ficar.

Esta precauçaõ evitará trabalho ás pessoas, que se encarregarem desta lista, e já mais será demaziado o cuidado, que se tiver em evitar quaesquer embaraços, que possaõ occorrer ás pessoas, a quem se pedem soccorros pecuniarios, para a execuçaõ de planos de utilidade publica.

Hum estabelecimento publico tal qual este, que se propõem, deve interessar tanto a todas as pessoas, ainda que se considere sómente como hum objecto de curiosidade, que indubitavelmente ha de ser muito frequentado; e he possivel, que a afluencia de povo sendo extraordinaria, obrigue a fazer regulamentos para a admissaõ dos visitadores: porém de qualquer natureza, que estes regulamentos se-

sejaõ pára o publico em geral, os assignantes deveraõ em todo o tempo ser admittidos, sem obstaculo, a todos os lugares do estabelecimento. Até poderaõ examinar circunstanciadamente o estabelecimento, individuando todas as partes da sua administraçaõ; e pedir as pessoas empregadas aos inspectores, e aos registradores todos os documentos, e informações, que desejarem. Poderaõ igualmente ter o direito de levar comsigo, e fazer desenhar, ou copiar os modélos de cozinhas, fornos, caldeiras, e outros instrumentos, e em geral de todas ás máquinas pertencentes ao estabelecimento.

Ter-se-ha o cuidado de empregar na fundaçaõ do estabelecimento, e factura das differentes máquinas, os melhores artistas mais engenhosos, e de maior fama. Se o nome do artista, e lugar da sua habitaçaõ puder estar gravado, ou inscripto em cada huma das peças, isto excitará sem duvida entre elles a emulaçaõ, e os induzirá a fornecer por preços modicos, os objectos da melhor qualidade. Até acho possivel, que em huma cidade opulenta, como he Londres, onde o zelo, e espirito publico animaõ as novas descubertas, e invenções, se achariaõ muitos negociantes abastados, que prestassem gostosamente, e sem retribuiçaõ os objectos de que se neces-

sitasse, e que fizessem parte do seu negocio. As vantagens, que se podiaõ tirar desta parte, poderiaõ, mediante huma boa administraçaõ, vir a ser considerabilissimas.

Quanto ao modo porque se devem tratar os pobres juntos em hum estabelecimento publico, destinado, como este que proponho, para sustentar, e empregar os pobres, naõ posso fazer mais, do que recommendar ao leitor, que se lembre, do que fica dito no meu Ensayo primeiro, sobre o modo porque se tratavaõ os pobres na casa de industria estabelecida em Munich, e sobre os meios que se empregaraõ para lhe subministrar os commodos da vida, fazendo os felizes, e industriosos.

Logo que se tiver executado o plano proposto, e que se tiverem tomado as medidas convenientes, para vitualhar os pobres a bom mercado, e empregallos utilmente, naõ haverá senaõ muito poucas, ou nenhumas difficuldades, que possaõ impedir a adopçaõ de hum plano geral, para cuidar da subsistencia dos pobres, conforme aos principios, que tenho proposto, e que já desenvolvi nos Capitulos precedentes.

CA-

CAPITULO V.

Dos meios que podem empregar os particulares abastados, para soccorrer os pobres da sua visinhança.

NAda he mais efficaz para animar a ociosidade, e a depravaçaõ dos pobres, por consequencia perpetuar na sociedade todos os males, que nascem da pobreza, e mendicidade, do que a imprudente distribniçaõ das esmolas: donde se segue, que os particulares devem ser nimiamente circunspectos no exercicio da sua caridade, e no arranjamento dos planos, que fizerem para soccorrer os infelizes: aliàs fariaõ mais mal, do que bem. He geralmente conhecido o abuso, que ha em fazer esmolas indistinctamente a todos os mendigos; porém, quanto a mim, ainda naõ he assás conhecido, o mal que fazem as esmolas dos particulares. Deos naõ permitta, que a minha intençaõ seja de impedir aos individuos, a que dem esmolas particulares: o que pertendo dizer sómente he, que temo a sua má applicaçaõ.

Pa-

Parece-me que faria huma dissertaçaõ inutil, e desagradavel, se procurasse analysar os differentes motivos, que induzem muitas pessoas a fazer esmolas, ou se intentasse demonstrar as consequencias funestas de suas liberalidades mal entendidas: por tanto satisfar-me-hei sómente com indicar os meios melhores na minha opiniaõ, que os particulares ricos podem empregar convenientemente para soccorrer os pobres da sua vizinhança.

O soccorro mais seguro, e mais efficaz, que he possivel dar á pobreza, he hum estabelecimento geral onde se empreguem os pobres utilmente; e se lhe forneçaõ as cousas de primeira necessidade por preços modicos; em huma palavra, hum estabelecimento tal, qual tenho proposto, ampliando-lhe os limites o mais que as circunstancias permittirem.

Poderia começar-se o estabelecimento fazendo a experiencia em huma aldéa, ou parochia; e preparando huma casa, que tivesse sómente dous ou tres quartos, para receber os pobres, e particularmente os seus filhos: e para acautelar a má impressaõ, que fariaõ no publico certos nomes, já odiosos ao povo pelas idéas, que trazem associadas; em lugar de lhe chamar a este refugio dos pobres, *casa de trabalho*, se poderia chamar *Escola de industria*, ou, o que seria melhor, *Asylo*.

Hum

Hum dos quartos se deve destinar para a cosinha dos pobres, e huma mulher idosa, e de boa reputaçaõ he quem deve ter o cuidado deste pequeno estabelecimento, e para isso deverá tambem morar nas mesmas casas. Como esta mulher deva ter a seu cargo a guarda da casa, e a cozinha do estabelecimento; seria necessario, que soubesse escrever, e fazer contas; e, no caso de que os differentes ramos do estabelecimento exigissem para esta superintendencia maiores cuidados, do que huma só pessoa he capaz de satisfazer, entaõ se lhe poderiaõ addir hum ou dous ajudantes.

Seria util encarregar a administraçaõ dos estabelecimentos mais consideraveis, a pessoas casadas, idosas, e sem familia, tendo a maior cautela possivel, em escolher para isto pessoas de bom caracter, de costumes irreprehensiveis, e que os pobres já mais pudessem suspeitar de parcialidade, ou prevençaõ.

Nada destruiria com maior facilidade hum estabelecimento deste genero, e nada seria mais tendente a prevenir os bons effeitos, que deverá produzir, do que a aversaõ dos pobres para aquellas pessoas, a quem estaõ subordinados, principalmente se esta aversaõ tem por fundamento as suspeitas da sua parcialidade: he logo essencial, que a escolha destas pessoas, seja feita com a maior precauçaõ;

em

em geral seria mais conveniente, que estas pessoas se naõ tirassem de entre os pobres, nem de entre aquelles, que tivessem com os mesmos pobres alguma relaçaõ de parentesco, amizade, ou ligações quaesquer.

O aspecto, e figura da pessoa destinada para a administraçaõ do estabelecimento he outra consideraçaõ essencial, que deve haver na sua escolha; este objecto he de mais importancia, do que o suppoem geralmente as pessoas, que naõ tem prestado a esta materia mais particular attençaõ.

Todo aquelle, que tem estudado a natureza do homem, ou observado com attençaõ o que se passa no seu interior, quando se aproxima pela primeira vez a huma pessoa de feições muito expressivas, deve conhecer quanto he importante, que a pessoa encarregada da regencia de hum estabelecimento, destinado para os pobres, e infelizes, tenha huma physionomia aberta, e agradavel, que possa inspirar a confiança, e conciliar a estima, e veneraçaõ.

As pessoas afflictas, e miseraveis, tem ordinariamente certa disposiçaõ para serem timidas, e desconfiadas; e por isso nada as assustaria, e desanimaria mais do que o ar de respeito, ou aparencia severa daquella pessoa, de quem devem esperar soccorros, e protecçaõ.

O

O exterior dos homens, que se destinaõ a governar os seus semelhantes, he sempre hum objecto de grande importancia; mas he particularmente attendivel, quando as pessoas que devem estar debaixo das suas ordens, saõ objectos de piedade, e commiseraçaõ.

Se muitos Cavalheiros, e proprietarios habitarem nas vizinhanças de huma cidade, ou ainda de huma aldêa, onde se quizesse formar hum estabelecimento para os pobres (ou como eu desejaria que se chamasse hum *asylo*); deveriaõ reunir-se para formar *hum só estabelecimento*, em vez de formar cada hum o seu. E seria muito util, que, exceptuando os pobres realmente necessitados, se convidassem ao mesmo tempo todas as classes de cidadãos, a que contribuissem para o bom exito desta empresa; porque as mais insignificantes somas, que as pessoas de menos posses, e indigentes, prestassem para sustentar huma empreza de tanto merecimento, e a menor contribuiçaõ, com que entrassem para ella, lhe daria huma especie de direito de propriedade no estabelecimento, que os induziria a interessar-se por elle, ou ao menos a fazer os mais sinceros votos pela sua prosperidade.

Segundo as differentes circunstancias proprias do lugar, onde se acha o estabelecimen-

to, he que se póde determinar o caso, em que os pobres sustentados pelo estabelecimento devem ser excluidos na distribuiçaõ das esmolas publicas, que se fizerem por outras partes; tal, por exemplo, como a que provem da taixa dos pobres, nos lugares, onde os habitantes saõ obrigados a pagalla. Porém em todas as circunstancias he sempre necessario, que, se huma mesma pessoa recebe esmolas de dous, ou mais estabelecimentos, ou de differentes particulares, se conheça exactamente a quantidade de soccorros, que se lhe prestaõ: sem esta precauçaõ seria muito factivel dar-se-lhe demaziadamente de mais, ou de menos; e qualquer destes extremos seria igualmente perigoso; por quanto ambos elles tendem a desacoraçoar a *industria*, verdadeira fonte dos soccorros efficazes, que podem aliviar a infelicidade, e a miseria dos pobres. Daqui se póde conhecer os fundamentos que tenho, para insistir tantas vezes na necessidade de tomar medidas geraes, para o soccorro dos pobres.

Para explicar clara, e laconicamente o plano, que proponho de formar huma instituiçaõ para os pobres em pequena escala, tal por exemplo, a que hum particular, de fortuna mediocre, poderia executar com facilidade; supponho que hum cavalheiro residen-

te

te nas suas terras, tomou a resoluçaõ de formar hum estabelecimento semelhante na aldéa, onde elle tem a sua propriedade; e indicarei as differentes medidas, que elle tem de tomar para executar a sua util, e louvavel empreza.

Principiaria por ajuntar em sua casa o Cura, ou Vigario da Freguezia, os inspectores dos pobres, e outras pessoas empregadas nos negocios da communidade, para lhe dar parte das suas intenções, e pedir-lhe amigavelmente a sua assistencia, e o seu concurso para a execuçaõ do plano, cujas circumstancias lhes deve communicar, em tanto quanto a prudencia dictar, que se faça nesta primeira conferencia. O caracter das pessoas, e o interesse, que ellas podem ter em favorecer as medidas propostas, ou em se lhes oppor, he por onde se deve medir o gráo de confiança, que se póde ter na primeira communicaçaõ.

Nesta primeira assembléa se devem tomar as medidas necessarias, para obter listas completas de todos os pobres, residentes nos limites que se pertenderem dar ao estabelecimento; ajuntando a estas listas o estado das circumstancias de cada pobre, da sua situaçaõ, e necessidades. Poupar-se-ha muito tempo, e muito trabalho na factura destas listas

se se quizerem servir dos modélos impressos, que se usavaõ em Munich. Estas listas impressas contribuiraõ essencialmente a manter a ordem, a facilitar os negocios da administraçaõ, tanto da caridade publica, como da particular: acautellaráõ tambem os effeitos das informações falsas, e da parcialidade, da parte daquelles, que he preciso empregar nestas diligencias.

Achar-se-ha no Appendice desta obra as formulas destas listas em branco.

Seria igualmente util que logo nesta primeira assembléa se tratasse de fazer numerar todas as casas da aldèa, ou do districto, e estabelecer assignantes, de entre os mesmos habitantes, para executar o plano proposto.

Dever-se-hia ao mesmo tempo informar a todas as pessoas, que se pertendessem convidar para assignantes, por meio de huma carta impressa, a qual deveria acompanhar a lista dos assignantes, e a explicaçaõ, da natureza, extensaõ, e fim das medidas, que se propunhaõ tomar; segurando a estas pessoas ao mesmo tempo, que, finalizada a empreza, naõ sómente se haviaõ soccorrer os pobres, e fazer-lhes a sua situaçaõ mais agradavel, mas que se atalhariaõ absolutamente os effeitos da mendigaria; e que se diminuiriaõ consideravelmente as taixas dos pobres, e todas

as.

as outras despezas, que o publico até entaõ supportava.

Estas promessas solemnes, que se deveriaõ exprimir por termos assás energicos, seriaõ os mais poderosos motivos, que se podiaõ empregar, para determinar aos cidadãos de todas as classes a favorecer anciosamente este projecto, e a contribuir de boa vontade para a sua execuçaõ. Todas as pessoas de qualquer denominaçaõ, idade, ou sexo, que fossem (excepto os pobres), deviaõ ser convidadadas para escrever o seu nome na lista dos assignantes, *ainda no caso de que a soma da sua contribuiçaõ fosse excessivamente modica*: por que supposto sejaõ pouco importantes as somas, que os jornaleiros, criados de servir, e outras pessoas pouco abastadas podem pagar; com tudo ha huma razaõ que obriga a desejar ter os nomes destas pessoas nas listas dos assinantes: esta razaõ he o bom effeito, que produziria sobre elles mesmos, a consideraçaõ de ser membros do estabelecimento, e o interesse, que tomariaõ no bom exito desta empreza.

Nada he mais capaz de mudar o coraçaõ humano, e excitar na alma os desejos de huma boa fama, do que os actos de caridade, e beneficencia; e toda a pessoa, que tem sentido esta satisfacçaõ, e este nobre orgulho,

que

que resultaõ da convicçaõ de ter feito bem, contribuindo para o allivio dos pobres, terá grande cuidado de evitar, que venha jámais a ser pezado ao publico, recebendo esmolas.

Reflectindo sobre os effeitos saudaveis, que produz no espirito dos homens a livre, e voluntaria concurrencia para as medidas que se desejaõ adoptar em beneficio da pobreza; achei sempre que as entradas voluntarias eraõ preferiveis ás taixas, impostas para occorrer ás necessidades dos pobres. Em Munich, naõ só os jornaleiros, e seus serventes, mas seus filhos; os dos nobres, e outros habitantes da Cidade; e atè os officiaes inferiores, e soldados da guarniçaõ, foraõ convidados a contribuir para a sustentaçaõ do estabelecimento destinado para os pobres, e ha certamente muito poucas pessoas de todas as idades, e condições (excepto os indigentes), cujo nome se naõ ache na lista dos assignantes.

Em Munich, se arranjaõ os assignantes por familias, e eu recommendaria este methodo, tanto nas circumstancias presentes, como em outras quaesquer. O pai de familias toma o cuidado de colligir as somas, que os individuos da sua familia escreveraõ na lista, e no primeiro Domingo de cada mez as deposita nas mãos daquelles, que estaõ encarregados de recolher o producto das entradas

dos

dos assignantes; mas os nomes de todos aquelles, que compõem a familia, se achaõ escriptos separadamente na lista, com a soma correspondente da sua contribuiçaõ.

Deverá haver duas listas semelhantes para cada fogo; huma será entregue ao pai de familias, para lhe servir de guia na sua cobrança, outra deve ser enviada á pessoa, que estiver encarregada da administraçaõ geral do estabelecimento.

Estas listas dos assignantes devem ser impressas, e distribuidas a todos os pais de familia, ou pela mesma pessoa, que emprehendeo a formalisaçaõ do estabelecimento (o que he sempre o melhor), ou pelo seu mordomo, ou outra pessoa addida á sua casa. No appendice se acharaõ os modélos destas listas.

Cheias as listas, e remettidas a pessoa, que intenta formar o estabelecimento, já esta póde conhecer, quaes saõ os soccorros pecuniarios, que deve esperar, e arranjar o seu plano em consequencia disto, determinando a soma, com que julga conveniente fazer a sua entrada. Esta pessoa considerará ao mesmo tempo até que ponto he possivel, ou conveniente ligar o seu projecto com algum outro estabelecimento já existente, e de obrar de concerto com as pessoas, á quem as leis tem

con-

confiado a administraçaõ dos negocios dos pobres. Todas estas circumstancias saõ importantes, e saõ ellas as que devem determinar o modo porque se ha de proceder na execuçaõ do plano proposto. Porém nenhum obstaculo impedirá que a empreza tenha por fim hum exito completamente bom, com tanto que se adoptem medidas prudentes, e que se continuem nos meios com perseverança.

Sem duvida apparecerá quem se opponha ao bom exito do projecto, em lugar de contribuir para o seu augmento; taes seraõ as pessoas interessadas na administraçaõ dos negocios dos pobres, e que dahi tiraõ proveito, e vantajens: mas sejaõ quaes forem os obstaculos, que elles hajaõ de pòr, ser lhes-ha impossivel impedir a execuçaõ de hum plano evidentemente calculado para o soccorro, e conforto dos pobres, e para o bem geral da sociedade.

Se os inspectores dos pobres, e outras pessoas empregadas na parochia, juntamente com grande maioridade dos habitantes, podessem adoptar este plano com zelo, bastante seria possivel, em muitos casos, substituir novos arranjamentos aos antigos, para occorrer ás necessidades dos pobres sem que houvesse necessidade de recorrer a lei alguma, ou acto do Parlamento; abolindo em tanto quan-

quanto se julgasse necessario, o antigo systema, e executando o novo plano como medida de utilidade geral.

Sempre que isto se pudesse effeituar, deveria certamente ser preferido este meio á todo o outro estabelecimento publico, ou particular: e aquellas pessoas, cuja situaçaõ permittisse, que os seus cuidados fossem capazes de conseguir huma taõ util mudança, fariaõ á sociedade hum serviço essencial, se o executassem. Porém, caso naõ fosse possivel verificar o plano proposto em toda a sua exçaõ, os particulares abastados fariaõ grande serviço aos pobres, se formassem pequenos estabelecimentos particulares para os sustentar, e occupar.

Póde-se tambem soccorrer aos pobres de hum modo bem importante, comprando grande quantidade de combustiveis, quando se achaõ baratos, e vendendo-os ao depois, por miudo, no tempo de carestia, pelo mesmo preço do seu custo.

He difficil de calcular as vantajens, que os pobres de Munich obtiveraõ de hum armazem de lenha, que se enchia no veraõ, quando o combustivel he barato, e que se vendia depois aos pobres por baixo preço, no tempo das neves. Este arranjamento póde ter lugar em todos os paizes, e póde ser adoptado

tanto pelas corporações, como pelos particulares. Póde-se tambem fazer provimento de batatas, ervilhas, favas, e outras qualidades de comestiveis, para os distribuir aos pobres em pequenas porções, por hum preço modico, o que os soccorrerá bastante no tempo da penuria. Creio que he inutil observar a necessidade de precauções, uteis em semelhante arranjamento, para prevenir os abusos, que delle podiaõ resultar.

Outro modo de servir essencialmente aos pobres he ensinar-lhes como podem viver em maior commodidade nas suas habitações.

Geralmente fallando, nada tem hum aspecto taõ miseravel como a economia interior das familias dos pobres: parece que esta gente naõ tem idéa alguma de ordem, nem de arranjamento; e tudo que os cerca he triste, e desleixado ao ultimo ponto. Estabelecendo alguma ordem e arranjamento no seu interior, se contribuiria para a sua satisfaçaõ. Procurando-lhe meios de economia, se devia ensinar-lhes particularmente o modo de aquecer as suas habitações no tempo de inverno, economisando o combustivel, tanto neste emprego, como na cozinha da sua comida, lavagem de roupa, etc.

He incrivel a grande quantidade de combustivel, que se queima esperdiçadamente no de-

decurso das operações naturaes, ou chymicas necessarias á vida; e jámais esta dissipaçaõ he taõ sensivel como no interior das casas dos pobres. As cheminés das suas habitações saõ construidas pelo peior methodo, de maneira que a lenha, ou carvaõ, que nellas arde, em lugar de aquecer as cãsas, fallas realmente mais frias, e incommodas, attrahindo a si huma corrente de ar das portas, e das janellas. Póde-se remediar este inconveniente das cheminés, impedir a corrente de ar, diminuir por metade o gasto do combustivel, e fazer as suas habitações infinitamente mais commodas, diminuindo a largura da cheminé, principalmente no tubo, que fica acima do mantelete, ou escarpa da cheminé; este concerto póde fazer-se por qualquer pedreiro com muito pouca despeza. A respeito da economia na cozinha dos alimentos; poder-se-hiaõ servir vantajosamente de hum vaso de terra assás largo na parte superior para receber hum brazeiro, ou marmita: a parte inferior deve ser estreita furada com alguns buracos, e guarnecida na extremidade com huma pequena grelha de ferro; e a parte superior do vaso deve tambem ser furada com alguns buracos para dar sahida ao fumo. Servindo-se desta fornalha portatil, que se póde aquecer com lenha, ou carvaõ se naõ gastará mais de que a oitava par-

te do combustivel necessario para fazer ferver huma panella a fogo descoberto. Esta fornalha, ou forno portatil póde ser guarnecido com arcos de ferro, ou cobrir-se com huma rede de fio de ferro; mas fallando agora disto, me anticipo ao objecto do Ensaio seguinte.

Póde-se igualmente fazer grande beneficio aos pobres, ensinando-lhes a preparar differentes especies de manjares sadios, e baratos, de maneira que fiquem delicados, e apetitosos. A arte da cozinha tem sido até aqui pouco estudada, a pesar da sua grande importancia, e as ultimas classes da sociedade, que poderiaõ tirar desta arte maiores vantagens, saõ as que mais se descuidaõ della. Naõ se poderia fazer melhor presente a huma familia pobre, do que hum brazeiro leve, de folha de ferro, ou fundido, adaptado á hum forno portatil, ou fogareiro, para economisar o combustivel; ajuntando a isto duas ou tres receitas, aprovadas, para fazer bons caldos, ou sopas sadias, e nutrientes.

Hum presente deste genero seria bastante para aliviar a situaçaõ infeliz de huma familia pobre, e procurar-lhe alguma commodidade constante, e deleitavel; pois estou persuadido, que se o modo de preparar os alimentos, e de economisar o combustivel fosse

as-

assás attendido ; se diminuiria a despesa de huma casa a menos de ametade : e he mais facil de conceber, do que de exprimir, a mudança, que fará em qualquer familia a diminuiçaõ de huma despesa desta importancia.

Esta mudança, naõ esperada, reanimaria as pessoas mais abatidas pela infelicidade, e as excitaria a que fossem industriosas.

Como o unico meio de pôr termo aos soffrimentos dos pobres, he introduzir entre elles o espirito de industria ; os particulares, que intentarem o projecto de os soccorrer, naõ deveraõ já mais perder de vista este importante objecto em todas as medidas, que adoptarem : porém ao mesmo tempo que se procura fazer os pobres industriosos, he preciso attender a que se naõ espalhe entre elles o germen do descontentamento. O espirito dos pobres está ordinariamente elevado a hum grande ponto de irritaçaõ, conseqüencia necessaria dos seus soffrimentos, e da sua desesperada situaçaõ : e a desconfiança de tudo que os cerca, e particularmente daquelles, que devem governallos, está de tal modo arraigada, que he difficil acalmar a agitaçaõ da sua alma, e de lhes ganhar a confiança. Mas esta se poderá obter prompta, e facilmente, tratando os com doçura, e bondade ; e sou de opiniaõ, que se naõ devem já mais empregar

ou-

outros meios; menos que naõ seja com alguns miseraveis de tal modo endurecidos pelo vicio, que naõ possaõ ser corrigidos de outra maneira: mas penso que o numero destes deve ser inconsideravel; nem eu me encontrei já mais com algum, no curso das minhas experiencias, para soccorrer os pobres.

Algumas vezes foi necessario ameaçar aos mais ociosos, e cheios de vicios de entre os pobres, com a pena de serem enviados *á casa de força;* mas este ameaço, acompanhado do temor de ser banido da casa (o que se lhe fez sempre considerar como o maior castigo) era ordinariamente bastante para reconduzir a ordem aquelles, que haviaõ tido a mais desregrada conducta.

Se o máo exemplo he taõ poderoso em corromper o coraçaõ humano, e entreter os homens no vicio, e na depravaçaõ; naõ he menos verdade, que os bons exemplos os corrigem, fazem doceis, ordenados, e industriosos. Daqui a grande utilidade que ha na reuniaõ dos pobres em hum estabelecimento publico; porque tudo ahi respira o contentamento natural, a alegria, e satisfaçaõ que saõ a conquencia necessaria de toda a occupaçaõ activa, e industriosa.

Parece-me que seria impossivel estar alguma pessoa ociosa na casa de industria de

Mu-

Munich. Já mais atravessei as differentes salas, ou laboratorios, que visse pobre algum, sem estar occupado, e nunca me pareceo que os trabalhos lhe fossem penosos, e fatigantes.

Aquelles, que se ajuntaõ nas casas publicas destinadas para o abrigo dos pobres durante o dia, naõ tem necessidade de ser induzidos, ou constrangidos ao trabalho. Se ha na mesma casa muitas pessoas occupadas com objectos de industria, e se ha no mesmo lugar instrumentos, e materiaes crus desoccupados, as outras, que estaõ presentes, naõ deixaraõ de se metter na turba, e ajuntar-se a esta scena activa, que tem diante dos olhos: esquecer-lhe-ha facilmente a aversaõ, que tinhaõ ao trabalho, e o habito os fará real, e constantemente industriosos.

Tal he o irresistivel poder do exemplo! Quem souber servir-se deste poderoso meio, e tiver occasiaõ de o empregar, effeituará mudanças admiraveis, nos costumes, habitos, e caracter de huma Naçaõ inteira.

He necessario ter grandes precauções, quando se fornecem aos pobres materiaes crus para os occupar, em ordem a prevenir os abusos, e as fraudes, naõ só da parte dos pobres, que muitas vezes estaõ dispostos a enganar, se achaõ occasiaõ disso, mas tam-

bem

bem da parte das pessoas, que he preciso empregar nestes serviços. Como já dei no primeiro Ensayo relações circunstanciadas dos meios, que se empregavaõ na casa de industria de Munich, para acautelar todas as depredações, fica inutil, que me estenda mais sobre esta materia, ou que repita o que tenho dito.

A respeito do modo porque se podem preparar os alimentos, igualmente bons, e sãos, na cozinha publica destinada para os pobres, enviarei o leitor ao meu Ensayo sobre os alimentos, onde achará todas as instrucções, que póde desejar. No meu Ensayo sobre os vestidos verá, como he possivel fornecer aos pobres vestidos agradaveis, e de dura, por moderados preços; e no meu Ensayo sobre a conduçaõ do calor achará meios infalliveis, para ensinar os pobres a economisar o combustivel.

Naõ posso concluir este Ensayo sem aplanar huma difficuldade, que se apresenta frequentemente, todas as vezes que se trata de occupar os pobres: e, vem a ser, a disposiçaõ vantajosa do producto do seu trabalho. Este objecto he sempre da maior importancia, e já mais se lhe prestaria demaziada attençaõ. Naõ he possivel sustentar a industria, senaõ fazendo-a util aos individuos; mas quando se ne-

nega ao obreiro o salario, que elle tem direito de esperar, he impossivel impedir, que elle se naõ desgoste do seu trabalho: e desanimado absolutamente, poderá talvez ser obrigado a trabalhar por certo tempo, para evitar que morra de fome, quando naõ tenha o recurso de se pôr ao abrigo das esmólas da freguezia, o que prefiriria sem duvida, se lhe deixassem a escolha; mas conservará tal aversaõ ao trabalho, que será sempre huma pessoa ociosa, e cheia de vicios, e hum carrego perpétuo para o publico.

Se o proverbio, que *todo o jornaleiro merece o seu jornal*, he verdadeiro em geral, mais o deve ser em particular quando o jornaleiro he pobre, e quando elle, applicando os maiores esforços, apenas póde ganhar para remediar as primeiras necessidades da vida, e que a sua sorte he em todo o sentido digna de piedade, e compaixaõ.

A situaçaõ deploravel de huma familia pobre, que luta contra a pobreza, e necessidade; privada de todos os prazeres, e de todas as commodidades da vida, e até da esperança; soffrendo ao mesmo tempo a fome, as necessidades, os tormentos occasionados pelos revezes mais mortificantes, e mais crueis; raras vezes he olhada, com a attençaõ, que merece, por aquelles, que nunca sentiraõ to-

dos estes males, e que naõ estaõ no perigo de ser expostos a elles. O leitor me perdoará se fixo frequentemente a sua attençaõ sobre estas scenas de miseria, e de calamidade. He preciso que huma pessoa tenha o conhecimento real da situaçaõ dos pobres, da extensaõ dos seus males, e dos seus soffrimentos, antes que se possa esperar, que adopte, com vehemencia, medidas combinadas para o allivio destes miseraveis.

He sempre necessario nestes estabelecimentos, publicos, ou particulares, destinados para occupar os pobres, que se façaõ certos arranjamentos, proprios para segurar hum preço vantajozo ao producto do seu trabalho. Naõ he preciso pagar-lhes demasiado; porque isto seria abrir huma porta ao abuso: porém devem ser pagos generosamente por tudo quanto fizerem: e, sobre tudo, he necessario, que nunca estejaõ ociosos por falta de trabalho. A especie de occupaçaõ, em que se devem empregar, depende, em grande parte, das circumstancias locaes. Dependerá tambem do genero de vida, a que os pobres estaõ habituados; da especie de obra, que lhes he mais familiar, e da facilidade, com que se poderá dispôr, por bom preço, dos artigos, que tiverem fabricado.

Nos grandes estabelecimentos haverá pou-

ca

ca difficuldade em empregar utilmente os pobres ; porque sendo consideravel o numero dos pobres empregados pódem-se manter vantajosamente diversas manufacturas, e todos os objectos fabricados, ou preparados para as fabricas podem ser vendidos lucrosamente.

Nos estabelecimentos pequenos, limitados a huma só aldéa, ou parochia, seria talvez difficil achar hum preço conveniente para o fiado, que os pobres fiassem; mas em hum estabelecimento geral, que comprehendesse todo hum condado, ou cidade populosa, como a quantidade de fiado trabalhada pelos pobres seria sufficiente para empregar constantemente hum numero de tecelões no fabrico de diversas especies de lenços, ou panos de lãa, o preço de toda a qualidade de fiados, que os pobres fizessem podia ser vantajoso. Póde-se raciocinar do mesmo modo a respeito dos outros artigos, que se fabricaõ ordinariamente nas grandes manufacturas, e nos quaes se poderiaõ empregar utilmente os pobres: he esta huma prova da grande vantajem, que ha em estender, o mais possivel, os limites de hum estabelecimento destinado a occupar os pobres. Eu tenho insistido muitas vezes sobre este artigo, e me parece, que nunca o recommendaria demasiadamente a todos aquel-

les, que desejaõ formar semelhantes estabelecimentos.

Ainda que naõ seja da minha intençaõ o propor, que se reunaõ todos os pobres de hum reino debaixo do mesmo telhado, como parece intentar o governo Napolitano, segundo se conclue da inscripçaõ, que se acha á entrada de hum vasto hospital construido na capital, mas que naõ está ainda acabado; com tudo a minha opiniaõ he, que o estabelecimento, destinado para occupar os pobres, já mais pode ser demasiadamente extenso.

Porém, voltando á materia do presente capitulo, relativamente aos soccorros, que os particulares podem fornecer aos pobres da sua vizinhança; no caso de naõ ser possivel vencer os obstaculos, que se oppozessem á formaçaõ de hum estabelecimento geral para o bem dos pobres, os individuos se devem contentar com fazer arranjamentos particulares, tendentes ao mesmo fim, *empregando os meios, que estiverem no seu poder*, para que tenhaõ bom exito.

Hum dos meios mais simplices, e menos dispendiosos, que se podem empregar, para soccorrer os pobres, he fornecer-lhes materiaes brutos para os occupar; por exemplo, linho, canamo, e lãa, para fiar, pagando-

lhe

lhe em dinheiro esta obra pelo preço corrente do paiz. O fiado, e a lãa podem ser ao depois mandados á tecelões, ou fabricantes de estofas, para que os manufacturem; ou se podem vender por junto todos estes objectos em alguma feira consideravel. Estas miudezas de commercio naõ saõ nem complicadas, nem enfadonhas, e podem muito bem ser commettidas á hum economo, ou á hum feitor, principalmente havendo de servir-se das taboas, e formulas impressas, de que tenho recommendado o uso.

O linho, canamo, ou lãa, deve ser dividido em embrulhos, ou fardinhos de dous arrateis, e postos no armazem, assim que estes artigos se comprarem: e quando se entregar hum destes fardos, para ser manufacturado, se deverá acompanhar com hum bilhete de fiadura, impresso, e registado, em hum livro destinado para este fim. Quando a obra volta se lhe une hum extracto do bilhete de fiadura, e assim se guarda, para que se houverem feito alguma fraude ao fazer das meadas, se possa convencer o author, quando a sua obra se passa pela dobadoira. Em se fazendo publico, que se tomaõ estas medidas exactas para descubrir as ladroices, ellas seriaõ muito menos frequentes; e ter-se-hia ganhado hum ponto bem importante, que tenderia visivelmente a

mu-

mudar os costumes dos pobres, é a socegar, e acalmar os seus espiritos: logo que fossem obrigados a desistir das idéas de enganar pela impossibilidade, que achassem em o fazer impunemente, viriaõ a ser susceptiveis de applicaçaõ, e capazes de gozar da verdadeira felicidade, aquella que provém de huma consciencia pura, e que permitte olhar para os seus semelhantes com o semblante sereno, e socegado. Mas em quanto experimentarem o desejo de enganar; e em quanto as suas almas estiverem contaminadas pelo conhecimento intimo dos seus vicios, e que estiverem atormentados pelo desejo de continuar as suas manobras iniquas, e tenebrosas; ficaráõ sendo incapazes de gozar da paz, e do contentamento interior de serem membros uteis da sociedade.

Ha logo huma especie de crueldade em confiar desmedidamente, ou em se descuidar de vigiar a conducta daquelles, que occupaõ empregos de importancia, porque isto os expoem á tentaçaõ de illudir os seus semelhantes. Esta parte de huma oraçaõ sublime, que nunca se póde admirar assás, nem repetir demasiadas vezes » *naõ nos deixeis cahir em tentaçaõ* » foi certamente dictada pela sabedoria, e bondade divina: e as pessoas, que se achaõ revestidas de alguma authoridade,

que

que occupaõ lugares eminentes, e cujos meios de administraçaõ, tem influencia sobre a felicidade, ou infelicidade dos povos devellahaõ ter sempre presente no espirito.

Em toda a parte ha pessoas de bem; porém sinto ser obrigado a dizer, que o resultado das minhas experiencias, e das minhas observaçõeş me tem provado ser difficilimo, que as pessoas expostas a tentaçõeş reiteradas *sejaõ constantes na sua probidade.*

Porém ha hum meio efficaz, naõ sómente para induzir os que saõ honrados a perseverar nos seus principios, mas tambem de fazer honrados aquelles, que o naõ eraõ: e vem a ser, tomar precauçõeş taõ sabias, que seja impossivel commetter alguma malversaçaõ, sem que o delinquente esteja exposto a ser descuberto, e punido. Estas precauçõeş naõ saõ impossiveis, e rara vez saõ difficeis; e pouca sagacidade será bastante para usar dellas de maneira, que já mais offendaõ as pessoas, que saõ o seu objecto.

He evidente, que os principios, e medidas, que tenho recommendado, podem naõ sómente applicar-se aos pobres, mas tambem, e muito particularmente, as pessoas, que estaõ encarregadas das differentes partes da administraçaõ, e que devem contribuir para o seu allivio.

Mas

Mas, voltando ainda outra vez ao objecto, que me propuz tratar especialmente neste Capitulo, se os particulares levarem a sua generosidade a tal ponto, que cheguem a estabelecer cozinhas publicas, para alimentar os pobres (especie de caridade, que naõ posso deixar de recommendar urgentemente) seria para lamentar, que se naõ désse hum passo adiante, fazendo arranjar quartos adjacentes á cozinha, onde os pobres se podessem ajuntar para trabalhar por sua conta, e onde se estabelecessem escolas para ensinar os seus filhos a ler, escrever, e a trabalhar. A distribuiçaõ destes quartos, e o calor, e luz, que saõ necessarios, naõ seriaõ objectos de grandes despezas, entretanto que seriaõ incalculaveis as vantagens, que dellas resultariaõ, principalmente para animar a industria; e naõ deixariaõ tanto pela sua natureza, como pelo seu fim de interessar a toda a alma bemfeitora.

FIM DO SEGUNDO ENSAYO.

EN-

ENSAYO III.

SOBRE OS ALIMENTOS, E PARTICULARMENTE SOBRE O SUSTENTO DOS POBRES.

INTRODUCÇAÕ.

DIz-se vulgarmente, que a necessidade he mãi da industria; e este proverbio contém certamente huma verdade a mais exacta. Podia mostrar-se com provas as mais authenticas, que todas as descubertas até aqui achadas, e as mudanças vantajosas, que se tem introduzido na sociedade saõ devidas á necessidade. Naõ he pequena consolaçaõ, em momentos de crize, o pensar, que uteis invenções seraõ a consequencia do temor, ou da beneficencia daquelles, que reunem os seus esforços, para atalhar o perigo, que ameaça huma naçaõ inteira.

O pavor geral, que se tem derramado por todo o paiz, na época, em que escrevo (1),

(1) O Author escrevia em Londres no mez de Novembro de 1795. T.

relativamente ao excessivo preço dos grãos, e ao temor da penuria ; attrahio, e fixou a attençaõ do publico sobre hum objecto da maior importancia, e o obrigou a fazer *experiencias sobre o modo de se alimentar* ; objecto taõ interessante para o genero humano, que he verdadeiramente espantoso o terem-se descuidado de occupar-se com elle por taõ dilatados tempos. Porém visto o interesse, que a Camara dos Communs, e a Comissaõ de agricultura tomaõ neste objecto, naõ póde haver duvida, que será examinado da maneira mais exacta, e mais sabia ; e se os resultados forem felizes, como he de esperar, a crize actual virá a ser famosa nos annaes da sociedade civil, como tendo feito nascer as mais importantes descubertas, e as mais vantajosas mudanças.

CAPITULO I.

Grande importancia do objecto, que se vai a tratar. He provavel, que a agua contenha mais partes nutrientes, do que até aqui se tem pensado. Quando os alimentos solidos saõ bem preparados, pouquissimos bastaõ para conseguir o fim da nutriçaõ. Grande importancia da arte de cozinha. A cevada he muito nutriente, quando he bem preparada. A importancia de se servir dos processos chymicos na preparaçaõ dos alimentos, he demonstrada pelo uso, que ha em differentes partes da Alemanha, de fazer cozinhar algumas substancias vegetaes, que daõ ao gado para mantimento. Difficuldade de mudar o methodo ordinario de fazer a cozinha. Meios que se podem empregar para este fim.

NAõ existe certamente operaçaõ alguma da natureza, que fira os nossos sentidos, de hum modo mais sensivel, e admiravel, do que a vegetaçaõ, o crescimento das plantas, e a nutriçaõ dos animaes. As indagaçoes, que se podem fazer, para a desenvoluçaõ, e conheci-

mento desta materia devem seguramente ser interessantissimas para o genero humano. O meio de grangear a subsistencia será sempre, em todos os paizes do Universo, hum objecto do primeiro interesse. Logo as descubertas, e processos, que podem facilitar os meios de obter huma nutriçaõ igualmente boa, e sãa, devem contribuir poderosamente para augmentar a felicidade, o prazer, e o conforto da sociedade.

Os nossos conhecimentos na sciencia da nutriçaõ, estaõ ainda muito atrazados; mas creio haver motivos bastantes para suppor, que chegamos ao momento de fazer as mais importantes descubertas, relativamente a esta operaçaõ occulta, ainda que muito natural.

A descuberta, por onde se veio no conhecimento, de que a agua naõ he simples elemento, tem aclarado muito differentes operações, que d'antes se achavaõ sepultadas nas trévas. Por exemplo; he provavel que a agua tenha mais parte na vegetaçaõ, do que os physicos até aqui suppunhaõ. Igualmente parece demonstrado, que a agua he naõ sómente o vehiculo da nutriçaõ, porém de mais, que ella constitue huma parte essencial do alimento das plantas, que se decompoem na vegetaçaõ, e contribue materialmente para o

cres-

crescimento das plantas; e que os estrumes servem mais de preparar a decomposiçaõ da agua do que a formar, por si mesmos, substancial, e directamente, o alimento dos vegetaes.

Actualmente podem estabelecer-se relações evidentes entre a vegetaçaõ, e crescimento das plantas, e a digestaõ, e nutriçaõ dos animaes. Se a agua he necessaria em huma, e outra operaçaõ; e que na vegetaçaõ parece servir de alimento ¿porque naõ supporemos, que ella faz igualmente parte do alimento na nutriçaõ dos animaes? Quanto a mim ha muitas razões, que o persuadem, e eu passo a fazer ver os fundamentos, que servem de base a minha opiniaõ a este respeito. Tendo sido encarregado, por muito tempo, de prover a subsistencia dos pobres de Munich, fiz varias experiencias relativas ao seu mantimento; tanto por motivos de curiosidade, como pelo principio de economia; e desde as minhas primeiras operações fiquei conhecendo, que as descubertas, que tinha feito, eraõ muito mais importantes, do que ao principio imaginei.

A differença, que ha entre os mesmos alimentos, tanto a respeito do paladar, e gosto, como das qualidades nutrientes, segundo o differente modo porque saõ preparados, foi

hum

hum dos factos, que me tocou de maneira muito sensivel. Achei constantemente, que a bondade, e fortaleza de hum caldo, dependiaõ mais da escolha dos ingredientes, e da cocçaõ lenta, e bem manejada; do que provinhaõ da quantidade de substancias solidas, que se empregavaõ para o fazer; em huma palavra, dependiaõ mais da arte, e talento do cozinheiro, que do dinheiro despendido com os mantimentos.

Achei mais, que o caldo era tanto mais nutriente, quanto parecia ser mais substancial, e appetitoso.

Porém o que me admirou extraordinariamente foi a descuberta que fiz, que se os alimentos solidos saõ bem, preparados infinitamente poucos bastaõ para satifazer a fome, e entreter o principio de vida, e de saude; e que ao mesmo tempo basta huma modica despeza para sustentar hum jornaleiro em qualquer paiz.

Depois de ter feito experiencias sobre os alimentos dos pobres, pelo espaço de cinco annos, e ter posto em prática todos os processos imaginaveis; naõ só relativamente a escolha dos alimentos, mas tambem as suas differentes proporções, e combinações: depois de ter ensaiado differentes modos de cozinhar, e preparar os comeres achei que o alimento

mais

mais barato, mais agradavel, e mais substancial, que se póde fornecer aos pobres he huma sopa de *cevada pilada* (1), ervilhas, batatas, pequenas talhadas de paõ branco, vinagre, sal, e agua em certas porporções.

Prepara-se esta sopa da maneira seguinte: deita-se na panella huma pouca de cevada pilada, e agua, e se lhe dá a primeira fervura; depois ajuntaõ-se-lhe as batatas peladas, ou fervidas em agua quente, para lhe poder tirar mais facilmente a casca; e deste modo se continua a fervura por huma hora. Durante este tempo se mexe a mistura, que está na caldeira, para dissolver as batatas, e reduzir todos os ingredientes a huma só substancia: entaõ se lhe ajunta vinagre, e sal; e por fim, ao momento em que se ha de servir, se lhe deitaõ pequenas talhadas de paõ branco.

Já mais se deixará ferver, ou descançar por muito tempo esta sopa, depois que se lhe houverem lançado os bocadinhos de paõ branco. Ao depois mostrarei, que he melhor servir-se do methodo empregado em Munich, que he de naõ metter já mais os pedaços de paõ na caldeira, mas sim de os pôr no fundo da

(1) Isto he o que nós chamamos hoje em Portugal a cevadinha de França, ou farinha de cevadinha do Nórte; propriamente *farro*. T.

da sopeira: em que se traz o caldo, ou sopa da cozinha para o refeitorio, e remexer depois o todo com as colheres de ferro, destinadas a medir as porçoes de caldo no refeitorio.

He mais importante do que se pensa, que o paõ misturado com o caldo naõ seja fervido; e he igualmente util de o cortar em pedaços o mais miudo que for possivel, e de o naõ empregar neste ministerio, senaõ quando elle está bem secco, e duro.

O paõ de que se faz uso em Munich he de farinha de trigo fina. Cada paõ peza duas, ou trez onças. Commummente he paõ, que os padeiros deraõ de esmola á casa de industria, naõ tendo podido vendello por se achar já muito deseccado. Entretanto a experiencia nos tem demostrado, que este paõ duro, e secco satisfazia melhor as nossas vistas, do que o outro; porque este precisa ser mastigado para se poder engolir, e he bem sabido quanto esta operaçaõ de mastigar he necessaria á digestaõ. A dureza deste paõ *prolonga tambem o prazer da comida*, objecto da maior importancia, e a que senaõ tem assás attendido até ao presente.

A porçaõ desta sopa, que se dá a cada pessoa a todas as comidas, peza actualmente huma libra de Baviera. A relaçaõ da libra de Ba-

Baviera com libra ou arratel do *haver do pezo*, está na proporçaõ de 1, 123, 842, para 1, e por consequencia cada pessoa recebe, com pouca differença, 19 onças $\frac{9}{10}$ do haver do pezo; ou hum pouco mais de 18 onças pezo de Pariz. Quem sabe que huma *chopina* (meia canada) desta sopa peza 16 onças, do haver do pezo, naõ póde admirar-se de que 20 onças, ou huma chopina e hum quarto desta sopa taõ substancial, e nutriente possa satisfazer a fome de huma pessoa adulta: mas logo que for evidentemente demonstrado, que a quantidade de substancia solida, que entra em cada porçaõ naõ chega a seis onças, parcerá quási impossivel que semelhante raçaõ seja sufficiente.

Entretanto a experiencia de muitos annos tem provado, que esta porçaõ de sopa faz as vezes de hum bom jantar para huma pessoa forte, e vigoroza. Achei ainda mais que huma sopa composta dos mesmos ingredientes, excepto as batatas, mas com outras proporçõe, era assás nutriente, e até appetitoza, naõ empregando senaõ quatro onças, e tres quartos de substancias solidas para cada porçaõ de vinte onças.

Esta experiencia naõ parecerá estranha a quem souber que huma colher de mesa de

salepo (1), cujo pezo he menor de hum quarto de onça, dissolvido em meia canada de agua fervendo, faz huma bebida assás espessa, e nutriente; e que he bem inconsideravel a quantidade de substancia solida, que entra na composiçaõ da jalea de ponta de veado, especie de manjar muito restaurante, (2).

A cevada empregada no caldo produz com pou-

(1) O salepo he a cebola ou raiz bulboza de huma especie de *orchis* oriental, chamada *orchis mascula*, a qual fazem seccar, e preparaõ de varios modos: he provavel, que a *orchis* dos nossos climas, cuja cebola he geralmente conhecida em Portugal por nome de *bexiga de caõ*, seja muito propria para fazer o salepo: o de que fazem uso em Inglaterra, e França vem da Turquia em grãoszitos ovaes, amarellados, irregulares, e alguma cousa transparentes, e durissimos, o gosto do salepo he algum tanto analogo ao da goma draco: este salepo diluido no caldo he hum alimento muito nutritivo.

(2) A preparaçaõ da agua he muitas vezes de maior importancia do que de ordinario se pensa; principalmente quando serve de vehiculo para communicar ao paladar sensaçõeS agradaveis: Por exemplo, se, quando se faz o ponche, houver o cuidado de ferver anticipadamente a agua por duas ou tres horas com hum punhado de arros, o ponche ficará infinitamente melhor, quero dizer, mais doce, e mais agradavel ao gosto, do que se a agua naõ tivesse passado por esta operaçaõ.

pouca differença o mesmo effeito que o salepo, na bebida de que acabo de falar, e jámais achei algum graõ, ou algum legume secco nascido na Europa, que pudesse, com a mesma despeza, produzir a metade das qualidades nutrientes da cevada. Logo este graõ deve ter, na Gram-Bertanha, a mesma estimaçaõ que tem o arros em outros climas.

He certo que a cevada exige huma dilatada fervura, mas, se a cocçaõ he bem graduada, o cereal dará grande consistencia a agua, e, segundo a minha opiniaõ, lhe preparará a decomposiçaõ. A cevada empregada como base da sopa lhe communica qualidades substanciaes, que outro nenhum graõ poderia ministrar. Esta sopa he na verdade desenxabida; porém ajuntando-se-lhe alguns ingredientes que lhe dem sabor ficará bastante appetitosa.

Hum antigo proverbio, conhecido, ao que me parece, no tempo de Hippocrates, diz » *o que agrada ao paladar he nutriente* » Tenho muitas vezes verificado a verdade deste adagio; e, se a experiencia podesse demonstrallo, certamente a arte de cosinha seria mais considerada do que he.

Parece evidente que, o modo porque os alimentos saõ preparados he hum objecto da maior importancia, e que a agua, que se em-

prega para a cõcçaõ, contém mais partes nutrientes do que se tinha até aqui immaginado; porque naõ he possivel explicar de outro modo, o que a experiencia nos demonstra. Se a mesma quantidade de substancias solidas, que se empregaõ para fazer huma sopa muito nutriente, fosse preparada por differente modo, e que se empregasse de outra fórma, por exemplo feita em paõ, longe de matar a fome, e de fornecer huma comida sadia, e restaurante, naõ serviria se quer ao menos para impedir, que a pessoa limitada a esta fraca porçaõ de alimentos se extenuasse; ainda no caso de que essa mesma pessoa se valesse de agua para encher o estomago.

Porém naõ só as observações, que se fazem, sobre a utilidade da cocçaõ dos alimentos, que servem para a nutriçaõ da especie humana, nos obrigaõ a conhecer a importancia da arte de preparar bem as comidas: a utilidade da cocçaõ das substancias vegetaes tem sido demonstrada, de hum modo claro, e satisfactorio, pelo effeito que produz nos outros animaes nutridos por este novo methodo.

Sabe-se, que fazendo cozer as batatas, destinadas para o alimento dos porcos, ellas ficaõ muito mais nutrientes; e depois que se adoptou o novo systema (geralmente em uso na Alemanha) de alimentar o gado todo o anno

nas

nas cortes, ou estrebarias; tem-se feito importantes descubertas sobre o modo de o nutrir, particularmente fazendo cozinhar as substancias que se destinaõ para os animaes. Estas descubertas tem afiançado o bom exito do novo methodo.

Aquelles que se empregaõ a engordar o gado para o açougue, ou que sustentaõ vacas de leite, em Alemanha, usaõ dar-lhe frequentemente aquillo que elles chamaõ hum *dranck*, que he certa potagem preparada de diversos modos, segundo a differença do paiz, estaçaõ, facilidade ou difficuldade em obter os ingredientes, ou segundo as idéas do proprietario do gado. Muitos destes fazem grande misterio da composiçaõ da tal bebida; mas eu sei que lhe ajuntaõ muitas vezes agua-ardente, e asseveraõ, que este dispendiozo ingrediente lhe ministra grandes vantagens.

As substancias, que empregaõ ordinariamente, saõ as semeas, farinha de aveia, o reziduo dos grãos, que serviraõ já na factura da cerveja, batatas, rabãos, farinha de cevada ou de centeio, e huma grande quantidade de agua. Empregaõ na formaçaõ da potagem duas, ou tres destas substancias; mas quaesquer que sejaõ as proporçõe dos ingredientes deitaõ-lhe sempre muito sal.

Talvez naõ he novo o methodo de nutrir

trir o gado com beberagens : mas o modo porque estas se preparaõ em Alemanha, he certamente novo, e prova o que eu dezejo fazer conhecido, isto he, que a cocçaõ dos alimentos os faz na realidade mais nutrientes.

N'outro tempo davaõ estas bebidas frias; mas tem-se descuberto, que nutrem mais sendo tomadas tepidas : ha alguns tempos a esta parte, que as beberagens se preparaõ com todo o cuidado, e em alguns lugares empregaõ para isto processos chimicos. Construiraõ-se cozinhas, e compraraõ-se caldeiras, que naõ tinhaõ outro fim se naõ de cozinhar as substancias vegetaes para o gado. Muitos grangeiros assás intelligentes me asseguráraõ, e a experiencia me tem demonstrado, que este novo methodo de nutrir os animaes he realmente vantajozissimo; que a ebuliçaõ faz estas bebidas mais nutrientes; e que a despeza do combustivel, e os cuidados que se empregaõ na cocçaõ, saõ amplamente recompensados pelas qualidades nutritivas que adquirem as substancias vegetaes. He ainda util continuar a cocçaõ por duas ou tres horas; porque quanto mais dilatada he a fervura, tanto mais os alimentos se fazem substanciaes. (1).

Es-

(1) Como se fala dos alimentos do gado, julgo a proposito fazer mençaõ de hum processo usado pelos me-

Estes factos demonstraõ evidentemente, haver algum segredo importante, relativo a nutriçaõ, que naõ tem sido sufficientemente desenvolvido: e me parece mais que provavel, que o numero dos habitantes, alimentados com as producções do paiz, he taõ dependentes da arte de preparar os alimentos, como da de aperfeiçoar a agricultura. A naçaõ chineza tem levado hum, e outro objecto ao maior ponto de perfeiçaõ. Pelo contrario, as tribus selvagens naõ conhecem nem hum, nem outro processo.

Se a arte de preparar os alimentos he de tanta importancia, merece certamente ser estudada com maior cuidado, particularmente no momento em que a carestia produz hum desaçocego geral; porque o recurso, que ha na intelligencia de preparar os alimentos, he effectivo, e instantaneo, entretanto que os outros meios saõ distantes, e incertos.

Conheço as difficuldades que ha na introtro-

---

lhores grangeiros de Baviera: Cortaõ em pedacinhos miudos o trevo, que haõ de dar ao gado, e o misturaõ com a palha picada. Dizem que esta erva succulenta he de natureza taõ glutinosa, que se a naõ misturaõ com a palha, feno, ou outra erva secca, o gado que naõ tem se naõ este alimento naõ póde ruminar sufficientemente. A proporçaõ do trevo para a palha he como de dois para hum.

troducçaõ de medidas, dirigidas á effeituar mudanças sensiveis nos usos, e habitos dos homens; e talvez nao haja mudança mais difficil de conseguir, do que esta, por meio da qual se lhes ensinaria a poupar huma parte dos alimentos de que se nutrem. Mas, a pezar de todos os obstaculos que ha para temer, estou persuadido que, usando de certa destreza, se poderia vir ao fim dezejado.

Houve tempos em que a aversaõ para as batatas era taõ forte na Gram-Bretanha e Irlanda, como he ainda agora em algumas partes da Baviera; porém chegou-se a vencer este prejuizo: e creio que todo o prejuizo nacional, por mais inveterado que seja, se póde domar; com tanto que se empreguem meios conducentes ao objecto, e medie certo espaço de tempo.

Porém ainda que seja difficilimo introduzir em qualquer paiz o uso geral das sopas economicas, ou de outra qualquer especie de manjares appetitosos, baratos, e nutrientes; porque isto contrarie habitos inveterados; com tudo poder-se-hiaõ adoptar estes alimentos nos hospitaes, e cazas de trabalho, onde os pobres saõ sustentados a custa do publico: e a economia, que daqui devia resultar, tanto nas despezas pecuniarias como no gasto das provisões, seria importantissima, principalmente em tempos de carestia. Ou-

Outra medida ainda mais necessaria, e que se poderia adoptar facilmente, he o estabelicimento de cozinhas publicas em todas as cidades, e aldéas consideraveis do Reino, onde naõ sómente se alimentassem os pobres sem retribuiçaõ; mas onde os habitantes menos abastados achassem mantimentos a bom mercado, o que lhes serviria de grande allivio. Esta precauçaõ, só por si, bastaria para fazer desaparecer, em tempõ de penuria, os males, que acompanhaõ a fome, flagello o mais cruel que póde atormentar os homens.

A economia dos viveres, que resultaria do arranjamento tendente a sustentar hum numero consideravel de habitantes com os alimentos preparados nas cozinhas publicas, faria certamente as provisões mais abundantes, e menos caras; diminuiria o terror que se espalha com o temor da penuria e carestia; e acautelaria os atravessadores do graõ, que occasionaõ muitas vezes a fome, quando naõ ha penuria real. Esta ultima circunstancia obriga muitas vezes aos particulares a fazer provimentos mais consideraveis que no tempo ordinario, o que faz tambem levantar o preço destes artigos vendidos no mercado; e entaõ naõ he o temor de que faltem os mantimentos quem os determina a isto; mas

sim a consideraçaõ de que há pessoas assás destituidas de humanidade para fazer especulações sobre as calamidades publicas, e fazer augmentar, no mercado, a penuria dos artigos necessarios, e disseminar assim o terror geral.

Por agora naõ me dilatarei mais com a utilidade das cozinhas publicas, nem com as numerosas, e importantes vantagens, que dellas se podem tirar geralmente em todos os paizes: volto á materia que me propuz tratar; a sciencia da nutriçaõ; e o talento de fornecer alimentos sadios, e appetitosos por preços muito modicos.

CAPITULO II.

Do prazer da comida, e dos meios que se podem empregar para o augmentar.

DE tudo quanto tenho dito sobre esta materia, creio ficar demonstrado, que hé bastante para a nutriçaõ huma muito menor quantidade de alimentos do que até aqui se suppunha necessaria: porém ha outra circunstancia, que hé tambem attendivel, e vem a ser, *o prazer de comer*: deleite de que nenhuma pessoa quereria ficar privada.

O prazer que se experimenta quando se come depende em primeiro lugar do gosto agradavel do mantimento; e em segundo lugar do modo por que elle affecta os orgãos do paladar. Há muitas substancias, baratas, que communicaõ hum gosto agradavel aos manjares, particularmente, quando a base, ou a parte nutritiva do alimento hé insipida. O effeito que todo o alimento solido (a carne por exemplo) produz sobre o orgaõ do gosto póde ser augmentado indefinidamente, augmentando o volume das partes deste alimento, e apresentando-o ao paladar com maior superficie. Achando-se meio de impedir, que

se naõ engula o alimento muito apressãdo, o que se póde fazer, misturando-lhe comidas duras, e insipidas, taes como paõ secco ou torrado, ou outra cousa que obrigue a mastigar por mais tempo, o prazer de comer se deve por este modo augmentar, e prolongar muito.

Talvez pareça ridicula a idéa de occupar huma pessoa, por certo espaço de tempo, em comer huma pequena quantidade de alimento, dando-lhe ao mesmo tempo grande prazer; porém aquelles que considerarem este objecto com attençaõ, devem achallo importantissimo; merece, talvez mais que nenhum outro, a attençaõ do Philosopho. Os prazeres de que póde gozar a massa do genero humano naõ saõ taõ numerosos, que seja desnecessario o procurar augmentallos: considerando ainda mesmo aquelles que podem satisfazer seus appetites á medida dos seus desejos naõ se lhe faria pequeno serviço em ensinar-lhes como podiaõ augmentar os seus prazeres sem arruinar a saude.

Se hum golotaõ poder gozar do prazer de comer por duas horas, sem consumir mais que duas onças de carne, poupará o estomago livrando-o de huma indigestaõ, que lhe sobreviria se devorasse dous arrateis de carne no mesmo espaço de tempo.

Hum acaso me induzio a reflectir sobre es-

está materia. Naõ podia comprehender como os Soldados Bavaros, que saõ grandes, fortes, sãos, e que em geral, como todos os Alemães, gostaõ bastante do comer, podiaõ passar com a modica somma, que gastavaõ no seu jantar. Porém conhecendo ao depois melhor a sua administraçaõ economica, descubri hum mysterio, que excitou absolutamente a minha curiosidade. De facto vi, que os Soldados longe de morrer de fome pela inconsiderabilissima paga que recebiaõ, viviaõ com abundancia, e algumas vezes até exquisitamente. Pareceo-me ainda mais extraordinario o achar, que, naõ contentes com fazer os seus alimentos agradaveis, e nutritivos, tinhaõ descuberto meios de concentrar a impressaõ que estes lhes faziaõ sobre os orgãos do gosto, de maneira que augmentavaõ e prolongavaõ consideravelmente o prazer de comer.

Esta descuberta accidental fez grande impressaõ na minha alma; e obrigou-me a mudar inteiramente as idéas, que tinha, sobre o artigo alimentos; de mais abrio-me hum campo vasto para fazer indagações e experiencias, e me obrigou a tomar todas as instrucções possiveis sobre o modo porque se preparaõ os alimentos nos diversos paizes.

No Capitulo seguinte se acharáõ os resul-

sultados das minhas indagações, e de todas as experiencias que fiz a este respeito. O desejo de ser breve e laconico na minha narração, o mais que me fosse possivel, me obrigou a supprimir muitas reflexões interessantes, que se offerecem naturalmente á materia: a intelligencia do leitor supprirá esta falta, e o porá em estado de descobrir os objectos que se teve particularmente em vista nestas experiencias, ainda quando se não fazem dellas menção, e de comparar a pratica com a theoria.

C A.

CAPITULO III.

Das differentes especies de manjares que se daõ aos pobres na casa da industria em Munich, com a relaçaõ do seu custo. Calculo do que poderiaõ custar os mesmos alimentos na Gram Bretanha, segundo o preço exorbitante porque actualmente se achaõ os generos, e o seu preço ordinario. Differentes modos de melhorar os alimentos que custaõ baratos.

ANtes que se usasse das batatas para o alimento dos pobres, na casa de industria de Munich (o que só principiou a ter uso desde o mez de Agosto passado) a sopa que se dava aos pobres, era composta da maneira seguinte:

SOPA N.º 1.

Ingredientes.	Seu pezo calculado pelo haver do pezo.		Seu valor em libras, shelings, e peniques esterelin.		
	lib.	onç.	lib.	sh.	p.
4 viertel de cevada pilada, ou farro, o que hé igual a 20 $\frac{1}{7}$ de *gallons* de Inglaterra (1) . .	141	2	0.	11.	7.
4 viertel de ervilhas	131	4	0.	7.	$3\frac{1}{4}$.
Fatias de paõ branco	69	10	0.	10.	$2\frac{1}{4}$
Sal	19	13	0.	1.	$2\frac{1}{2}$
24 maas de cerveja, vinagre, ou cerveja azeda	46	13	0.	1.	$5\frac{1}{2}$
Agua 560 quartos . .	1077	0			
	1485	10	1	11	$8\frac{13}{22}$

Com-

(1) O viertel hé a duodecima parte de hum schaffel de Baviera, que peza 380 arrateis, pouco mais ou menos. Para evitar a multiplicaçaõ dos calculos, reduzirei somente os resultados á moeda Portugueza, avaliando a libra esterlina a 3561 $\frac{26}{100}$ de reis. O schaffel de cevada medida em Baviera, peza 250 libras pezo de Baviera. Sendo passada ao moinho para ser pilada, o volume se reduz a meio schaffel, que peza 171 libras, e as 79 libras que restaõ pertencem na Baviera ao moleiro.

	lib.	sh.	p.
Combustivel, 88 libras de lenha de pinho, do qual, huma corda em Baviera, peza 3961 libras, haver do pezo, a 8 shelings, e $2\frac{1}{4}$ peniques (1)	0	2	$2\frac{1}{4}$
Jornal de dous criados a 20 florins ou 37 shelings, $7\frac{1}{2}$ peniques por anno, que dá por dia . .	0	0	$3\frac{1}{2}$
Despeza particular para o mantimento de tres mulheres, destinadas a ir ao mercado, a 10 kreutzers por dia cada huma, segundo o ajuste que se fez com ellas	0	0	11
Ordenado de mais dous criados, destinados a ir ao mercado, a ajuntar as esmolas, servir na cozinha, e distribuir a sopa aos pobres	0	0	$5\frac{1}{2}$
Despeza total que faz cada dia o jantar de 1200 pessoas . .	1	15	$2\frac{1}{4}$
O que faz em moeda de Portugal, Rs.	6.265$\frac{191}{400}$		

Esta somma dividida por 1200, que hé o numero de porçoes fornecidas aos pobres, dá 5 reis e $\frac{719}{72000}$ de real para cada porçaõ, que tem de pezo 20 onças *do haver do pezo.*

(1) O gasto do combustivel parecerá excessivamente módico, entretanto hé determinado pela experiencia. No meu Ensaio sobre a conduçaõ do calor, e economia do combustivel, darei miudamente conta destas experiencias.

Porém por mais diminuta que fosse antigamente a despeza que se fazia em alimentar os pobres de Munich, com tudo esta despeza ficou ainda mais diminuta depois que se introduzio o uso das batatas. Este vegetal taõ sadio, como util, há pouco tempo que a penas era conhecido em Baviera; e a aversaõ que o publico, particularmente os pobres, tinha para este mantimento era tal, que principiando se a fazer uso delle na cozinha da casa de industria, foi preciso ter isso em segredo absoluto. Escolheo-se hum quarto particular em certo lugar separado, onde se faziaõ cozer as batatas, que era preciso reduzir a caldo, e desfigurallas inteiramente, para obviar que se descobrisse que estavaõ misturadas com os outros ingredientes de que a sopa era composta. Entretanto os pobres conheceraõ a melhoria do alimento, e patentearaõ a sua approvaçaõ taõ decididamente, que se julgou naõ ser necessario encobrir dalli em diante a causa da mudança que experimentavaõ; e actualmente estaõ de tal modo apaixonados pelas batatas, que naõ ficariaõ satisfeitos se as naõ tivessem na comida.

Empregando as batatas como ingrediente da sopa, se poupaõ outras substancias mais despendiosas; o que se póde conhecer facilmente, comparando a receita seguinte com a outra, que já mencionei.

Ingredientes.	*Pezo.*		*Custo.*		
	lib.	onç.	lib.	shil.	p.
2 viertel de cevada pilada	70	9	0	5	$9\frac{13}{32}$
2 viertel de ervilhas	65	10	0	3	$7\frac{3}{2}$
8 viertel de batatas	230	4	0	1	$9\frac{3}{11}$
Fatias de paõ . . .	69	10	0	10	$2\frac{4}{11}$
Sal	19	13	0	1	$2\frac{1}{2}$
Vinagre	46	13	0	1	$5\frac{1}{2}$
Agua	982	15	0	0	0
Pezo	1485	10			
Despeza para o combustivel, criados, reparações, etc. como no N.° 1.			0	3	$5\frac{3}{12}$
Despeza total para o jantar de 1200 pessoas			1	7	$6\frac{2}{3}$
O que faz em moeda Portugueza Rs.			4.899		$\frac{85}{600}$

Esta somma dividida por 1200 numero das porções de sopa, distribuidas cada dia, dá 4 reis e $\frac{35691}{432000}$ de real por cada sopa.

A quantidade de cada ingrediente contido em huma porçaõ de sopa se póde fixar do modo seguinte:

Ingredientes.	*Pezos do haver do pezo.* Sopa N.° 1. onças.	*Pezos do haver do pezo.* Sopa N.° 2. onças.
Cevada pilada	$1\frac{1058}{1200}$	$0\frac{1129}{1200}$
Ervilhas	$1\frac{960}{1200}$	$0\frac{1050}{1200}$
Batatas	. . . . .	$3\frac{84}{1200}$
Paõ	$0\frac{1114}{1200}$	$0\frac{1114}{1200}$
Total em substancias	$4\frac{772}{1200}$	$5\frac{977}{1200}$
Sal	$0\frac{316}{1200}$	$0\frac{316}{1200}$
Vinagre fraco	$0\frac{748}{1200}$	$0\frac{748}{1200}$
Agoa	$14\frac{342}{1200}$	$13\frac{127}{1200}$
Total	$19\frac{968}{1200} = \frac{121}{250}$	$19\frac{968}{1200} = \frac{121}{250}$

A despeza da preparaçaõ desta sopa deve variar, segundo o preço dos artigos de que ella hé composta; porém achando-se determinado o pezo de cada hum dos ingredientes, será facil estabelecer o preço de cada hum delles, em qualquer lugar, ou tempo que seja.

Ainda que o objecto principal na composiçaõ destas sopas seja o fazellas sadias, e nutrientes, com tudo naõ ficaõ insipidas, ou desenxabidas. A baze destas sopas, que vem a ser a agua espessada pela cevada, he susceptivel de receber, e transmittir ao gosto tudo quanto os outros ingredientes tem de saboroso, e o paõ secco, obrigando a mastigar, pro-

prolonga a acçaõ do alimento sobre o orgaõ do gosto; e por consequencia augmenta, e prolonga o prazer da comida.

Porém, ainda que estas sopas sejaõ boas, e nutrientes, saõ com tudo susceptiveis de alterações agradaveis. O modo mais simples de lhe dar novo gráo de perfeiçaõ, he ministrar-lhe huma pequena quantidade de carne salgada, cozida, e cortada em pedacitos muito pequenos, e frigir as codeas de paõ em manteiga, gordura, ou unto.

Esta preparaçaõ naõ só torna o paõ mais duro, mas o faz embeber na substancia gordurenta, ou oleosa, e o conserva na dureza, ainda depois de estar na sopa; porque assim a agua quente o naõ póde decompôr nem amolecer.

Todos os bons cozinheiros mettem na sopa de ervilhas pequenos pedaços de paõ frito, cortado em quadradinhos: mas duvido que elles estejaõ convencidos da grande utilidade deste methodo, e que tenhaõ huma idéa justa da razaõ porque este paõ assim preparado, melhora a sopa.

As especies de carne, que se pódem misturar com estas sopas, saõ a carne de porco salgada, toucinho, e vaca de fumo, ou secca.

Qualquer especie de carne, que se use para isto, deverá ser fervida em agua limpa, ou no caldo, e ao depois tirada para fóra, e cor-

cortada em pedacinhos taõ miudos como grãos de cevada. O paõ póde ser cortado em quadradinhos do volume de huma ervilha grande; ou em talhadas delgadissimas; e se póde misturar depois com a carne para o pôr nas escudellas ao tempo que se lhe deita o caldo.

Ha outro modo de melhorar estas sopas, misturando-lhe pequenas canellas, ou bollasinhas compostas de paõ, farinha fina, carne de fumo, presunto, ou outra qualquer carne salgada, ou figado picado: podem-se ferver estas bolasinhas no mesmo caldo, ou em agua limpa, e distribuillas depois com a sopa.

A carne, que entra nas preparações acima indicadas, serve mais para agradar ao gosto do que para outro fim algum, visto que a sopa he já de sua natureza assás nutriente; pelo que se deverá cortar a carne em partes muito miudas, o que a fará passar pelo orgão do gosto com maior volume; deve-se tambem misturalla com alguma substancia dura, por exemplo paõ frito, ou codeas seccas, ou bolitas de farinha endurecidas, o que prolongará necessariamente o tempo, que se emprega em mastigar.

Destas precauções resultará, que se a carne, de que se faz uso para isto, tiver muito gosto bastará huma pequena quantidade para alcançar o fim desejado.

Hu-

Huma onça de toucinho ou de carne salgada, e huma onça de paõ frito junto a 18 onças da sopa N.° 1. faráõ huma excellente comida, em que o gosto dominante será sem duvida o da carne.

As bolitas de peixe salgado, ou de fumo misturado com batatas desfeitas, ou esmagadas, paõ, e farinha fina, e postas ao depois a ferver de novo, fariaõ hum excellente accessorio a sopa N.° 1. ou N.° 2.

Poder-se-hia tambem melhorar esta sopa misturando-lhe raizes, e legumes communs, taes como rábãos, nabos, cenouras, pastinacas, aipos, couves, repolho-salgado (sauer-Krout) etc.; ou adubando-a com ervas cheirosas, e pimentaõ. Tambem seria vantajoso usar dos alhos, e cebolas naõ sómente porque elles communicaõ aos alimentos hum gosto agradavel, mas porque saõ muito saudaveis.

A respeito da cevada de que se faz uso para preparar estas sopas, ainda que eu já mais usasse se naõ da cevada pilada ou farro, entretanto naõ duvido que a farinha de cevada ordinaria preencha os mesmos fins, principalmente se houver o cuidado de a ferver a fogo lento antes, que se lhe ajuntem as ervilhas (1).

Até

(1) Depois de publicada a primeira ediçaõ deste Ensaio se fez a experiencia, de que aqui se trata, com

Até o ânno passado, estavaõ no uso de fazer cozinhar sopa de cevada separadamente da sopa de ervilhas misturando-as ao depois, quando se deitava o caldo sobre as fatias de paõ que estavaõ no fundo das sopeiras, em que he conduzido ao refeitorio: porém naõ tenho razões para suppor, que este methodo tenha alguma vantagem; provavelmente a sopa ficará taõ boa fazendo cozer as ervilhas separadas da cevada, como cozendo ambas as cousas juntamente.

Logo que a sopa está feita, e se vasou das marmitas, devem estas encher-se immediatamente de agua, e se lhe lança a cevada destinada a fazer a sopa do dia seguinte, para que fique de infusaõ toda a noite, e no outro dia ás seis horas da manhãa se acende o fogo as marmitas (1).

Já

---

a farinha de cevada, e se achou que esta farinha era igualmente boa para fazer as sopas, ou talvez melhor. Thomaz Bernard, Esq. Thesoureiro do Hospital dos expostos, bem conhecido pela sua philantropia, e zelo infatigavel com que soccorre e cuida dos pobres, fez, entre outras, esta experiencia, obtendo as provas mais decididas de que a farinha de cevada, sem a extracçaõ das semeas correspondia melhor ás suas vistas; isto he, que fazia as sopas mais substanciaes, e mais nutrientes, do que quando se serviaõ da farinha fina.

(1) Segnndo algumas experiencias, que se fizeraõ re-

Já mais se deixaõ as ervilhas de molho na marmita toda a noite ; porque varias experiencias tem demonstrado , que ficaõ sempre duras, se a agua em que se cozem naõ ferve bastante. Talvez esta qualidade será particular ás ervilhas de Baviera.

Quando principiei a cuidar do mantimento dos pobres em Munich, fazia-se cozer certa quantidade de carne para a sopa ; porém como a carne ordinariamente , era de má qualidade , julguei que naõ poderia contribuir a fazer a sopa mais nutrimental: além de que, tendo-se achado meios de fazer a sopa apetitosa , sem empregar carne , se diminuio a quantidade desta , e por fim veio a supprimir-se absolutamente o seu uso. Já mais ouvi dizer que os pobres se queixassem disso ; e até duvido

---

centemente , se acha que a sopa adquire hum gráo de perfeiçaõ mais , fazendo fogo bastante á caldeira parã ferver a agua , fechando depois o cinzeiro e o registo da cheminé , e cubrindo a marmita com hum panno grosso , ou com huma coberta de lãa , para que o caldo conserve calor até o dia seguinte. Este calor concentrado por muito tempo , produz grande effeito sobre a cevada , e espessa a agua de hum modo admiravel. Pode-se aproveitar desta experiencia para a preparaçaõ das papas , que se fazem da farinha de aveia com agua.

que elles prestassem alguma attençaõ a esta mudança.

O arranjamento do fogo, durante a cocçaõ, he sempre hum objecto importantissimo: porém faz-se particularmente interessante, quando se preparaõ as sopas economicas, e substanciaes. A economia do calor, durante a cocçaõ, contribue muito a dar consistencia á sopa, e fazella agradavel ao gosto.

A fervura deve ser ligeira desde o principio da cocçaõ até o fim; e, se fosse possivel, que a sopa conservasse sempre o gráo de calor, que precede á fervura, ou ebuliçaõ, sem que jámais chegasse a ferver, entaõ ficaria muito melhor.

He sempre pernicioso usar da fervura violenta para a cocçaõ dos alimentos; porque este processo naõ acelera a cocçaõ; e esperdiça inutilmente muito combustivel. Além disto a força da ebuliçaõ evapora as partes mais volateis, e mais saborosas dos alimentos, fazendo-os por consequencia menos bons, e menos saborosos. Qualquer pessoa, que tiver feito experiencias physicas sobre o calor, deve saber: 1.° que a agua, chegando ao ponto da ebuliçaõ, naõ he susceptivel de receber maior gráo de calor, seja qual for a actividade do fogo que lhe appliquem: 2.° que a perfeiçaõ da cocçaõ resulta de continuar por muito

to tempo o mesmo gráo de fervura, e naõ da dupla ebuliçaõ da agua: 3.° que he preciso *sinco vezes* mais calor para fazer evaporar certa quantidade de agua, que já ferve, do que he necessario para elevar ao primeiro gráo da ebuliçaõ a agua de neve, na mesma proporçaõ; logo póde facilmente demonstrar-se, que toda a ebuliçaõ violenta traz comsigo huma grande e inutil consumaçaõ de calor, e por consequencia de combustivel; merecendo por isso ser inteiramente banida dos processos chimicos, de que se faz uso na arte da cozinha.

Para acautelar, que a sopa naõ adquira o gosto de queimado pegando-se á marmita: se deve usar de hum fundo dobrado delgadissimo, pela parte interior da marmita, e que esteja em contacto com ella por toda a parte, porém sem estar soldado senaõ pelos lados. Este fundo dobrado deve ter na circumferencia superior huma borda de pollegada e meia de largo, que serve para o rebater nos lados da marmita; mas convém que se usem muito poucas taxas ou pregos e estes devem ser delgadissimos; porque usando-se de pregos grossos no fundo da marmita, que recebe a acçaõ do fogo, com toda a sua actividade, a sopa póde adquirir o gosto de queimado, pelo simples contacto das cabeças dos pregos.

Tendo adaptado este fundo dobrado á marmita, se pódem conchegar perfeitamente as duas folhas do metal huma para a outra, á golpes de martello, e fixallas depois juntamente por taxas pregadas, e rebatidas de distancia em distancia; depois desta operaçaõ se póde estanhar a marmita.

Esta qualidade de fundo dobrado póde ser usada em todas as caçarollas, e caldeirões, que se usaõ nas cozinhas; e esta invençaõ impidirá certamente que as comidas cheirem, ou tenhaõ sabor de queimado (1).

O

(1) A invençaõ dos fundos dobrados podia ser utilmente empregada pelos distiladores para impedir, que o liquor, quando he espesso, naõ adquira o cheiro de queimado. Porém tenho ainda outra idéa, que desejo, há muito tempo, communicar aos distilladores, estando persuadido que deveráõ tirar della grandes vantagens: e he, preparar pedaços de lãa espessa para cubrir os capacetes dos alambiques, e livrallos do contacto immediato da atmosphera; e ainda cobrir toda a parte do alambique, que fica acima da fornalha, e está exposta ao ar. O calor que se communica ao ar exterior, que está em contacto com o cobre, occasiona naõ sòmente huma grande perca de calor interior, e produz maior consumaçaõ do combustivel, mas prolonga, e obsta ao processo da distilaçaõ; porque todo o calor, communicado á atmasfera pelo capacete, he tomado do vapor espirituoso, que se evapora do liquor, e se pega ao capacete: e como este vapor naõ póde

O calor se acha de tal modo impedido na passagem atravessando a lamina de ar, que fica entre os dous fundos, a pezar do cuidado que houve de os pôr em perfeito contacto, que o fundo dobrado communica, quasi instantaneamente, o calor que recebe, ao fluido que contém; e por consequencia naõ adquire jámais hum gráo de calor sufficiente para lhe communicar o gosto de queimado.

Seria melhor forrar inteiramente as caçarollas, e os caldeirões pequenos; porque devendo ser este forro excessivamente delgado, occasionaria muito pouca despeza ainda no caso de se usar de folhas de prata.

Porém naõ me devo alargar muito nesta materia visto que a pertendo tratar ao depois. Volto por tanto ao objecto deste Ensaio que he a preparaçaõ dos alimentos, e a nutriçaõ.

CA-

deixar de condensar-se todas as vezes que perde do seu calor, e que a parte espirituosa naõ tem assás força para ganhar a espiral, e por isso cahe directamente do capacete no liquor; he claro o inconveninte que ha em deixar o capacete exposto ao ar. He facil de remediar o mal por hum meio taõ simples como barato.

CAPITULO IV.

Os soldados Bavaros se sustentaõ com muito pouca despeza. Exposiçaõ da sua economia domestica fundada na experiencia. Consumaçaõ do combustivel que precisaõ para a sua cozinha.

TEnho observado, que muitas pessoas, ainda mesmo das mais bem entendidas em negocios militares, se admiraõ que os soldados possaõ viver com a sua modica paga; e muitas vezes me admirei tambem, que ninguem emprendesse examinar esta materia, e explicar hum enigma taõ curioso, e interessante (1).

Em

(1) He certo, que seria impossivel aos soldados o poderem subsistir com a sua paga, se fossem obrigados a viver separadamente, a reuniaõ he quem lhe facilita, ordinariamente os meios. Antigamente em França o soldado infante naõ tinha mais que sinco *soldos* e oito *dinheiros* por dia, (quasi 24 reis) daqui se lhe descontava ainda hum *soldo* para a roupa branca, e çapatos, que se lhe davaõ todos os 3 mezes; por tanto com 4 *soldos*, e 8 *dinheiros* (20 reis e $\frac{20}{100}$ de real) por dia, e arratel e meio de paõ que o Rei lhe dava, naõ sómente se alimentavaõ bem, mas pagavaõ muitas despezas acessorias, como lavagem de roupa, tinta, ou graxa

Em todos os paizes da Europa a paga do soldado he excessivamente modica, e muito inferior á de hum jornaleiro; parece incrivel, que, em certos paizes, subsistaõ com taõ fracos meios.

A paga de hum infante, e ainda de hum granadeiro nos regimentos da guarda de S. A. E. Bavaro-Palatina, chega sómente a 5 *kreutzers* (29 reis e $\frac{5}{100}$). Ha algum tempo que a paga do infante era sómente de $4\frac{1}{2}$ kreutzers por dia (26 reis e $\frac{14}{100}$); porém depois do estabelecimento do novo systema militar, a paga chega a 5 kreutzers. O soldado recebe além desta somma huma libra, e 13 onças e meia de paõ (*haver do pezo*) que pelo preço médio do graõ em Baviera custa pouco menos de 3 kreutzers (17 reis e $\frac{45}{100}$). Estas duas quantidades reunidas formaõ a somma de 8 kreutzers

(46

para os çapatos, alvaiade para as correas, etc. na Prussia os soldados tem 35 *kreutzers*, ou 8 *groschen* (196 reis e $\frac{40}{100}$) todos os 4 dias, por soldo, e paõ, e naõ fazem jantar: assim muitos andaõ a pedir esmolas, mesmo em Berlin, e Potsdam, debaixo dos olhos do Soberano; e se occupaõ nos empregos mais servis, como rachar lenha, carregar saccos, etc. Nas pequenas Cidades, como Spandau, Custim, etc. saõ verdadeiramente miseraveis, porque naõ achaõ quem os empregue como jornaleiros: entretanto o exercito Prussiano he susceptivel de grande energia, quando he bem commandado.

(46 reis e $\frac{41}{100}$) por dia, sendo tudo o que o soldado recebe.

Hum Inglez mal poderia conceber, que fosse possivel procurar a subsistencia necessaria a hum homem mediante esta taõ modica somma; porém qual seria a sua admiraçaõ se visse hum exercito inteiro composto de soldados os maiores, mais fortes, e mais vigorosos, que se podem desejar, e cujo exterior annuncia a melhor saude, e satisfaçaõ, vivendo unicamente desta modica paga?

Eu observei já quanto me havia tocado a economia domestica do soldado Bavaro; e supponho esta materia muito interessante para deixar de entrar no seu exame, apresentando-a ao Publico com toda a individuaçaõ; e como será sem duvida mais satisfactorio ser instruido pelos seus mesmos orgãos, copiarei a conta que me deraõ dous sub-officiaes, ou officiaeis inferiores de bastante intelligencia, a quem empreguei para me obterem as informações que desejava.

Estes dous officiaes inferiores, que pertencem a dous regimentos differentes de granadeiros dos que estaõ de guarniçaõ em Munich, me foraõ recommendados pelos seus Coroneis, como exactos, e cuidadosos; e cada hum delles presidia ao jantar de 12 soldados, comprehendido o seu chefe. A seguinte re-

relaçaõ da sua economia domestica, e despeza da comida, he o resultado de muitas experiencias feitas por instigações minhas, e á minha custa.

Creio que he impossivel obter informações uteis, com menos custo, e estou persuadido que o leitor será da mesma opiniaõ tendo lido as relações seguintes, que traduzo litteralmente.

» Em obediencia das ordens do Tenente-
» General, Conde de Rumford, o Sargento
» Wickenhoff, da primeira companhia do pri-
» meiro Regimento de granadeiros de S. A. E.
» na guarniçaõ de Munich, fez as experien-
» cias seguintes sobre os jantares de 10 e 11
» de Junho de 1795 »

10 de Junho de 1795.

Minuta do jantar.

Carne cozida, sopa, almondegas de paõ.

Relaçaõ da despeza, etc.

Carne, e sopa.

			kreutzers.	
(1) 2 libras	de carne		16	
	1 loth de ervas cheirosas .		1	
	0 $\frac{1}{2}$	de pimenta	0	$\frac{1}{2}$
	6	de sal	0	$\frac{1}{2}$
1	14 $\frac{1}{2}$	paõ de muniçaõ em fatias	2	$\frac{1}{2}$
9	20	de agua commum . . .		
13 liv.	10 loth		20 x.	$\frac{7}{8}$

» Todos os ingredientes acima mencionados foraõ postos em huma panella de barro, e ferveraõ por duas horas e hum quarto, tirou-se-lhe depois a carne, que se achou pezar huma libra, e 30 loths. Esta quantidade dividida em 12 porçõe iguaes, dá 5 loths para cada pessoa. »

A sopa, e paõ pezaõ 9 libras e 30 $\frac{1}{2}$ loths; esta sopa dividida por 12 dá 26 loths e $\frac{7}{12}$ para cada porçaõ.

A

(1) A libra de Baviera peza, com pouca differença, huma livra e quarta do haver do pezo; e se divide em 32 loths.

A carne e a sopa custaõ 20 kreutzers $\frac{7}{8}$, divididos por 12 vem cada porçaõ a custar, com pouca differença, hum kreutzer, e $\frac{1}{4}$, (5 reis e $\frac{581}{1200}$) (1).

Almondegas de paõ.

			kreutzers.
1 lib.	13 loths	de pãisinhos de farinha de trigo	10
1		de farinha fina	4 $\frac{1}{2}$
	6	de sal	0 $\frac{1}{2}$
3		de agua	0 0
5 lib.	19 loths		15x.

» Estes ingredientes, depois de feitos em » massa, e divididos em almondegas, foraõ » fervidos em agua limpa. Estas almondegas » pezaõ ao sahir da agua 5 libras, e 24 loths; » divididas em 12 partes iguaes, tem cada » huma das porçõe 15 loth $\frac{1}{2}$; e divididos por » 12 os 15 kreutzers do custo dos materiaes » primitivos, se acha que cada huma das por- » ções custa hum kreutzer e $\frac{1}{4}$.

» A carne, a sopa, e as almondegas foraõ » distribuidas juntamente para o jantar, ao

(1) O kreutzer vale, como já disse, 5 reis e $\frac{81}{100}$.

» meio dia em ponto, e além destes alimen-
» tos cada pessoa que pertencia ao jantar re-
» recebeo hum pedaço de paõ de senteio, que
» pezava 10 loths, e custa $\frac{5}{16}$ de kreutzer. Ao
» almoço se distribuiraõ iguaes pedaços de
» paõ, o que se repetio para a merenda ás
» quatro horas da tarde, e para a cêa.

Re-

Recapitulaçaõ dos alimentos consumidos no dito dia.

	Cada pessoa recebeo no decurso do dia.		Despeza calculada em dinheiro do Imperio.	
	Substancias solidas.		*Fluidas.*	
	liv. lot.		liv. lot.	kreutzers.
Na sopa. Carne cozida	o 5			
Paõ de centeio	o $3\frac{7}{8}$			$1\frac{1}{16}$
Ervas cheirosas	o $0\frac{1}{12}$			
Sal	o $0\frac{1}{24}$			
Pimenta	o $0\frac{1}{24}$			$\frac{7}{16}$
Agua			o $23\frac{1}{2}$	
Total	$9\frac{2}{24}$			
	liv. lot.			
Nas almond. Paõ de trigo	o $3\frac{3}{4}$			
Farinha fina	o $2\frac{2}{2}$			
Sal	o $0\frac{1}{24}$			$1\frac{1}{4}$
Agoa			o $7\frac{1}{2}$	
Total	$6\frac{11}{24}$		$7\frac{1}{2}$	
	liv. lot.			
Paõ sécco. Almoço	o 10			
Jantar	o 10			
Merenda	o 10			$2\frac{1}{2}$
Céa	o 10			
Total	1 8			
Total geral	1 $23\frac{13}{24}$		o $30\frac{7}{12}$	$5\frac{1}{4}$ (*)

O

(*) *Estes* 5 *kreutzers e* $\frac{1}{4}$ *fazem em moeda Portugueza* 30 *reis e* $\frac{3}{4}$ *de real.*

O paõ de muniçaõ está calculado a 2 kreutzers por libra, que he o seu preço médio, e como o soldado tem huma libra $\frac{1}{2}$ (pezo de Baviera) deste paõ, cada dia, este artigo fez a despeza diaria de 3 kreutzers. Esta somma junta aos 5 kreutzers, da paga fazem por dia 8 kreutzers, que he tudo quanto o Soberano despende para a sua subsistencia.

Segundo esta conta, parece que o soldado naõ despende mais de 5 kreutzers $\frac{1}{4}$, por dia; logo resta-lhe dous kreutzers e $\frac{1}{4}$ de que elle póde dispôr como lhe aprouver.

O soldado emprega ordinariamente este excedente em comprar cerveja, aguardente, tabaco, etc. A cerveja custa, em Baviera, dous kreutzers, por canada de Inglaterra; a aguardente de grãos 15 até 18 kreutzers; e o tabaco he baratissimo.

Porém como os soldados Bavaros naõ comem o mesmo todos os dias, o gasto de meza naõ póde ser determinado por huma só experiencia; por tanto volto á relaçaõ do sargento Wickenhoff.

11 de Junho de 1795.

Minuta da comida.

Paõ, almondegas, e sopa.

Relaçaõ das despezas, etc.

Para as almondegas.

Paõ de trigo	2 lib.	13 loths	14 kreutzers
Manteiga	0	16	16
Farinha	1	0	4 $\frac{1}{2}$
Ovos	0	11	3
Sal	0	6	0 $\frac{1}{2}$
Pimenta	0	0 $\frac{1}{2}$	0 $\frac{1}{2}$
Agua	3	16	
	7	30 $\frac{1}{2}$	31 $\frac{1}{2}$

Estes ingredientes reduzidos a almondegas, e as almondegas cozidas, pezaraõ oito libras, e oito loths: que divididas por doze pessoas deraõ para cada huma 22 loths: e a despeza de 31 kreutzers $\frac{1}{2}$ dividido por 12, dá dous kreutzers $\frac{13}{14}$ para cada huma.

Sopa.

Paõ de muniçaõ	1 lib.	14 loths	2 $\frac{7}{8}$ kreutzers
Sal	0	6	0 $\frac{1}{2}$
Hervas	0	1	1
Agua	12	0	0
Total	13	21 $\frac{1}{2}$	4 $\frac{1}{8}$

» Esta

» Esta sopa depois de feita pezou 11 libras » e 26 loths; que divididas por 12 pessoas, » que pertenciaõ á comida, vem á ficar cada » porçaõ de 31 $\frac{1}{2}$ loths, e a despeza vem a » ser 4 kreutzers e $\frac{1}{8}$; que divididos por 12 dá » para cada porçaõ $\frac{3}{9}$ de kreutzer com pouca » differença.

Paõ.

» Quatro pedaços de paõ de muniçaõ do » pezo de dous loths, para cada pessoa, a sa- » ber; hum para o almoço, outro para o jan- » tar, outro para a merenda, e outro para a » cêa; fazendo o total de 40 loths, ou huma » livra e hum quarto; custaõ dous kreutzers » e meio.

Recapitulaçaõ da despeza para cada pessoa.

Paõ seccò	1 libra	8 loths	2 $\frac{1}{2}$ kreutzers
Almondegas	0	22	2 $\frac{15}{24}$
Sopa de paõ	0	31 $\frac{1}{2}$	0 $\frac{3}{8}$
Alimentos	2	30 $\frac{1}{2}$	Despeza 5 $\frac{1}{2}$

Em moeda Portugueza 31 reis, e $\frac{11}{20}$.

Re-

Relaçaõ das despezas do jantar do Sargento Kein, do segundo regimento de granadeiros.

20 de Junho de 1795.

Minuta da comida.

Carne cozida, sopa de paõ, almondegas de figado

Relaçaõ da despeza.

Vaca, e sopa.

Carne . . .	2 libras	0 loths	5 kreutzers.
Sal	0	$6\frac{1}{2}$	$0\frac{1}{2}$
Pimenta . . .	0	0	$0\frac{1}{2}$
Hervas . . .	0	2	$0\frac{1}{2}$
Paõ de munição	2	24	$3\frac{1}{4}$
Agua . . .	17	0	0 0
Total	22	1	$19\frac{3}{4}$

» Estes ingredientes fervêraõ duas horas e » sinco minutos, depois do que, tirada a carne para fóra pezou huma libra, e 22 loths, » e a sopa 15 libras, divididas por 12 pessoas » que assistiaõ ao jantar, toca a cada huma » $4\frac{1}{2}$ loths de carne, e huma libra 8 loths de » sopa; e a despeza de 19 kreutzers $\frac{3}{4}$ divi- » dida por 12, faz hum kreutzer $\frac{31}{48}$ de despeza » para cada porçaõ.

Relaçaõ da despeza das almondegas de figado.

Paõ de farinha fina	2 lib.	28 loths	15 kreutzers.
Figado de vaca .	1	0	5
Farinha fina . .	0	18	$2\frac{1}{2}$
Sal	0	6	$0\frac{1}{2}$
Agua	2	24	0
Total . . .	7	12	23

» Estes ingredientes reduzidos a almonde-
» gas pezaõ 8 libras, o que faz para cada pes-
» soa 21 loths $\frac{1}{3}$; e a despeza que he de 23
» kreutzers dividida por 12 dá para cada por-
» çaõ hum kreutzer $\frac{11}{12}$.

» A quantidade de paõ de muniçaõ, que
» se dá a cada pessoa, he de huma libra e 8
» loths, a 2 kreutzers a libra, faz $2\frac{1}{2}$ kreut-
» zers por cabeça.

Recapitulaçaõ.

Para cada pessoa.			kreutzers.
0 libras	$4\frac{1}{2}$ loths	de carne cozida . .	$1\frac{31}{48}$
1	8	de sopa	
0	21	de almondegas de figado	$1\frac{11}{12}$
1	8	de paõ secco . . .	$2\frac{1}{2}$
3	$9\frac{5}{6}$	de alimentos . . .	$6\frac{3}{48}$

O que faz em moeda nossa 34 reis e $\frac{680669}{929600}$.

Ju-

Junho 21. 1795.

Minuta da comida.

Carne cozida, sopa de paõ, almondegas de paõ branco.

Depeza do cozido, e sopa
A mesma de hontem.

Despeza das almondegas.

2 libras	30 loths	de paõ branco	$15\frac{1}{2}$ kreutzers.
0	18	de farinha fina	3
0	6	de sal	$0\frac{1}{2}$
3	0	de agua	0
6	22		19

» Estas almondegas depois de terem sido » fervidas, pezaõ 7 libras, o que dá para ca- » da pessoa 18 loths $\frac{7}{7}$, e faz o preço de ca- » da porçaõ hum kreutzer $\frac{7}{12}$.

» O paõ secco dado a cada pessoa, he hu- » ma libra e 8 loths; pelo preço de 2 kreut. $\frac{1}{2}$.

Recapitulaçaõ.

Cada pessoa das que pertencem á meza, recebeo hoje

0 libras	4 loths	de vaca cozida	$1\frac{32}{48}$ kreutzers.
1	8	sopa	
0	$18\frac{2}{7}$	almondegas	$1\frac{7}{12}$
1	8	paõ secco	$2\frac{1}{2}$
3	$7\frac{1}{6}$	de alimentos	$5\frac{51}{61}$

O que faz na nossa moeda 29 rs. e $\frac{44464}{886025}$.

22 de Junho de 1795.

Minuta da comida

Sopa de paõ, almondegas de carne.

Relaçaõ da despeza.

2 libras	o loths	de carne	15 kreutzers
2	30	de paõ branco	15 $\frac{1}{2}$
0	18	de farinha fina	3
0	1	de pimenta	1
0	12	de sal	1
0	2	de herv. cheirosas	0 $\frac{1}{2}$
2	24	de paõ de muniç.	3 $\frac{1}{4}$
2	16	de agua	0
11	7		39 $\frac{1}{4}$

» Depois de picada a carne, se misturou » com o paõ de trigo, e ao depois com a fa- » rinha: addio-se-lhe o sal antes de a redu- » zir a almondegas, e de as fazer ferver no » caldo. Estas almondegas pezaõ 10 libras, » que divididas em 12 partes iguaes, faz 20 » loths e $\frac{2}{3}$ para cada huma.

» A sopa pezava 15 libras, o que dá huma » libra e 8 loths para cada porçaõ. Cada pes- » soa recebeo huma libra e 8 loths de paõ de » muniçaõ, que custa 2 kreutzers $\frac{1}{2}$.

Re-

Recapitulaçaõ.

Cada pessoa recebeo por dia.

0 liv.	20 $\frac{2}{5}$ loths de almondegas	$3\frac{13}{48}$ kreutzers.	
1	8 de sopa		
1	8 de paõ de mun.	$2\frac{1}{2}$	
3	$4\frac{2}{5}$ de alimentos	$5\frac{17}{48}$	

Em moeda portugueza 29 rs. $\frac{139457}{278800}$.

O resultado de todas estas experiencias, e de muitas outras que poderia alegar, provaõ, que o soldado Bavaro póde viver, e vive effectivamente com pouco mais de dous terços do seu soldo. Dos 5 kreutzers em dinheiro que o soldado recebe, raras vezes se gastaõ mais de dous e meio, ou tres kreutzers ao jantar. Logo restaõ ao soldado $\frac{2}{5}$ da sua paga, depois de feitas todas as despezas necessarias á sua subsistencia: e como o Soberano lhe fornece todos os artigos de vestuario, e naõ se lhe retem alguma parte do soldo, segue-se que naõ ha na Europa soldado algum que esteja em melhor situaçaõ.

Posto que o paõ de muniçaõ seja bastante negro, e grosseiro, por que he composto unicamente de farinha de centeio, com muitas semeas; com tudo este paõ naõ só he muito saudavel, mas he melhor em sopa do

que

que o paõ branco. Porém os soldados que estaõ ao serviço de S. A. Eleitoral, e particularmente os dos regimentos Bavaros, estaõ no costume de vender o seu paõ de muniçaõ para comprar outro mais branco, e melhor; e grande parte dos soldados só come o paõ de rala na sopa.

Todos os quatro dias se daõ aos soldados dous pães, que pezaõ cada hum duas raçõens; e he do costume que o soldado dê hum paõ cada 12 dias, para o que se precisa ao jantar; de modo que os $\frac{5}{6}$ do seu paõ ficaõ á sua disposiçaõ.

As relaçõens que acabo de apresentar ao leitor provaõ, quanto a mim, evidentemente, a vantagem de fazer viver os soldados em meza commum. As pessoas encarregadas da subsistencia dos pobres, ou que emprenderem fornecer viveres ás equipagens de navios, acharaõ igualmente nestas relaçõens algumas idéas uteis de que poderaõ tirar partido.

A respeito da despeza do combustivel nestas experiencias, devo dizer, que a consumaçaõ da lenha, foi muito consideravel em razaõ de se terem cozido os alimentos em vasos de barro, e a fogo descuberto.

No dia 10 de Junho, para cozinhar, ou preparar 9 libras e 30 loths de sopa, huma li-

libra 28 loths de carne, e 5 libras 28 loths de almondegas de paõ, que na totalidade montaõ a 17 libras e 18 loths $\frac{1}{2}$ de alimentos; se fez fogo por duas horas e 45 minutos, e se consumiraõ 29 libras de lenha, do pezo de Baviera.

A 11 de Junho para preparar 11 libras 26 loths de sopa de paõ, e 8 libras 8 loths de almondegas de paõ, por tudo 20 libras 2 loths de alimentos; havendo fogo acezo por huma hora, e 30 minutos se consumiraõ 17 libras de lenha.

A 20 de Junho, no jantar do Sargento Kein, para preparar 15 libras de sopa, huma libra 22 loths de carne e 8 libras de almondegas de figado, no total, 24 libras e 22 loths de alimentos, posto que o fogo durasse duas horas e 45 minutos, a lenha consumida foi sómente 27 libras e $\frac{1}{2}$.

A 21 de Junho a mesma quantidade de sopa, e de carne e 7 libras de almondegas de paõ se preparou em duas horas e 30 minutos, gastando sómente 18 libras $\frac{1}{2}$ de lenha.

A 22 de Junho 15 libras de sopa, e 10 libras de almondegas de carne, que fazem o total de 25 libras de alimentos, foraõ preparadas em duas horas e 45 minutos, queimando 18 libras, e 10 loths de lenha.

A taboa seguinte mostrará satisfactoriamente a consumaçaõ do combustivel nestas experiencias.

Data das experiencias.	Tempo empregado em cozinhar.	Quantidade de alimentos preparados.	Quantidade de lenha gastá.	Quantidade de lenha para cada lib. de alimentos.
Jun. 1795	hor. min.	lib. loths	lib.	
10	2 45	17 $18\frac{1}{2}$	29	
11	1 30	20 2	17	
20	2 45	24 22	$17\frac{1}{2}$	
21	2 30	23 22	$18\frac{1}{2}$	
22	2 45	25	$18\frac{1}{4}$	
Total 5	12 15	111 $\frac{1}{2}$	$100\frac{1}{4}$	
Quantidade média.	2 23	22 $\frac{1}{2}$	$20\frac{1}{20}$	$\frac{10}{11}$ de lib.

A quantidade média de alimentos preparados nestes sinco dias foi de 22 libras, com pouca differença; e a proporçaõ média da lenha consumida, foi de 20 libras $\frac{1}{20}$ o que faz $\frac{10}{11}$ de libras de lenha para cada libra de alimentos.

Porém está demonstrado por outras experiencias muitas vezes repetidas, que na nova cozinha da caza de industria de Munich 600 libras de alimentos (isto he a sopa N. 1.° distri-

tribuida aos pobres) se podem preparar com 44 libras de lenha de pinho. Donde se vê a enorme quantidade de lenha inutilmente consumida, segundo o antigo methodo de fazer a cozinha; porque naõ obstante serem necessarias *quatro horas e meia* para fazer a sopa dos pobres, quando os soldados só empregaõ duas horas e meia na factura da sua; entretanto a quantidade do combustivel, que estes consomem, he treze vezes mais consideravel, do que a despeza no mesmo artigo, necessaria na caza da industria; porém naõ devo antecipar aqui esta materia que deve fazer o objecto de hum Ensaio separado, e cuja importancia merece, que seja particularmente desenvolvida pelo resultado das mais exactas experiencias.

CAPITULO V.

Do muito que importa fazer viver os soldados em commum. O influxo destes arranjamentos economicos se estende até ao caracter moral das pessoas que saõ o objecto dellas. Despezas que fazem os soldados vivendo em commum. Os pobres de Munich saõ sustentados com huma despeza excessivamente modica. Proporçoes especificas para sustentar os pobres da Gram-Bretanha com o calculo da despeza conforme ao preço actual dos effeitos.

TOda a pessoa de alguma experiencia em negocios militares, deverá ter encontrado frequentes occasiões de observar a differença notavel, que existe ainda exteriormente, entre os soldados, que fazem a comida pelos ranchos, debaixo da inspecçaõ dos officiaes, e os outros que trataõ da sua subsistencia separada e individualmente. A differença porém que se observa entre os soldados, que vivem regularmente, e os que naõ estaõ ligados a ordem alguma, naõ poderia limitar-se só ao exterior, e com effeito chega tambem ao caracter, e costumes.

A tranquilidade do espirito, que he taõ precisa para a satisfaçaõ interna, e para a felicidade do homem, como he necessaria para a virtude, depende muito da ordem e arranjamento dos negocios ordinarios na carreira da vida; e em nenhum caso esta ordem e arranjamento vem a ser mais necessarias para a felicidade (e consequentemente para a virtude), do que quando se trata de conservar a saude, satisfazendo a fome; cujas impressões sobre os nossos orgãos, saõ ás vezes taõ desregradas, como insaciaveis.

A tranquilidade do espirito depende tambem da economia, ou dos meios que se empregaõ para previnir as faltas de dinheiro; e os soldados que vivem em ranchos de dez ou doze pessoas, achaõ o meio de poupar muito na compra dos alimentos que lhe saõ necessarios.

Porém naõ obstante a grande moderaçaõ dos gastos, que este arranjamento traz comsigo, parece-me que he possivel elevar a economia a maior ponto; eu passo a dar as razões, em que fundo a minha opiniaõ.

Ainda que os soldados Bavaros vivaõ com huma despeza summamente parca, naõ excedendo nunca 20 reis por dia, com tudo comparada esta somma, por modica que seja, com a despeza do sustento dos pobres em

Munich, a qual naõ passa certamente de 4 reis por dia, comprehendido nisto o pedaço de paõ de centeio, do pezo de 7 onças, do haver do pezo, que se lhe dá para o jantar, mas que elles ordinariamente guardaõ para a cêa; comparada, dizia eu, esta despeza com a que fazem diariamente os soldados na sua subsistencia, tenho razaõ de concluir, ou que os soldados podem passar mais barato, ou que os pobres devem andar esfaimados com o seu mesquinho passadio. Mas o ar de saude dos pobres, o contentamento e satisfaçaõ, que trazem pintados no rosto, tanto no refeitorio, como nas salas do trabalho, provaõ evidentemente que elles saõ bem alimentados.

Se voltassem a suas casas, durante o dia, poder-se-hia suppor que comeriaõ alguma cousa mais, do que a raçaõ do refeitorio na caza do trabalho; porém jámais fazem isto, porque vem para as suas occupações de manhãa taõ cedo, e deixaõ o estabelecimento taõ tarde, que naõ he provavel o terem tempo de preparar alguma comida em sua caza. Sei que muitos delles costumaõ beber a sua meia canada de cerveja, quando acabaõ o trabalho; porém duvido, que tenhaõ outra cousa para a cêa, além do paõ que recebem na caza de industria.

En-

Entretanto devo confessar francamente a admiraçaõ que sempre me causou, e he hum problema que ainda naõ posso explicar, que estes pobres se conservem taõ bem nutridos, com huma despeza taõ modica. Porém o facto he naõ só verdadeiro, mas absolutamente notorio. Muitos viagantes respeitaveis pela sua classe e caracter, Inglezes, e outros estrangeiros, que viraõ a caza de industria de Munich, podem testemunhar o que eu affirmo; e isto que parece taõ extraordinario, naõ he menos interessante.

He porém de advertir, que aquillo que custava em outro tempo em Baviera hum kreutzer, hoje custa hum e meio, em razaõ do augmento dos generos, e custará provavelmente tres em Londres, e em muitas outras partes da Gram-Bretanha: mas parecerá sempre incrivel, que hum jantar saudavel, e nutriente, em huma palavra, capaz de satisfazer o appetite de hum homem vigoroso, se possa obter em Londres, ao momento em que os viveres se achaõ taõ caros, por 40 reis $\frac{76}{100}$ de real, moeda portugueza; entretanto o facto he certo, e póde demonstrar-se pela experiencia.

Suppondo que he necessario dar tres comidas aos pobres deste paiz, isto se poderia fazer com muito pouca despeza. Adoptando o systema proposto, seria o custo dos alimentos o seguinte.

Pa-

	Moed. Ing.	
Para o almoço 20 onças de sopa N.°2 composta de cevada pilada, ervilhas, batatas, e paõ de trigo	Pence 0	farthing $2\frac{1}{2}$
Para o jantor 20 onças da mesma sopa, e 7 onças de paõ de centeio	0	2
Para a cêa 20 onças da mesma sopa	0	$2\frac{1}{2}$
	2	3

O total saõ 4 arrateis e 3 onças de mantimento que custariaõ 2 pence e 5 farthing (40 reis e $\frac{76}{100}$ de real).

Querendo-se dar alguma carne ao jantar, se poderia fazer, picando-a, e misturando-a com almondegas de paõ; e julgando-se conveniente dar toucinho, ou outra qualquer carne salgada, ou de fumo; entaõ se deve cortar em pedacinhos muito miudos, e misturar isto com o paõ que se come na sopa. A sopa ficaria mais apetitosa se frigissem o paõ que se lhe deita, mas isto custaria alguma cousa mais. O paõ de centeio he mais proprio para se frigir, do que o paõ de farinha de trigo, e ordinariamente ametade mais barato. Talvez seria possivel dar paõ de centeio frito pelo mesmo preço do paõ de trigo, naõ frito; se assim for, naõ póde isto deixar de ser muito vantajoso.

Há

Há outro modo de fazer estas sopas saborosas, e de lhe dar o gosto de grandes adubos, que he misturar-lhe arenques salgados, picados, ou esmagados no almofariz. Naõ conheço alimento algum taõ saboroso, como os arenques salgados, nem que se communique mais facilmente aos outros alimentos: e há muito quem goste bastante da comida temperada com arenques.

Póde-se tambem fazer uso do queijo para dar hum gosto agradavel a esta especie de sopa, e pequena quantidade he sufficiente para conseguir este fim, com tanto que seja fortissimo, e que se empregue a proposito. Deve-se reduzir a pó, e empoar a sopa por cima depois de estar no prato. Este uso se acha introduzido na meza dos ricos, e consideraõ o queijo como hum ingrediente exquisito; entretanto que os pobres, cujos prazeres saõ quasi nenhuns, ainda naõ aprendéraõ a utilisar-se deste meio, que lhe he taõ facil.

As pessoas que pelos seus empregos saõ obrigadas a passar por terras estranhas, ou aquelles que pelo estado de sua fortuna podem viajar para sua instrucçaõ, e divertimento, tem frequentes occasiões de colligir conhecimentos uteis, e he por esta communicaçaõ com os paizes estrangeiros, que se tem introduzido na nossa patria muitas descubertas interessantes, e exquisi-

tas sumptuosidades: mas infelizmente tem ficado no esquecimento o fim mais util das nossas communicações com os estrangeiros, e do conhecimento dos usos e costumes das outras Nações, que devia ser facilitar os meios de subsistencia, e procurar algum conforto á classe mais indigente da especie humana.

O extenso commercio que faz a Naçaõ Ingleza, nos facilita infinitamente a importaçaõ de todos os objectos agradaveis, e uteis, que se podem encontrar ou no meio do Oceano, ou em qualquer das partes do Globo habitado: porém infelizmente naõ se tem procurado introduzir no nosso paiz o uso de muitas cousas uteis: jámais vejo servir em Inglaterra o macarrone, ou a polenta de Alemanha nas mezas dos ricos, sem lamentar, que estes manjares, taõ pouco dispendiosos, como nutrientes, tenhaõ sido monopolizados, por assim dizer, pelas pessoas que menos precisaõ delles; entretanto os pobres, que deveriaõ, quanto a mim, ter hum direito exclusivo a estes alimentos (pois que elles formaõ a base do sustento dos pobres em huma Naçaõ visinha) nem sequer lhes sabem os nomes.

Estas duas especies de manjares saõ taõ apetitosas, sadias, e nutrientes; e podem obter-se taõ baratas em todos os paizes, e par-

ti-

ticularmente na Gram-Bretanha, que julgo ser bem acertado empregar algumas paginas na descripçaõ e modo de as preparar. Começarei por tanto com a polenta, cuja base he o milho.

CAPITULO VI.

Do milho, ou maiz. Este graõ fornece o alimento mais barato, e mais nutriente, que existe. Prova de que he mais nutrimental, que o arroz. Diversos modos de o preparar, ou de o fazer cozer. Calculo da despeza para alimentar huma pessoa com o milho, fundado nas experiencias. Receita para fazer puddim de milho.

NAõ posso deixar de transgredir os limites, que me tinha prescripto neste Ensaio, aproveitando a occasiaõ para recommendar hum alimento, que supponho o mais saõ, mais nutriente, e que se póde obter com menos custo para sustentar os pobres. A base deste manjar he o maiz, producçaõ importantissima, e que se dá em quasi todos os climas. Ainda que este graõ naõ vingue perfeitamente na Gram-Bretanha, e em muitas partes da Ale-

manha, entretanto póde-se alcançar tello em grande abundancia, e ordinariamente por modico preço, fazendo-o vir do estrangeiro.

O povo na parte septentrional da Italia, naõ tem quasi outro alimento senaõ o milho, e he tambem a comida mais usada em todo o continente da America. Na Italia dá-se-lhe o nome de polenta, e preparada de differentes modos, faz a base de comidas muito substanciaes. Alli o methodo mais usado, he reduzir o graõ a farinha, e fazer com esta hum puddim assás espesso, da qualidade daquelles, que em outros paizes chamaõ *hasty-pudding* (puddim apressado) que se póde comer com varias especies de molhos, e algumas vezes sem molho.

Na parte do Norte da America septentrional, o paõ caseiro he ordinariamente composto de partes iguaes de farinha de milho, e farinha de centeio; e duvido, que seja possivel fazer hum paõ mais saudavel, e nutriente.

O arroz he universalmente reconhecido por alimento substancialissimo, mais ainda que o trigo; porém ha certa particularidade conhecida por aquelles que sabem o modo de sustentar os negros na parte do Sul da America septentrional, e nas Ilhas, a qual prova, *que o milho he mais nutriente que o arroz*. Neste

paiz

paiz onde o arroz e o milho se produzem com muita abundancia, e onde os negros podem escolher d'entre estas duas producções o seu sustento, daõ frequentemente a preferencia ao milho. O modo por que se exprimem para dar a razaõ desta preferencia naõ he, a fallar a verdade, muito delicado. Elles dizem, que o arroz se torna em agua na barriga, e passa com demasiada facilidade, mas que o milho fica no estomago, e dá vigor para o trabalho.

As informações sobre a preferencia, que os negros daõ ao milho, e as razões desta preferencia as devo a dous sugeitos, recommendaveis em todo o sentido, dos quaes hum foi proprietario de huma fazenda na Jamaica, e outro na Georgia, e ambos residem agora em Londres.

A qualidade nutritiva do milho tem sido evidentemente reconhecida em toda a parte da America septentrional, onde se emprega a engordar os porcos, e aves, e para fortalecer os bois que se destinaõ á agricultura: neste paiz ninguem pensa a empregar outra qualidade de graõ para semelhantes usos.

Todos estes factos provaõ decididamente, que o milho contém partes muito nutrientes, e he sabido que nenhuma especie de graõ se póde obter taõ barato, nem em maior quan-

tidade; merece por tanto, que as pessoas encarregadas de ministrar alimentos sadios, e baratos, ou que estaõ obrigadas a vigiar na protecçaõ de hum paiz, atacando os males, que acompanhaõ a penuria; merece, digo, que taes pessoas tomem medidas para obter grandes quantidades deste graõ, e de procurar a introducçaõ do seu uso.

A respeito dos meios de empregar o milho, há differentes methodos de o preparar, ou de o fazer cozer para se servir delle como alimento. Hum modo simples e facil, he o misturallo com farinha de trigo, centeio, ou cevada, e fazer paõ; porém quando elle serve para este fim, e particularmente quando se mistura com a farinha de trigo, ficará o paõ muito melhor, tendo-se passado pela peneira a farinha do milho, em ordem a limpalla das semeas grossas, e fazendo-a depois ferver por duas ou tres horas a fogo moderado, antes de lhe ajuntar a outra farinha.

Esta fervura, empregando-se sómente certa porçaõ de agua, reduzirá a massa á consistencia de hum puddim leve, e tirará hum certo gosto acre que tem o milho, que naõ se desvanece com o cozello no forno. Quando este puddim se tem tirado do forno, e deixado esfriar, se lhe misturará a farinha de trigo, amassando-se bem com a outra: esta mas-

massa se põem a levedar, e se fazem pães, que ficaõ promptos para serem cozidos no forno com a mesma facilidade do paõ de farinha de trigo, ou de outra qnalquer especie de farinha.

Preparada de antemaõ a farinha de mimilho, como acabo de dizer, se poderá com ella fazer excellente paõ, muito agradavel ao gosto, e de nenhum modo inferior ao paõ de trigo; misturando partes iguaes de farinha de trigo, e de milho.

Porém o modo mais simples, e, quanto a mim, o mais economico de empregar o milho, como alimento, he de o fazer em puddim. Este graõ tem huma especie de gosto acre, que naõ se extingue senaõ depois de huma longa fervura, porém deixando de existir este gosto desagradavel, fica muito apetitoso: quanto á salubridade, essa está suffi-cientemente provada pela experiencia.

A sua cultura pede na verdade mais trabalho, que nenhuma outra especie de graõ; mas por outra parte, o rendimento he abundantissimo, e custa sempre mais barato que o trigo ou centeio. O seu preço em ambas as Carolinas, e Georgia, tem sido muitas vezes 18 pence, e hum shelling por alqueire de 53 a 60 livras; porém o trigo, que nasce na parte do Sul he muito inferior, tanto em pezo,

co-

como em qualidade; ao que nasce nos paizes mais frios. O milho que vem do Canadá e da Nova Inglaterra, que geralmente se avalia a 20 por cento em alqueire, mais que o das partes do Sul, póde valer 2 shellings e 6 pence até 3 shellings o alqueire.

O preço deste graõ he actualmente em Boston de 3 shellings e 6 pence o alqueire; porém deve observar-se que o preço de todos os generos tem augmentado consideravelmente desde o principio da guerra, em todas as partes da America septentrional; por que se dá por elles na Europa hum preço exorbitante.

O milho, e centeio, saõ quasi do mesmo pezo, porém o milho depois de moido, e peneirado, dá mais farinha que o centeio: acho em huma cónta da commissaõ de agricultura de 1795, que tres alqueires de milho, pezando 1. c. 1. q. 18. liv. (ou cada alqueire 53 livras.) rendêraõ 1. c. 20. liv. de farinha, e 26 liv. de semeas; entretanto que 3 alqueires de centeio, que pezavaõ 1. c. 1. q. 22. liv. (ou 54 liv. por alqueire) rendêraõ sómente 1. c. 17. liv. de farinha, e 28 livras de semeas; porém sube positivamente que o milho empregado para fazer estas experiencias, naõ era da melhor qualidade.

Mostraraõ-me alguns grãos, que me pare-

receraõ ser da especie, que se cultiva ordinariamente nas partes do Sul da America septentrional. O milho que se dá nos climas mais frios, he, pelo menos, taõ pezado, como o trigo (cujo pezo médio he de 58 livras por alqueire) e penso que rende outro tanto de farinha (1).

Quanto á maneira mais vantajosa de empregar o milho como alimento, recommendaria, principalmente tratando-se do alimento dos pobres, hum manjar que he estimadissimo na America, e que he realmente bom, e nutriente. Chama-se *hasty-pudding* (puddim apressado) e se prepara do modo seguinte. Poem-se ao fogo em huma marmita certa quantidade de agua, proporcionada ao volume, que se pertende dar ao puddim, e se dissolve nella a quantidade de sal sufficiente para temperar o puddim; em quanto a agua ferve, se lhe vai deitando a farinha em porçõesinhas pequenissimas, tendo entretanto o cuidado de mecher a agua com huma espatula de páo, para que a farinha que vai caindo, se naõ faça em grumos. Para que o puddim saia bem fei-

(1) Tenho a prova deste facto. Hum amigo meu, nascido na America, Mr. George Erving, e que mora actualmente em Londres, fez vir milho de Boston, que peza 61 livras o alqueire, e lhe custou 3 shel. e 6 pence.

feitò, se deve ir deitando a farinha em taõ pequena quantidade, que ao tempo em que a agua principiar a ferver, a mistura naõ esteja mais espessa, que as papas de agua; deitando-lhe ao depois por meia hora successiva, a quantidade de farinha, que for necessaria para lhe dar a consistencia de puddim, tendo sempre o cuidado de mover constantemente a espatula, e de manter a agua no estado de ebuliçaõ. Para saber precisamente o ponto em que o puddim tem adquirido bastante consistencia, se põe a espatula no meio da marmita, ou caldeiraõ; se ella cahe, he preciso deitar-lhe mais farinha, se, pelo contrario, a mistura tem consistencia bastante para manter a espatula na posiçaõ vertical, o puddim tem adquirido o seu verdadeiro gráo de perfeiçaõ, e naõ se lhe deita mais farinha. O puddim ficará muito melhor se, em lugar de se deixar ferver a agua por meia hora sómente, continuar a fervura tres quartos de hora, ou huma hora.

Póde-se comer este puddim de differentes maneiras, em quanto está quente; póde-se misturar por colheres com huma tijella de leite para fazer as vezes de paõ, e deste modo se achará ser summamente agradavel ao gosto. Póde-se tambem comer quente com certo molho composto de manteiga, e assucar mas-

ca-

cavado, ou de manteiga, e melaço, com algugumas gotas de vinagre, ou ainda sem o vinagre: e por mais que se esteja prejudicado contra esta comida Americana, se achará pela experiencia, que he hum excellente manjar, e que naõ deixa de agradar bastante, logo que se está hum pouco affeito a elle. O que próva em seu favor, he a predilecçaõ, que os Americanos tem por esta comida, porque naõ he de suppor que em hum paiz onde os comestiveis da melhor qualidade se achaõ em grande abundancia, se proferisse huma iguaria desta qualidade, a naõ ter ella alguma propriedade particular.

Na America comem o *hasty-pudding* com manteiga e assucar, ou com manteiga, e melaço, do modo seguinte: espalhado o hasty-pudding em hum prato, se lhe faz hum buraco no centro, em quanto está quente, e nelle se lança hum pedaço de manteiga do tamanho de huma noz, e por cima huma colher de assucar mascavado, ou melaço. O calor do puddim faz logo derreter a manteiga, que fórma com o melaço hum molho, que occupa o meio do prato, come-se depois o puddim com huma colher, mergulhando neste molho cada bocado antes de o levar á boca. Deve ter o cuidado de ir atacando o puddim das margens para o centro, para naõ des-

truir demasiadamente sedo a excavaçaõ, que serve de reservatorio ao molho.

O leitor me accusará se entro nestas particularidades com demasiada diffusaõ; porém como estou persuadido, que o effeito dos alimentos sobre o paladar, e consequentemente o prazer de comer, depende muito do modo, porque os alimentos saõ apresentados ao orgaõ do gosto, soppuz que importava fazer mençaõ de todas as circunstancias, que pódem produzir estes interessantes effeitos.

No caso presente como he o molho, quem dá o gosto, e o sabor ao alimento, e que faz que se coma com prazer, he evidente que he necessario achar o meio de o fazer produzir o maior effeito possivel sobre o orgaõ do gosto, pelo modo que mencionei, de applicar o molho em pequenas porçoes; e como o accessorio vem a ser aqui a parte mais dispendiosa da comida, eu o conservo sempre no estado de condensaçaõ, e por consequencia susceptivel de produzir mais effeito, do que servindo-se separadamente. Por exemplo, se misturassem este molho com o puddim, seria muito menos sensivel ao gosto, e se o derramassem sobre o puddim, em lugar de o fechar no centro, se esperdiçaria muito mais pelas bordas do prato.

O hasty-pudding tem certa particularidade,

de, que o deve fazer preferivel para o alimento dos pobres, e he que os restos deixados, no caso de se naõ consumir todo, se podem conservar muitos dias, e com elles se podem fazer ainda outros pratos bem apetitosos.

Póde-se cortar em talhadas, torrar nas grelhas, e cozello em vez de paõ com o leite, ou com outra qualquer especie de sopa, ou de bebida; póde-se servir tambem delle, como paõ; póde-se comer frio com algum molho de manteiga, assucar mascavado, ou melaço, e vinagre. Creio que este ultimo modo de o comer he mais agradavel, e ainda mais saõ do que quando se come quente, logo depois que se acaba de fazer.

Póde-se tambem metter este puddim frio em leite quente, sem nenhum outro apresto; esta mistura he summamente agradavel, principalmente se a ferverem por alguns instantes.

Hum manjar estimadissimo na America he a couve cortada em pedacinhos depois de cozida, misturada com a carne cozida fria, e talhadas do hasty-pudding frio, sendo tudo isto frito em manteiga, e unto de porco.

Ainda que o hasty-pudding se faça ordinariamente de milho, com tudo naõ he raro fazello com partes iguaes de farinha de centeio, e de milho; e algumas vezes com fari-

nha de centeio simplesmente, ou com farinha de centeio, e farinha de trigo misturada.

Para dar huma idéa do que custaria hum hasty-pudding em Inglaterra, e da despeza que se faria nesta comida para o sustento dos pobres, fiz a experiencia seguinte: puz ao fogo em huma caldeira duas libras de agua (haver do pezo) com $\frac{1}{120}$ de libra de sal, e fiz ferver: em quanto a agua se aquentava, se foi nella diluindo a farinha de milho por pequenas quantidades, mechendo muito a agua com huma espatula, para impedir a farinha de formar grumos, e havia o cuidado de os dissolver assim que elles se formavaõ. Continuou-se depois a fervura por meia hora, mechendo sempre a mistura, e addindo-lhe a farinha necessaria para lhe dar a consistencia de puddim.

Pelo resultado desta experiencia se vê, que huma libra de farinha de milho, produz 3 libras 9 onças de puddim, e que a pezar da carestia deste graõ no momento actual, (1795) huma libra deste puddim naõ custaria mais em Londres, do que 10 reis e $\frac{10}{100}$ de real.

Porém antes que determinemos a despeza necessaria para nutrir os pobres com estas iguarias, he necessario fazer conhecer quanto he preciso do puddim para a comida de huma pessoa, em saude; e o custo do molho, que de-

deve acompanhar o puddim. Para determinar com precisaõ estes dous objectos, fiz a experiencia seguinte: tendo almoçado, segundo o meu costume, ás 9 horas da manhãa, duas chicaras de café com leite, e huma fatia torrada, e naõ tendo comido mais cousa alguma até ás 5 horas da tarde, fiz o meu jantar com o hasty-pudding, e o molho Americano, de que fallei acima, e achei que tinha comido muito bem, com huma libra e onça e meia do puddim. O molho era composto de meia onça de mantiga, tres quartos de onça de melaço, e algumas colheres de vinagre. A despeza total deste jantar naõ chega a 15 reis e meio do dinheiro Portuguez.

Duvido que seja possivel obter, em Londres, hum jantar mais barato, ainda que este satisfaça perfeitamente o apetite nesta occasiaõ, em que todos os viveres se achaõ taõ caros. A prova de que este jantar foi sufficiente para preencher os fins da natureza, manter as forças, e a saude, he que naõ tendo eu ceado, naõ me senti desfalecido, nem tive apetite extraordinario no outro dia de manhãa, antes da hora do meu almoço.

Fiz a descripçaõ desta experiencia, para mostrar o modo porque se devem conduzir as pessoas, que fizerem indagações, e pesquizas, para haver de descobrir alguma cousa sobre

bre hum objecto taõ interessante, e taõ util á humanidade.

O leitor observará, que a despeza principal deste jantar he a compra dos ingredientes necessarios para o molho, que saõ a manteiga, melaço, e vinagre; mas poder-se-hia economisar huma grande parte destes gastos. A polenta de Italia, que naõ he outra cousa mais, do que huma especie de hasty-pudding, feito com a farinha de milho e agua, se come ordinariamente sem molho; e se nas occasiões extraordinarias, ou nos dias de festa, se usa do molho, he este pouco dispendioso. Ordinariamente he só alguma pequenissima quantidade de manteiga, espalhada pela superficie da polenta, que se tem estendido sobre hum prato grande, no qual se tem deitado algum queijo de Parma ralado.

Este molho Italiano talvez seria mais agradavel aos Inglezes, do que o molho Americano. Seria tambem muito menos dispendioso, pois que exige menos manteiga para se fazer, e o queijo he muito barato em Inglaterra; porém seja qual for o molho que se use, naõ posso deixar de recommendar os manjares compostos de farinha de milho.

Entretanto que eu fazia a minha experiencia sobre o hasty-pudding, sube do meu criado, que era Bavaro, hum facto que me deu gran-

grande gosto, e me confirmou na idéa que tinha do bom uso que se póde fazer da farinha de milho. Elle me segurou, que a polenta era muito estimada pelos paizanos Bavaros, e que era hum dos principaes artigos da sua nutriçaõ: que a farinha de milho vinha da Italia pela via do Tyrol, e se vendia ordinariamente pelo mesmo preço que a farinha de trigo. Póde logo haver huma prova maior do seu merecimento?

Os negros preferem o milho ao arros na America; e os paizanos Bavaros o estimaõ mais que o trigo. Por que logo os habitantes da Gram-Bretanha o naõ devem querer? Naõ se pertenderá, espero eu, que os prejuisos estejaõ de tal modo inveterados, nesta feliz terra, que naõ seja possivel desarreigallos, ou que o paladar de hum Inglez tenha sensações differentes, das que soffre todo o outro habitante do globo.

Poder-se-hia fazer a objecçaõ de que o milho naõ vinga bem na Inglaterra; mas esta naõ tem fundamento algum, por que o mesmo se poderia dizer do arros, e de muitas outras especies de comestiveis, que estaõ em grande uso.

As pessoas, que tem conhecimentos de economia politica, olharaõ sempre como hum objecto da maior importancia o fazer abaixar

o preço dos generos, particularmente nos paizes onde ha manufacturas, e hum commercio extenso; e se ha hum paiz no Mundo onde esta regra deva ter lugar, he certamente na Gram-Bretanha, que a este respeito tem infinitamente mais meios que nenhum outro paiz do Universo.

Mas o progresso das descubertas uteis em huma Naçaõ, naõ póde ser de longa duraçaõ, ainda no caso que as circunstancias sejaõ muito favoraveis, quando aquelles, que pela sua graduaçaõ, e influencia que tem na sociedade, devem dirigir o espirito publico, affectaõ de crer que os prejuisos nacionaes saõ inseparaveis (1). Volto por tanto á materia de que trato.

Ainda que o hasty-pudding, seja conforme a minha opiniaõ, a iguaria menos dispendiosa, que se póde fazer do milho, com tudo he possivel preparar outras muitas, que se julgaõ assás apetitosas, e que teriaõ certamente a pre-

fe-

(1) Aquelles que naõ gostaõ de trabalhar, sendo aliás obrigados por honra, e por dever, a tomar huma parte activa nas emprezas que tendem ao bem publico, estaõ sempre dispostos a procurar excusar aos olhos do publico a sua inactividade, ou a sua negligencia, representando as novas emprezas muito difficeis, como se toda a esperança de successo viesse a ser chimerica, e ridicula.

ferencia neste paiz. Entre estas deve ter o primeiro lugar aquella chamada na America *a plain-indian-pudding* (simples puddim indiano), a qual naõ póde deixar de ser agradavel áquelles, que a quizerem experimentar. Este puddim he naõ somente saõ e barato, mas he tambem delicadissimo, e he principalmente para fazer este puddim, que os Americanos residentes em Inglaterra mandaõ vir o milho do seu paiz natal.

Para estar em circunstancias de dar informações mais exactas, e mais satisfactorias relativamente ao modo de preparar os puddins indianos, mandei fazer hum á minha vista, em Londres, por huma pessoa nascida e educada na America, e que sabia perfeitamente cozinhar, segundo o gosto Americano: este puddim que, pelo voto de muitas pessoas intelligentes, era hum dos melhores que se podia comer, foi composto e preparado da maneira seguinte.

Receita para fazer hum plain-idian-pudding.

Tomem-se tres libras de farinha de milho, limpa das semeas pela peneira, e diluaõ-se em hum vaso grande, que leve duas canadas de agua fervendo; mecha-se o todo bem, e junte-se-lhe aodepois tres quartos de melaço,

e huma onça de sal; torne-se a mecher outra vez esta mistura, e se deite entaõ o puddim em hum sacco de grandeza conveniente, para que o volume do puddim possa augmentar huma sexta parte: metta-se depois este puddim em huma caldeira de agua fervendo, e se deixe cozer por 6 horas, deitando-lhe sempre mais agua, para substituir a que se perde pela evaporaçaõ, e esta nova agua deve ser tirada de outra caldeira onde esteja a ferver.

Este puddim pezou ao sahir do sacco *dez libras e huma onça*, e se achou perfeitamente cozido, sem que lhe restasse nada deste gosto acre, que he taõ desagradavel ás pessoas que naõ estaõ habituadas a elle, o qual gosto domina ordinariamente em todas as iguarias preparadas com farinha de milho, quando naõ estaõ perfeitamente cozidas.

Como este sabor acre he a unica objecçaõ bem fundada, que se póde fazer contra este graõ taõ util, e que he a causa de que as pessoas naõ acostumadas a elle lhe tomem aversaõ, aconselho áquelles que desejarem introduzillo em pratica, o principiar pelo puddim indiano, cuja descripçaõ acabo de fazer. O calculo seguinte provará que esta iguaria he muito pouco dispendiosa.

Des-

Despeza feita na preparaçaõ do puddim indiano, acima descripto, conforme os preços dos generos em Londres.

	Pence.
3 libras de farinha de milho a 1 pence e $\frac{1}{2}$	4 $\frac{1}{2}$
$\frac{1}{4}$ de melaço a	4 $\frac{1}{2}$
Sal a 2 pence por lib.	0 $\frac{1}{8}$
Total	9 $\frac{1}{8}$

ou 133 reis $\frac{147}{118640000}$ de real.

Como este puddim pezou 10 libras e $\frac{1}{13}$, e os ingredientes custáraõ 9 pence e hum oitavo, segue-se que cada libra vem a custar, com pouca differença, tres *farthings* e meio: quasi 12 reis.

Devé observar-se que neste calculo faço conta á farinha sómente a hum pence e meio por arratel, entretanto que na conta que fiz para o hasty-pudding, calculei a farinha a 2 pence; fazendo esta differença; porque estou persuadido ser possivel obter em Londres a farinha por hum e meio pence a libra, e ainda por preço mais modico. O milho que chegou ultimamente de Boston, naõ custou tanto; e se a penuria geral, que reina na Europa, naõ tivesse feito augmentar o preço dos generos na America, estou persuadido que a

farinha de milho naõ custaria neste paiz, mais de hum farthing (ou 3 reis e $\frac{7}{10}$) a libra.

O preço do melaço chega a 6 pence (88 $\frac{98}{100}$ rs.) por libra; mas este preço he exorbitante. O gallon (pouco mais de huma canada) de melaço, peza ordinariamente 10 libras, e custa, nas Ilhas de sotavento e barlavento, 7 até 9 pence (103 $\frac{81}{100}$ até 133 $\frac{47}{100}$ de reis); e accrescentando-lhe a isto certo valor sufficiente para o frete, seguro, e lucro do negociante, naõ deverá custar, em Londres, mais que hum xelim e 8 pence esterlino, o que reduziria cada libra a 2 pence, ou 29 reis e $\frac{66}{100}$.

Tomando por baze estes ultimos preços, a despeza ficará reduzida da maneira seguinte.

	Pence
3 libras de farinha de milho a 1 pence e $\frac{1}{4}$	3 $\frac{3}{4}$
$\frac{3}{4}$ de melaço a 2 pence	1 $\frac{1}{2}$
1 onça de sal	0 $\frac{1}{8}$
Total	5 $\frac{3}{8}$

ou 74 reis e $\frac{315}{1184000}$.

Mas como o puddim peza 10 libras e $\frac{1}{16}$, isto dará, com pouca differença, dous farthings (7 $\frac{48}{100}$ reis) por cada libra de puddim, o que he certamente muito barato, vista a boa qualidade deste alimento.

Es-

Este puddim, que deve sahir do sacco, tendo consistencia bastante para reter a sua forma, e ainda para que se possa cortar em talhadas, he taõ substancial, e gostoso, que se póde comer sem molho: mas quem póde fazer mais alguma despeza ajunta-lhe manteiga. Toma se huma talhada deste puddim quente, de $\frac{1}{4}$ de pollegada de grossura, faz-se hum buraco no meio com a ponta da faca, e deita-se-lhe hum pedaço de manteiga da grossura de huma noz pequena, a qual se derrete logo. Para acelerar a fusaõ, se torna a pôr sobre a manteiga o pedaço de puddim que se tinha tirado do meio; e logo que a manteiga está bem derretida se póde comer. Se a manteiga está insoça, se lhe deita algum sal moido. Come-se este puddim com faca e garfo, e mergulhando-o na manteiga antes de o levar á boca.

Estas relações pareceráõ demasiado minuciosas, e ridiculas áquelles que estaõ acostumados a ver os objectos em grande, e a indicar aos outros o que se deve fazer, sem tomar o trabalho de lhe dar os meios; porém como estou intimamente persuadido, que he importantissimo dar ainda as mais pequenas informações, relativas ao modo porque se deve executar qualquer operaçaõ a que se naõ está acostumado, torno a implorar a indulgencia

cia daquelles a quem estas relações interessaõ mais particularmente.

A respeito da despeza necessaria para o *plain-indian-pudding*, penso que jámais se deveria servir de manteiga, e que meia onça de manteiga, a usar-se della, seria bastante para huma libra de puddim. He muito possivel, quando se naõ tem economia, gastar duas ou tres vezes mais; porém seguindo-se exactamente as indicações que tenho dado, a proporçaõ, que acabo de indicar, he bem sufficiente para dar ao puddim hum gosto agradavel. Quem gosta de muita manteiga, poderá usar até $\frac{1}{4}$ de onça, mas para gastar huma onça seria necessario prodigalizâlla inutilmente.

Calculando-se o preço da manteiga de Irlanda, ou qualquer outra manteiga salgada, que he a mais conveniente para este fim, a 8 pence a libra (118 reis e $\frac{64}{100}$) a meia onça, necessaria para huma libra de puddim, custará hum farthing, 3 $\frac{70}{100}$ reis. O preço da libra de puddim era de dous farthings, por consequencia fará com o molho tres farthings (44 $\frac{49}{100}$ reis) e como este manjar he substancial, e nutriente, ao mesmo tempo que he agradavel ao gosto, parece que deve ser muito proprio para o alimento dos pobres.

Deve-se observar que o melaço, usado co-

como ingrediente no puddim indiano, serve naõ sómente a dar-lhe gosto, porém de mais tem outra vantagem muito importante; porque dá ao puddim isto que se chama, em termo de cozinha, leveza. O melaço substitue os ovos, e naõ conheço outro ingrediente, que possa fazer as vezes dos ovos, senaõ a triaga, que de facto he huma especie de melaço, ou talvez o assucar mascavado, que tem com pouca differença, as mesmas propriedades. Elle impede que o puddim fique pezado, e em pasta, sem lhe communicar a doçura desenxabida propria do melaço, e dando-lhe ao mesmo tempo hum gosto agradavel, que lisongea o paladar. Além disto, o melaço he muito nutriente, o que he assás conhecido em todos os paizes onde se fabrica o assucar.

Naõ sei até que ponto as Leis, e Regulamentos do commercio permittem a importaçaõ do melaço, que vem das Colonias, onde este genero se póde obter mais barato; ou se a livre importaçaõ deste artigo causaria algum damno ás rendas publicas. Entretanto supponho que he taõ essencial fazer baixar o preço das provisões de boca, ou para melhor dizer obstar ao seu augmento rapido, e progressivo; que se deveriaõ tomar todos os meios possiveis para facilitar a sua importaçaõ, e introduzir o uso de huma especie de alimento

taõ

taõ util. Elle poderia, de certo modo, remediar os máos effeitos do chá, outra producçaõ estrangeira, que nesta Ilha faz tanto damno.

Hum artigo de grande importancia na preparaçaõ do puddim indiano, he o fazello ferver sufficientemente. He preciso que a agua esteja fervendo, quando se lhe mette o puddim dentro, e que naõ deixe de ferver hum só instante, até que elle esteja feito; e se o puddim naõ estiver na agoa por 6 horas, naõ ficará bastante cozido. A solidez que tem de adquirir, depende do espaço que se lhe tiver deixado no sacco para se estender: e a consistencia deve ser tal, que se parta em bocados; porém será melhor, por muitas razões, que fique antes demasiado compacto, do que demasiadamente mole. A forma do puddim deve ser a de hum cylindro, ou antes de hum cone truncado, cuja base inferior deve ficar para a parte da abertura do sacco, o que lhe facilita depois a sahida. Póde tambem ser de figúra espherica embrulhando-se em hum guardanapo: mas, qualquer que seja a forma do puddim, he preciso molhar préviamente o sacco, ou o guardanapo em agua quente para lhe fechar o tecido; sem isto a massa que se lhe deitar, póde sahir pelos intervallos dos fios; porque antes de cozida será muito liquida.

Ain-

Ainda que este puddim, feito de hum modo taõ simples como eu indico, naõ seja, quanto a mim, susceptivel de maior perfeiçaõ; entretanto ajuntaõ-se-lhe muitas cousas, que podem fazello mais agradavel ao gosto de certas pessoas. Por exemplo, misturaõ-lhe gordura de vaca, e nenhum puddim de graxa he mais saboroso. Como esta especie de puddim se come sem molho, a despeza que a graxa traria com sigo, seria contrabalançada pela poupança que se faria na manteiga. Para hum puddim da forma que acabo de descrever, que terá gasto tres libras de farinha de milho, será bastante empregar huma libra de graxa; e este artigo naõ custará senaõ 5 ou 6 pence, mesmo em Londres: a manteiga necessaria para fazer o molho do puddim, custaria quasi o mesmo. O puddim de graxa ficará ainda mais economico; porque a libra de graxa augmentará huma libra ao pezo total do puddim, quando a manteiga lhe naõ augmenta mais que 5 onças.

Como o simples puddim, que peza 10 libras e $\frac{1}{16}$, custa 5 pence $\frac{3}{8}$, augmentando-lhe huma libra de graxa, pezará 11 libras $\frac{1}{16}$; e calculando a graxa a 5 ou 6 pence, custará 11 pence $\frac{3}{8}$: donde se vê que o puddim indiano póde ser feito em Londres a hum penny a libra (14 reis $\frac{83}{100}$). O paõ de trigo, que naõ

he certamente taõ appetitoso, e he muito ménos nutriente, custa actualmente em Londres mais de tres pence a libra (44 reis $\frac{42}{100}$). Além do que he difficil de comer o paõ secco; e o puddim de graxa faz huma boa comida, sem precisar que se lhe ajunte outra cousa.

Hum puddim muito afamado na America, he o que se chama puddim de maçãas. Este puddim he feito como o puddim indiano, com graxa, ou sem ella, misturando-lhe talhadas de maçãas seccas. Quando se come este puddim com manteiga he delicioso. As maçãas, que servem neste caso, saõ descascadas immediatamente depois de colhidas, cortadas em pedaços tirando-lhe o coraçaõ e as pevides, e se põe a seccar ao sol; ellas se podem guardar por muitos annos. A proporçaõ dos ingredientes de que se servem para fazer este puddim de maçãas naõ he determinada. Em geral se toma huma libra de maçãas para tres libras de farinha, tres quartos de libra de melaço, meia onça de sal, e 5 quartilhos de agua fervendo.

Ajuntaõ-se tambem na America differentes especies de frutos selvagens, como amoras, maespim, ou uvas selvagens, e outros fazem-se seccar, e se misturaõ com o puddim indiano. Póde-se servir para o mesmo fim das cerejas, e das ameixas seccas.

To-

Todas estas especies de puddins indianos tem a vantagem de ser muito bons sendo requentados. Conservaõ-se muitos dias, e podem fazer as vezes de paõ, sendo cortados em fatias, e estas torradas.

Observar-se-ha sem duvida, que no calculo da despeza necessaria para fazer estes puddins, naõ fiz mençaõ do gasto em combustivel, que he hum artigo que deve necessariamente entrar em linha de conta; por tanto devo dizer a razaõ que me obrigou a naõ fallar nelle.

Tendo achado, no curso das minhas experiencias sobre o calor, o modo de fazer executar todos os processos necessarios para a cocçaõ dos alimentos com excessiva parcimonia no gasto do cobustivel, pensei que, tomando-se as medidas necessarias, a despeza para fazer cozinhar hum puddim seria verdadeiramente bagatella. Como tenho o projeto de publicar immediatamente hum tratado sobre a economia e conduçaõ do calor, onde pertendo dar todas as informações possiveis, sobre a construcçaõ, e arranjamento mechanico das chaminés e fogões; e onde indicarei a forma que se deve dar aos vasos, e instrumentos destinados a fazer a cozinha, naõ quiz fallar antecipadamente de huma materia que deve ter o seu lugar em outro Ensaio. Observarei de

passagem, para a satisfaçaõ daquelles que tiverem ainda alguma duvida sobre a pouquidade da despeza do combustivel necessario para fazer cozer os alimentos destinados para o sustento dos pobres, que, segundo o resultado de muitas experiencias que publicarei ao depois, está demonstrado, que logo que se preparaõ alimentos em grande quantidade nas coziuhas convenientemente arranjadas, a despeza do combustivel naõ excede jamais dous por cento do preço originario dos mantimentos, ainda que elles sejaõ o mais barato possivel, e da qualidade daquelles que se empregaõ para o sustento dos pobres: na cozinha publica da caza de industria de Munich, a despeza do combustivel está na razaõ de hum por cento do preço primitivo dos alimentos, como se póde ver no Cap. III. deste Ensaio pag. 248; e ella naõ poderia ser mais consideravel em muitas partes da Gram-Bretanha.

A respeito do preço porque se póde importar o milho da America septentrional para este paiz em tempo de paz, supponho dever ensinar aqui as informações que me deo o Capitaõ Scott, proprietario de hum navio, que ha trinta annos faz o commercio de Londres a Boston: duvido, que seja possivel obtellas mais authenticas (1).

Ajun-

(1) Este particular, distincto pela sua probidade, seus

Ajunto aqui o resumo das perguntas, que se lhe fizeraõ, e as respostas, que a ellas deo.

Qual he o frete por tonellada, de Boston a Londres em tempo de paz?.. Quarenta xelins esterlinos.

Qual he o frete por barril de milho?... cinco xelins.

Qual he a tarifa dos seguros de Boston para Londres em tempo de paz?... Dous por cento.

Qual he o preço médio do alqueire de milho na Nova Inglaterra?... Dous xelins e 6 pence.

Quantos alqueires de milho saõ necessarios para fazer hum barril?... Quatro.

Segundo estas informações, parece que o milho se poderá importar para aqui, em tempo de paz, por menos de quatro xelins o alquei-

---

conhecimentos nauticos, e pela felicidade que o tem sempre acompanhado, atravessou já o Atlantico *cento e dez* vezes, sem que nunca experimentasse o menor accidente: actualmente volta para a America, e conta fixar-se lá depois de ter feito a sua cento-undecima passagem de mar. Queira o Ceo conduzillo em paz ao seu destino, e deixallo gosar o fructo dos seus longos e penosos trabalhos. Quando se pensa as muitas tempestades, que tem encontrado, e os perigos a que deve ter escapado, he forçoso interessar-se vivamentente na sua sorte.

queire; e que actualmente naõ deverá custar mais de cinco xelins o alqueire.

Importando-se o milho em tonneis, que he certamente o melhor modo, o frete de hum barril, que leva quatro alqueires, he de cinco xelins, por consequencia isto dá 1 xelim, e 3 pence de frete por alqueire: addindo-lhe hum penny por alqueire para o seguro, a sõma do frete e seguro montará a hum xelim, e quatro pence; junta com o custo primitivo que saõ 2 xelins e 6 pence por alqueire em tempo de paz, e 3 xelins e 6 pence, no tempo actual, fará 3 xelins 10 pence por alqueire em tempo de paz, e 4 xelins e 10 pence actualmente.

Hum alqueire de milho do producto da Nova Inglaterra, peza 61 libra, mas eu supponho que peza por termo médio, 60 libras por alqueire: dando-lhe 9 libras de semeas por alqueire, e huma libra de quebra na moagem e peneiradura; renderá cada alqueire 50 libras de farinha: e como em tempo de paz naõ custa senaõ 3 xelins 10 pence, ou 46 pence; cada libra de farinha custará $\frac{46}{50}$ de hum penny, quasi 3 fartings $\frac{3}{4}$.

Fazendo conta ao preço do milho a razaõ de 4 xelins e 10 pence por alqueire, que he o que deve actualmente custar em Londres, sem fazer algum abatimento nos gastos do

transe-

transporte, vem a ser o preço da farinha 4 xelins e 10 pence, ou 58 pence por 50 libras de pezo, ou hum penny e $\frac{1}{6}$ por libra; isto que he hum terço de menos do preço da farinha de trigo: o arroz, que naõ he certamente mais nutritivo que o milho, custa 4 pence e $\frac{1}{2}$ a libra.

Accrescentado ao preço do milho $\frac{1}{15}$ do seu valor para o fazer moer, ou pizar, o preço da libra de farinha naõ excederá hum penny em tempo de paz, e hum penny e hum farting no momento actual, em razaõ do alto preço, que tem os generos na America septentrional: donde se segue que fixando o preço da libra de farinha de milho, posta em Londres a hum penny $\frac{1}{4}$, o tenho certamente avaliado antes de mais que de menos (1).

He verdade que ha outras despezas accessorias que acompanhaõ a importaçaõ, além do frete, e premio do seguro; mas por outra parte, as mais destas despezas ficaõ reçarcidas pela venda dos barris, o que me foi certificado por hum particular, que se empregava neste tráfico.

Hu-

(1) Como estes calculos naõ interessaõ senaõ ao habitante de Londres, julguei desnecessario fazer a reduçaõ da moeda Ingleza para o nosso dinheiro Portuguez. T.

Huma circunstancia que deveria induzir-nos a fazer mais geral o uso do milho no nosso paiz, he a facilidade de o obter em todas as partes do Globo, e em grande quantidade. Este graõ se produz em todos os climas. Nos paizes quentes podem fazer-se tres, ou quatro colheitas de milho no mesmo terreno; dá-se tambem no Canadá como nas partes mais temperadas da America septentrional. Cresce em abundancia entre trópicos, e se poderia obter da Asia e da Africa com a mesma facilidade com que se importa da America. Ainda no caso de ser verdade o haver huma impossibilidade absoluta de encaminhar os habitantes de Inglaterra ao uso do milho como alimento (do que me naõ posso absolutamente persuadir), poder-se-hia ao menos nutrir com elle os animaes, cuja aversaõ para este cereal naõ será taõ invencivel.

A cevada custa actualmente, neste paiz, quasi dous pence a libra. O milho, que naõ custaria senaõ hum pouco mais da metade deste preço, nutriria melhor certamente os cavallos, e gado vacum, e ovelhas. Quanto aos porcos, e aves domesticas, jámais se lhe devia dar outro graõ: quem tiver comido carne de porco, ou aves engordadas com milho será certamente do meu parecer.

CA-

CAPITULO VII.

Receitas para preparar diversas qualidades de alimentos baratos, do macarraõ, das batatas. Receita aprovada para cozer as batatas, puddim de batatas, almondegas de batatas, batatas cozidas com molho, salada de batatas. Da cevada: este graõ he mais nutriente que o trigo; a farinha de cevada póde ser substituida pela cevada pilada ou farro, para fazer as sopas. Indicações geraes para fazer as sopas economicas. Receita para fazer huma sopa o mais barato possivel. Do samp; modo de o preparar; póde fazer as vezes de paõ. Da sopa de farinha quéimada. Do paõ de centeio.

QUANDO principiei a escrever o Capitulo antecedente deste Ensaio, tinha esperanças de obter informações cabaes sobre o modo porque se prepara o macarraõ, ou *macaroni*, que comem os pobres em Italia, particularmente no Reino de Napoles: porém, ainda que trabalhasse muito em fazer indagações a este respeito, naõ pude conseguir os conhecimentos que desejava. Ouvi muitas vezes dizer que

o processo era simplicissimo, e eu o devo crer, visto o modico preço do macarraõ, que se vende aos *lazzaroni* de Napoles. Ha outra especie de macarraõ, que se prepara e vende nos Conventos de Religiosas na Italia; mas he muito mais caro, e naõ poderia convir de modo algum para o alimento dos pobres. Entretanto naõ póde certamente ser taõ caro como outras muitas especies de iguarias com que os pobres se alimentaõ neste paiz; e como he hum prato summamente agradavel, e nutriente, creio que muitos dos meus leitores se naõ enfadaráõ por achar o modo de o preparar.

Receita para fazer a especie de macarraõ, que se chama em Italia tagliati.

Tome-se hum numero qualquer de ovos, e bataõ-se em huma escudella com huma colher, sem com tudo chegar ao ponto de fazer espuma: ajunte-se-lhe depois farinha fina em tanta quantidade, quanta seja bastante para lhe dar a consistencia de massa. Trabalhe-se ao depois bem esta massa com o páo, ou cylindro de estender massa, ao ponto de a reduzir a folhas, ou laminas muito delgadas. Ponhaõ-se ao depois doze destas folhas humas sobre as outras, e se cortem longitudinalmen-

men-

mente em tiras estreitinhas: estas tiras, que se naõ devem pegar humas ás outras, se a massa tiver a devida consistencia, seraõ estendidas sobre huma meza asseiada, ou sobre papel, e deixadas a seccar ao ar.

Esta especie de macarraõ, que he muito afamada em Alemanha, póde ser comida de differentes modos; porém a maneira mais ordinaria de o comer, he com leite, fazendo as vezes de paõ, ou em caldo de galinha, e ainda outro qualquer caldo em que se faça cozer. Tendo-se cuidado desta massa, se poderá conservar por muitos mezes.

O povo de Alemanha prepara outra especie de massa que he feita com farinha fina e agua, e que se assemelha mais ao macarraõ ordinario, que este de que acabei de fallar, e que póde em muitas occasiões fazer as suas vezes. Entretanto naõ supponho, que se possa guardar por muito tempo esta massa sem que se corrompa, quando o macarraõ se conserva, por muitissimo tempo. Ainda que naõ pudesse obter informações bastantes sobre o modo de fazer o macarraõ, entretanto fiz algumas experiencias para fixar a despeza necessaria em o fazer cozinhar, ajuntando-lhe queijo para o fazer mais saboroso.

Meia libra de macarraõ comprada em Londres na loge de hum mercador Italiano,

por 10 pence (1), (148 reis $\frac{3}{10}$), foi posta em hum vaso com agua ao fogo para cozer sufficiente a massa; e a fervura dorou por hora, e meia: o macarraõ pezava ao tempo de sahir da agua 31 onças do *haver do pezo*, ou huma libra e 15 onças: apolvilhou-se a massa com huma onça de queijo ralado, depois de estar posta na meza, e este queijo custou 2 fartings (7 reis e $\frac{4}{10}$).

O macarraõ he considerado como hum alimento muito barato no paiz onde elle se prepara com a maior perfeiçaõ, e onde serve de alimento á classe inferior do povo; e como o trigo, de que he composto, se vende no nosso paiz por distribuiçaõ, se deveriaõ occupar a estabelecer manufacturas de macarraõ; visto que se tem feito deste genero hum prato exquisito na meza dos ricos, e que delle se importaõ quantidades consideraveis, por hum preço exorbitante (2).

Po-

(1) O macarraõ em Napoles naõ teria custado a quarta parte desta somma. O macarraõ ordinario se vende frequentemente a quatorze grãos (5 $\frac{1}{2}$ pence) o *rotolo*, que peza 28 onças $\frac{3}{4}$ *haver do pezo*; o que sahe a 3 pence a libra. Ha huma especie inferior de macarraõ, que serve de alimento aos pobres de Napoles, e que se vende a 2 pence esterlino (30 reis $\frac{46}{100}$) a libra do *haver do pezo*.

(2) Se fosse possivel fazer o macarraõ taõ barato como em Napoles, quero dizer, se pudesse dar-se o de

Porém o macarraõ naõ he o alimento mais barato, que se póde dar aos pobres nesta Ilha, nem ainda em outros paizes. A polenta, ou o . . . de milho, de que fallei já bastante, as batatas, ou tubaras da terra, de que nunca fallaria demasiado, saõ ambos mais convenientes para este fim, por muitas razões. Entretanto supponho que o macarraõ, a poder-se preparar neste paiz, viria a ficar mais barato, que muitas outras qualidades de alimentos, que actualmente se destinaõ para o sustento dos pobres; e por consequencia deve ser-lhes muito util.

A respeito das batatas, ou tubaras da terra, naõ perderei tempo em recommendar o seu uso; por que hoje em dia saõ geralmente demonstradas: Por tanto contentar-me-hei sómente com dar algumas receitas para se fazerem com ellas alguns pratos, muito baratos, e em que ellas formaõ a base.

Ainda que naõ haja especie alguma de ali-

---

melhor qualidade por 3 pence esterlino a libra do *haver do pezo* (e naõ vejo algum motivo porque isto naõ fosse possivel); como meia libra de macarraõ cozido viria a custar sómente 3 *farting*, e accrescentando-lhe hum *farting* para o queijo necessario para lhe dar bom gosto, faria pelo todo hum penny (14 reis $\frac{81}{100}$) que he certamente hum preço muito commodo, attendida a bondade, desta iguaria taõ sadia como nutrimental.

alimentos que se possa preparar de tantos modos, sãos, e agradaveis, como as batatas, ou tubaras da terra; entretanto he a opiniaõ geral daquelles, que usaõ deste vegetal precioso, que o melhor modo de o fazer cozinhar he fervellas em agua com a pelle; porém naõ he indifferente a maneira de as ferver. Na Irlanda, onde os habitantes vivem, em grande parte, das tubaras da terra, se sabe melhor este processo, que em outra alguma parte.

Era natural o esperallo assim; porém aquelles que naõ tem observado com attençaõ á tardança dos progressos que fazem as descobertas nacionaes quando naõ há alguma pessoa, que tome a seu cargo propagallas, ficaraõ admirados de saber, que supposto as tubaras da terra estejaõ em uso geral na Inglaterra, ha muitos annos; entretanto, até o dia de hoje ha muito poucas pessoas que saibaõ preparallas convenientemente. Os moradores das costas que ficaõ defronte da Irlanda tem adoptado o methodo dos Irlandezes, para fazer cozer as batatas; porém he provavel que fosse preciso mais de hum seculo para fazer penetrar esta descuberta por toda a Ilha, se a escacesa do graõ naõ houvesse despertado, e fixado a attençaõ do publico sobre hum objecto taõ despresado em hum paiz on-

onde ha tantos conhecimentos, e tanta instrucçaõ.

O uso das descobertas, que tem por fim augmentar a satisfaçaõ, e os prazeres puros da classe mais numerosa, e mais util da especie humana, que he obrigada a ganhar a sua vida com o suor do seu rosto, e he hum objecto taõ interessante para huma alma bemfeitora, como he importante aos olhos do homem de estado esclarecido.

Haverá sem duvida *grandes homens*, que se riráõ, vendo estas observaçõeſ adaptadas a hum objecto taõ humilde e taõ obscuro como he o modo de fazer cozinhar as tubaras da terra; porém aquelles que se podem chamar no sentido verdadeiro *homens bons*, ficaráõ capacitados que este objecto naõ he indigno da sua attençaõ.

Eu posso recommendar, por experiencia propria, a seguinte receita para cozer as tubaras da terra, tal qual copiei de huma relaçaõ da Commissaõ de Agricultura.

Modo de cozer as tubaras da terra, para as comer em forma de paõ.

» Nada poderia augmentar mais o consu-
» mo das tubaras da terra, que o conhecimen-
» to do modo de as preparar. Em Londes pres-
» taõ müito pouca attençaõ a isto, entretan-
» to que no Condado de Lancaster, e na Ir-
» landa fazem cozinhar as tubaras da terra com
» a maior perfeiçaõ possivel. Se as batatas ou
» tubaras da terra, preparadas da maneira se-
» guinte, forem de boa qualidade, se pode-
» ráõ comer em lugar de paõ, como se pra-
» tica na Irlanda. As tubaras da terra de-
» vem ser todas da mesma grandeza, o mais
» que for possivel, e para isso se faraõ cozer
» as pequenas separadamente das grandes. He
» preciso lavallas asseiadamente sem com tu-
» do as arrancar ou tirar-lhes a pelle; mettel-
» las depois em agua fria, de modo que naõ
» fiquem cobertas, por que ellas largaõ de si
» mesmo huma consideravel quantidade de
» fluido. Naõ se devem jámais metter em hum
» vaso cheio de agua fervendo, como he cos-
» tume a respeito das hervas culinares. Se as
» tubaras da terra saõ soffrivelmente grandes,
» he necessario assim que principia a ferver
» lançar-lhes agua fria, e repetir isto muitas
» vezes até ficarem perfeitamente cozidas, no

» que

» que se gastaria meia hora até sinco quartos
» de hora, conforme a grandeza das mesmas
» tubaras da terra: de outro modo abririaõ
» rachas pela parte de fóra, e se fariaõ em
» pedaços, entretanto que o interior naõ fi-
» caria cozido, e por tanto seria pouco sau-
» davel, e de máo gosto. Durante a fervura
» he preciso lançar-lhe hum pouco de sal, o
» que produziria muito bom effeito, e he
» certo que quanto mais lenta he a cocçaõ,
» tanto melhor. Quando as tubaras da terra
» estaõ cozidas, e tiradas para fóra da agua,
» se deixaõ a evaporar a humidade pondo-as
» outra vez ao fogo, no vaso em que tinhaõ
» sido cozidas, sob esta precauçaõ as faz
» extremamente seccas, e farinhosas. Devem-
» se trazer á meza com a pelle, e comellas
» com sal, e paõ. Só a experiencia he quem
» póde fazer conhecer a superioridade deste
» methodo de cozer as tubaras da terra, par-
» ticularmente quando ellas saõ de boa qua-
» lidade e farinhosas. Esta descripçaõ do mo-
» do de fazer cozer as batatas, foi extrahida,
» em parte, de huma obra de Samuel Hayes
» Esq. de Avondale na Irlanda (sobre a cul-
» tura das tubaras da terra, pag. 103) e em
» parte de huma relaçaõ impressa no Condado
» de Lancartes (pag. 63), e outras instruc-
» çoes communicadas a commissaõ; e he cer-

» tamente a mais vantajosa. Algumas pessoas » tentáraõ fazer cozer as tubaras da terra ao » vapor, imaginando que neste processo ellas » deitáriaõ de si menos agua; porém a immer- » saõ na agua faz que as tubaras da terra se » livrem de huma certa substancia que lhe » altera o gosto, o que o vapor sómente naõ » póde effeituar; as tubaras da terra se fazem » ao depois seccas pondo-se segunda vez ao » fogo, depois de cozidas sem agua. Comidas » com manteiga, leite, ou peixe, fazem hum » excellente manjar. »

Estas instrucçõés saõ taõ claras, que he quasi impossivel o naõ se entenderem; aquelles que as seguirem exactamente acharáõ que as tubaras da terra adquirem huma qualidade superior, e ficaráõ convencidos, que o modo de as fazer cozer, he hum objecto mais importante do que até aqui se tinha pensado.

Se este modo de cozinhar as tubaras da terra fosse geralmente conhecido no paiz, onde este vegetal principia a ser hum alimento ordinario, como em Baviera, naõ tenho duvida alguma que este conhecimento contribuisse muito a fazer-lhe o uso absolutamente universal.

A seguinte relaçaõ de huma experiencia, que se fez ultimamente em huma das Paroquias de Londres, me foi communicada por hum

hum amigo meu; e provará evidentemente o que eu desejo há muito tempo fazer conhecido, e he que os prejuizos dos pobres, relativamente aos seus alimentos naõ saõ insuperaveis.

25 de Fevereiro de 1796.

Os encarregados dos negocios da Paroquia de S. Alvares-Soutwark, desejando diminuir, tanto quanto he possivel, á consummaçaõ do trigo, resolveraõ seguir o seguinte processo, para fazer o puddim de graixa, que estaõ no costume de dar aos pobres ao jantar, huma vez cada semana.

A saber:

	lib.	sh.	p.
200 libras de tubaras da terra cozidas, peladas, e esmagadas	0	8	0
2 gollons de leite	0	2	4
12 libras de graixa a $4\frac{1}{2}$ p.	0	4	6
1 peck de farinha	0	4	0
Gasto de o cozer ao forno		1	8
	1	0	6

O puddim de graixa se faz ordinariamente da maneira seguinte:

	lib.	sh.	p.
2 alqueires de farinha	1	12	0
12 libras de graixa	0	4	6
Gasto de o cozer	0	1	8
	1	18	2
Differença entre o 1° e o 2° puddim	0	17	7

Tal he o jantar destinado para duzentas pessoas, que deraõ a preferencia á primeira especie de puddim, e pediraõ que se continuasse a usar.

O seguinte puddim de tubaras da terra, foi preparado na estalagem onde moro, e muitas pessoas que o prováraõ o acháraõ muito á sua satisfaçaõ.

Puddim de tubaras da terra cozido ao forno.

N. 1.

Doze onças de tubaras da terra, cozidas, peladas, e esmagadas
Huma onça de graixa.
Huma onça de leite.
Huma onça de queijo de Gloucester.
Total quinze onças: misture-se com a quantidade de agua necessaria para dar ao puddim a consistencia necessaria; faça-se cozer ao forno em huma caçarola de barro.

N. 2.

N. 2.

Doze onças de tubaras da terra, como acima.
Huma onça de leite.
Huma onça de graixa, com sufficiente quantidade de sal; faça-se cozer ao forno em huma caçarola.

N. 3.

Doze onças de tubaras da terra.
Huma onça de graixa.
Huma onça de arenques crus, e esmagados em hum almofariz; misture-se o todo, e faça-se cozer ao forno, como acima.

N. 4.

Doze onças de tubaras da terra.
Huma onça de graixa.
Huma onça de carne de vaca de fumo, e rapé finissimo: misture-se, e faça-se cozer ao forno.

Estes puddins depois de cozidos, pezaõ cada hum déz a doze onças. Todos os que tem provado delles, os achaõ bellissimos; porém os puddins N. 1. e N. 3. saõ os que obtiveraõ maior numero de votos.

Receita para fazer almondegas de tubaras da terra muito baratas.

Tome-se huma certa quantidade de tubaras da terra, meias cozidas, pelem-se, e se raspem ao ponto de as reduzir a hum pó grosso, misturem-se com pequenissima quantidade de farinha, por exemplo $\frac{1}{16}$ do pezo das tubaras da terra, ou ainda menos; deite-se-lhe alguma pequena porçaõ de sal, de pimentas, e de ervas de adubar; misture-se o todo com agua fervendo, para dar á massa a consistencia necessaria, e formem-se almondegas da grandeza de huma maçãa. Rolem-se estas almondegas em farinha para impedir que a agua as penetre; mettaõ-se em agua fervendo, e continue-se a fervura até que elles aboiem na superficie da agua, que será o sinal de que estaõ sufficientemente cozidas.

Póde-se dar hum sabor pizante a estas almondegas misturando-lhe huma pequena quantidade de carne de vaca de fumo reduzida a pó, ou de arenques picados.

Póde-se tambem misturar-lhe paõ frito, sem lhe accrescentar outra cousa mais, do que hum tempero de sal, e se fará hum excellente manjar.

Póde-se fazer grandes puddins fervidos com os mesmos ingredientes que servem para

ra fazer as almondegas, e quando se trata de alimentar os pobres em hum estabelecimento publico, deve-se sempre dar preferencia aos puddins, que saõ mais faceis a preparar do que as almondegas.

Este Ensaio, que já passa bastante os limites que me tinha prescripto, viria a ser muito volumoso, se eu desse todas as receitas de manjares delicados que se pódem fazer tendo por base as tubaras da terra. Entretanto há hum modo de preparar as tubaras da terra na Alemanha que me parece dever ser mencionado, e he o que se segue.

Receita para preparar as tubaras da terra cozidas com certo molho.

As tubaras da terra cortadas em talhadas se deitaõ em hum prato, e se lhe lança por cima molho branco como o que se usa nos fricasés de frango.

Este prato he igualmente saõ, que delicado: he verdade que mais se destina para a meza dos ricos, do que para servir de alimento aos pobres. Entretanto poder-se hiaõ empregar outros molhos menos dispendiosos para esta comida. Leite engrossado com farinha de trigo, e temperado com sal, faria hum excellente molho.

Sa-

Salada de tubaras da terra.

Huma comida assás affamada em differentes partes da Alemanha, e que merece ser lembrada, he a salada de tubaras da terra. Fervidas as tubaras da terra, e peladas asseadamente, se cortaõ em talhadas muito delgadas, e se lhe deitaõ os mesmos temperos que nas saladas de alface. Algumas pessoas misturaõ inchovas com este molho, o que lhe dá excellente gosto, e lhe tira a insipidez das tubaras da terra.

Estas tubaras da terra cortadas e feitas em manteiga, ou unto sem sal, temperadas ao depois com o sal e pimenta, fazem tambem huma comida sadia e apetitosa.

Da cevada.

Mais de huma vez fiz já mençaõ da grande quantidade de partes nutrientes, que a cevada contém. Naõ póde recommendar-se assás o uso deste graõ para os pobres. Neste paiz já começaõ a empregallo com a farinha de trigo para fazer paõ. Mas a cevada he muito mais util para as sopas do que para o paõ. He admiravel quanto huma pequena quantidade de cevada espessa a agua, e lhe dá a consistencia de geléa. Se as minhas idéas relativamen-

mente as propriedades da agua, como acessorio da nutriçaõ, saõ bem fundadas, poder-se-ha explicar naõ sómente a qualidade nutritiva da cevada, mas igualmente a do *sagu*, e do *salepo*, que possuem esta propriedade a hum gráo superior. O sagu, e o salepo espessaõ a agua dando-lhe a consistencia de jeléa (segundo a minha opiniaõ, preparaõ a sua decomposiçaõ) com maior energia do que a cevada, e sabe-se que o sagu, e o salepo saõ alimentos nutrientes. A cevada espessa a agua, a muda em geléa, mais do que nenhuma outra especie de graõ, sem exceptuar o arroz; e tenho razaões para concluir, por huma serie de experiencias feitas diante dos meus olhos, na casa de industria de Munich, que a cevada he a melhor especie de graõ que se póde empregar para fazer a sopa.

Se devo expor a minha opiniaõ relativamente ás qualidades nutritivas da farinha de cevada, e da de trigo; affirmarei, que a primeira especie he tres ou quatro vezes mais nutriente que a segunda.

O caldo escocez (scotih broth) he hum dos pratos mais nutrientes que conheço; e naõ ha duvida que esta propriedade lhe vem da cevada pilada que se emprega para o fazer. Se o fizerem sem a cevada, fica sendo huma agua de lavagem, ou agua suja, com mui-

to pouca substancia nutriente; porém podem-se dispensar todos os outros ingredientes ainda mesmo a carne, sem alterar de hum modo sensivel as qualidades nutritivas do alimento. Mudar-se-ha sem duvida a côr e o gosto do caldo, abstrahindo-se dos outros ingredientes; porém se a agua está bem espessada com a cevada, este alimento será sempre assás nutritivo.

Até aqui se empregava a cevada pilada, ou o farro de cevada para fazer a sopa dos pobres, na casa de industria de Munich; mas depois de algumas experiencias que fiz recentemente em Londres, achei que a cevada pilada naõ era de algum modo necessaria, pois que a farinha de cevada preenche igualmente bem as mesmas vistas. Em certas cousas, esta farinha he ainda melhor do que a outra; por que se póde fazer a sopa em a metade do tempo menos do que com a cevada pilada.

Quando se tratar de fazer as sopas baratas para a nutriçaõ dos pobres, poderáõ servir utilmente as informações seguintes que saõ igualmente claras e simplices.

Instrucções geraes para fazer sopas baratas.

Primeiramente, cada porçaõ de sopa deve ser de tres quartos de canada; se a sopa ti-

ver assás de consistencia isto fará huma boa comida para huma pessoa adulta. Esta porçaõ de sopa deve pezar huma libra, e huma quarta, ou quasi ao onças do haver do pezo.

Em segundo lugar; a baze de cada porçaõ de sopa deve ser huma onça e $\frac{1}{4}$ de fatinha de cevada, fervida em huma canada de agua, até que o todo fique na consistencia de geléa espessa. Tudo quanto se póde ajuntar á esta sopa naõ servirá senaõ a fazella agradavel ao gosto, ou a fazer necessario o mastigar, para prolongar, e augmentar o prazer de comer. Estes dous objectos saõ com tudo de huma grande importancia, e jámais se lhe prestaria demasiada attençaõ; porém havendo ordem, póde-se conseguir hum e outro fim sem muita despeza.

Se me pedissem a receita de huma especie de alimento que se pudesse dar pelo preço mais barato possivel neste paiz, eu indicaria a seguinte.

Receita para fazer huma sopa muito barata.

Tomem-se oito gallons de agua (pouco mais de oito canadas) e deitem-se-lhe cinco libras de farinha de cevada: faça-se ferver até ficar na consistencia de geléa, e tempere-se esta mistura com sal, pimenta, e vinagre, her-

vas cheirosas, e quatro arenques crus esmagados no almofariz. Em lugar de paõ deite-se-lhe cinco libras de milho reduzido a *Samp*, e mechendo o todo com huma espatula, se divida a sopa em porçoes de 20 onças.

O Samp, cujo uso recommendo, he huma comida inventada de novo pelos selvagens da America Septentrional, que naõ tem moinhos de trigo. He o milho despojado da casca por meio de o deixar de infusaõ, dez ou doze libras em huma adega de agoa e cinzas. A pelicula qne se separa do graõ sobre a superficie da agua, entretanto que o graõ especificamente mais pezado que a agua cahe para o fundo do vaso. Este graõ despido da casca, he posto ao fogo em huma caldeira onde ferve lentamente por dous dias. Quando os grãos estaõ sufficientemente cozidos, se inchaõ consideravelmente, rachando-os na superficie. Este alimento que he docissimo, e muito nutriente póde ser empregado de muitos modos differentes, porém a melhor maneira de se servir delle he misturallo com leite, e empregallo em vez de paõ nas sopas e caldos: e para este uso he ainda mais conveniente do que o paõ; porque se naõ amolece, ainda que naõ seja de huma dureza desagradavel, e que em consequencia exige o ser mastigado; isto que augmenta, e prolonga necessariamente o prazer de comer.

A

A sopa póde ser preparada com a quantidade de ingredientes mencionados na receita precedente, e dividida em 64 porçoes. O preço dos ingredientes he o seguinte.

	Pence
5 libras de farinha de cevada a 1 $\frac{1}{2}$ pence a libra, em razaõ do alto preço dos generos	7 $\frac{1}{2}$
5 libras de milho a 1 $\frac{1}{2}$ pence a libra	6 $\frac{1}{2}$
4 arenques picados	3
Vinagre	1
Sal	1
Pimentas e hervas cheirosas	2
Total	20 $\frac{1}{4}$

Em moeda portugueza 307 reis $\frac{70}{100}$.

Esta somma de 20 *pence* $\frac{1}{4}$ dividida por 64, numero das porçoes de sopa, faz hum pouco menos de hum terço de *penny* (4 e $\frac{94}{100}$ reis) de preço para cada porçaõ. Porém eu estou persuadido que no tempo ordinario, se poderia dar huma porçaõ de sopa, do pezo de 20 onças pelo preço de hum *farthing*, ou 30 reis $\frac{70}{100}$.

Ha outra especie de sopa muito afamada entre os pobres, e ainda entre os cultivadores da Alemanha, que naõ custaria mais cara que esta, e vem a ser a sopa da farinha queimada, que eu chamo sopa tringueira (*broun soup*) a qual se prepara do modo seguinte.

Re-

Receita para fazer a sopa de farinha queimada.

Tome-se hum pequeno pedaço de manteiga, e derreta-se em huma caçarola de ferro (observando de nunca jamais se servir de caçarola de cobre no que haveria o maior perigo); deitem-se-lhe algumas culheres de farinha de trigo ou centeio; remecha-se o todo com huma espatula de madeira, ou com huma faca de ponta romba e larga, até que a manteiga tenha absolutamente desapparecido, e que a farinha tenha huma côr trigueira escura, observando mechella constantemente para impedir que se pegue á caçarola.

Huma pequenissima quantidade de farinhã queimada (por exemplo meia onça) será bastante para fazer huma porçaõ de sopa. Fazendo-a ferver hum instante na caçarola com perto de huma canada de agua, e temperando-a depois com pimenta, sal, e vinagre, e mettendo-lhe codeas de paõ fritas, se obterá hum alimento muito saudavel, e gostosissimo.

Os lenheiros de Baviera que andaõ pelos matos, fazem muito uso desta sopa naõ só pela qualidade que tem de poder ser separada em muito pouco tempo, pois que ella exige só hum instante de fervura, mas tambem porque os ingredientes que a compoem saõ baratos.

tos e faceis de transportar. As provisões destes mateiros, para huma semana, que he o tempo ordinariamente que estaõ ausentes de suas casas, consistem em hum grande paõ de centeio, que tem a propriedade de se seccar menos facilmente que o paõ de trigo; huma pequena quantidade de farinha queimada mettida em hum saquito de panno de linho; hum pouco de sal n'outro pequeno sacco, e huma pouca de manteiga e pimenta em huma boceta de páo, ou folha de Flandes com dous fundos, e huma pequena caçarola de ferro batido, de 10 a 12 pollegadas de diametro, que lhe serve de instrumento para preparar a comida, e como prato depois que ella está preparada; algumas vezes levaõ tambem huma pequena garrafa de vinagre, mas a pimenta negra he hum ingrediente necessario na sopa de farinha queimada. Bastaõ duas culheres de meza desta farinha para fazer sopa bastante para huma pessoa, e he necessaria muito pouca manteiga; por consequencia a despeza em queimar ou torrar a farinha he muito pouca: huma onça de manteiga será bastante para torrar oito onças de farinha; e meia onça de farinha he bastante para fazer huma porçaõ de sopa, a quantidade de manteiga necessaria naõ passará de $\frac{1}{16}$ de onça, que a 8 pence (a 18 reis e $\frac{64}{100}$) a libra, naõ custará este $\frac{1}{16}$ senaõ

de

$\frac{1}{32}$ de penny ou $\frac{1}{8}$ de farthing ($\frac{643}{800}$ de real). O preço da farinha para huma porçaõ de sopa, naõ será maior. Se for farinha de centeio, que he tanto ou mais propria que a de trigo para esta sopa, naõ custará senaõ pence e meio a libra, ainda segundo a tarifa actual dos generos. Segundo este calculo, meia onça, que he a quantidade requerida para fazer huma porçaõ de sopa, naõ custaria mais de $\frac{6}{12}$ de farthing, e a farinha, e manteiga juntas custariaõ ($\frac{1}{8} + \frac{3}{16} =$) $\frac{5}{16}$, ou hum pouco menos de hum terço de farting. Ajuntando-se a esta somma o preço dos ingredientes de que se serve para temperar a sopa, o sal, a pimenta, e o vinagre, e suppondo que elles custaõ tanto como a manteiga, e farinha, ou $\frac{1}{3}$ de farting, isto fará $\frac{2}{3}$ de farthing, pelo custo total dos ingredientes necessarios para huma porçaõ de sopa; mas como o paõ que se deve comer nesta sopa fórma hum artigo de despeza, resulta daqui, que ella naõ ficará taõ barata como a sopa antecedente, de que escrevi a receita, e he certamente menos sadia, e menos nutriente.

A sopa de farinha queimada póde entretanto ter a sua utilidade em certas occasiões. Como ella se póde fazer com muita brevidade; e os ingredientes necessarios podem ser preparados, ensacados, e transportados com toda

da a facilidade; vem esta sopa a ser muito util aos viajantes, e soldados, que se poderiaõ servir della em marcha. Ainda que se naõ possa suppor, que seja muito substancial, he possivel que ella faça o paõ mais nutriente, e menos indigesto; e o faz certamente mais agradavel ao gosto. Esta sopa serve ordinariamente de almoço aos paizanos de Baviera, e hè preferivel, em todo o sentido, ao chá, bebida perniciosa, com que os habitantes desta Ilha innundaõ o estomago em prejuiso da sua saude.

Quando o chá está misturado com huma quantidade sufficiente de assucar, e de bom creme; quando se toma com as borras da manteiga, ou torradas de paõ, ou ovos frescos, e sobre tudo quando naõ se bebe demasiado quente, he certamente menos noscivo; mas quando se toma huma simples infusaõ fervente desta planta, como succede ordinariamente aos pobres, he certamente hum veneno lento, que naõ deixa de produzir por fim effeitos perniciosissimos, ainda nos temperamentos mais robustos.

Do paõ de centeio.

O prejuiso que existe nesta Ilha contra o paõ de centeio he tanto mais extraordinario,

quanto este paõ he commum ; pois qué em muitas partes deste paiz, naõ usaõ de outra especie de paõ; e o seu uso geral, introduzido em muitas partes da Europa, próva que elle he muito saudavel. Nos paizes onde elle se usa, muitas pessoas o preferem ao paõ de farinha de trigo ; e ainda que em geral se estime mais o paõ de trigo, creio que a aversaõ que se tem pelo paõ de centeio provém de que elle he mal amassado, mal cozido, ou de outra qualquer negligencia.

A relaçaõ das experiencias sobre o modo de se cozer o paõ, feitas á minha vista na padaria da Casa de industria de Munich, poderá sem duvida ser util aos que desejarem saber como se póde fazer bom paõ de centeio; e aquelles que quizerem conhecer com precisaõ quaes saõ os lucros do padeiro : publicarai por tanto hum resumo destas experiencias no Appendice deste volume.

Antes de acabar este Ensayo tomo a liberdade de recommendar seriamente ao Publico, particularmente áquelles que estaõ á frente da administraçaõ, o mais reflectido exame do objecto que acabo de tratar. Esta materia he certamente da maior importancia, debaixo de qualquer ponto de vista que se considere, particularmente no momento actual.

EN-

ENSAYO IV.

DAS CHAMINÉS, E SEUS LARES. DIFFERENTES MODOS DE OS APERFEIÇOAR, PARA POUPAR O COMBUSTIVEL, FAZER AS COUSAS MAIS SANS E AGRADAVEIS, E OBSTAR A FUMEGAÇAÕ.

ADVERTENCIA.

O Auhtor suppoem dever explicar as razões que o induziraõ a inverter a ordem, que se tinha proposto seguir na publicaçaõ destes Ensaios. Sendo obrigado a mandar immediatamente a Edimburgh huma pessoa que pudesse rectificar a construcçaõ das chaminés, conforme aos principios que se tinhaõ adoptado em Londres, assentou que era necessario darlhe instrucções mais circunstanciadas do que as que se poderiaõ communicar verbalmente. Por tanto devendo escrever sobre esta materia, julgou que era melhor tratalla em toda a sua extensaõ, e publicar os principios que podem dirigir aquelles que tiverem algum pensamento de fazer concertar as suas chaminés, sem que tenhaõ necessidade de outros soccorros.

A seguinte carta que o Author recebeo de Sir Joh'n Sinclair, Baroneto, Membro do Parlamento, e Presidente da Commissaõ de Agricultura, dará huma explicaçaõ mais ampla sobre este objecto.

» Ser-vos-há agradavel saber, que o vosso » modo de consertar as chaminés, para im- » pedir que fumeguem para dentro, para e- » conomisar o combustivel, e para augmen- » tar o calor, tem sido bem succedido, naõ » sómente em minha casa, porém em muitas » de amigos meus: que o Lord Prevoste, e » e os Magistrados de Edimburgh, tem des- » tinado huma sôma para pagar a despeza da » viagem de hum pedreiro, que deve seguir » os mesmos passos nesta Cidade. Espero que » vós querereis imprimir, o mais promptamen- » te possivel, o vosso Tratado sobre a econo- » mia do calor, para que se possaõ espalhar, » com brevidade os conhecimentos relativos » a hum objecto taõ util. Desejando-vos os » melhores successos na continuaçaõ dos im- » portantes trabalhos, que vos occupaõ, sou » com a maior consideraçaõ

Vosso obediente criado

Joh'n Sinclair.

Whitehall Londres 9 Fevereiro 1796.

CA-

CAPITULO I.

Os lares destinados a queimar carvaõ ou lenha nas chaminés descubertas, saõ susceptiveis de muitas alteraçõe. As chaminés, que fumegaõ para dentro, podem ser concertadas em todos os casos. A grandeza desmarcada das chaminès he a causa principal da sua imperfeiçaõ. Desenvoluçaõ philosophica desta materia. Meios propostos para remediar todos os defeitos, que se tem descoberto nas chaminés, ou seus lares. Estes meios saõ igualmente applicaveis ás chaminés destinadas a queimar lenha, ou cespede, ou aquellas em que se queima sómente o carvaõ.

A Chaminé que fumega para dentro he considerada como hum verdadeiro tormento; mas ha outros muitos defeitos, que se tem descoberto nos lares, construidos neste paiz, e em muitas outras partes da Europa, aos quaes se attende pouco, porque saõ menos sensiveis. Muitas destas imperfeiçõe tem consequencias funestas á saude; e estou persuadido que nesta Ilha, acceleraõ a morte a mais de mil pessoas por anno.

Es-

Estes ventos coados penetrantes, que esfriaõ huma parte do corpo, entretanto que a outra se está torrando pelo fogo da chaminé, e que todos os que lerem esta obra teraõ sentido mais de huma vez, naõ podem deixar de ser muito noscivos á saude: devem até produzir effeitos perniciosissimos em pessoas de hum temperamento fraco e delicado. Naõ tenho alguma duvida, que a tysica, provinda desta causa, deixe de levar grande numero de pessas. Entretanto he esta huma causa que poderia facilmente desaparecer; e fazendo-a cessar, se acharia muito mais commodidade e prazer.

O meu espirito está demasiadamente affectado da importancia desta materia, para que esteja calado por mais tempo. Este objecto tem demasiadas relaçõe com os gozos essenciaes da vida, para que naõ interessem vivamente as pessoas que se tem aprazido em contemplar, e favorecer tudo o que póde contribuir para a felicidade do Genero humano. Logo sem me aterrar o medo de ser accusado, que dou a esta materia mais importancia do que ella merece, ou que fatigo o Leitor com relaçõe demasiadamente minuciosas, passo a desenvolver todas as partes deste objecto com todo o cuidado e toda a attençaõ possiveis. Principiarei pelas chaminés que fumegaõ para dentro.

Di-

Diversas causas podem obstar a sobida do fumo nas chaminés, porém todas se podem descobrir, e remediar completamente. Sem duvida parecerá attrevida esta proposiçaõ, mas espero provar satisfactoriamente que naõ avancei a minha opiniaõ sem muito fundamento.

Quem tiver tomado o trabalho de examinar a natureza, e propriedades dos fluidos elasticos do ar, do fumo, dos differentes vapores; e tiver procurado saber as leis dos seus movimentos, e as consequencias necessarias da refracçaõ occasionada pelo calor, que seria taõ admiravel que o fumo se naõ elevasse pelo fumeiro da chaminé (depois de tirados os obstaculos que se oppoem á sobida), como se a agua naõ sobisse em hum siphaõ, ou que hum rio parasse no seu curso.

O seguinte conselho encerra todos os segredos que podem obstar a que as chaminés naõ fumeguem. » *Achar e remover todos os* » *obstaculos locaes, que impedem necessaria-* » *mente o fumo de seguir a impulsaõ natural* » *que tende a fazello sahir do fumeiro*» ou, para fallar de hum modo mais preciso, que impedem o ar exterior a exercer a sua pressaõ, a qual tende a fazello sahir da chaminé.

Ainda que haja differentes causas, que obstaõ a sobida do fumo no fumeiro, entre tan-

tanto a causa mais ordinaria, e que produz mais effeito, he taõ facil de descobrir, como he facil de remediar; esta causa he a má construcçaõ das chaminés junto ao lar.

No decurso das minhas differentes experiencias, e na pratica, que adquiri rectificando a construcçaõ das chaminés, que fumegaõ, jámais fui obrigado, excepto em hum unico caso, a recorrer a outro meio que o de concertar o lar e aquillo que eu chamarei a *garganta* da chaminé, isto he, a parte inferior do fumeiro, e que fica immediatamente assima do lar, reduzindo-o a forma, e proporçaõ devida. Entretanto tenho já melhorado a construcçaõ de mais de quinhentas chaminés, muitas das quaes, me chegáraõ a parecer incapazes de mudança alguma vantajosa.

A prova de que os meus principios podem ser applicados aos lares destinados para nelles se queimar carvaõ de terra, e aos outros que servem sómente para lenha, he a experiencia recente, que fiz com muito bom successo, ha dous mezes que habito em Londres, em mais de cento e cincoenta chaminés (1). O re-

(1) Os pedreiros *Eves*, e *Sutton*, *Broad Sanctury Westmiuster*, saõ os obreiros que tenho mais frequentemente empregado para rectificar as chaminés. Elles tem trabalhado em mais de 90 chaminés em casa das pessoas mais consideraveis em Londres.

resultado de muitas experiencias feitas com o maior cuidado, por meio do thermometro, demonstra igualmente, que a economia do combustivel, provinda das alterações feitas ás chaminés montava ordinariamente a *metade*, e algumas vezes a *dous terços* da quantidade que se consumia precedentemente. Como as mudanças, que se fazem nos fogões ou lares, saõ muito pouco dispendiosas, e como nellas podem servir quaesquer trempes, ou cães de chaminé; e se naõ emprega no concerto ferro algum, mas sómente alguns tijolos com huma pouca de cal, ou pequenos pedaços de greda para concertar as chaminés, segue-se que as mudanças e alterações de que se trata, saõ as mais vantajosas que he possivel, consideradas ainda pela parte da economia. Deve-se tambem advertir, que naõ sómente se poupa huma grande quantidade de combustivel, mas igualmente que as casas ficaõ mais aquecidas, e que saõ mais sans; que o calor nellas fica mais igual, e talvez mantido sempre na mesma temperatura; que naõ existem mais ventos coados vindos das portas, e janellas para a chaminé, e que fazem tanto mal ás constituições delicadas. De mais, deve-se considerar, que o ar estando igualmente aquecido por todas as partes de casa póde ser renovado com mais facilidade quando elle opprime

a respiraçaõ, e isto abrindo huma porta que communique com o ar exterior, ou abrindo a parte superior de huma janella, e a parte inferior da outra. Deve tambem observar-se, que, para renovar completamente o ar da casa, basta hum minuto de tempo; e que durante este intervallo, as paredes se naõ esfriaraõ tanto que naõ possaõ communicar em muito pouco tempo o gráo de calor necessario ao ar exterior que se introduzio pela ventilaçaõ, de modo que naõ haja mudança na temperatura, ainda que a atmosphera da casa esteja completamente renovada.

Quem conhece os principios pneumaticos deve saber porque o ar, aquecido em huma casa, sahe pela abertura que se lhe patentea na parte superior de huma janella, quando se introduz ar exterior pela porta, ou por outra qualquer abertura inferior; e que seria impossivel renovar o ar de huma casa de outro modo taõ expedito como este, que tenho indicado, quando o ar da casa naõ está aquentado senaõ particularmente, ou que o está muito pouco, e quando as paredes distantes do fogo estaõ constantemente frias; o que deve acontecer sempre que a corrente de ar, em hum fumeiro espaçoso, atrahir para o fogaõ, ou lar muito vento coado pelas finxas, e juntas das portes e janellas.

Po-

Porém ainda que seja facilimo renovar o ar nas casas provindas de fogões construidos, segundo os primeiros que aponto (o que he certamente em seu favor) esta mudança total da atmosphera raras vezes será necessaria. Em quanto houver fogo na casa a corrente de ar que sahe pela chaminé a pezar da diminuiçaõ do orificio do fumeiro he taõ consideravel, que basta para manter o ar da casa na temperatura necessaria para ser agradavel, e sadia. Na maior parte da Alemanha ainda naquelles lugares onde se aquecem as casas com estufas acezas ao descuberto, e onde se acautelaõ os ventos coados por meio de portas dobradas, caixilhos, e outras percauções, he raro que a atmosphera se faça doentia, e que opprima a respiraçaõ, menos que a casa seja muito pequena, e que se tenhaõ accendido muitos candieiros, ou muitas vélas. Huma prova certa que este modo de aquecer as casas naõ tem algum inconveniente, he a apparencia de saude e vigor que se observa naquelles que as habitaõ. Entretanto he preciso convir, que as pessoas naõ acostumadas a habitar casas aquecidas com estas estufas, naõ deixaõ de experimentar huma certa oppressaõ quando se demoraõ nellas algum tempo; porém este incommodo passageiro naõ he occasionado por vapores mephiticos, que

provenhaõ da transpiraçaõ, ou das exhalações das pessoas que nellas estaõ: a origem he outra causa muito differente, e vem a ser, a má construcçaõ das estufas alemaãs, defeito que se póde remediar muito facilmente, como ao depois mostrarei. Porém como fallo das estufas, devo observar, que sendo ellas quasi sempre de ferro, e sendo este metal hum dos melhores conductores do calor, a parte da estufa que fica em contacto com o ar exterior, está muitas vezes taõ aquecida, que calcina, ou para melhor dizer, torra a poeira que se lhe pega, o que produz sempre hum effeito desagradavel na atmosphera da casa. Eu mesmo tenho observado frequentemente que, ainda sendo as estufas de louça, ou de barro, se a parte que está no interior da camara se acha demasiadamente aquecida, o que acontece quasi sempre em Alemanha, o ar contrahirá pouco a pouco as mesmas qualidades, que se a estufa fosse de ferro.

Ainda que huma casa, ou camara estivesse perfeitamente fechada, como a quantidade de ar viciado pela respiraçaõ de duas, ou tres pessoas, he muito pequena comparada ao volume immenso de ar que contém huma camara de grandeza mediocre, e como além disto huma parte da atmosphera se renova sempre que se abre a porta, ha menos pe-

perigo do que se imagina de que a falta de ventilaçaõ faça menos sadia huma camarà ou a torne incapaz de ser habitada. Este perigo he ainda menor em tempos muito frios, quando o ar exterior obra com dobrada força, e actividade sobre o ar contido na casa.

Quem tiver ainda algumas duvidas sobre a mudança que se opéra na atmosphera de huma casa aquecida, sempre que se abre a porta, póde ficar convencido desta verdade por huma experiencia muito simples, abrindo inteiramente a porta da camara ou quarto, em que estiver, e tendo duas vélas accezas na passagem, huma na parte superior, e outra na inferior: a violencia com que a chama da véla superior he impellida para fóra, e a da véla inferior para dentro, pelas correntes de ar oppostas, provará que a mudança, que se opéra na atmosphera he muito consideravel; e o será tanto mais, quanto maior for a differença entre as duas temperaturas. Tenho particularisado tanto esta materia da utilidade que ha em renovar o ar das casas constantemente habitadas; porque sei que muitas possoas temem demorar-se em quartos, aonde naõ ha huma constante corrente de ar, suppondo-os pouco sadios.

Eu sou na verdade hum dos maiores partidistas da livre circulaçaõ do ar; e esta razaõ

me

me obriga a dormir em hum leito sem cortinas; porém penso, que as correntes de ar frio, que penetraõ as camaras, ou quartos aquecidos pelas chaminés construidas, segundo os principios antigos, e estes calores parciaes de huma parte do corpo, entretanto que outra está tiritando, como acontece em muitas casas, saõ muito mais nocivos á saude, a pretendida compressaõ do ar encerrado em hum quarto aquecido mais igualmente, com menos fogo.

Todas estas vantagens, que se achaõ reunidas em a nova construcçaõ das chaminés, saõ certamente importantissimas, e naõ sei sejaõ contrabalançadas por algum inconveniente. A unica queixa, que tenho ouvido fazer, he que o novo methodo faz as casas demasiadamente quentes, porém he taõ facil isto de remediar, que teria hesitado o lembrallo, para que naõ suppozessem que eu queria fazer hum insulto á pessoa, que inventou as mudanças das chaminés; porque he impossivel conceber como huma pessoa se poderia queixar do demasiado calor na sua casa, tendo no seu poder diminuir a quantidade, e actividade do fogo, que a aquece; entretanto tem isto acontecido muitas vezes.

Antes de estabelecer os principios da nova construcçaõ dos lares, he a proposito examinar

nar attenciosamente a construcçaõ dos que actualmente se usaõ, mostrar-lhes os defeitos, e indicar-lhes os remedios.

O maior defeito dos fogões, ou chaminés abertas, destinadas para nellas se queimar descobertamente lenha, ou carvaõ, he que estes fogões, ou chaminés saõ demasiadamente largos, ou, para me explicar melhor, aquillo a que eu chamo a garganta da chaminé, isto he, a parte inferior do fumeiro posta immediatamente sobre o fogo, he demasiadamente larga. Esta abertura se tem feito taõ larga sem duvida para dar lugar á passagem de quem limpa as chaminés; mas eu indicarei ao depois como se póde deixar lugar para introduzir quem va limpar a chaminé, sem que a garganta da mesma chaminé tenha dimensões taõ enormes, que absorva, e engula n'hum instante todo o ar quente da casa em lugar de deixar sómente huma passagem para o fumo, e vapores quentes, que sahem do fogo, o que deve ser só, e unicamente o seu fim.

Se devesse tratar scientificamente a materia que faz o objecto deste Ensaio, principiaria por explicar claramente, e segundo principios fundados sobre as leis da natureza, os motivos dos fluidos elasticos, que saõ a causa da sobida do fumo; explicaria tambem, e até calcularia, o effeito dos soccorros mechanicos

que

que podem facilitar esta sobida, ou, para melhor dizer, remover os obstaculos que se oppoem ao movimento tendente a expulsar o fumo para fóra. Porém como intento fazer neste Ensaio hum Tratado pratico, e naõ huma Dissertaçaõ scientifica, e erudita, capaz de me obter reputaçaõ entre os Phisicos, tentarei escrever de modo, que seja entendido por quem hade tirar mais partido das minhas instrucções, e que por consequencia, vulgarisará mais o seu uso. Feito este preambulo, passo a desenvolver a materia, que me propuz tratar.

A grandeza immoderada da garganta das chaminés, he o principal defeito que existe na sua construcçaõ, por consequencia deve este ser o primeiro objecto, que nos occupe quando se trata de lhe fazer algumas alteraçõe; porque ainda quando a construcçaõ do fogaõ fosse o mais perfeita possivel, se a abertura destinada para a passagem e sobida do fumo fosse mais larga, do que he necessario, nada poderia impedir que o ar aquecido se escapasse pelo mesmo ducto; e todas as vezes que isto acontece ha naõ sómente huma perca de calor, porém além disto, o ar aquecido que sahe pelo fumeiro, he substituido pelo ar frio, o que produz necessariamente a entrada de huma corrente de ar, ou vento

coa-

coado, que he taõ incommoda áquelles que habitaõ semelhantes casas. Assim, posto que que se possaõ remediar estes inconvenientes reduzindo a garganta da chaminé a justos limites, entre tanto he necessario addir-lhe mais outras precauções. Primeiramente a garganta da chaminé deve ser collocada em lugar conveniente, isto he, precisamente na parte onde favoreça mais a sobida do fumo; porque todos os meios que facilitarem a sobida do fumo, impediráõ a chaminé de fumegar para dentro; e como o fumo e os vapores que emmanaõ do fogo se levantaõ sempre verticalmente, segue-se que o verdadeiro lugar para a garganta da chaminé he perpendicularmente sobre o fogo.

Ha outra attençaõ que se deve ter, para colocar propriamente a garganta de huma chaminé; e vem a ser determinar precisamente a distancia do fogo, ou a distancia exacta do combustivel inflammado. Ha muitas vantagens e detrimentos que se devem examinar, e contrabalançar attentamente na determinaçaõ deste ponto.

O fumo, e o vapor que se elevaõ do combustivel inflammado, se rarefazem pelo calor, e ficaõ mais leves que o ar atmospherico, consequentemente, o seu gráo de rarefacçaõ, e a disposiçaõ que tem para sahir pelo fumei-

ro da chaminé, augmentaõ a proporçaõ da intensidade do calor; e como o vapor, e o fumo tem muito mais calor junto ao fogo, do que a maior distancia, aproximando a garganta do fumeiro ao combustivel ardente, os vapores se elevaráõ facilmente, ou como diz o vulgo, a chaminé attrahirá o fumo, e será menos sugeita a fumegar para dentro; mas, por outra parte, quanto a chaminé atrahe demasiado, e que isto provém de que a garganta do fumeiro está muito proxima ao fogo, a corrente de ar que deve afluir ao fogo será taõ consideravel, que occasionará huma consumaçaõ do combustivel demasiado rapida. Ha tambem outros muitos inconvenientes neste methodo de pôr a garganta da chaminé demasiado perto do combustivel inflamado.

Adoptando as medidas propostas para as chaminés já construidas, naõ se póde duvidar da altura da garganta porque ella fica determinada pela do mantelete, ou escarpa da chaminé: He difficil polla mais abaixo do mantelete, mas deve-se fazella descer, o mais que for possivel, até o nivel do fundo do mantelete. Se a chaminé tem alguma disposiçaõ para fumegar, será necessario abaixar o mantelete, ou diminuir a altura da abertura do fogaõ cobrindo-o com hum arco abatido, e pondo hum pedaço de pedra de huma extremi-

da-

dade á outra, ou, o que será mais simples e mais facil; fazendo hum pequeno avental de tijolos sustentados por huma barra de ferro, imediatamente por baixo do mantelete.

Nada impede mais efficazmente, que as chaminés fumeguem, do que o methodo que eu indico para diminuir a abertura do fogaõ, abaixando, e ainda estreitando a garganta da chaminé, eu experimentei sempre, excepto hum unico caso, de que já fallei, que estes meios sómente eraõ sufficientes para remediar todos os inconvenientes. He verdade que sendo a construcçaõ da chaminé muito viciosa e tendo huma situaçaõ pouco favoravel á sobida do fumo, principalmente quando estes dous defeitos existem simultaneamente, he algumas vezes necessario diminuir a abertura do fogaõ, e ainda de abaixar, bem como a garganta da chaminé; mais do que se quereria; porém estes defeitos que naõ offendem, por assim dizer, senaõ a vista, naõ podem entrar em paralello com hum dos maiores tormentos que existem, tal qual huma chaminé que fumega para dentro.

Determinada a posiçaõ da garganta da chaminé, os dous pontos de que se hade cuidar ao depois, saõ a sua grandeza, e a sua fórma bem como a connexaõ que deve ter com o lar, e com o fumeiro. Mas como todos estes

principios tem huma relaçaõ intima com a forma, que se deve dar ao mesmo lar, he necessario que nos occupemos deste ao mesmo tempo.

Para estabelecer methodicamente os principios que nos devem regular, e para deduzir delles consequencias claras, e manifestas, he preciso considerar primeiramente quaes saõ os objectos que se tem em vista na construcçaõ de huma chaminé; em segundo lugar como se póde obter o fim, que se deseja.

A construcçaõ de huma chaminé tem ordinariamente por fim o aquecer hum quarto, ou huma casa; logo que he necessario dispor os materiaes de tal modo, que a camara, ou quarto possa realmente ficar aquecida: em segundo lugar, que fique aquecida poupando-se o mais que for possivel a consumaçaõ do combustivel; em terceiro lugar, que aquecendo o ar da casa se mantenha este sempre puro, que naõ opprima a respiraçaõ, e que naõ seja misturado com fumo ou outros vapores desagradaveis.

Para fixar com precisaõ as medidas, que se devem tomar para aquecer qualquer casa com fogo aceso em huma chaminé aberta, he necessario saber *como*, e de *que modo* o fogo communica o calor á camara; achar-se-ha talvez superflua á primeira vista esta questaõ;

po-

porém examinando attentamente o seu objecto se verá, que elle he digno de ser desenvolvido com o maior cuidado.

Para determinar de que modo huma casa he aquecida pelo fogo de huma chaminé aberta, he nebessario saber debaixo de que fórma existe o calor occasionado pela inflamaçaõ do combustivel; ao depois como o calor se communica aos corpos, que devem sentir a impressaõ que elle lhes faz.

A respeito do primeiro objecto, he certissimo, que o calor produzido pela inflamaçaõ do combustivel existe debaixo de duas formas distinctas, e muito differentes. Huma he combinada com o fumo, vapores, e ar aquecido que se elevaõ do combustivel em fogo, e passaõ ás regiões superiores da atmosphera. A outra parte que parece *naõ estar combinada*, ou como alguns Phisicos suppoem, que naõ está combinada senaõ com a luz, parte do fogo debaixo da forma de raios, para todas as direcções possiveis.

Quanto ao segundo objecto das minhas indagações; isto he, como o calor existente debaixo de differentes formas se communica a outros corpos; he probabilissimo, que o calor combinado senaõ possa communicar aos outros corpos senaõ por hum contacto actual com o corpo, que está combinado com elle.

A

A respeito dos raios que partem do combustivel inflamado, he certo que estes naõ communicaõ, nem produzem o calor senaõ em corpos que os demoraõ, que os absorbem. Passando pelo ar, que he transparente, naõ lhe transmittem certamente nenhum calor, e parece probabilissimo, que elles naõ communicaõ nenhum calor aos corpos solidos, que os reflectem.

Debaixo deste ponto de vista, parece que estes raios tem muita relaçaõ com os raios do Sol. Mas para naõ distrahir a attençaõ do Leitor, e o naõ apartar do objecto, que actualmente examino, me naõ devo metter em dissertações sobre a natureza, e propriedades do que se póde chamar o *calor radiante.*

He este objecto summamente curioso, e digno da attençaõ dos Phisicos; porém ser-me-hia preciso dar a este Ensaio maior extensaõ do que posso, se quizesse tratar convenientemente da materia. Contentar-me-hei por tanto sómente com o exame parcial dos objectos que parecem necessarios ao meu fim.

Offerece-se naturalmente aqui huma questaõ, e vem a ser, qual he a proporçaõ entre o calor radiante, e o calor combinado? Ainda que este ponto naõ tenha sido determinado precisamente, com tudo he certo que a quantidade de calor, que se evapora com o fu-

fumo, vapor, e ar aquecido, he muito mais consideravel, talvez tres, ou quatro vezes, do que o calor que emmana do fogo debaixo da forma de raios; entretanto por modica que seja esta quantidade de calor radiante, he a unica parte do calor produzido pela inflamaçaõ do combustivel ardente em huma chaminé aberta, que póde ser empregada em aquecer huma casa.

A totalidade do calor combinado que se escapa pelo fumeiro he inteiramente perdida. De facto naõ se poderia introduzir na casa alguma parte deste calor, provindo de huma chaminé aberta, sem que se introduzisse ao mesmo tempo o fumo com que está combinado, fazendo-se por tanto a camara inhabitavel. Entretanto ha modo de se servir do calor combinado, que se eleva das chaminés abertas, para o fazer concorrer a aquentar a casa; e he, fazello passar por alguma cousa, semelhante ás estufas alemãas, que esteja posta na chaminé acima do fogo. Ao depois terei occasiaõ de fallar desta nova invençaõ; continuarei ao mesmo tempo a desenvolver as propriedades dos lares nas chaminés abertas, construidas, segundo os principios mais simples, de que actualmente se servem; e tantarei igualmente apontar e explicar todas as alteraçõe de que as chaminés saõ susceptiveis.

Lo-

Logo que o combustivel se acende nas chaminés, construidas, segundo os principios antigos, nos quaes o fumo se escapa immediatamente pelo fumeiro, he evidente, que todo o calor combinado fica necessariamente perdido; como neste caso só o calor radiante pode ser empregado em aquecer a casa he importante naõ só a determinar os meios de produzir a maior quantidade possivel pela inflamaçaõ do combustivel, mas indicar igualmente como se póde introduzir na casa a maior parte do calor.

A quantidade de calor radiante produzido por huma certa porçaõ de combustivel, depende muito do arranjamento do fogo ou do modo porque o combustivel he consumido. Quando o fogo he claro, e vivo fornece muito mais calor radiante; porém quando está fuffocado, produz sómente huma pequena quantidade, e este mesmo calor que produz he pouco util. A maior parte do calor produzido he immediatamente empregado a communicar elasticidade a certo vapor espesso, que se vê elevar do fogo; e sendo a combustaõ incompleta, huma parte da materia inflamavel do combustivel se rarefaz simplesmente, e he impellida pelo fumeiro sem se haver inflamado; e o combustivel se consome com muito pouca vantagem. He logo importantissimo por

eco-

economia, por aceio, e ainda por commodo; que se attenda cuidadosamente no arranjo do fogo.

Os fogos das chaminés, principalmente os de carvaõ, saõ geralmente entretidos por criados negligentes, e summamente prodigos, e mal aceiados. Lançaõ sobre o fogo toda huma carga de carvaõ, a qual se oppoem á passagem da chama por horas inteiras; de modo que, muitas vezes, he preciso até haver muito cuidado para que o fogo se naõ extinga. Durante este tempo nenhum calor se communica á casa, e o que he ainda peior estando a garganta da chaminé occupada por hum vapor espesso e pezado, que naõ tem quasi calor algum, e consequentemente muito pouca elasticidade, o ar quente da casa acha menos difficuldade em occupar-se pelo fumeiro, do que quando o fogo chega a acender-se perfeitamente; até acontece, muitas vezes, principalmente quando a chaminé, e o lar saõ mal construidos, que a corrente de ar quente vinda da casa para a chaminé, passa por cima da corrente de fumo espessa, que se eleva lentamente do fogo, obsta por isso a sua sobida, e o impelle para a camara: he este o facto que se observa muitas vezes nas chaminés que fumegaõ para dentro quando se deita sobre o fogo demasiada quantidade de car-

vaõ. Jámais se deveria alimentar o fogo senaõ com huma muito pequena quantidade de combustivel, que naõ impedisse á chama o passar livremente; em huma palavra, o fogo jámais deve ficar suffocado; e attendendo á quantidade de carvaõ, que se poem sobre o fogaõ, naõ haverá necessidade de usar do atiçador (poker), só este cuidado contribuirá muito para o aceio da casa, e das guarnições da chaminé.

As pessoas; cujos orgãos saõ assás delicados para sentir vivamente o desagrado, que traz com sigo a negligencia, o pouco aceio, e a desordem no interior das suas casas; e que sabem gosar do prazer de hum fogo bem aceso, e hum lar perfeitamente aceiado, deveriaõ tomar o trabalho de arranjar por si mesmos o seu fogo (que seria mais prazer do que trabalho); ou deveriaõ ensinar os seus criados a preencher estas funções com mais intelligencia e cuidado.

Agora volto ao objecto de que trato. Demonstrei já o que era necessario para produzir o calor radiante; agora resta determinar como se póde introduzir na camara, ou casa maior porçaõ de calor, que emana do fogo em todos os sentidos, e por que meios elle póde aquecer a atmosphera da camara. Os raios, que partem da materia combustivel inflama-

da, tem as mesmas propriedades que os da luz, que só produzem calor quando saõ demorados ou absorvidos, e que podem por consequencia ser reflectidos sem occasionar o calor na superficie dos differentes corpos em que tocaõ; o conhecimento desta propriedade nos habilita a tomar medidas certas para obter o fim proposto, que he introduzir na casa a maior quantidade possivel de calor radiante.

Isto póde effeituar-se, primeiramnte fazendo com que os raios, que emanaõ do fogo em linha recta entrem directamente na camara, o que deve ter lugar colocando o fogo o mais para fóra que poder ser, e deixando a abertura da chaminé taõ alta, e taõ larga, quanto isto poder fazer-se sem inconvenientes: depois disto dando-se aos lados, e fundo da chaminé, a fórma necessaria, e escolhendo ao mesmo tempo os materiaes convenientes, para que os raios, que partem directamente do fogo, e que os tocaõ, possaõ ser outra vez transmittidos para a casa em maior abundancia por meio da reflexaõ.

Depois de hum maduro exame sobre a melhor forma que se deve dar aos lados verticaes de huma chaminé, ou ao que se chamaõ os *pés direitos*, se achar que he a de hum plano recto formando hum angulo de 135 gráos

sobre a superficie plana do fundo da chaminé. Segundo a construcçaõ antiga das chaminés, este angulo he recto, ou de 90 gráos, mas como neste caso os lados da chaminé (*AC*, *BD*, fig. 1.) saõ paralellos, he evidente, que esta disposiçaõ he pouco propria para reflectir á camara os raios, que emanaõ do fogo.

O Leitor que desejar obter huma idéa completa das mudanças que proponho na construcçaõ das chaminés, terá a bondade de observar, que o fundo da chaminé, segundo os principios ordinarios, he taõ largo, como a abertura do fogaõ que fica á frente da camara, e que os lados ou ombraes, cahem perpendicularmente ao fundo, e saõ paralellos entre si. Segundo os meus principios, o fundo da chaminé (*i* k, fig. 3.) tem sómente o terço da abertura da mesma chaminé na frente, e consequentemente os lados, ou ombraes da chaminé (*ai*, e *b* k) em lugar de serem perpendiculares ao fundo, formaõ hum angulo de 135 gráos, e, em consequencía desta posiçaõ, em vez de ficarem paralellos entre si, apresentaõ huma frente obliqua á abertura da chaminé, e por este meio os raios que elles reflectem penetraõ a camara. As estampas (fig. 1. e 3.) faraõ esta demonstraçaõ ainda mais sensivel.

A respeito dos materiaes, que he mais van-

ta-

tajoso empregar para a construcçaõ das chaminés, penso que tenho já desenvolvido os principios necessarios, para que este objecto fique facil de determinar. Como o fim a que nos propomos he introduzir na camára o calor radiante, he claro, que os materiaes mais convenientes para a construcçaõ dos fogões, saõ aquelles, que mais reflectem, ou que absorvem mais calor radiante naõ saõ aquecidos senaõ na razaõ desta absorvencia; logo para conhecer quaes saõ os materiaes mais proprios para a construcçaõ dos fogões, naõ se trata senaõ de determinar por huma experiencia facilima, quaes saõ os corpos que adquirem o menor calor, quando estaõ expostos a receber directamente os raios de hum fogo claro, e vivo; porque seraõ certamente os corpos menos quentes, os que absorvem menos calor radiante, e por consequencia, que reflectiráõ mais. Donde se segue, que o ferro e todos os metaes quaesquer, que tem a propriedade de se aquecerem muito facilmente, quando estaõ expostos aos raios do combustivel inflamado, saõ os peiores materiaes, que se podem empregar para a construcçaõ interior das chaminés.

Os melhores materiaes, que tenho podido descobrir até ao presente, saõ as pedras de (1) fo-

(1) He difficil determinar precisamente o que o Au-

fogo (*fire stone*), e os tijolos cobertos com argamassa de cal. Qualquer destes materiaes saõ baratos, e eu me veria embaraçado a qual delles daria a preferencia.

Servindo se do tijolo, he preciso cobrillo com a cal amassada, e depois caiallo para o fazer branco. Empregando-se a pedra pyrites, he tambem necessario forralla com huma camada de cal, e em geral, todas as partes do fogaõ, que naõ saõ expostas a ser sujas, ou enegrecidas pelo fumo, deveriaõ ser caiadas, e conservadas com tanto aceio, quanto fosse possivel. A cor branca he a que reflecte mais calor e luz, pelo que se deve empregar com preferencia para o interior das chaminés, e pela mesma razaõ se deve evitar o servir-se da cor negra, que naõ reflecte nem luz, nem calor.

Eu sei que a opiniaõ geralmente recebida até aqui, differe absolutamente da que agora annuncio, aconselhando naõ empregar ferro, nem outros metaes, na construcçaõ interior das chaminés; he-me igualmente conhecido, que a razaõ que podia obrigar os outros a adoptar a sua opiniaõ, he precisamente a mesma que me faz regeitalla; e vem a ser que os

---

thor entende aqui por *fire stone*, porque este nome he dado, segundo as diversas Provincias, ao que chamaõ pedra lióz, e as pyrites, o marcasitas.

os metaes se aquecem muito facilmente. Mas pergunto aos que estaõ imbuidos com os seus prejuisos antigos, que vantagem tiraõ elles deste calor absorvido pelos metaes?

Tenho mostrado o inconveniente, e he que se diminuisse a quantidade do calor radiante, que devia penetrar a camara; e he facil de provar, que a parte absorvida pelos metaes acaba por fim evaporando-se pelo fumeiro. O ar que está em contacto com os metaes esquenta-se, e rarefaz-se, e se eleva com mais facilidade, sahindo com o fumo; e como naõ ha nenhuma corrente de ar que venha de huma chaminé para penetrar na casa, he impossivel conceber como o calor existente nos metaes, que formaõ a guarniçaõ interior de huma chaminé, póde ser iutroduzido ou repercutido para a mesma casa.

Entretanto póde-se responder a esta objecçaõ suppondo (o que he verdade até certo ponto) que os metaes aquecidos transmittaõ o calor, que recebem do fogo, debaixo da forma de raios, ainda quando elles naõ saõ aquecidos ao ultimo ponto; mas como se naõ póde admittir que o calor absorvido pelos metaes, e ao depois transmittido em fórma de raios, se augmente por esta operaçaõ, naõ se acha nisso vantagem alguma; porque como necessariamente se hade perder huma quanti-

da-

dade de calor proporcional áquelle que o metal aquecido communica ao ar, que o toca, e que se eleva pelo fumeiro, he evidente, que os metaes aquentados produzem huma inutil consumaçaõ de calor.

Porém nos fogões destinados para queimar carvaõ, ha huma parte essencial, que naõ póde deixar de ser de ferro, esta parte he a grade; mas naõ ha precisaõ de se empregar huma grande quantidade deste metal para forrar o cinzeiro e o interior do fogaõ, o que occasiona muita despeza, alterando até as qualidades essenciaes do mesmo fogaõ. Se he necessario diminuir a abertura de huma grande chaminé para impedir que fumegue para dentro, he mais simples, mais economico, e mais conveniente em todo o sentido, empregar marcasita, ou tijolos, e cal, do que servir-se do ferro, que he o material menos proprio para preencher estes fins. A respeito dos registos, estes saõ naõ sómente inutilissimos, quando a garganta da chaminé está regularmente construida, e com boas proporçõe, porém de mais, neste mesmo caso, viriaõ a ser nocivos. Se produzissem algum effeito seria suppondo as suas superficiaes planas á corrente de ferro que se eleva, o que naõ póde deixar de impedir, ou constranger o seu movimento. Ja expliquei como a passagem do fumo

mo pela garganta da chaminé, devia ser facilitada tanto quanto fosse possivel, para que podesse cahir por huma pequena abertura.

Tem-se muitas vezes usado vantajosamente das chaminés prussianas, ou estufas de contrapezo; porém isto acontece sómente nos casos, em que estas invenções podem remediar huma parte dos defeitos da construcçaõ das chaminés, principalmente as dimensões enormes da garganta. Atrevo-me a affirmar, que naõ ha huma chaminé mal construida, que se tenha remediado por este meio, a qual naõ podesse ter sido concertada, mais util, e menos dispendiosamente, pelos principios que tenho indicado, e que desenvolverei mais particularmente no Capitulo seguinte.

CAPITULO II.

Instrucções práticas para uso dos obreiros, em que se indica o modo de proceder nas alterações, que se haõ-de fazer nos lares das chaminés, e os meios de remediar efficazmente as chaminés, que fumegaõ para dentro.

TOdos os lares das chaminés, sem excepçaõ, ou sejaõ destinados para queimar lenha, ou sejaõ para queimar carvaõ, ou fumeguem para dentro, ou naõ fumeguem, podem ser vantajosamente alterados, e melhorados pelos principios que exponho; porque naõ he sómente para impedir as chaminés de fumegar, que indico estas mudanças, mas tambem pela utilidade geral, que se deve tirar do lar. Executando exactamente, as mudanças, que proponho, o que se póde fazer com toda a facilidade por meio das instrucções seguintes, as chaminés adquiriráõ hum gráo de perfeiçaõ inesperado. As camaras se aqueceráõ com maior igualdade, e mais agradavelmente, consumindo ametade do combustivel, que se usava antecedentemente. A apparencia do fogo será mais arranjada, e as chaminés *já mais fumegaráõ para dentro.*

As

As vantagens que se tiraõ das differentes invenções, ou descobertas mecanicas, saõ muitas vezes acompanhadas de inconvenientes, que naõ he possivel evitar; porém eu posso affirmar, que naõ conheço nenhum mal inherente á construcçaõ das chaminés feitas, segundo os principios que recommendo. Passo já ás instrucções que me propuz dar, para a construcçaõ dos lares.

Para a intelligencia do que tenho de dizer sobre esta materia he util, que explique o verdadeiro sentido de todos os termos, e expressões technicas, que heide empregar.

Entendo por garganta da chaminé a parte inferior do fumeiro, que se une á parte superior do fogaõ, ou lar descoberto. Esta garganta, commummente he posta hum pé acima do nivel da parte inferior do mantelete, a que se chama tambem em architetura *escarpa*: algumas vezes tem dimensões mais estreitas, que o resto do tubo da chaminé, ou fumeiro, outras vezes naõ.

A figura 5 representa a sessaõ de huma chaminé, segundo a construcçaõ ordinaria, e *dc* he a garganta.

A figura 6 representa a mesma sessaõ, mudada, e aperfeiçoada, na qual *di* he a garganta, diminuida, segundo os novos principios.

A face da chaminé he a parte que fica immediatamente por detraz do mantelete ou escarpa; isto he, a parede que forma a entrada inferior da garganta da chaminé tomada em frente, ou pelo lado da casa. Ella fica opposta ao que se chama contra-scarpa (*contre-coeur*) ou a extremidade superior do fundo do lar, e lhe fica paralella: em huma palavra, póde-se dizer que he a parte inferior do mantelete. Nas figuras 5, e 6 a face he notada pela letra *d*; a largura da garganta da chaminé (*dc* fig. 5. e *di* fig. 6.) he tomada da face da chaminé até á contra-scarpa, e o seu comprimento he tomado no angulo recto da largura, ou em huma linha paralella ao mantelete (fig. 5. e 6.)

Antes que dê as instrucções particulares relativamente á forma, e dimensões exactas das differentes partes do lar das chaminés, he justo fazer algumas observações geraes, e práticas, sobre este objecto, que possaõ ser entendidas, sem o adjutorio das estampas, porque he certo, que adquirindo conhecimentos mais extensos sobre o objecto de que se trata, sem recorrer a ellas, se terá mais facilidade em aproveitar-se da intelligencia, que devem communicar as mesmas estampas quando forem necessarias.

Os dous objectos principaes que se tem em vista nas mudanças dos lares das chaminés, saõ

saõ apptoximar o fogo á camara, ou casa, e pollo o mais perto que for possivel da abertura da chaminé. Naõ se póde conseguir este fim senaõ puxando adiante o fundo da chaminé. A questaõ que se póde aqui haver, he unicamente a respeito do ponto até onde se deve chegar com este fundo? A resposta he breve, e facil de entender; approxime-se para fora o fundo, ou contra-scarpa, tanto quanto for possivel, sem que se estreite demasiado a abertura destinada para a passagem do fumo. A parte mais apertada desta abertura, a que eu chamo a garganta da chaminé, deve ser posta immediatamente acima do fogo, pelas razões, que já expendi no Capitulo antecedente, e desta posiçaõ resulta que o fundo da chaminé deve ser construido a prumo, e sem nenhuma inclinaçaõ: por tanto para determinar o lugar do novo fundo, ou até que distancia elle se póde trazer á frente, he necessario fixar a largura da garganta da chaminé; ou o espaço que se deve deixar entre a face da chaminé na parte em que começa o tubo vertical da chaminé, ou fumeiro, e o novo fundo da chaminé, que se elevará perpendicularmente até esta altura.

No decurso das memorosas experiencias, que fiz sobre as chaminés, me cansei muito para determinar a largura, que se deve dar

a esta abertura, e achei, que, quando o fundo da chaminé era de largura conveniente, a melhor dimensaõ que se podia dar á garganta da chaminé, cujo lar, e fumeiro saõ construidos, segundo as dimensões ordinarias, era a largura de *quatro pollegadas*. Tres pollegadas ainda seriaõ bastantes, se o lar fosse estreito, e a chaminé boa, e bem collocada. Porém como he importantissimo previnir os redomoinhos de fumo negro, e espesso, que passaõ muitas vezes para a camara por negligencia dos criados, que lançaõ sobre o fogo cargas inteiras de carvaõ; e como eu tenho observado, que estes accidentes se repetem algumas vezes, quando as gargantas das chaminés saõ muito estreitas, tenho achado péla comparaçaõ e desconto de todas as vantagens e inconvenientes, que a largura mais propriamente, que se póde dar á garganta da chaminé he de quatro pollegadas. Esta dimensaõ convem igualmente a todas as chaminés destinadas para lenha, ou carvaõ, ou cespede, ou outra qualquer materia combustivel.

Se as chaminés saõ destinadas para aquecer casas muito grandes, e que se he porisso obrigado a manter hum grande fogo, a garganta da chaminé póde ter quatro e meia, ou 5 pollegadas de largo: porém fiz muitas vezes construir chaminés em grandes salas, que pre-

en-

enchiaõ exactamente as minhas vistas, ainda que a garganta da chaminé naõ tivesse mais de quatro pollegadas.

Parecerá hum pouco extraordinario á primeira vista, que as chaminés, cujas proporçõe saõ taõ differentes, tenhaõ entretanto as gargantas da mesma largura; mas deve-se observar que a capacidade das gargantas de chaminé naõ dependem sómente da sua largura, mas sim da sua largura, e comprimento combinados; e que se os fogões saõ muito grandes, o fundo da chaminé he mais largo e por consequencia a garganta adquire mais comprimento, e satisfaz perfeitamente ao seu fim.

Esta observaçaõ nos conduz a hum ponto assaz importante, relativamente aos fogões ou chaminés abertas, que he determinar a largura, que deve ter o fundo em todos os casos. Segundo os antigos principios, o fundo he igual á abertura exterior da chaminé; mas esta construcçaõ he viciosa por duas razões; primeira, porque sendo a chaminé construida desta maneira, as paredes dos lados ou ombraes ficaõ paralellos, e estaõ por consequencia em muito má disposiçaõ para repercutir para a camara o calor que emana do fogo debaixo da forma de raios: em segundo lugar, porque os grandes cantos, que ficaõ inuteis quando o fundo da chaminé he taõ largo como

mo a abertura, facilitaõ a entrada de redemoinhos de vento, que desarranjaõ o fogo, obstaõ a sobida do fumo, e o impellem para a camara. Póde-se occorrer particularmente a estes defeitos diminuindo a largura do fundo da chaminé. Em quasi todos os casos, a largura que convem dar-lhe he o terço da abertura da chaminé: mas naõ he absolutamente necessario, confirmar-se a esta dimensaõ, e algumas vezes nem mesmo he possivel. Em muitos casos se he obrigado a dar ao fundo da chaminé mais largura do que eu estabeleço: isto póde acontecer, naõ só quando a chaminé he destinada para receber huma estufa, ou fornalha, que já se tem em casa, e evitar assim o fazer outra despeza, mas ainda por outras muitas razões: póde-se logo sem inconveniente apartar-se hum pouco da regra prescripta; mas em todos os casos, em que for possivel seguilla, será o melhor conformar-se a ella.

Quando a chaminé se destina a aquecer alguma casa de grandeza média, e quando a grossura da parede da chaminé na frente tomada do mantelete da chaminé á garganta, he de nove pollegadas, eu deixaria ainda quatro pollegadas para a largura da chaminé; e supondo que o fundo da chaminé he construido perpendicularmente, como deve ser, fará toda

da esta distancia treze pollegadas de profundidade da chaminé, medidas desde a abertura da chaminé na frente até ao fundo. Neste caso treze pollegadas de huma boa proporçaõ para a largura do fundo, e tres vezes treze pollegadas, ou trinta e nove pollegadas, he a abertura do fogaõ do lado da camara. Os lados ou ombraes formaráõ com o fundo hum angulo de 135 gráos, que he a melhor inclinaçaõ que se lhe póde dar para reflectir o calor para a camara.

Mas suppondo que, fazendo á chaminé estas alteraçoes, era necessario deixar ao fogaõ 16 pollegadas; já porque era preciso accommodallo á estufa ou grade, que havia, já por outras razões; neste caso eu augmentaria simplesmente a largura do fundo, segundo as dimensões dadas, sem mudar a profundidade da chaminé, e sem augmentar a sua abertura exterior. He verdade que os ombraes naõ ficariaõ neste caso taõ largos, e sua posiçaõ relativamente ao fundo soffreria alguma alteraçaõ; mas estas mudanças naõ produziriaõ algum máo effeito, e o lar da chaminé ficaria menos deteriorado do que tentando-se aproximallo ás proporçoes estabelecidas augmentando a profundidade da chaminé, e a sua abertura á frente da camara. Poder-se-hia entretanto conservar a posiçaõ obliqua dos

ombraes com a superficie plana do fundo, que fixei de 135 gráos, augmentando a abertura do fogaõ sem alterar a profundidade.

Para eliminar amplamente esta materia farei maior huma supposiçaõ. Se a chaminé que se deve concertar tem a abertura do fogaõ demasiado grande, ou demasiado pequena, para que as differentes partes tenhaõ as dimensões prescriptas, depois de concertadas; neste caso determinarei a profundidade e a largura do fundo, sem attender á abertura lateral da camara; e se depois disto, a abertura da chaminé naõ tiver senaõ duas ou tres pollegadas de mais do que he necessario para dar a inclinaçaõ prescripta á posiçaõ das ombreiras relativamente ao fundo, naõ mudarei a largura da abertura, mas farei por adaptar-lhe a largura, e augmentando-lhe a abertura do angulo, que devem fazer com o fundo. Porém se a abertura da chaminé tiver tres pollegadas mais do que as dimensões prescriptas, reduzilla-hei por meio de huma camada de pedras, ou tijolos ligados com cal.

Quando a largura da abertura da chaminé he muito grande, relativamente á profundidade do lar, e largura do fundo, como as ombreiras ficaõ entaõ muito largas, e em huma posiçaõ muito obliqua, o lar será tambem pouco profundo, e por isso toda a commoçaõ re-

pen-

pentina do ar, proximo ao fogaõ, como a que fazem os vestidos de huma mulher, passando com rapidez junto ao fogo, produziria movimentos rapidos do ar no interior da chaminé, que transmittiriaõ o fumo para a camara.

Se a abertura da chaminé fosse demasiado estreita, o que rarissimas vezes acontece, seria conveniente deixalla no mesmo estado, e accommodar-lhe os ombraes, sem procurar augmentar a sua largura, o que daria grande incommodo, além da despeza.

Do que acabo de dizer, fica evidente que fazendo se os concertos das chaminés, segundo estes principios, por mim indicados, os dous pontos a que mais se deve attender, saõ aproximar o fundo do fogaõ, e dar-lhe a largura conveniente. Porém he já tempo de fallar de outro objecto de que o Leitor provavelmente quererá ser instruido. Este objecto he a passagem necessaria para introduzir no fumeiro, quem o hade limpar, e isto terá lugar da maneira seguinte. Construindo o novo fundo da chaminé, quando esta parede, que nunca deve ser mais grossa que a largura de hum tijolo, estiver assaz elevada para que só distem dez, ou deze pollegadas entre a sua extremidade superior, e o interior do mantelete, ou extremidade inferior da face da cha-

miné, se deixará huma abertura quadrada de dez até onze pollegadas de largo no meio do fundo, que chegue até á sua extremidade superior o que, segundo a altura ordinaria propria da parede do fundo, dará a esta abertura de 12 até 14 pollegadas de alto, vaõ muito sufficiente para a passagem do limpador das chaminés. Acabada o construcçaõ da chaminé se deve fechar esta abertura com alguns tijolos, telhas, ou huma pedra adaptada para o lugar, que se porá sem cal, mas que ficará segura pelo rebaixe, deixado para este fim na parede de tijolos. Todas ás vezes que houver de limpar-se a chaminé, o varredor tirará para fóra esta pedra ou parede insoça, o que póde fazer-se com toda a facilidade; e tendo acabado a sua obra, a torna a pôr no seu lugar. A estampa (N.6.) dá huma idéa precisa desta invençaõ, e as experiencias, que fiz provaõ, que preenche exactamente os seus fins.

Observei que o novo fundo, necessario no concerto das chaminés antigas para trazer o fogo mais á frente, naõ devia jámais exceder hum tijolo em espessura. As ombreiras, ou lados do fogaõ devem ter a mesma proporçaõ e no caso de que o fundo, e lados se façaõ de pedra, as paredes naõ devem exceder huma pollegada, e tres quartos até duas pollegadas de largura. Deve-se tambem attender muito,

nes-

nesta nova construcçaõ, em ligar solidamente o fundo com os lados.

O espaço que fica entre o fundo antigo da chaminé, e o fundo e ombreiras novas, deve sempre encher-se para dar mais consistencia a estas paredes novas; e isto quer ellas sejaõ feitas de tijolo, quer de pedra. Para este fim basta a caliça, e pedaços de tijolo, ou pedras, com tanto que a obra fique sustentada por alguns pequenos contrafortes de tijolos argamassados com cal; mas será indispensavelmente necessario finalisar estas novas paredes na extremidade da garganta da chaminé, por huma camada de tijolos horisontaes bem ligados com cal. Esta camada de tijolos estará ao nivel com a parte superior da abertura, que se deixa passagem do varredor da chaminé.

Segundo esta descripçaõ, he claro, que no lugar onde finalisa a garganta da chaminé, isto he, onde ella entra na parte inferior do fumeiro, as tres paredes que formaõ os lados, e fundo do fogaõ, se terminaõ sem ligaçaõ, ou nexo com o corpo da chaminé. He mesmo importantissimo, que terminem desta fórma; porque, a dar-se-lhe escarpa, e que esta fosse assaz elevada para fortalecer a garganta da chaminé, na forma da embocadura das trombetas, e que se lhe desse gradualmente as mes-

mas

mas dimensões, que as do fumeiro, este modo de unir a extremidade inferior do fumeiro, com a garganta da chaminé facilitaria a entrada do vento, que póde penetrar no fumeiro até a garganta, e que impelliria para traz o fumo lançando-o para a casa: mas se a garganta da chaminé termina sem ligaçaõ com o fumeiro, e que as paredes acabaõ com superficies horisontaes, custará mais ao vento á introduzir-se na passagem estreita da garganta da chaminé.

Como estas duas paredes que formaõ os novos lados da chaminé naõ saõ paralellas entre si, mas inclinadas, e apresentando huma face obliqua á frente da chaminé, e como saõ construidas perpendicularmente desde a baze do fogaõ até á extremidade da garganta, onde ellas se terminaõ, he evidente que a seçaõ horisontal da garganta naõ será hum quadrado, ou rectangulo, e he indifferente que tenha outra qualquer figura; naõ se devendo fazer tentativa alguma, para que os lados, quando estaõ elevados á altura da frente da chaminé, formem hum quadrado, ou hum trapezio. Todas as inflexões, escarpadas, prominencias, excavações, ou outras formas irregulares, que se poderiaõ dar aos lados de huma chaminé, naõ servem senaõ a occasionar hum refluxo nas correntes de ar, que vaõ ter

ao

ao fogo, do exterior e do interior do fogaõ. Estes refluxos desarranjaõ o fogo, e impedem a sobida do fumo, causando ambos os inconvenientes ao mesmo tempo. Donde se segue, que se naõ deve jámais dar huma forma circular, ou de outra qualquer curva, aos lados da chaminé, antes he necessario fazer-lhe a superficie absolutamente plana.

Pela mesma razaõ, isto he para previnir o refluxo das correntes de ar, a face da chaminé que forma o lado da garganta da parte da camara deve sempre estar perfeitamente limpa, e ter a superficie muito regular, e unida.

Isto póde conseguir-se facilmente, cobrindo esta parte da parede com argamassa de cal, que póde ser mais ou menos espessa, para que a contra-scarpa da chaminé tenha a forma necessaria.

A forma da face da chaminé he dos objectos mais importantes, e a que se deve attender muito. A fórma menos vantajosa que póde ter, he a de hum plano vertical, e depois a de hum plano inclinado; estas duas formas deixaõ ao ar aquecido (que apezar de todas as precauções aflue da camara para a chaminé) e de embaraçar e obstar a sobida do fumo, impellindo-o outra vez para a camara o plano inclinado, feito com hum registo chato,

to, posto na garganta da chaminé produz os mesmos effeitos, e he esta huma das razões principaes, que me obrigáraõ a desapprovar o uso dos fogões, e das estufas com registo, ou contrapezo.

A corrente de ar, que passando por baixo do mantelete da chaminé penetra para o fumeiro, deve ser dirigida de modo, que se naõ eleve senaõ gradualmente com o fumo, cuja sobida naõ póde obstar por este modo, e menos o póde repellir para a camara. Isto póde fazer-se com certeza, e facilidade, arredondando a face da chaminé, ou a parte interior do mantelete, em vez de lhe deixar huma superficie plana cheia de excavações, e de angulos, e esta precauçaõ se deve sempre ter.

Até aqui naõ tenho dado instrucçaõ alguma precisamente á altura, que devem ter o novo fundo e os lados da chaminé; isto depende naõ só da altura do mantelete, mas tambem e principalmente da altura da face da chaminé, e onde commeça o fumeiro, ou tubo vertical. O fundo e os lados devem elevar-se cinco, ou seis pollegadas mais acima, que esta parte da chaminé, sem o que a garganta naõ teria as dimensões convenientes; porém naõ sei que se lhe tenha encontrado alguma utilidade em lhe dar maior elevaçaõ.

Já disse que o espaço entre o novo fundo

e

e os lados do fogaõ, e o antigo fundo e ombreiras deviaõ encher-se; mas isto se naõ deve estender ao espaço, que fica entre a parede secca, feita de tijolos, ou a pedra, que tapa a passagem para o varredor da chaminé, até o fim do fundo da mesma chaminé, este espaço deve ser vasio; porque a ficar cheio naõ haveria assaz lugar para a passagem, ainda tirando-se a parede falsa, ou a pedra, que fecha a abertura, que ao mais terá duas pollegadas de grossura.

O melhor modo de fazer esta porta falsa, será pôr as telhas, ou a pedra destinada para a fechar em seu lugar, e construir depois a parede toda ao redor, ou, para melhor dizer, pelos lados; tendo o cuidado de lhe naõ deitar cal, ou argamassa, para que esta porta se possa tirar com facilidade. A respeito do rebaixe, que se deve fazer para receber esta porta falsa, e seguralla no seu lugar, elle se póde fazer concluindo a construcçaõ em redor da porta falsa, e quando ella estiver feita de todo, pegar-lhe, no fnndo e nos lados, telhas muito delgadas seguras com boa argamassa. As telhas que tem meia pollegada de grossura, saõ as mais proprias; sendo mais grossas, diminuiráõ a aberta da porta falsa, e ficaráõ sugeitas a ser arruinadas pelo varredor das chaminés, ao subir e descer da chaminé. Parece

quasi inutil accrescentar, que a telha, a pedra, ou a parede secca de tijolos que tem de servir para fechar esta porta falsa, deva ser de altura sufficiente para chegar ao nivel das paredes, que formaõ o novo fundo e lados do fogaõ.

Talvez poderia escusar-se a explicaçaõ dos meus principios, com tanta diffusaõ, e minucia; mas he de lembrar que este Capitulo se destina principalmente á instrucçaõ de pessoas pouco habituadas a prestar attençaõ a indagações, e por consequencia pouco aptas para conceber as idéas com facilidade. E isto me obrigou a esforçar-me em me fazer intelligivel.

Desejo sómente, que o Leitor naõ fique mais fatigado do resultado deste trabalho, do que eu estou do mesmo trabalho; porque entaõ hum e outro estariamos satisfeitos. Mas voltemos á materia.

A grelha he hum dos accessorios importantes, e merecedores de grande attençaõ, quando se trata da construcçaõ de chaminés destinadas a queimar carvaõ de pedra.

Ainda que hajaõ poucas, absolutamente incapazes de servir para as chaminés construidas, ou concertadas, segundo os principios já expostos acima, com tudo nem todas saõ igualmente proprias. As mais simples, e por con-

se-

sequencia as menos dispendiosas, saõ sem contradiçaõ, as mais convenientes em todo o sentido. Naõ ha necessidade nesta especie de chaminé, senaõ de huma grelha para conter o carvaõ, e deixallo queimar com facilidade. Todo o outro apparelho qualquer, he naõ só inutil, mas ainda pernicioso; deve-se rejeitar o uso de todas as grelhas complicadas, e dispendiosas, para as substituir pelas grelhas simples, e unidas. E na escolha das grelhas, póde-se, bem como em todas as mais cousas, unir a belleza á elegancia, com a maior simplicidade.

O principal cuidado, que deve haver no arranjo da grelha, será em fazer corresponder perfeitamente o fundo da grelha ao fundo do fogaõ; porém como a maior parte das grelhas ordinarias seraõ demasiado grandes para a chaminé, depois de concertada, será necessario encher o espaço restante, no fundo e pelos lados, com pedras capazes de resistir á calcinaçaõ. Feito isto, he a parte exterior da pedra de fogo (fire-stone) ou marcasistes, a que forma o novo fundo da grelha, que deve coincidir com ella, e fazer parte do fundo do fogaõ. Porém he necessario attender a que diminuindo a capacidade das grelhas com a pedra, senaõ estreitar estas em demasia.

A largura mais conveniente para as grelhas

destinadas a servir em camaras de grandeza média, será de seis até oito pollegadas; e o comprimento póde ser diminuido mais ou menos, conforme a facilidade em aquecer a camara, ou conforme o tempo for mais ou menos rigoroso. Porém, naõ sendo a largura da grelha de mais de cinco pollegadas, he difficultoso impedir ao fogo o apagar-se.

O fogo se apaga pela mesma razaõ porque os carvões bem acezos, ao cahir no cinzeiro deixaõ de estar em braza, e se esfriaõ pela atmosphera que os cerca. O conhecimento da causa productora destes effeitos he importante, porque nos indica os meios proprios, e efficazes de a previnir: ao depois teremos occasiaõ de fallar neste objecto.

Acontece muitas vezes, naõ ser o fundo das grelhas vertical, mas sim inclinado para traz; por serem as grelhas demasiado largas; e haver necessidade de lhe encher o fundo com pedra; esta inclinaçaõ he de pouca consequencia; porque, cortando em forma de cunha, a pedra collocada para encher o fundo á grelha, isto he, fazendo esta pedra mais larga em cima, do que em baixo, poderá o exterior da mesma pedra ser vertical, formando o fundo da grelha, e o fundo de ferro da mesma grelha póde ficar embebido na parede do fundo do fogaõ, sem este arranjamento pro-

produzir nenhum máo effeito: porém se a grade he já muito estreita, ao ponto de naõ poder soffrer dimensaõ alguma na sua largura, será melhor tirar absolutamente o fundo de ferro da grelha, fixar a mesma grelha firmemente na parede, e dispolla de modo a ficar o fundo do fogaõ, sendo ao mesmo tempo o fundo da grelha. Muitas vezes tenho usado deste methodo, e sempre me tenho achado bem.

Quando o fogo contido na grelha tem de ser pouco consideravel, será melhor diminuir a profundidade da mesma grelha com pedra, dando o espaço destinado para conter o combustivel a fórma semiespherica; as duas aberturas semicirculares seraõ huma abertura superior para receber o carvaõ, e a outra na frente, junto ás travessas da grelha; porque quando os carvões se consomem em taõ limitado espaço, cercado por todos os lados com pedra, excepto por cima, e na frente, o calor do fogo ficará perfeitamente concentrado; e sendo o ar frio da atmosphera, detido a huma certa distancia, se queimará menor quantidade de carvaõ, do que seria necessario em grades inteiramente expostas ao ar ambiente, aonde grande parte do calor he absorvido pelo ferro, ou por outras substancias de differentes propriedades da pedra lioz, ou outras

da

da mesma qualidade, isto he, da natureza de repercutir o calor.

Esperando huma geral adopçaõ aos meus principios, e mudanças propostas para as chaminés, devo indicar o modo de reduzir consideravelmente as proporçõeſ das grelhas, alteraçaõ summamente necessaria, e muito facil de executar.

Quando as grelhas, destinadas para camaras de grandeza média, tiverem mais de 14 ou 15 pollegadas de comprimento, será conveniente, naõ só diminuir-lhe o comprimento, enchendo-lhe com pedra as duas extremidades, porém ainda formar o fundo da chaminé de largura conveniente, sem attençaõ ao comprimento da grelha; e elevar os lados do fundo quanto baste para encobrir as duas extremidades, ou ao menos os lados da grelha na parede construida de novo.

Lisongeo-me de serem assaz claras, e intelligiveis as instrucçõeſ dadas neste Ensaio, relativamente aos concertos dos lares das chaminés, para ser possivel, tendo-as lido, o conceber perfeitamente a maneira de executar esta obra. Porém como a ordem, e arranjamento, tendem muito para facilitar as operaçõeſ mecanicas, darei ainda sobre esta materia algumas breves informaçõeſ. Estas indicaçõeſ seraõ principalmente uteis ás pessoas de-

ter-

terminadas a dirigir por si mesmas as mudanças, e concertos necessarios aos lares das chaminés nas suas casas.

Meios de execuçaõ para o concerto das chaminés.

Se a grelha da chaminé tem de ser concertada, convém tiralla para fóra, e limpar a caliça varrendo bem o lar.

Supponhamos na figura N. 1. o plano razo e proximo ao chaõ, de hum lar *AB* a sua abertura defronte, *AC* e *BD* as ombreiras, ou lados, e *CD* o fundo. A fig. 2. representa a elevaçaõ do lar. Tire-se huma linha recta, com giz, ou lapis, sobre a area do lar, correndo de huma ombreira á outra, tal como a linha de pontos *AB* da fig. 3. Do centro *C*, desta linha *AB* se tire a perpendicular *Cd* atravessando a area do lar até chegar ao meio do seu fundo em *d*.

Por-se-ha ao depois huma pessoa de pé, no meio da chaminé, com as costas unidas ao fundo da mesma chaminé; esta pessoa terá na maõ hum prumo para marcar a linha perpendicular do meio da face da chaminé (*d*, na fig. 5) ou o lugar onde o fumeiro deve commeçar a elevar-se perpendicularmente; tendo o cuidado de traçar a linha superior, quando o prumo

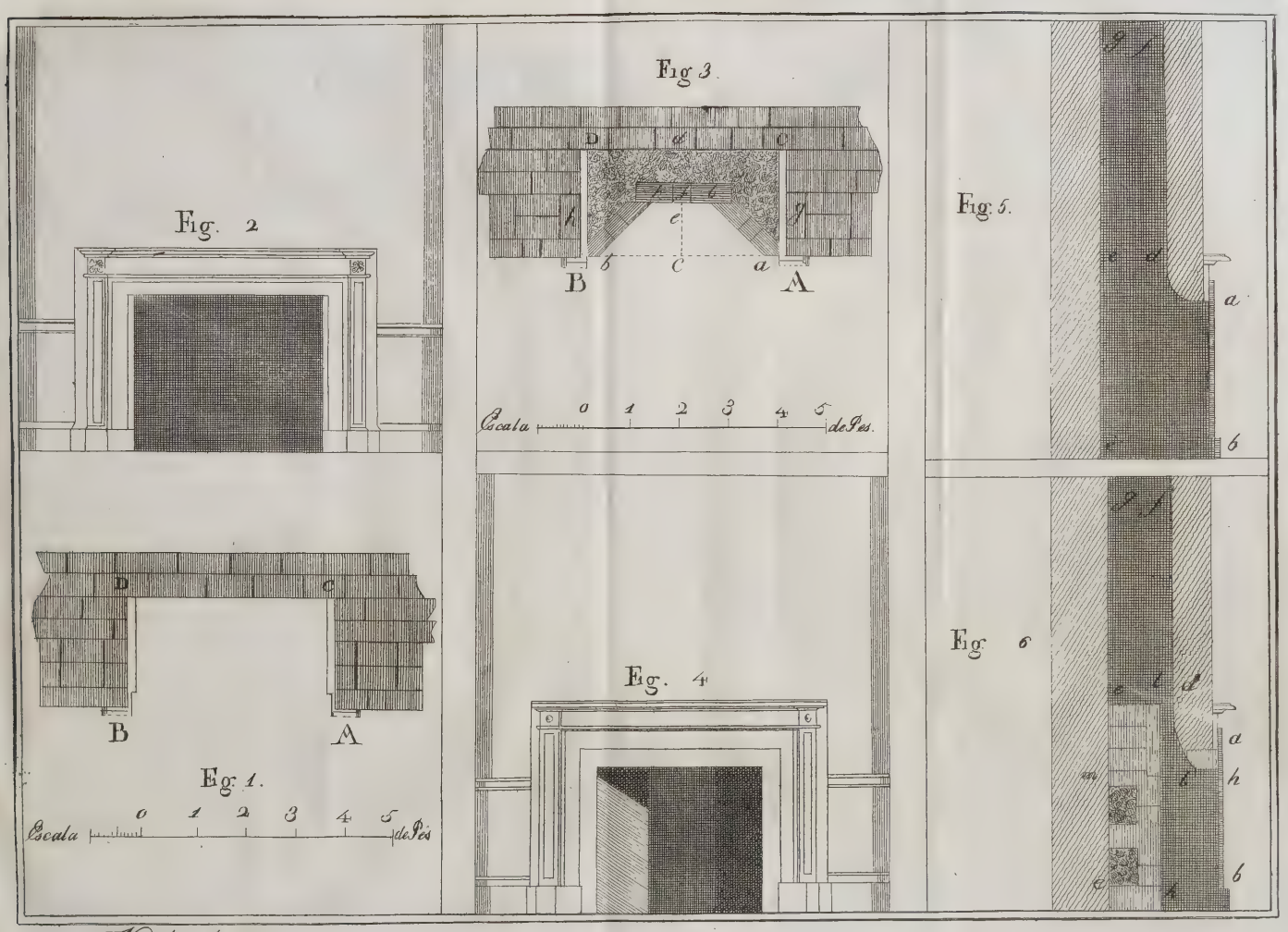
mo cahir sobre a linha *cd*, tirada sobre o plano do pavimento, desde a abertura da chaminé na frente, até o meio do fundo; outra pessoa marcará entaõ o ponto *c* apontado pelo prumo sobre esta linha.

Tendo a pessoa de dentro da chaminé acabado esta operaçaõ, se marcaráõ quatro pollegadas sobre a linha *cd*, de *c* para *d*; o ponto *f*, onde se terminaõ estas quatro pollegadas, mostrará até onde se póde avançar o novo fundo.

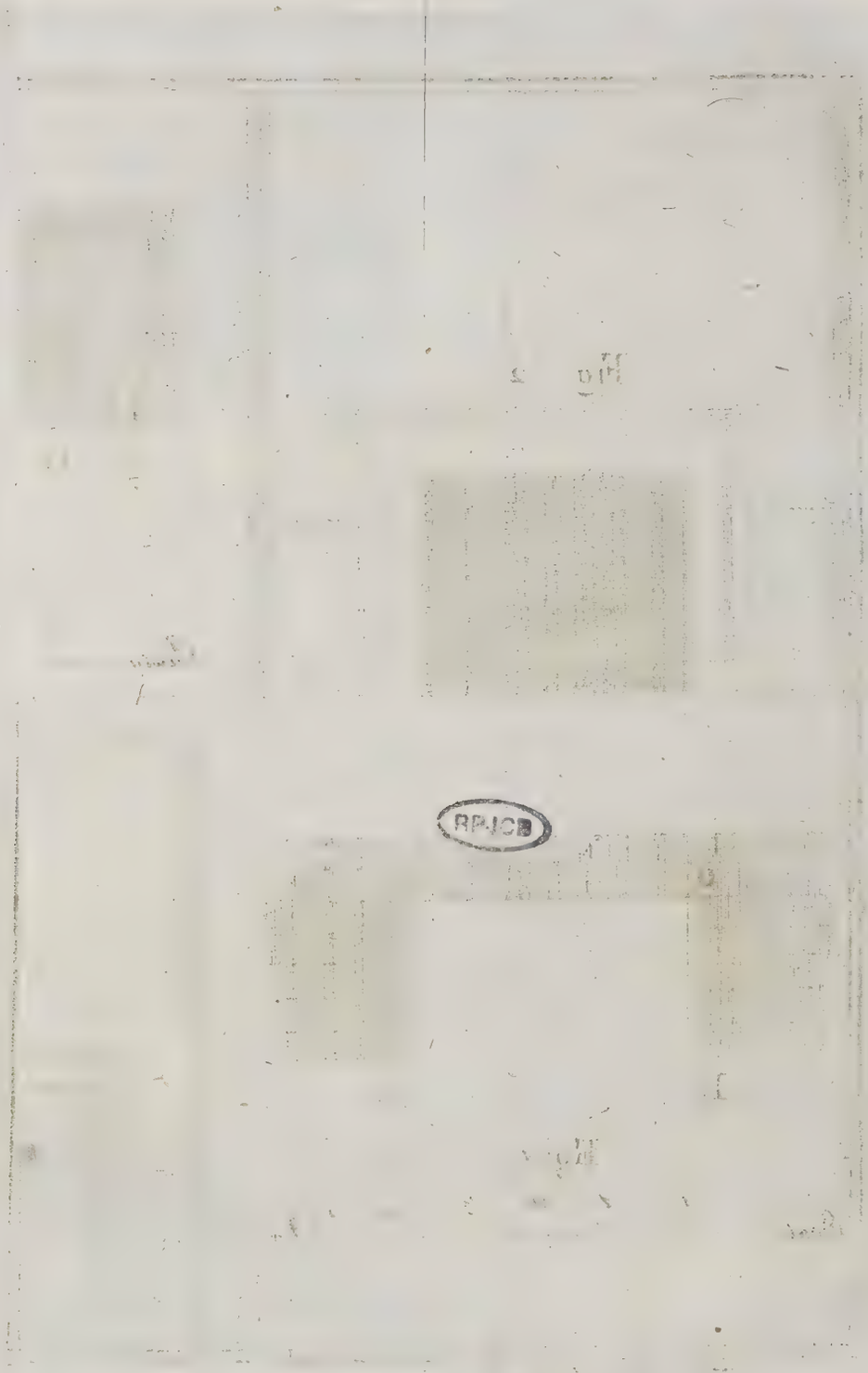
Tire-se pelo ponto *f* a linha *gh*, paralella á linha *AB*; esta linha *gh* designará a direcçaõ do novo fundo, ou a linha onde elle se deve construir.

A linha *cf* notará a profundidade do novo lar, e se acontecer que *cf* seja igual a hum terço da linha *AB*; e se puder ser ajustar-se a grelha ao lar, em vez de fazer mudanças, ou alterações ao fogaõ para lhe adaptar a grelha, neste caso, a metade do comprimento da linha *cf* deve separar-se de *f* sobre a linha *gfh*, de hum lado para k, e do outro para *i*; e a linha *ik* designará o plano da parte exterior do fogaõ.

Sempre que a largura da abertura do fogaõ na frente (*AB*) naõ for maior, ou naõ chegar a ter duas ou tres pollegadas mais que tres vezes a largura do novo fundo da chaminé,



No Arco do Cego.



(*ik*) póde-se deixar esta abertura tal qual for, e as linhas tiradas de *i* para *A* ou de k para *B*, designaráõ a largura, e a posiçaõ da frente dos novos lados; porém logo que a abertura do fogaõ he mais larga, entaõ he preciso diminuilla da maneira seguinte.

Do ponto *C*, meio da linha *AB*, se tomaráõ as linhas *Ca*, e *Cb*, iguaes á largura do fundo (*ik* junto á metade do seu comprimento *fi*); e as linhas tiradas de *i* para *a*, e de k para *b* designaraõ o plano terreo dos novos lados.

Feito isto, naõ ha mais que construir o fundo e os lados; e, se a chaminé he destinada para queimar carvaõ, adaptar-lhe a grelha, segundo as instrucções acima dadas.

Tendo-se diminuido a largura da chaminé os cantos dos lados *a A*, e *b B* devem fazer corpo com a frente, e ombreiras. Em geral seria melhor naõ só pela vista, mas ainda por outras razões, diminuir a altura da abertura da chaminé, sempre que se tiver diminuido a sua largura.

A fig. 4 representa humá chaminé vista em frente depois de ter sido concertada. Comparando-a com a fig. 2. que reprenta a chaminé construida, segundo os principios antigos, se verá o modo porque se diminuio a abertura da chaminé na frente. A linha ponteada de

branco, fig. 4. representa a parte inferior da passagem destinada para o varredor da chaminé, tendo fechada a porta falsa.

Concluirei este Capitulo por algumas observações geraes relativas á presente materia, com instrucções sobre o modo de proceder, quando as circunstancias locaes exigem o desviar deste plano geral.

Quer as chaminés sejaõ destinadas para se queimar carvaõ em grelha, quer sejaõ para nellas se queimar lenha sobre cães de chaminé, a melhor fórma do lar he, quanto a mim, aquella em que *a largura do fundo* he igual *á profundidade do lar*, e a abertura da frente *tres vezes maior que a largura do fundo*, ou que *tres vezes a profundidade do lar*.

Com tudo succede muitas vezes, sendo a chaminé destinada para queimar lenha sobre cães de chaminé, ser necessario proporcionar a largura do fundo ao comprimento ordinario das axas de lenha, e entaõ os lados devem ser dispostos, segundo a largura do fundo, e a abertura da frente da camara.

As dimensões acima prescriptas seraõ demasiado pequenas, se a parede da chaminé, em frente, tomada desde a face até ao mantelete, for muito delgada; muito principalmente se as chaminés forem destinadas para nellas se queimar lenha sobre cães de chaminé.

Sup-

Supponhamos, por exemplo, ser a parede da chaminé, na frente, desde a parte superior da face até fóra do mantelete, de 4 pollegadas de grossura; o que succederá muitas vezes, principalmente nos quartos mais proximos ao telhado: neste caso dando-se 4 pollegadas de largura á garganta, a profundidade do lar será unicamente de oito pollegadas, o que he demasiadamente pequeno ainda sendo a chaminè destinada para carvaõ, em vez de lenha: neste caso, eu augmentaria a profundidade do lar a 12, ou 14 pollegadas, e construiria o fundo perpendicular até á supposta altura do combustivel inflamado, quer elle seja lenha, sobre cães de chaminé, quer seja carvaõ em grelhas: ao depois daria ao fundo huma pequena inclinaçaõ para diante levando-o até o lugar que lhe he designado, isto he, perpendicularmente debaixo da parte superior da garganta da chaminé. Esta inclinaçaõ ou chanfrado, que aproximaria o fundo da chaminé para diante tres ou quatro pollegadas, segundo o augmento, que se tivesse dado á profundidade do lar, ainda que naõ deva ser muito cahida, deve com tudo terminar-se na altura de dez ou doze pollegadas acima do lar, de outro modo, a chaminé poderia fumegar para dentro: porém quando se acha muito proxima do fogo, o calor commu-

nicado á corrente do fumo, vencerá o obstaculo, que esta chanfradura opporia á sua elevaçaõ; o que naõ poderia acontecer estando mais distante do combustivel inflamado (1).

As

(1) Tendo sido obrigado a recuar o fundo de hum fogaõ, da maneira que acabo de dizer, para o accommodar a huma chaminé, cujas paredes da frente eraõ extraordinariamente delgadas, fiquei admirado de ver, quando acendi o fogo, que o lar communicava mais calor á casa, do que outro algum dos que tinha feito construir até entaõ. Este effeito era na verdade inesperado, porém a causa era muito patente para que deixasse logo de a descobrir. A chama elevada de fogo, era interrompida pelo chamfrado do fundo, que se inclinava para diante; esta parte da parede que se aquecia muito por isso, principalmente sendo o fogo muito vivo, e transmittia para a camara grande quantidade de calor radiante. Naõ seria possivel que esta parte obliqua do fundo da chaminé se aquecesse tanto, simplesmente pelo calor radiante, emanado do combustivel: por que as outras partes do fogaõ mais bem dispostas para receber o calor, se naõ achavaõ jámais igualmente aquecidas: parece-me logo demonstrado, que o calor combinado na corrente do fumo, e vapores que se elevaõ do fogo bem aceso, poder ser demorado na sua passagem pelo fumeiro, convertido em calor radiante, e transmittido para a camara. Esta descuberta me abrio logo hum vasto campo para fazer experiencias, e me conduzio a fazer mudanças vantajosas na construcçaõ das chaminés. Naõ particularisarei os differentes concertos, que fiz praticar nas casas de muitos particulares, e a construcçaõ de huma nova especie de lar, onde se reunem á

As fig. 7, 8, e 9, mostraõ o plano, a elevaçaõ, e a secçaõ de huma chaminé construida ou concertada, segundo este ultimo principio. A parede da chaminé *a*, em frente, fig. 9, naõ tem senaõ quatro pollegadas de grossura, juntando a isto quatro pollegadas de largura da garganta, á profundidade do lar, medida no plano terreo naõ terá mais de oito pollegadas, o que he certamente muito pouco; em consequencia faz-se hum nicho *c* e *e*, no novo fundo do fogaõ, para receber a grelha; este nicho terá seis pollegadas de profuudidade no centro, treze pollegadas de profundidade em baixo (ou á largura da grelha) e vinte e tres pol-

---

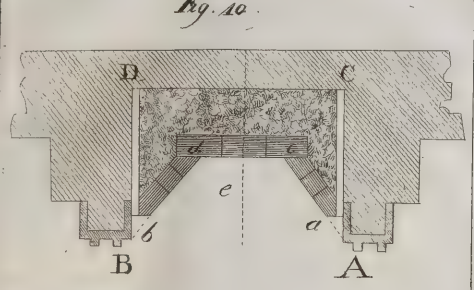
economia, e elegancia. Conto publicar brevemente os principios da construcçaõ destes fogões com as suas estampas, o que me dispensa de fallar agora mais sobre elles. Observarei unicamente, que estes fogões de nova invençaõ, naõ estaõ fixos na parede da chaminé, mas só pousados sobre a area do lar, e por consequencia podem adaptar-se a todas as chaminés, particularmente áquellas, que tiverem sido construidas, ou concertadas, segundo os meus principios.

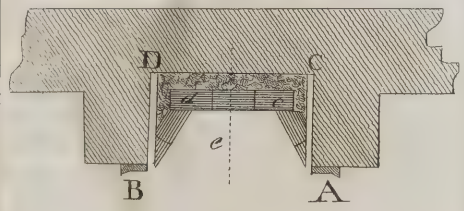
O Author declara ser a sua intençaõ, que nenhum particular possa obter de Sua Magestade a *patente*, ou privilegio algum exclusivo, para se aproveitar das suas descubertas, que podem ser de utilidade geral, pelo que, todas as pessoas, que desejarem fazer uso dellas, lhe poderaõ pedir as instrucções, e informações desejaveis, que elle se apressará em communicar-lhas.

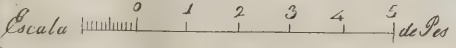
pollegadas de altura, e acabará em cima por huma arcada semicircular, que na sua maior elevaçaõ tem sete pollegadas, acima da parte superior da grelha. A parte falsa para o varredor da chaminé commeça precisamente acima do nicho, e póde ver-se distinctamente nas fig. 8, e 9. O espaço marcado *g*, fig. 9, por detraz desta porta falsa, póde encher-se com tijolos sem cal, ou deixar-se vasia. O modo porque a pedra *f*, fig. 9, que está posta debaixo do mantelete da chaminé, para diminuir a altura da abertura da chaminé he arredondada no interior, para deixar livre o curso á columna de fumo, que se dirige para a garganta da chaminé, está distinctamente indicado nesta figura. O plano, fig. 7, e a elevaçaõ fig. 8, mostraõ quanto se diminuio a largura da abertura da chaminé, e como se colocaraõ os novos lados do lar.

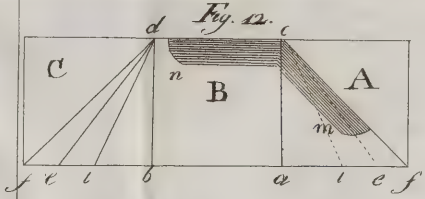
Examinando attentamente as estampas, aqui anexas, se teraõ idéas completas da forma e dimensões do lar no seu estado primitivo, e juntamente das alterações, que se lhe fizeraõ.

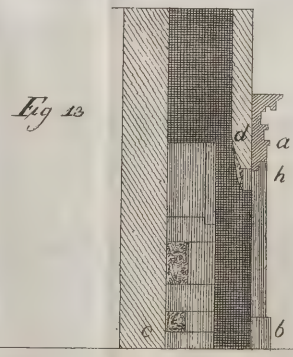
Naõ acrescentei a fig. 10, senaõ para mostrar como se póde evitar hum erro, que tenho visto commetter muitas vezes, e quasi geralmente, pelos obreiros, empregados por mim no concerto das chaminés. Nas chaminés, como

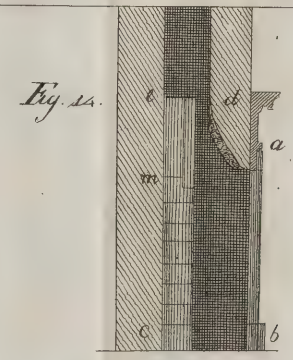


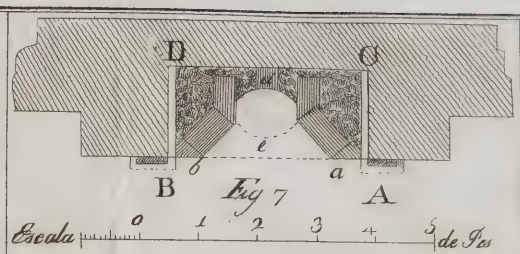


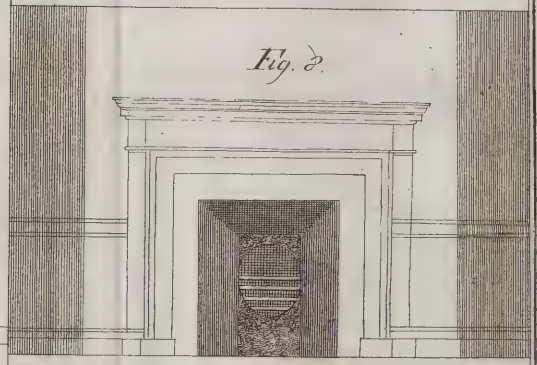


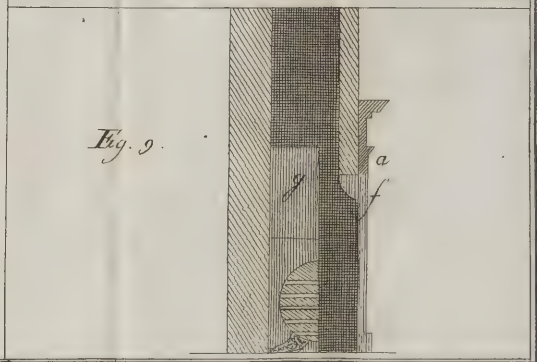




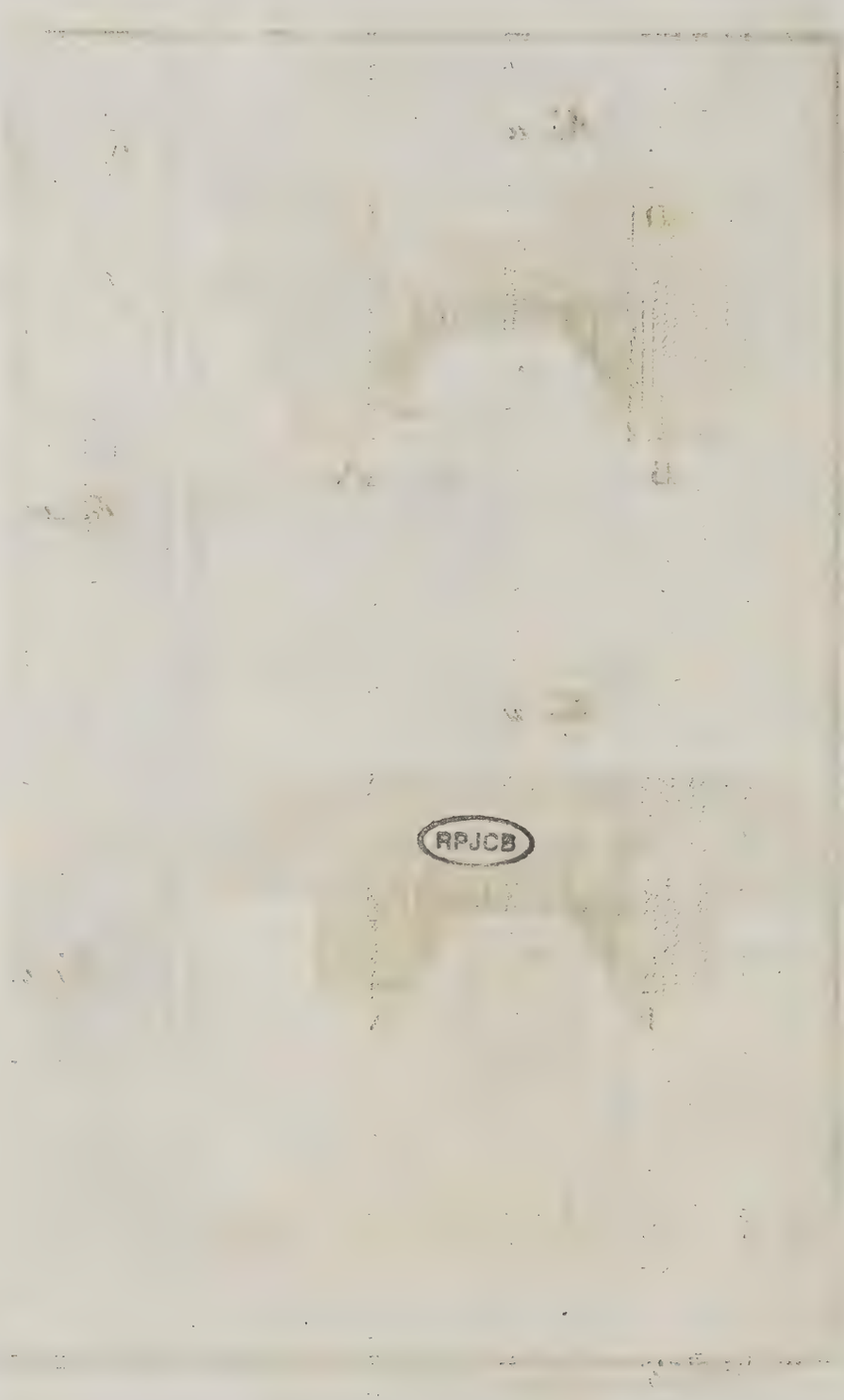








No Arco do Cego


RPJCB

mo as que esta figura representa, onde as ombreiras *A* e *C* sahem fóra para a camara; e onde a frente da tira de marmore, que fórma o lado, naõ avança tanto, quanto a frente das ombreiras; os obreiros ao construir os novos lados os punhaõ muitas vezes, naõ na direcçaõ da linha *CA*, como deveriaõ fazer, mas na direcçaõ *co*, o que he hum grande erro. Os lados das chaminés jámais devem ficar para traz da frente das ombreiras, ainda no caso de que estas estivessem muito avançadas pela camara dentro; porém naõ he necessario, que os lados se terminem exactamente contra a face interior das ombreiras, ou que sejaõ dirigidos desde o fundo *c* até á frente das ombreiras *A*; podem terminar convenientemente nos pontos *a* e *b*, e podem-se deixar na construcçaõ os angulos *A*, *o*, *a*, que serviráõ para arrumar nelles a pá, tenaz, e atiçador.

Se o novo lado houvesse de ser dirigido para o canto da face interior da ombreira antiga *o*, a direcçaõ obliqua do novo lado seria demasiado grande, isto he, o angulo *d c o* excederia 135 gráos; o que jámais deverá acontecer; ou ao menos, no caso que exceda esta medida, deverá ser muito poucos gráos.

Naõ ha nenhum inconveniente, em ficarem os lados postos menos obliquamente, do que

eu

eu tenho indicado; mas seria muito máo se a direcçaõ fosse mais obliqua; e julguei dever advirtir isto, por saber pela experiencia, ser do costume dos obreiros construir muitas vezes os lados desta maneira.

A fig. 11. indica como a largura e obliquidade dos lados da chaminé, se devem adaptar á largura do fundo, e á abertura e profundidade da mesma chaminé, sendo a abertura do fogaõ menor do que tres vezes a largura do fundo.

Como nem todos os obreiros, que se podem empregar nos concertos das chaminés, sabem tomar hum angulo de certo numero de gráos, e alguns, ainda sabendo, naõ teraõ á maõ os instrumentos necessarios para os medir; indicarei aqui a maneira de fazer hum instrumento utilissimo aos pedreiros e particulares, na factura de semelhantes obras.

Descrevaõ-se tres quadrados iguaes *A*, *B*, e *C*, na fig. 12, sobre huma taboa, ou plano qualquer, por exemplo, huma meza de 18 pollegadas de largo, e de 4 pés de comprido; estes quadrados devem ter 12 até 14 pollegadas de cada lado, e estar firmados sobre a mesma linha, tocando-se huns aos outros: Do angulo interior *c* do quadrado do meio *B* se tire a diagonal a travez do quadrado *A*, até o seu angulo exterior *f*: o angulo adjacente, for-

formado pelas linhas *d e*, *c f*, será de 135 gr., angulo que o plano do fundo da chaminé deve fazer com a superficie plana dos lados. Fazendo hum transferidor *m n*, adaptado a este angulo de páo duro, e secco, este pequeno instrumento será utilissimo para marcar o plano do lar, com giz, á direcçaõ, que devem ter os lados da chaminé.

Em todas as chaminés, cuja disposiçaõ seja propria de sua natureza a fumegar para dentro, será necessario pôr os lados menos obliquamente ao fundo, do que se faria a naõ ter a chaminé este defeito original. Será logo conveniente estar provido com differentes transferidores. Tres ou quatro pollegadas, por exemplo, formaõ differentes angulos. O que se descreveo, e que poderia chamar-se N. 1. servirá para traçar a obliquidade dos lados, quando as chaminés forem susceptiveis de ter a fórma mais perfeita. Outro N. 2. conterá o angulo menor *d c e*; em fim o N. 3. terá ainda menos obtuso, e será destinado para as chaminés que fumegaõ. Póde tambem ter-se hum transferidor de carneira dobradiça, ou gonzo, e hum arco de circulo graduado, para com elle se determinar os differentes gráos de obliquidade, mais convenientes aos lados da chaminé.

Outro objecto importantissimo, principal-

mente nas chaminés dispostas a fumegar, he construir a garganta da chaminé da maneira conveniente, dando-lhe a elevaçaõ necessaria ao fundo e aos lados.

Os obreiros se descuidaõ muitas vezes desta precauçaõ, provavelmente, pela difficuldade que achaõ em trabalhar, quando a abertura da chaminé se tem estreitado consideravelmente; porém he de absoluta necessidade elevar as paredes cinco, ou seis pollegadas acima da parte superior da face da chaminé, ou até o ponto onde a parede, que forma a face da garganta, commeça a elevar-se perpendicularmente. Se o obreiro tem assaz intelligencia para se aproveitar da abertura deixada no fundo do lar, destinada para a passagem do varredor da chaminé, achará pouca difficuldade em acabar a sua obra.

Pondo o nivel, ou o prumo, contra a face da chaminé, para determinar, quanto deve avançar-se para a frente o novo fundo, se terá grande cuidado em o fixar acima da face, no lugar justamente em qne principia o fumeiro a elevar-se perpendicularmente: de outro modo, se o nivel se puzer demasiadamente baixo, ou contra o chanfrado da face, se achará depois de elevado o novo fundo á altura competente, que a garganta da chaminé he estreita de mais.

Al-

Algumas vezes a parte superior da chaminé está muito elevada e longe do fogo (vejaõ-se as fig. 13. e 14. nas quaes *d* mostra o cimo da face da chaminé); quando isto succede, he preciso abaixar a face da chaminé, sem o que a chaminé haverá grande tendencia para fumegar. No primeiro Capitulo deste Ensaio tratei circunstanciadamente das vantagens que ha em approximar ao combustivel inflamado a garganta da chaminé, e por isso naõ supponho necessario estender-me mais nesta materia, tendo já mostrado sufficientemente a utilidade, ou para melhor dizer, a necessidade desta disposiçaõ. Mas naõ será fóra de proposito dar aqui algumas instrucções para uso dos obreiros, indicar-lhe como a face, e por consequencia a garganta da chaminé se póde abaixar com facilidade.

Se a demasiada elevaçaõ da face da chaminé provém da grande elevaçaõ do mantelete (veja-se a fig. 13), ou, o que he o mesmo, da demasiada abertura do lar na frente da casa, como acontece commummente; o unico remedio para este inconveniente he abaixar o mantelete, ou diminuir a abertura da frente do lar construindo imediatamente por baixo do mantelete, de huma ombreira á outra, hum arco abatido de huma carreira de tijolos seguros com argamassa, ou cal amassada com

aréa, e sustentados por barras de ferro, ou hum pedaço de pedra (*h* fig. 13). Feito isto o chanfrado da garganta velha, ou o lado interior do mantelete, deve ser enchido de pedra e cal, de modo que forme huma superficie plana, e vertical com a parte inferior do fumeiro. Deve-se ao mesmo tempo fazer a nova face attendendo o arredondalla bem, e terminalla justamente na superficie interior da nova parede, construida por baixo do mantelete.

A estampa da fig. 13, que representa a secçaõ de huma chaminé, cuja face foi abaixada do modo acima prescripto, fará ver evidentemente como estas mudanças se fazem. Nesta figura, bem como na maior parte das outras anexas a este Ensaio, as paredes velhas se destinguem das novas por linhas verticaes, e o que se lhe accrescenta de cal, ou obra de pedreiro, he notado com pontos em vez de linhas.

Se a demasiada elevaçaõ da face da chaminé naõ provier da altura do mantelete, mas sim da largura da face, o que raras vezes acontece, póde remediar-se esta falta cobrindo a parte inferior da face com huma capa, ou camada grossa, pregada se for necessario com prégos, ou taxas, pregados contra a parede, que fórma a face. Ter-se-ha ao depois

o

o cuidado de arredondar bem esta nova parede junto á parte inferior do mantelete (veja-se a fig. 14).

CAPITULO III.

Causa da sobida do fumo; desenvoluçaõ desta materia, explicada por meio de comparaçôes, e experiencias vulgares. Das chaminés que reciprocamente se fazem mal, impedindo humas a sobida do fumo de outras. Das chaminés que fumegaõ para dentro por falta de ar. Dos redemoinhos de vento, que penetraõ os fumeiros, e empurraõ para dentro o fumo.

AInda que pertendesse evitar, no decurso deste Ensaio, todas as pesquizas abstractas, e philosophicas, com tudo he necessario fallar de huma materia assaz difficil de explicar, e muito intimamente connexa com o meu objecto; para que deixe de occuparme com ella alguns momentos.

O conhecimento das causas da sobida do fumo, he indispensavelmente necessario para aquelles que desejaõ concertar as chaminés,

ou

ou querem formar idéas justas relativamente ás propriedades do fogo, e conducçaõ do calor: empregarei por tanto algumas paginas na explicaçaõ desta materia taõ curiosa, como interessante. Como he possivel naõ estarem acostumadas a dissertações philosophicas muitas pessoas capazes de tirar vantagem destas indagações, e por consequencia naõ poderaõ entender a lingoagem e termos technicos, empregados pelos sabios na exposiçaõ dos phenomenos do nosso assumpto, farei por me explicar da maneira mais clara, e adaptada á capacidade de todas as pessoas, apoiando a minha opiniaõ em faceis e intelligiveis comparações.

Misturando-se pequenas balas de chumbo com ervilhas, e deitando-se em hum vaso, e sacodindo ao depois esta mistura, o chumbo se apartará das ervilhas pondo-se todo no fundo do vaso, em razaõ do pezo do mesmo chumbo, o qual obrigará as ervilhas a sobir, e naõ obstante a sua tendencia natural, para o fundo do mesmo vaso.

Misturando-se agua com oleo de linhaça, que he mais leve do que a agua, e sacodindo-se o vaso; em a mistura parando, a agua descerá no fundo do vaso, e o oleo separado pela pressaõ do liquido mais pezado, que procura o fundo do vaso, se elevará aboiando na superficie da agua. Mer-

Mergulhando-se na agua huma garrafa cheia de oleo de linhaça com a boca destapada, e voltada para cima, o oleo sahirá da garrafa; e, passando com huma certa força a travez da massa de agua, se espalhará na superficie.

Em geral, se dous fluidos quaesquer, desiguaes na densidade, estiverem em contacto, ou misturados juntamente, o que for mais pezado obrigará o outro a sobir.

O calor rarefaz todos os corpos fluidos ou solidos, o ar, a agua, o mercurio, etc. por tanto se duas porçõe do mesmo fluido estiverem expostas a temperaturas differentes, e em contacto, a parte mais rarefeita pelo calor, ou especificamente mais leve que a outra, será forçada pela outra menos aquecida, a elevar-se; vemos acontecer isto todos os dias.

Misturando agua fria com agua quente, a parte mais aquecida virá á superficie, e quando se introduz ar frio em huma casa, tomará este sempre o lugar mais baixo, impellindo o ar aquecido a sobir para o tecto.

O ar e agua, saõ fluidos transparentes, e sem ar; sendo por isso difficil o perceber com a vista os seus movimentos interiores; quando estes movimentos saõ vagarosos, naõ fazem impressaõ alguma nos nossos sentidos; por consequencia naõ podem ser descobertos

se-

senaõ por meio de invençõeſ mecanicas. Porém havendo razaõ para conjecturar a exiſtencia deſtes movimentos, deve-ſe procurar fazellos viſiveis, quanto poſſa ſer.

Se huma garrafa cheia de agua quente tingida com o páo cambeche, ou com outra qualquer droga, for mettida, com a boca para cima, em huma grande panella de vidro cheia de agua fria, ſe diſtinguirá perfeitamente a sobida da agua quente da garrafa, a travez da maſſa de agua fria. Entretanto he evidente ſerem ambos os unidos impellidos para cima por forças ſuperiores, differentes da força de attracçaõ. Diz-ſe muitas vezes ſer o fumo extrahido pela chaminé; ou que a chaminé contrahe bem ou mal: mas eſtas expreſsões saõ improprias, e daõ idéas erroneas das cauſas da sobida do fumo, e por conſequencia tendem a impedir as deſcobertas relativas á conducçaõ, e economia do fogo. A experiencia ultimamente mencionada, he notavel e bem propria para dar idéas juſtas da cauſa da sobida do fumo. A agua fria contida no grande uſo, obriga, por meio do ſeu pezo, e denſidade, a fazer sobir a agua quente rarefeita, e a ceder-lhe o lugar do fundo: póde eſta agua fria comparar-ſe juſtamente com o ar frio da atmoſphera, e a columna de agua tingida, com o fumo sobindo do fogo.

Se

Se houvesse necessidade de chaminé para attrahir o fumo, e fazello sahir para fora da casa; como seria possivel elevar-se o fumo do fogo aceso no ar livre onde naõ ha chaminé?

Pondo-se hum tubo aberto de ambas as extremidades, e bastante comprido, para que a extremidade superior sobrepuje a agua fria, contida no grande vaso, pondo-se, digo, este tubo verticalmente sobre a boca da garrafa onde está a agua quente tingida, a agua quente se elevará no tubo, bem como o fumo se eleva no fumeiro.

Aquecendo-se o mesmo tubo antes de o mergulhar na agua fria, a sobida da agua quente corada será mais facil, e acelerada, do mesmo modo que o fumo se eleva mais promptamente nas chaminés aquecidas, do que nas outras onde se naõ tem feito lume por muito tempo. Porém seria muito improprio, em ambos estes casos, o dizer-se ter a agua sido attrahida para o tubo. Quanto mais quente estiver a garrafa, e mais fria a agua contida no grande vaso, tanto maior será a velocidade da agua quente ao sahir da garrafa, e sobir pelo tubo: o mesmo succede, quando o fumo se eleva em chaminés aquecidas. Quando o fogo está bem aceso, e o frio he grande, a sobida do fumo he rapidissima, e he raro

fumegarem as chaminés para dentro em semelhantes circunstancias.

A agua fria, immediatamente proxima á garrafa, onde está a agua quente, se aquece tambem pelo contacto com a garrafa, entre tanto que as outras partes da agua estaõ frias; por consequencia esta agua assim aquecida, ficando mais leve do que a outra circumvisinha será impellida para o exterior; e, achando meios, se introduzirá no tubo, elevando-se juntamente com a agua quente tingida. Pela mesma razaõ o ar das casas, aquecido pelo fogo da chaminé, tende sempre naturalmente a elevar-se (se me posso servir desta expressaõ impropria); e achando sahida pela chaminé sahe frequentemente com o fumo.

O que acabo de dizer será bastante, cuido eu, para explicar clara, e satisfactoriamente as causas da sobida do fumo. He necessario ter idéas exactas sobre esta materia, para julgar, com conhecimento da causa, do merecimento das reformas propostas para as chaminés, que fumegaõ para dentro. Porque succedendo muitas fazer descobertas uteis, por mudanças ou concertos arbitrarios, regidos pelo acaso, e dictados pelo capricho, e fantazia; he com tudo necessario confessar, que o progresso das luzes, derivadas de semelhante fonte, deve ser tardio, e incerto.

As

As causas, que fazem fumegar as chaminés para dentro, saõ numerosissimas, e muito variadas; porém como se póde ter a idéa geral dellas pelo que fica dito em differentes lugares deste Ensaio, e com ellas se podem remediar por meio das alterações das chaminés já indicadas, naõ supponho necessario enumerallas aqui; nem examinar o modo porque ellas operaõ já separada, já simultaneamente.

Mas he necessario fazer menção particular de huma das causas da fumegação das chaminés. Nas casas novas, cujas portas, e janellas se unem exactamente aos caixilhos, e naõ deixaõ fendas, ou passagem alguma ao ar exterior, as chaminés de duas camaras adjacentes devem mutuamente fazer-se mal, e he facil notar a causa. Quando ha fogo aceso em huma das chaminés, com o ar necessario para alimentar a corrente, que deve impellir o fumo para o fumeiro, naõ póde ir do exterior em quantidade sufficiente por causa da uniaõ das fendas das portas, e janellas, o ar da camara se rarefaz, naõ pelo calor, mas pela abstracçaõ da porçaõ de ar empregada em manter o fogo, ou sustentar a inflamaçaõ do combustivel; em consequencia desta rarefacçaõ, se lhe diminue a elasticidade, e sendo dominado pela pressaõ exterior do ar atmospherico, este ar entra na camara pela unica

passagem que encontra, e esta he a da camara adjacente: a corrente de ar, que aflue á chaminé, e se dirige ao fumeiro, he mantida em quanto o fogo está aceso; e esta consumaçaõ de ar he fornecida pela corrente de ar vinda da outra chaminé. Se tentarem acender fogo em ambas as chaminés ao mesmo tempo, huma e outra camara se encherá de fumo brevemente.

O fogo, aceso na chaminé construida da maneira propria para facilitar a sobida do fumo, ou, no caso de serem ambas construidas pelos mesmos principios, a que tiver o vento em seu favor, ou tiver primeiro acendido o combustivel, dominará o outro fogo, e fará com que o seu fumo seja enviado á outra camara pela corrente de ar, que desce pelo fumeiro. O remedio mais obvio, que se póde empregar neste caso, he introduzir na camara huma passagem para o ar exterior mais facil do que o fumeiro, e deste modo ambas as chaminés naõ fumegaráõ para dentro.

Muitas vezes he possivel fazer com que taes chaminés naõ fumeguem para dentro, sem abrir alguma passagem ao ar exterior; e diminuindo o que chamaõ o tirante da chaminé, o que se póde fazer applicando a ambas as chaminés os principios estabelecidos nos Capitulos antecedentes.

Se

Se as portas e janellas de huma camara estiverem fechadas exactamente, e por isso naõ houver passagem para entrar todo o ar necessario ao entretenimento do fogo, *depois de ter diminuido o mais possivel, a garganta da chaminé, que deve previnir a entrada pelo fumeiro de huma demasiada corrente de ar*; entaõ naõ haverá outro meio para impedir a chaminé de fumegar para dentro, senaõ abrir passagem ao ar exterior; mas penso que raras vezes haverá necessidade de recorrer a este meio.

O caso mais frequente, he quando se estabelecem correntes de ar nos fumeiros, em consequencia da diminuiçaõ e rarefacçaõ do ar na camara, provindo isto de que as portas da camara deitem para pateos ou corredores, onde o ar se rarefaz pela acçaõ de algumas correntes de vento. Póde-se remediar este inconveniente, ou fazendo mais exactamente essas portas, ou procurando alguma sahida ao ar, se estiver demasiadamente opprimido no pateo, ou corredores donde o mal provém.

Se o fumeiro he dominado por edificios elevados, pelo declive de alguma montanha, ou por outras elevações, acontecerá frequentemente, quando houver vento forte, que o refluxo formado por estes obstaculos na atmosphera, forçará o ar a descer pelo fumeiro, re-

per-

percutindo o fumo para a camara. Este desgosto porém, será menos frequente estando a garganta da chaminé reduzida a proporções justas, do que sendo ella muito grande, ou mal construida. Porém como he possivel estar huma chaminé taõ exposta ao refluxo do ar occasionado por differentes ventos, que seja impossivel obstar a repercussaõ do fumo para a camara, he necessario indicar como se poderáõ obstar os effeitos dos redomoinhos de vento.

Tem-se inventado tejadilhos, e outros differentes preservativos, para impedir o vento de penetrar os fumeiros: muitas destas invenções tem certo gráo de utilidade; em alguns casos porém, saõ mais nocivas que uteis, porque opprimem o fumo na sobida, ainda que obstem a entrada dos redomoinhos de vento no fumeiro.

As coberturas de chaminé, de barro, ou de tijolo, formando abobada, ou superficies horisontaes, postas por cima do fumeiro, saõ deste genero; bem como os tejadilhos, ou barretes de folha de Flandres, que geraõ com os ventos. A invençaõ mais simples de que se póde fazer, e que será mais conducente ao fim destas maquinas complicadas, he o terminar o fumeiro por huma pyramide truncada, ou conne truncado, cujo diametro menor, e

pas-

passagem para o fumo seja de dez até onze pollegadas. Esta pyramide, ou conne (porque ambas as figuras saõ igualmente proprias) deve ser de barro cosido, ou ferro fundido: a altura perpendicular póde ser igual ao diametro superior, e o diametro inferior será o triplo da altura: esta tampa se collocará sobre o fumeiro de modo que pareça fazer parte da sua construcçaõ. Se estiverem muitos fumeiros, huns ao pé dos outros, ou reunidos no mesmo corpo de chaminé, será mais conveniente a fórma pyramidal, do que a de hum conne truncado.

O fim desta invençaõ he fazer com que os redomoinhos de vento, ao encontrar a superficie obliqua desta cobertura, achem mais facilidade em romper o ar, do que em penetrar a chaminé; naõ se póde dizer que he nova esta descoberta, porém até aqui está muito pouco em uso. Tenho achado a sua utilidade, sempre que a queiraõ empregar. Entretanto confesso, que jámais fui obrigado a recorrer a este expediente, ou outra alguma invençaõ do mesmo genero; e senaõ me demoro mais neste artigo das cobertas da chaminé, he porque estou persuadido da inutilidade de semelhantes accessorios, na parte exterior do fumeiro, quando a chaminé está propriamente construida, e o fumeiro dista pouco do fogo.

Naõ

Naõ devo finalisar este Ensaio, sem recommendar outra vez do modo o mais urgente, o cuidado, e economia do fogo nas chaminés abertas. Porque naõ sómente a quantidade do calor produzida pela consumaçaõ do combustivel depende muito da maneira porque o fogo está arranjado; porém fazendo-se o fogo sem ordem, ou com negligencia, perder-se-ha grande quantidade de calor inutilmente, ou ao menos será muito mal empregado.

Quando se acende o fogo de carvaõ se deve empregar mais lenha, e menos carvaõ, e depois de estar o fogo já bem aceso e os carvões bem inflamados, entaõ se lhe deitará mais carvaõ; para que o fogo tenha a proporçaõ necessaria de combustivel (1).

Pó-

(1) Em lugar da lenha usada para acender o fogo, se poderáõ empregar utilmente *bolas combustiveis*, que saõ compostas de partes iguaes de carvaõ de terra, carvaõ de lenha, e greda: as duas primeiras substancias se reduzem a pó, misturaõ-se, e amassaõ-se bem com a greda, hum pouco humedecida, seccando-se ao depois ao forno. Pódem-se fazer estas bolas combustiveis muito inflamaveis, ao ponto de poderem tomar fogo á primeira faisca: será bastante para isto mergulhallas em agua bem impregnada de nitro, e fazellas ao depois seccar; o que as conservará por muito tempo, sem fazer maior despeza: He possivel, que certa quantidade de carvaõ moido, e misturado com a soluçaõ de nitro,

Póde-se julgar da quantidade de combustivel, consumida inutilmente em Londres, pe-

Hhh

fizesse estas bolas ainda mais susceptiveis de inflamaçaõ rapida.

Muitas vezes me tenho admirado de naõ se ter feito alguma tentativa para aperfeiçoar a maneira de fazer fogo nas casas sumptuosas, fazendo passar o combustivel por certa preparaçaõ, porque na verdade nada he menos aceiado, que o fogo ordinario de carvaõ de terra.

As *bolas inflamaveis*, da forma de ovos grandes, compostas de carvaõ de terra, e carvaõ de lenha reduzido a pó, e misturadas depois com certa quantidade de greda humedecida, e postas a seccar; faráõ melhor lume, mais proprio, e mais agradavel em todo o sentido, do que o carvaõ de terra: e até me parece que naõ seria mais dispendioso. Na Flandres, e em muitas partes do Norte da Alemanha, particularmente nos Ducados de Berg, e Jubiers, onde a terra preta combustivel, he o que ordinariamente serve para queimar, costumaõ sempre fazer a esta terra certa preparaçaõ antes de a empregar no fogo: reduzem-na a pó, misturaõ-na com greda impregnada de agua, e depois de a terem amassado bem, formaõ taboletas, para se guardarem a enxugar em parte secca. A longa experiencia tem mostrado o ficar inteiramente compensada a despeza feita nesta operaçaõ pelo gráo de bondade adquirida pelo combustivel, misturada com greda, se consome menos rapidamente, e dá mais calor do que sendo empregada do mesmo modo, porque sahe da mina.

Quem naõ tiver examinado esta materia com muita attençaõ, achará sem duvida extraordinario poder augmentar-se a quantidade de calor, produzido pela com-

pela nuvem espessa de que está sempre coberta esta Capital, e até muitas vezes encobre a vista da campanha a certa distancia. Esta nuvem espessa he certamente composta, em grande parte, do carvaõ naõ consumido, escapado pelos fumeiros das chaminés, taõ numerosas nesta imensa Cidade, e mantido no ar até haver perdido o calor; entaõ se precipita, e cahe em forma de nevoa secca, e ne-

---

bustaõ de certa quantidade de carvaõ, misturando o carvaõ com a greda, sendo esta huma substancia incombustivel: mas este phenomeno he susceptivel de explicaçaõ formal, e satisfactoria.

O calor produzido pela combustaõ de qualquer pedaço de carvaõ existe debaixo de duas formas differentes; a saber, combinado com a chama e fumo, que se eleva do fogo, e se evapora pelo fumeiro, caso o naõ demorem; e feito calor radiante envíado pelo fogo em todas as direcções por linhas rectas. Parece-me poder-se concluir, que as partes da greda, envolvidas por todos os lados com a chama, demoraõ huma porçaõ do calor combinado, e obstaõ a que se escape; este calor combinado e concentrado esquenta a greda até o ultimo ponto, muda-se entaõ em calor radiante, emanando para toda a parte, e preenche assim hum objecto saudavel, e util. Parece-me ser vantajoso empregar, na composiçaõ das balas inflamaveis, palha picada, ou sarradura de madeira. Desejo se fizessem estas experiencias pelas pessoas assás descançadas para se occuparem nellas; porque estou persuadido, de nos poderem conduzir a descobertas importantes.

negra, obscurecendo a atmosphera na sua passagem, e chegando frequentemente a mudar o mais bello dia, em dia de trévas.

Jámais vi, estando a certa distancia de Londres, a nuvem obscura, que cobre esta Cidade, sem ter o desejo de conhecer a quantidade de alqueires de carvaõ que a sustentaõ, ou para melhor dizer, que a compoem, porque a poder calcular-se, seria este objecto capaz de excitar a curiosidade, e admiraçaõ de todos os habitantes desta Capital, e ainduziria talvez a voltar as más idéas para os projectos de economia, até ao presente considerados dignos de attençaõ.

Conclusaõ.

Ainda que a economia do combustivel, provinda das mudanças ou concertos dos fogões, conformes aos principios recommendados nestes Ensaios, seja na verdade considerabilissima, contudo espero provar no Ensaio seguinte que se podem tirar ainda mais vantagens da nova construcçaõ dos fogões nas cozinhas, que heide propor.

Provarei igualmente em outro Ensaio, sobre os *lares das choupanas*, proximo a sahir á luz, poderem os habitantes destas choupanas poupar *tres quartos do combustivel*, ac-

tualmente empregado em cozinhar a sua comida, e aquecer-lhes a morada, e isto sem usar de meios dispendiosos, ou que os opprimaõ.

Fim do IV. Ensaio.

Explicaçaõ das Estampas.

Fig. 1. Plano de huma chaminé ou lar de construcçaõ ordinaria.

A,B, abertura da chaminé em frente.

CD, fundo do lar.

AC, e *BD*, as ombreiras ou lados. *veja-se* a pag. 399.

Fig. 2. Elevaçaõ e perspectiva em frente de huma chaminé de construcçaõ ordinaria.

Fig. 3. Esta fig. mostra como o lar representado pela fig. 1. deve ser mudado para adquirir certo gráo de perfeiçaõ.

AB he a abertura da frente, *CD* o fundo, *AC*, e *CD*, as ombreiras no seu estado primitivo.

ab, a abertura da frente, *ik* o fundo, *ai*, e *bk* os lados, depois de feitas as alterações propostas, *cf* he o ponto do plano do fogaõ onde cahe a linha do prumo, desde o meio da parte superior da face da chaminé: O lugar do novo fundo se determina tomando a dimensaõ da linha *ef* de quatro pollegadas: o novo fundo, e os lados saõ representados como se fossem construidos de tijolos; e o espaço entre o fundo antigo e os lados, como se fosse cheio de caliça. *veja-se* a pag. 400.

Fig.

Fig. 4. Esta fig. representa a elevaçaõ, e perspectiva da frente do fogaõ da chaminé depois de concertado. A parte inferior da passagem destinada para o varredor da chaminé, he notada por linhas ponteadas. *veja-se* a pag. 401.

Fig. 5. Esta fig. representa a secçaõ de huma chaminé, e parte do seu fumeiro, construido, segundo os principios ordinarios.

ab, a abertura em frente, *bc* a profundidade do lar junto ao pavimento, *d* a contrascarpa da chaminé, *de* a garganta da chaminé, *dfge* parte do fumeiro.

Fig. 6. Secçaõ da mesma chaminé depois de ter sido concertada, *kl* he o novo fundo do lar, *li* o tijolo ou pedra, que fecha a passagem do varredor da chaminé, reduzida a quatro pollegadas, *a* o mantelete, e *h* a nova parede, destinada a diminuir a altura da abertura da chaminé na frente.

N. B. Estas duas figuras saõ as secções de duas chaminés representadas pelas quatro figuras precedentes.

Fig. 7. Esta fig. representa o plano terreo de hum lar, onde a grelha está mettida em nicho, e onde a largura primitiva do lar *AB* se tem diminuido consideravelmente.

ab he a abertura da chaminé em frente depois de cortada, *d* he o fundo do nicho onde

de está posta a grelha. *vejaõ-se* as pag. 405. e 406.

Fig. 8. Esta fig. representa o mesmo lar, visto pela frente, depois de concertado, póde nelle observar-se a grelha, e a passagem para o varredor da chaminé. *veja-se* a pag. 406.

Fig. 9. Esta fig. representa a secçaõ do mesmo lar, *cde* mostra a secçaõ do nicho, *g* a passagem para o varredor da chaminé, fechada com hum pedaço de pedra, e *f* a nova parede debaixo do mantelete, a qual diminue a abertura da frente do lar. *veja-se* pag. 406.

Fig. 10. Esta fig. mostra como se devem pôr os lados, quando a face, ou frentes desses mesmos lados (*a* e *b*) naõ vem até á frente da abertura do lar, ou angulo exterior das ombreiras *A*, e *B*. *veja-se* a pag. 406.

Fig. 11. Esta fig. mostra como a largura e obliquidade dos lados devem ser adoptados á largura do fundo do lar, no caso em que fosse necessario deixar este fundo muito largo. *veja-se* a pag. 408.

Fig. 12. Esta fig. mostra como se póde fazer hum instrumento (*mn*) chamado *transferidor*, que he utilissimo para determinar o plano dos concertos das chaminés. *veja-se* a pag. 408.

Fig. 13. Esta fig. mostra como as faces da chaminé (*d*) demasiadamente levantadas se po-

poderáõ abaixar por meio de huma parede (*h*) feita por baixo do mantelete, e de huma capa de cal, designada nesta figura por linhas de pontos. *vejaõ-se* as pag. 411. e 412.

Fig. 14. Esta fig. mostra como se podem abaixar as faces das chaminés com huma simples capa de cal. *veja-se* a pag. 413.

EN-

ENSAYO V.

PLANOS DE VARIOS ESTABELECIMENTOS PUBLICOS RECENTEMENTE FORMADOS EM BAVIERA, E APPENDICE AO PRIMEIRO VOLUME.

Prospecto succinto da Academia militar de Munich.

AInda que pareça certo ser mais prejudicial do que util a demasiada instrucçaõ nas classes inferiores da Sociedade; porque dando a estes condemnados a ganhar o seu paõ com o suor do seu rosto, o desejo de fazer exames philosophicos, e especulações metaphisicas, ou o gosto de recreações litterarias; se lhes infunde o descontentamento e infelicidade, em vez de se lhe ministrar o gozo de prazeres innocentes: entretanto descobrem-se algumas vezes, entre pessoas occupadas em profissões menos elevadas, Entes dotados de sublimes genios, e merecedores de se lhe dar hum impulso aos talentos com que a natureza os dotou. Foi com estas vistas, em grande parte, e para formar pessoas distinctas, que se fundou a Academia Militar de Munich.

Esta Academia consiste de cento e oitenta Educandos, e está dividida em tres classes. A primeira destinada á educaçaõ dos orphãos, e pessoas em empregos civis, porém sem bens, consta de trinta Educandos, recebidos de graça desde a idade de onze até treze annos, para ficarem na Academia quatro annos. A segunda classe he destinada para o soccorro da Nobreza menos abastada, dos mercadores, e outras pessoas addidas ao Governo, procurando-lhe por este modo, os meios de dar boa educaçaõ a seus filhos: consta de sessenta Educandos, recebidos desde a idade de onze até quinze annos, e pagaõ á Academia doze florins por mez; por esta somma saõ sustentados, vestidos, e ensinados. A terceira classe consiste de noventa Educandos desde a idade de quinze até vinte annos, todos admittidos sem paga, e he destinada esta classe para desenvolver os talentos dos moços das classes inferiores, que daõ provas de genio extraordinario, ou mostraõ disposições mais felices, juntando a huma constituiçaõ forte bom caracter.

Todos os efficazes Commandantes de Regimentos, Chefes de repartições, ou administrações civis, e Magistrados, estaõ authorisados, e tem obrigaçaõ de recommendar pessoas para esta ultima classe da Academia; a sua es-

escolha naõ se limita a certa classe da Sociedade, e podem escolher os Candidatos indistinctamente, entre os Cidadãos occupados nas profissões mais obscuras, e desconhecidas. Os filhos dos soldados, dos obreiros, e ainda dos jornaleiros, podem ser admittidos, com tanto que tenhaõ as disposições requeridas; a saber, genio extraordinario, constituiçaõ robusta, e caracter excellente; porém se a experiencia demonstrar, que a pessoa he destituida destas qualidades, naõ sómente deixará de ser admittida, porém de mais será asperamente reprehendido o recommendador. He necessario nesta parte usar de toda a severidade para acautelar os abusos. Os estabelecimentos destinados para dar impulso aos genios, e desenvolver os talentos, aliàs sepultados na obscuridade, se fariaõ em pouco tempo, sem estas precauções Collegios de aluguel, onde metteriaõ abusivamente cada hum os seus parentes ou protegidos.

Supponho dever fazer mençaõ de huma circunstancia, propria para mostrar a boa administraçaõ deste estabelecimento; e he a tenuidade da despeza nelle exigida. Por calculos fundados sobre a experiencia de quatro annos, tenho achado chegar a 28000 florins por anno os gastos da Academia; consistindo de cento e oitenta Educandos, com os Professo-

res, e Mestres de todos os generos, criados, vestidos, sustento, casa, lenha, luz, concertos, e todos os outros objectos, excepto o aluguel do edificio; o que faz 155 florins por anno para cada Educando. Somma na verdade modica, attendendo ao modo porque saõ sustentados, e educados.

Ainda que esta Academia tenha o nome de *Academia militar*, com tudo naõ se limita unicamente á educaçaõ das pessoas destinadas para o exercito; instrue-se a mocidade em todos os ramos, e se familiarisa nos exercicios corporaes, essenciaes á boa educaçaõ; de maneira que se possaõ applicar a vida particular, ao estudo das Sciencias, e a todo o outro emprego qualquer civil, ou militar.

Este estabelecimento he, por assim dizer, o viveiro dos genios, e a escóla onde se fórmaõ verdadeiros homens, reunindo a força corporal, e caracter energico aos talentos, e doçura de espirito, em huma palavra, homens capazes de fazer ao Estado serviços essenciaes; porisso quando se fazem os exames dos Educandos, todos os Chefes das differentes repartições, apparecem para que assistaõ, e designem os que indicaõ talentos e disposições para qualquer emprego.

O tempo mostrará até que ponto se estende a influencia deste estabelecimento. Tem só-

sómente seis annos de existencia; e, neste curto espaço, já se tem provas de haverem sahido talentos extraordinarios dos mais humildes retiros. O meu desejo he unicamente de ver o estabelecimento bem apoiado.

Meios empregados para aperfeiçoar a raça dos cavallos, e gado vacum, em Baviera, e no Palatinado.

Ainda que muitas partes dos Estados do Eleitor sejaõ bem situadas para criar bons cavallos, e que effectivamente se criem muitos (1); com tudo naõ se attendia bastante á belleza das raças; e a maior parte dos cavallos distinctos, e os de que a Nobreza se serve, tanto para a céla, como para as carroogens; vinhaõ antigamente dos Ducados de Holstein, e Mecklemburg.

Tendo sido encarregado de fazer adoptar o novo systema militar, nos Estados de S. A. Eleitoral, suppuz que tomando certas medidas para fornecer o exercito de cavallos, principalmente os cavallos da artilheria, se poderia aperfeiçoar a raça dos cavallos em todos os paizes; e sendo approvadas as minhas idéas por S. A. Eleitoral, eu as fiz executar da maneira seguinte.

Com-

(1) Só em Baviera se criaõ mais de 160,000 cavallos.

Comprou-se, com dinheiro tirado da caixa militar, certo numero de boas egoas, marcáraõ-se na coxa esquerda com a letra M (inicial da palavra *militar*) e se deraõ estas egoas aos camponezes, proprietarios, ou locatarios de herdades, convenientemente situadas para criar cavallos, e isto debaixo das condiçõeſ seguintes.

Primeiramente davaõ-se as egoas sem paga, e em todo o caso as podiaõ os camponezes considerar como suas proprias, e servir-se dellas para toda a especie de trabalho; mas eraõ ao mesmo tempo obrigados, naõ sómente a guardallas, e a naõ as vender, mas de as empregar como egoas de cria, fazendo as cobrir todos os annos por algum cavallo designado pelos Commissarios encarregados deste estabelecimento. Se a egoa morria, eraõ obrigados a substituilla por outra egoa de cria, que devia ser recebida e marcada pelos Commissarios. Se alguma destas egoas naõ produzia bons potros, ou que fosse maninha, ou tivesse algum outro defeito essencial, devia trocar-se.

Prestavaõ-se de graça os pais de egoas destinados para estas egoas, e que estavaõ debaixo da inspecçaõ dos Commissarios: os potros provindos destas crias pertenciaõ inteiramente aos guardas das egoas, podiaõ vendellos,

e

e dispôr delles, como se proviessem de outra qualquer das suas egoas.

No caso de que o exercito fosse obrigado a entrar em campanha, e naõ em outro algum caso, as pessoas que estavaõ em posse das egoas, eraõ obrigadas a apresentallas, ou a fornecer hum cavallo apto para o serviço da artilheria.

As vantagens deste estabelecimento saõ sensiveis. Em caso de urgencia, se teriaõ sempre á maõ cavallos, que tendo sido comprados em tempo de paz, custariaõ muito menos do que se fossem obrigados a havellos apressadamente ao momento de huma deliberaçaõ de guerra, quando muitas vezes naõ he possivel achallos por dinheiro algum.

Poder-se-hia objectar que este dinheiro, adiantado por muito tempo antes de haver necessidade dos cavallos, devia trazer comsigo a despeza dos juros, que deve certamente entrar em linha de conta: porém como na caixa militar deve sempre haver certa sõma de dinheiro em especie, para que o exercito possa entrar repentinamente em campanha, e huma parte deste dinheiro he destinado á compra dos cavallos, he o mesmo empregar antecipadamente esta sõma nos cavallos, do que deixalla sem fruto na caixa militar; assim esta objecçaõ se desfaz por sua natureza.

De-

Desejaria poder dizer que este projecto foi bem succedido; porém sou obrigado a confessar naõ ter elle correspondido ás minhas esperanças. Compraraõ-se ao principio seiscentas egoas, e se distribuiraõ, e tinha razões para suppor ser este numero elevado a seis mil em pouco tempo; e até me lisongeava ser possivel guardar por este modo, em casa dos camponezes, todos os cavallos necessarios ao exercito, tanto para a cavallaria, como para a artilheria, e bagagens, sem se fazer alguma despeza: até fiz hum plano para ajuntar todos os annos os cavallos destinados para o serviço da cavallaria, e depois de os ter exercitado, se deveria permittir aos que os montavaõ de os reconduzir e guardallos nas suas casas, durante o tempo da licença: em huma palavra, as minhas vistas tendiaõ a fazer arranjamentos assaz economicos, de algum modo semelhantes ao antigo systema feudal: porém a obstinaçaõ dos camponezes, impedio a execuçaõ destas medidas. Só hum pequeno numero ficou resolvido a receber os cavallos, e quanto mais vantajosas eraõ as condições que se lhe offereciaõ, tanto mais se lhes augmentava a desconfiança; já mais se puderaõ persuadir, de naõ haver dólo, ou subterfugio algum no mercado, que se lhes propunha.

He muito provavel ter-se augmentado a sua des-

desconfiança pelas maliciosas insinuações de algumas pessoas, occupadas, por motivos que naõ precisaõ explicaçaõ, em trabalhar com todo o esforço possivel, por contrariar as emprezas geraes, de que eu era a cabeça.

Seja o que for, o facto he, naõ ter eu já mais podido destruir inteiramente as suspeitas existentes; e achei tanta difficuldade em fazer adoptar o meu projecto, que fui obrigado a desistir, ou, para melhor dizer, a esperar momentos mais favoraveis. Distribuiraõ-se perto de duzentas ou trezentas egoas em differentes partes do paiz, de que se tem tirado bellissimos potros ha seis annos, que o estabelecimento se acha formado; porém estes fracos Ensaios naõ satisfazem ao meu zelo pelo bem publico; e, a naõ se achar meio de acelerar a adopçaõ do meu plano, a Baviera será obrigada a obter cavallos de paizes estrangeiros por longo tempo, apezar das suas vantagens naturaes.

As minhas tentativas para melhorar a raça do gado vacum ainda que mais limitadas foraõ proporcionalmente muito mais bem succedidas. Quando se formou o jardim publico de Munich, cuja extensaõ era considerabilissima, pois tinha perto de seis milhas inglezas de circuito, e estava situado em terreno fertilissimo, achei occasiaõ de estabelecer den-

tro deste jardim huma herdade assaz consideravel; fiz comprar para esta quinta perto de trinta vacas de Suissa, da Flandres, e do Tyrol, e ainda de outras partes do Continente, affamadas pela bondade do gado: este fundo era renovado todos os annos por novas importações de vacas, e touros, e todos os bezerros bem vistosos eraõ distribuidos pelas companhas, vendiaõ-se ás pessoas que promettiaõ criallos, pelo mesmo preço que os carniceiros, ou marchantes davaõ por hum bezerro de estatura ordinaria.

Ainda que este estabelecimentõ naõ existe senaõ ha seis annos, he admiravel a mudança, que tem produzido no paiz. Como muitas pessoas do campo vem a Munich pois que esta Cidade he a residencia do Soberano, e o jardim, que eu criei, chamado o *Jardim Inglez*, e situado ao pé da Cidade está sempre aberto, he summamente frequentado; e ha muito poucas pessoas, que deixem de ir ver as vacas nas estrebarias, quando fazem hum bosque muito espesso, pela parte de traz de hum botequim, ou casa de pasto, que ha no meio do jardim; estaõ lindamente construidas, e saõ cuidadosamente conservadas: as vacas grandes, e bem vistosas, mantidas sempre com todo o aceio e no melhor estado vem a ser hum objecto de curiosidade. Quem

se

se naõ interessa em melhorar a raça do gado vai ver animaes de bellesa rara; mas os quinteiros, e entendedores vaõ ás estrebarias para examinar as vacas, comparar humas com outras, e com as do paiz; e tomar informações sobre a maneira de as nutrir, e sobre o lucro que dellas se póde tirar. Este fraco principio communicou a toda a Baviera grande ardor para o melhoramento e perfeiçaõ das roças do gado vacum, ao ponto de naõ ter eu a menor duvida, que em poucos annos se naõ perceba a mudança absoluta nesta parte da economia domestica.

Muitos Cavalheiros, e Lavradores ricos, e emprendedores, naõ contentes com os fracos soccorros, que se podiaõ tirar do *Jardim Inglez*, mandaraõ a Suissa, e outros paizes, comprar vacas e touros; e já se começa a sentir os bons effeitos destas especulações.

Quam facil seria o introduzir semelhantes meios de emulaçaõ e industria em qualquer paiz! Quando os Soberanos naõ tenhaõ jardins publicos, que attraiaõ certo concurso, os particulares os poderiaõ estabelecer por meio de assignantes, ou ao menos reunir-se para alugar huma quinta consideravel nas vizinhanças da Capital, onde se façaõ experiencias uteis. Huma quinta deste genero, bem administrada, renderá quanto he bastante para todas as

despezas, e se o terreno cultivado for bem distribuido, e houverem bons caminhos e veredas proprias para cavallo, e carroagem; se as estrebarias forem bem construidas, guarnecidas com bello gado, conservado sempre com aceio, e se houver proximo á quinta huma boa casa de pasto, onde se ache toda a especie de refresco; este lugar virá a ser em pouco tempo hum ponto de reuniaõ para as Sociedades, e a perfeiçaõ da Agricultura seria logo hum divertimento da moda: as Senhoras distinctas teriaõ certo prazer em contemplar das suas carroagens estas scenas de industria rural, e naõ se julgaria de menos cabo o ser iniciados nos mysterios da cultura das terras.

Por que naõ compraria o Parlamento de Inglaterra, ou ao menos naõ alugaria, huma quinta deste genero junto a Londres, para a entregar á direcçaõ da Junta de Agricultura? A despeza seria de pouca monta, e o estabelecimento viria a ser naõ só util, mas interessantissimo, e seria huma fonte de recreaçaõ, e divertimento, dando ao mesmo tempo idéas do melhoramento e perfeiçaõ da cultura das terras, a hum grande numero de habitantes da metropole.

Os Legisladores consideravaõ em outro tempo os divertimentos publicos, como objecto

de

de grande importancia, e cuidava-se em que os jogos e recreações publicas, tivessem hum fim util, contribuindo para formar o caracter nacional.

Meios adoptados para fazer cessar as usuras em Munich.

Outra medida mais limitada no seu curso, do que as medidas antecedentemente expostas; mas que produzio grande beneficio, foi o emprego dos fundos na caixa militar, para o allivio de muitos particulares, occupados em empregos subalternos, e dependentes do Governo.

Havia muitos annos que se tinha introduzido em Baviera hum costume, em quasi todas as repartições, taõ pernicioso ao serviço publico, como aos particulares: este costume era o de nomear grande numero de Escripturarios, Secretarios, e Conselheiros supranumerarios, os quaes serviaõ estes officios, ou sem receber paga, ou por sômas muito módicas; e em quanto esperavaõ ter o ordenado do officio, eraõ obrigados a contrahir dividas consideraveis; porém, naõ tendo a maior parte delles outra cauçaõ para dar, nestes emprestimos que recebiaõ, senaõ a promessa de que haviaõ pagar quando estivessem em circuns-

cunstancias disso, nenhum usurario se attrevia a confiar-lhe o seu dinheiro pelo interesse do juro legal: por tanto eraõ obrigados a recorrer aos Judeos, e outros usurarios, os quaes lhe naõ forneciaõ os soccorros de que necessitavaõ senaõ debaixo de condiçõnes ruinosas, e por preços exorbitantes; de maneira que estes infelices devedores em vez de se acharem abastados quando entravaõ nos seus officios gozando plenamente dos ordenados, era entaõ que se viaõ obrigados a hypotecar a maior parte dos rendimentos para satisfazer á avidez de seus credores. Esta circunstancia, o gosto da dissipaçaõ, e os progressos do luxo, que se tinhaõ introduzido em todas as classes da Sociedade, tinhaõ feito taõ frequentes os avanços sobre os ordenados, e as condiçõnes dos emprestimos de dinheiro com semelhantes pinhores eraõ taõ onerosas, que este mal temivel exigio do Governo cuidados muito serios.

O juro que se pagava ordinariamente, pelo dinheiro emprestado sobre rendas demoradas, era de cinco por cento por mez, ou *tres kreutzers por florim*; e havia casos em que o juro era ainda maior.

Tinhaõ-se promulgado severas Leis para acautelar estes abusos, porém achavaõ-se constantemente subterfugios para as eludir; e em vez de remediar o mal, naõ faziaõ mais que exasperallo. Pa-

Pareceo-me que a exemplo dos Negociantes, dos quaes hum póde arruinar a outro, vendendo mais barato que elle, assim seria possivel destruir os usurarios emprestando dinheiro com juro mais tenue; em consequencia; para fazer esta experiencia, se estabeleceo huma caixa de emprestimo (*vorschuss cassa*), de 30.000 florins, no Tribunal, ou Mesa da Thesouraria, onde todas as pessoas assalariadas, ou dependentes do Governo em quaesquer repartições civis, ou militares, podiaõ receber adiantadamente os seus ordenados, ou pençôes, pelo espaço de dous mezes, diminuindo-se-lhe o juro de cinco por cento annual, que vem a ser a duodecima parte da sôma que os Judeos antecedentemente extorquiavaõ.

O grande numero de pessoas, que se tem aproveitado das vantagens deste estabelecimento, e continuaõ a aproveitar-se diariamente, prova o ser este expediente assaz proprio em todo o sentido, para extinguir o mal que se pretendia atacar.

Mais de trezentas ou quatrocentas pessoas recebêraõ todos os mezes algum adjutorio desta caixa, e as sômas emprestadas montaõ actualmente a mais de 20000 florins.

Como esta caixa só faz avanços debaixo da segurança do Governo, isto he, sobre os

or-

ordenados ou pensões pagas pelo Estado, naõ corre risco de ficar por embolçar; e os juros do dinheiro emprestado, he mais que sufficiente para satisfazer as despezas, pelo que naõ ha percas que temer.

Relaçaõ de hum projecto, para empregar os soldados em concertar as estradas, e caminhos de Baviera.

Se o projecto que formei, tivesse obtido a sua execuçaõ, certamente os postos militares e patrulhas de cavallaria, em todas as partes dos Estados do Eleitor, teriaõ sido mais uteis (1). Desejaria empregar os soldados exclusivamente no concerto das estradas, e reunir esta impreza ao estabelecimento dos postos militares permanentes, destinado a manter a ordem, e tranquilidade publica.

He hum dos grandes pezos para os habitantes de qualquer paiz, o serem obrigados a abandonar os seus cuidados domesticos para trabalhar, quando saõ chamados, com os seus criados, e gado, nos concertos das estradas. Este inconveniente he ainda mais sensivel em Baviera, onde os Lavradores saõ obri-

(1) No Cap. II. do Primeiro Ensaio, fallei já da distribuiçaõ destes destacamentos militares.

obrigados a deixar de alqueive, grande parte das suas terras por falta de trabalhadores para as cultivar.

O meu projecto, era fazer medir todas as estradas desde as Cidades capitaes dos Estados do Eleitor até ás fronteiras, e igualmente os caminhos atravessados, pondo-lhe limites militares numerados de distancias de huma legua, ou de meia milha de Alemanha: dividir o caminho em outros tantos postos, quantos fossem as *pedras miliares*, ou que marcavaõ as milhas, cada posto com a mesma extensaõ: fazer edificar no meio de cada posto ao lado da estrada huma pequena casa com estrebaria para tres ou quatro cavallos, e hum jardim ou horta: pôr em cada huma destas casas o pequeno destacamento de cavallaria, composto de tres ou quatro homens; hum soldado licenciado, com o emprego de concertar a estrada nos limites do seu posto; hum soldado invalido para ter cuidado da casa, receber as ordens e cartas, durante a ausencia dos outros, cultivar a horta, ir procurar as provisões, e preparar a comida.

Se algum dos soldados fosse casado se lhe permittiria alojar a mulhar na casa, com a condiçaõ de ajudar o invalido no serviço da casa: nisto mesmo se poderia empregar a viuva de algum soldado das que recebe pensaõ.

Para manter a ordem, e a disciplina nestes estabelecimentos, me propuz fazer empregar officiaes inferiores de actividade e intelligencia, como inspectores dos caminhos, e de os submetter á superintendencia dos officiaes superiores encarregados de presidir aos trabalhos de districtos mais extensos.

Propuz-me igualmente plantar carreiras de arvores frutiferas de hum posto a outro em toda a extensaõ do paiz; e estava calculado, que o producto destas arvores devia render, passados alguns annos, quanto fosse bastante para os gastos no concerto dos caminhos.

Hum arranjamento desta qualidade, reunindo a ordem e a regularidade naõ podia deixar de ser interessante a todas as pessoas sensiveis: e estou persuadido, que este projecto se podia executar em todos os paizes onde ha exercitos permanentes no tempo da paz. As razões que impediraõ a sua execuçaõ em Baviera seriaõ muito longas para as referir, e de mais saõ alheias do meu assumpto. Talvez venha tempo em que o meu projecto naõ encontrará tantos obstaculos.

AP-

APPENDICE N. I.

Memoria e petiçaõ, dirigida a todos os habitantes de Munich em nome dos verdadeiros Pobres, e Afflictos. Traduzida do Alemaõ.

MUito tempo ha, que a honra, a segurança publica, a moral, e a religiaõ tem feito ouvir a sua voz, para desarreigar hum mal, com que o habito nos tem formalisado, mas que aparece todos os dias debaixo de horriveis e atrevidas formas, e cujos perniciosos effeitos manifestando-se por toda a parte, crescem e se augmentaõ diariamente.

Os Cidadãos honrados desta Cidade, tem observado ha muito, e com bastante inquietaçaõ, o augmento rapido no numero de mendicantes, a sua depravaçaõ, e desaforo totalmente desenfreado: com tudo a preguiça e a mendicidade (estes flagellos da Sociedade) tem encontrado taõ debeis obstaculos, que em lugar de serem demorados ou suprimidos, tem triunfado de todos os esforços dirigidos á sua aniquilaçaõ, e como a victoria lhes dá novo gráo de força e actividade, tem por isso mesmo estendido mais a sua desastrada influencia.

Que! será possivel, a Cidadãos bem intencionados, ver com indifferença o oprobrio, que recahe sobre si, e sobre a sua Patria, consentindo a estes enxames de populaçaõ, a mais dissoluta, coberta de trapos, a innundar as ruas, e extorquir contribuições forçadas a quem passa; pela posiçaõ muitas vezes ficticia, da sua miseria, pelos seus clamores, pela sua insolencia, e pela sua importunaçaõ? Ao mesmo passo que naõ ha asylo, ou retiro seguro onde a pobreza, a miseria, e a hypocrisia naõ penetrem a todo o momento, debaixo de formas as mais hediondas, e desagradaveis? Ao mesmo passo que nenhuma pessoa póde gozar hum instante descançado, nem nas Igrejas, nem ao pé dos tumulos, nem nos lugares publicos e passeios, sem ficar entregue á sua importunaçaõ? De que servem os sinaes de abastança nos habitantes, denotados pelos seus vestidos, e pela bellesa dos edificios publicos, e pela riqueza das Igrejas, se para qualquer parte, que se dirijaõ os passos se ouviráõ as vozes da infelicidade, sahidas da bocca dos velhos estropiados, de homens robustos, e em estado de trabalhar, de mulheres desavergonhadas, e de crianças desamparadas? Que particular senaõ correria achando das suas portas para dentro algum ente miseravel, que procurasse mover a compaixaõ

das

das passoas, que frequentavaõ a sua casa, patenteando o quadro da sua miseria real, ou ficticia? Naõ daria este facto idéas baixas do seu espirito, do seu coraçaõ, da sua economia domestica, e das suas posses? Que pensará o estrangeiro, e o viajante, que tendo corrido paizes onde se naõ percebe o mais leve traço da mendicidade, chega a Munich, e se vê assaltado por huma caterva de entes gritando lamentavelmente, e cercando a sua carroagem, ou pessoa?

A honra nacional deve atalhar esta desordem, e estirpar-lhe até as raizes.

A segurança publica naõ exige menos; porque ninguem deixará de conhecer as consequencias, que deve soffrer toda a Cidade, e ainda todo o Paiz, consentindo familias inteiras, e numerosos individos vagar sem occupaçaõ alguma, sem asylo fixo, vivendo na ociosidade sem meios de subsistencia, e acabando o dia com a mesma resoluçaõ de procurar impor no dia seguinte ao publico, para obter meios de sustentar a sua depravaçaõ. Muitas crianças fornecem duplicada vantagem a estas familias de mendicantes; porque lhe servem, naõ só para mover a compaixaõ, mas tambem para aprender nos tenros annos todas as velhacarias deste infame tráfico, que se exercita aqui por *tribus*. Esta numerosa mo-

ci-

cidade vem ordinariamente a ser preza do algoz. Passando a infancia no exercicio da mentira, e dissimulaçaõ, adquirem em breve tempo o talento de roubar com destreza: grande numero de exemplos, tirados dos processos criminaes, provaõ ser a mendicidade ociosa hum dos degráos para o patibulo: e quasi todos os dias se sabe, que os furtos domesticos se commettem debaixo do pretexto de pedir esmolla. Quem ignora este facto, e quem ha que tenha necessidade de outras provas para demonstrar a precisaõ de estabelecer alguma instituiçaõ permanente para os pobres? Excitaria desgosto e horror, se descobrisse a maneira interior de viver destes rebanhos de mendicantes, ou fallasse da immoralidade, e depravaçaõ, que reinaõ nos seus infames retiros. Zombaõ dos Mandamentos da Lei de Deos, e da Igreja, nenhum vicio lhes parece odioso, attrevem-se a atacar as cousas mais sagradas sobre a terra, e nos Ceos; e a sua consummada hypocrisia as profana para fazer dellas hum objecto de especulaçaõ (1).

De

(1) Naõ citarei mais que hum exemplo da minha proposiçaõ. Grande numero de mendicantes fazem hum extenso e lucrativo commercio nos bilhetes de confissaõ e communhaõ, que vendem aos que se querem isentar voluntariamente deste dever prescripto pela Religiaõ. Ha mendicantes, que no fim do tempo de Paschoa,

De que procede esta calamidade? Naõ he certamente da falta de meios, na Capital, para soccorrer as necessidades dos pobres. Nenhuma Cidade sobre a terra, com igual populaçaõ e extensaõ, terá dentro em si mais hospitaes, enfermarias, hospicios de caridade, e distribuiçoes de esmollas, do que Munich. Esta calamidade naõ póde tambem proceder do egoismo dos habitantes; porque naõ ha exemplo de povos mais compadecidos, e mais sensiveis ás afflições dos miseraveis, do que os cidadãos desta Capital; a grande quantidade de mendicantes, e o seu augmento rapido, prova em favor da liberalidade dos habitantes; porque se sabe que esta vil raça se ajunta onde suppoem ser mais facil o seu estabelecimento, tendo melhor successo no seu infame commercio. Qual he por tanto a origem deste mal? A má distribuiçaõ das esmollas.

Em todas as Sociedades numerosas se encontraõ mais ou menos indigentes, segundo a maior ou menor industria, e meios de subsistencia. O mesmo acontece em Munich. A natu-

---

talvez por naõ perder o costume, se chegaõ á mesa da Communhaõ duas, ou tres vezes por dia. Ministros do Evangelho, Apostolos da Religiaõ, como he possivel, que vossas palavras naõ resoem contra os mendigos!

tureza nos impoem a obrigaçaõ de soccorrer a humanidade opprimida, e particularmente de assistir aos nossos concidadãos, que estaõ na indigencia. A nossa Santa Religiaõ promette huma recompensa eterna aos que soccorrem a verdadeira affliçaõ, e condemna ao inferno os que forem insensiveis ás necessidades dos miseraveis. Os Padres da Igreja nos ensinaõ, que, se os ornamentos superfluos dos santos Templos, e outros meios, naõ forem bastantes para soccorrer os que estaõ verdadeiramente na miseria, se deveraõ ajuntar os vasos sagrados para se fundirem, e venderem-se a favor dos pobres.

Porém as pessoas, juntamente, que suppoem observar com maior exactidaõ, estes Projectos Divinos, saõ as mesmas que formalmente os contrariaõ. Naõ he isto assim, quando a piedade extemporanea destas pessoas, prodigaliza as suas esmollas a mendicantes, e se oppoem deste modo a que possaõ realmente ser uteis aos pobres? Sim. He falso que a esmolla seja meritoria, e agradavel a Deos, quando ella põe obstaculos a huma medida geral dirigida ao bem publico. E he igualmente falso que a esmolla deixe de perder do seu merecimento, quando se aplica a huma pessoa indigna.

O verdadeiro pobre, ou he demasiado timi-

mido para se misturar com a multidaõ dos mendicantes, ou, se a necessidade o impelle a pedir humildemente a esmola, he sempre preterido pelo mendigo desavergonhado, que sabe imitar o acento da miseria, pelo velho bebado, que pede soccorros para huma familia que naõ existe, pretextando infelicidades imaginarias, e pela prostituta, que sabe excitar os gritos e provocar as lagrimas dos seus pretendidos filhos; e esta indigencia rouba, para entreter o seu ocio, a esmola destinada para a verdadeira indigencia. Assim o pobre envergonhado volta ao seu retiro com o coraçaõ dilacerado, e perece de miseria, ao mesmo tempo que o mendigo de profissaõ consome alegremente as esmolas extorquidas, entretanto quem as deo assenta ter praticado huma acçaõ meritoria.

Roga-se a todos os habitantes e cidadãos desta Cidade, com todo o acatamento possivel, naõ entretenhaõ daqui em diante a mendicidade com as suas intempestivas esmolas, para naõ ficarem responsaveis pelas consequencias deste flagello, e o que mais he, pelas calamidades que faraõ supportar aos pobres envergonhados. Espera-se que a sua humanidade, e caridade christãa, ficaráõ satisfeitas indicando-se-lhes os meios de soccorrer os indigentes, e afflictos de maneira agradavel a

Deos, e fazendo ao mesmo tempo serviços essenciaes á honra, e segurança publica, aos bons costumes, e á Relegiaõ.

A casa de trabalho militar erigida por ordem de S. A. S. Eleitoral, onde todos os pobres, em estado de ganhar a vida, poderaõ achar occupaçaõ, salario, de comer, e vestido, naõ tem outro fim. He alli que o verdadeiro indigente deve achar hum asylo seguro; e este asylo está igualmente aberto aos enfermos, e velhos decreptos. Naõ se ouça jámais a mentira, que pertender atacar este estabelecimento, comparando-o a outras emprezas do mesmo genero, que naõ foraõ bem suçcedidas. Porque naõ terá bom exito, em Munich, aquillo mesmo que existe na maior parte das Cidades, e que se estabeleceo taõ felizmente em Munich onde mais de oitocentos pobres achaõ huma subsistencia segura, e abençoaõ o seu fundador? Saõ menos as luzes em Munich, ou he menor aqui a sensibilidade para o que diz respeito aos interesses do bem pablico? Naõ. Seria injuria, feita ao patriotismo reconhecido dos cidadãos de Munich, duvidar dos seus desejos em concorrer para isto.

Para cooperar efficazmente com estas medidas, intimamente connexas com a honra, e segurança da Capital, e com os bons cos-

tu-

tumes e Religiaõ, naõ ha outro meio senaõ a submissaõ voluntaria ás contribuições regulares, que se devem cobrar todos os mezes; porque a pobreza tanto occulta, como publica, que reina em Munich mais do que em nenhuma outra Cidade de Alemanha, naõ póde já tolerar-se. He em vaõ que os prejuisos, os designios vis, ou a maldade das pessoas acostumadas a mendigar, ou a governar mendigos, se opporaõ a este estabelecimento. Subsistirá a pezar dos seus esforços, e confia-se muito nos elevados e puros sentimentos da maior parte dos cidadãos desta Cidade, principalmente havendo huma occasiaõ certa de poder soccorrer a indigencia de hum modo bemfeitor, e caritativo.

Nada he mais simples, nem mais conveniente ao bem proposto, do que persuadir a todos os cidadãos desta Cidade, que subscrevaõ, por bairros, e numeros das casas, no livro das esmolas; determinando qual he o soccorro que pertendem ministrar todos os mezes para o sustento do estabelecimento dos pobres. A mais pequena esmola será recebida com agradecimento, e quem a fizer terá igualmente parte nas Orações que os pobres dirigiráõ a Deos pelos seus bemfeitores.

Esta contribuiçaõ, absolutamente livre, depende dos particulares, sem distincçaõ de

estado, e condiçaõ, os quaes poderaõ dar conforme a sua vontade muito, ou pouco, ou ainda mesmo nada: e todos os tres mezes se fará publico por meio da Imprensa, o nome e a contribuiçaõ de cada assignante; para que o Publico possa conhecer os verdadeiros amigos da humanidade, que tem contribuido para extirpar hum flagello vergonhoso contra o qual se elevaõ, ha tanto tempo, clamores inauditos. Pede-se incarecidamente, que naõ se opponhaõ a esta medida saudavel, mas que favoreçaõ com todas as suas forças huma obra taõ agradavel a Deos.

Para que todos possaõ ficar convencidos do fiel emprego das esmolas, se fará imprimir todos os tres mezes huma lista circunstanciada da receita e despeza; e será permittido a todos os particulares, cujas contribuiçoes forem avultadas, examinar á sua vontade os artigos da conta apresentada. Em consequencia se fará aviso aos que tiverem contribuido mais na ordem da Nobreza, dos empregos civis e militares, e chefes de differentes familias, para que se ajuntem em certo lugar e procedaõ á verificaçaõ e ajuste das contas.

Demonstrar-se-ha aos homens, ainda os mais desconfiados, que este estabelecimento de trabalho, destinado ao soccorro dos pobres naõ póde ter a menor sombra de interesse par-

particular, manifestando-se que a Junta Revisoria do estabelecimento he composta do Presidente do Conselho de guerra, do Presidente da Regencia, e do Presidente do Conselho Ecclesiastico, os quaes empregaráõ nella todos os seus cuidados: que a collecta será confiada a pessoas de toda a probidade, authorisadas para este fim; as quaes por nenhum pretexto receberáõ, bem como os demais empregados no estabelecimento, salario, ou gratificaçaõ qualquer dos fundos destinados para os pobres; o que se fará patente nas contas dadas todos os tres mezes. Por este meio se espera estabelecer a confiança geral, que merece o governo do estabelecimento.

Deste momento em diante se naõ permittiráõ mais mendigos pelas ruas; e o Publico ficará desembaraçado deste encargo taõ oneroso, como humiliante. Quem poderá deixar actualmente de cooperar para taõ saudaveis medidas? Ninguem. Daqui em diante naõ se protegerá mais a ociosidade pelos abusos das esmolas; naõ se apoiaráõ os máos costumes, que resultaõ da mendicidade, e ninguem se fará cumplece dos delitos e crimes occasionados por ella, tanto contra Deos, e humanidade opprimida, como contra o Estado. Nenhum mendigo publico se attreverá a enganar a beneficencia, inventando mentiras, ou formen-

mando queixas contra o estabelecimento dos pobres, e se o mendigo naõ achar apoio, ou protecçaõ, lhe será impossivel escapar á vigia da Policia; havendo o cuidado, em lugar de lhe dar esmolas, de o dirigir a tomar o caminho da casa de trabalho.

Esta medida he a unica, que póde conduzir ao fim desejado; e já se praticava nos primitivos tempos da Christandade: era aprovada pela Religiaõ; pois que os donativos dos fieis eraõ lançados em huma caixa commum, para o soccorro dos necessitados, e delles se naõ usava para sustentar a maldade (I. aos Corinth. cap. 16. etc.)

Roga-se outra vez ao Publico em nome do Senhor, que espalhará as suas bençãos sobre esta empreza, queira sustentar este estabelecimento. Confia-se do zelo dos Ecclesiasticos, e particularmente dos Prégadores, que illuminaráõ as suas ovelhas, e as animaráõ com o seu exemplo. Sem duvida faraõ uso das maximas da nossa Religiaõ para sustentar a coragem dos fracos, para enternecer o coraçaõ dos máos, e para dissipar os prejuisos daquelles, que estiverem no erro, por omissaõ culpavel.

N. II.

Lista dos assignantes para as contribuições voluntarias, destinadas para os pobres em estado de trabalhar, e para os doentes e achacados; cujo fim he a abolição total da mendicidade publica; apresentada aos habitantes de Munich no mez de Janeiro de 1770. Traduzida do Alemaõ.

OBSERVAÇÕES.

AS contribuições voluntarias se deveráõ colligir no ultimo domingo de cada mez, sob a direcçaõ do estabelecimento dos pobres, composta esta deputaçaõ dos Presidentes do Conselho Ecclesiastico, de Guerra, e da Regencia (1). O resultado destas contribuições será regularmente inscripto, e de todos os mezes se dará ao Publico, por meio da impressaõ, a conta fiel deste rendimento.

Em tempo algum se tirará destas contribuições alguma quantia como direito de collecta, ou a titulo de administraçaõ; mas sim

o

(1) Accresceo depois a este numero o Presidente das Finanças.

o total será empregado para o soccorro dos pobres, como se fará saber nas contas que se publicarem.

As pessoas que estiverem á frente da Administração, serão escolhidas entre os empregos civis, que tiverem já os seus ordenados por outras funções, ou entre os cidadãos recommendaveis, que quizerem preencher estes encargos sem emolumento.

Como he provavel, vistas as medidas que se tem tomado, o poderem-se ajuntar soccorros bastantes para todos os pobres da Capital, naõ teraõ estes nenhum pretexto para mendigar; pelo que se roga instantemente a todos os particulares quaesquer o naõ dar esmola aos mendigos, e de os enviar ao estabelecimento da casa de trabalho militar onde acharáõ certamente todos os soccorros necessarios.

As pessoas que estiverem já classificadas em outras listas, saõ rogadas de escrever os seus nomes, qualidades, etc. nestas folhas de familia; porque as contribuições devem ser cobradas todos os mezes, segundo o resultado destas folhas: assim podem ter a certeza, que naõ pagaráõ mais de huma vez, ainda que o seu nome se ache inscripto em muitas listas.

As pessoas de hum e outro sexo, que tem domicilio fixo, sem ter familia, saõ rogadas de se quererem servir de huma das folhas de fa-

familia, e de pôr seu nome na casa intitulada *Chefe de familia*.

Póde-se inserir na casa intitulada *seus parentes, ou adrentes* os naturaes do paiz, estrangeiros, locatarios, ou inquilinos, etc.

Póde-se escrever na casa intitulada *empregados em casa* particularmente nas casas distinctas, os Secretarios, Escripturarios, Mestres, Mordomos, criados, criadas, lacaios, lacaias, etc. e todas as de mais pessoas addidas á casa.

Cada chefe de familia receberá duas destas folhas, huma que terá a bondade de guardar junto com as observações, e a outra que enviará ao Tribunal destinado para este fim.

Se acontecer alguma mudança na familia, ou que algum dos seus membros queira augmentar, ou diminuir a sua contribuiçaõ, far-se-ha mençaõ disso sobre a folha, que se tiver guardada, e se enviará á mesa da casa da Cidade, para que esta variaçaõ se inscreva na taboa geral.

Se alguem quizer contribuir para este estabelecimento occultando o seu nome, poderá mandar a contribuiçaõ fechada, e com algum sinal, ou cifra, e a data, para ser entregue á mesa da receita, onde se depositará immediatamente em huma caixa de tres chaves, a qual naõ será aberta senaõ de tres em

tres mezes; época em que se deve fazer conhecer por meio da impressaõ, os soccorros enviados por anonymos, inserindo a data, e a cifra, ou divisa com que vieraõ marcados.

A primeira collecta se fará no ultimo Domingo de Janeiro.

Cada chefe de familia, he rogado para fazer ajuntar por hum dos seus criados a contribuiçaõ de todos os membros que compoem a sua familia, entregando-a logo no ultimo Domingo de cada mez á pessoa, que se apresentar para fazer a collecta.

Toda a pessoa de qualquer estado, qualidade, ou condiçaõ que seja he rogada de querer inscrever o seu nome na lista dos assignantes, com a certeza de que a mais limitada contribuiçaõ será recebida com respeito e agradecimento.

Como nada contribue mais para desenvolver as boas qualidades do coraçaõ, do que acostumar os meninos a compadecer-se das infelicidades dos seus semelhantes, e a soccorrer os afflictos, he de esperar que os pais, que desejarem dar huma boa educaçaõ a seus filhos, os induziráõ desde os mais tenros annos a assignar com elles, ainda no caso de que fossem para isso obrigados a diminuir a sua contribuiçaõ pessoal.

N. B. Cada chefe de familia he rogado de guardar para lembrança este aviso, e a folha junta.

Contribuições voluntarias para o amparo dos pobres de Munich.

Folha de familia.

Casa N.° Bairro Rua } Contribuiçaõ de cada mez.

Chefe de familia
seu nome e estado

Fl.	Kr.

Outros membros da familia.

Mulher, filhos, parentes e adherentes de hum e outro sexo: cada pessoa terá o cuidado de escrever o seu nome de baptismo, e sobrenome.	Contribuiçaõ de cada mez.			Contribuiçaõ de cada mez.	
	Fl.	Kr.		Fl.	Kr.

N. III.

Conta da receita e despeza feita para o sustento do estabelecimento de Munich no espaço de cinco annos.

Receita.

	1790.	1791.	1792.	1793.	1794.	*Somma total de 5 annos.*
Contribuiçaõ de cada mez comprehendendo a de S. A. S. E. de 1000 fl. a de S. A. S. Mad. Eleitora Mãi de 50 fl. e a dos Estados de 50 fl.	Fl. 36.640	Fl. 38.024	Fl. 35.847	Fl. 34.424	Fl. 33.880	178.815
Recebido da caixa das despezas da Côrte, particularmente para a despeza da policia da Cidade.	15.400	15.400	16.800	16.800	16.800	81.200
Contribuições voluntarias destinadas para o pagamento dos alugeres dos pobres.	970	1.043	800	800	802	4.415
Contribuições voluntarias dos Negociantes estrangeiros durante as duas feiras de Munich . . .	179	388	388	411	390	1.756
Varias multas que se recebêraõ	..	168	392	229	234	1.023
Recebido da camara de Finanças pelo producto da taixa da abertura das portas, licenças para dançar, patentes de musicos, etc.				3.216	2.773	5.989
Mialheiros das Igrejas.	318	177	187	610	229	1.521
Ditos das estalagens.	99	153	69	168	176	665
Contribuições voluntarias remettidas ao thesoureiro do estabelecimento debaixo de varios nomes suppostos, ou diversos particulares. . . .	3.642	691	825	723	423	6.304
Varios legados . . .	2.674	1.472	3.528	1.820	12.179	21.673
Juros.	48	128	48	48	..	272
Varios avanços. . .	3.300	4.600	1.500	..	..	9.400
Outras receitas. . .	824	3.448	910	1.752	346	7.265
Somma total. . .	46.094	95.677	61.294	61.001	70.232	320 298

Despeza.

	1790.	1791.	1792.	1793.	1794.	*Somma dos 5 an.*
	Fl.	Fl.	Fl.	Fl.	Fl.	
Sommas distribuidas todas as semanas aos pobres.	42.080	46.410	43.055	41.933	43.189	216.667
A' casa de trabalho militar no arrabalde de Au, para o sustento dos pobres, seus vestidos, e soccorros aos trabalhadores e viajantes.	11.800	9.900	10.300	9.600	9.400	51.000
Alugueis de casas para os pobres.	1.011	1.040	800	861	805	4.517
Remedios de botica	450	403	350	1.150	1.150	3.853
Despezas em enterros.	217	254	272	336	290	1.369
A pobres aprendizes para os direitos do seu tyrocinio e promoçaõ ao gráo de companheiro, ou official.	256	183	219	210	226	1.094
Indemnisações para aquelles que tinhaõ o direito de receber esmolas dos habitantes por causa de incendios.	890	564	418	425	594	2.891
Gastos de viagens aos trabalhadores, companheiros, ou officiaes.	160	187	34	35	94	510
A's Religiosas de S. Isabel	960	960	960	960	960	4.800
A's Senhoras Inglezas.	84	72	72	72	72	372
Ao hospital de Gasteig.	100	360	288	540	300	1.588
Ao hospit. de Schwabing.	220	240	240	240	240	1.180
Pobres estudantes de lingua Alemaã.	480	480	480	480	480	2.400
Pobres estudantes de lingua Latina.	440	480	480	480	480	2.360
Aos empregados de policia.	...	..	..	..	..	795
Ao revisor do estabelecimento dos pobres	..	..	..	..	..	383
Aos guardas de policia.	1.672	1.824	912	..	..	4.408
Aos escrivães do Tribunal, e bairos.	369	199	189	250	361	1.368
Conta dos impressores, e encadernadores	506	333	150	227	301	1.517
Gratificaçaõ aos soldados que prendiaõ os pob.	22	6	..	..	..	28
Mestre escóla da porta *Carls-thor.*	55	60	60	50	75	300
Avanços pagos	831	300	..	..	..	1.131
Juros pagos.	..	..	40	40	40	120
Avanços para a compra dos grãos.	..	..	..	..	1.200	1.200
Outras despezas.	172	234	261	645	438	1.745
Somma total.	63.093	64.807	59.739	58.717	61.240	307.596

N. IV.

Certificado relativo ao consumo de lenha para aquecer os quartos, e fazer a comida na cozinha da casa de trabalho militar em Munich.

Nós abaixo assignados certeficamos, que tendo assistido muitas vezes ás experiencias feitas na casa de trabalho militar, para determinar a quantidade de lenha, que se consumia na cozinha, resultou depois de muitas e reiteradas experiencias, que o preço da lenha consumida em preparar os alimentos destinados a cem pessoas naõ excedia a somma de 12 kreutzers por dia.

Munich 1 de Setembro 1795.

O Baraõ de Thysboust, *Coronel.*

Heerdam, *Conselheiro da Repartiçaõ de guerra.*

N. V.

N. V.

Modêlo da descripçaõ dos pobres.

Nome

Feito em Munich aos

Idade anno do nascimento
estatura
estado de saude
lugar do nascimento
pais
mora aqui desde
e por que
profissaõ
estado
casado com licença de
escolheo domicilio aqui por
sua mulher tem de idade annos
occupa-se e ganha por dia

Seus filhos saõ

Nomes	idades e annos	vaõ á escóla	occupaõ-se em tal, ou tal officio.

Morava antecedentemente
mora actualmente no
Bairro e secçaõ
rua casa andar

Pa-

	Fl.	Kr.
Paga de aluguer		
possue huma cama do valor de		
tem moveis do valor de		
possuia quando casou		
tem vestidos e roupa de cama em tal quantidade		
e tem precisaõ de conducta depois que está estabelecido		

Póde ser considerado como pobre da Cidade

	Fl.	Kr.
Está em estado de fazer tal obra		
póde ganhar por semana		
tem precisaõ para o sustento		
recebe pensaõ do gabinete Eleitoral		
do mantimento fornecido aos pobres pela Côrte		
do esmoler eleitoral		
da sociedade bemfeitora		
da assembléa da sociedade fraternal		
recebe pensaõ da Cidade, da bolça dos ricos, ou de tal instituiçaõ caritativa		
tem necessidade de hum suplemento de esmola por semana		
Outras observações		

Assignatura do
Commissario de secçaã.

N. VI.

Modélo.

Bilhete de fiado na casa de trabalho militar de Munich.

Casa de trabalho militar.

179 aos	recebeo	
Fiadeiras	do N.	de laã
para fiar a razaõ de	libras	loth
rende em laã fiada	12 moedas	6 negalhos
peza	lib.	29 loth
recebe por meada	3 k.	
Somma Fl.	38 $\frac{3}{4}$ kreut.	

Attestado aos 16 *Desembro* 179 PURKFRATH.

Modélo de bilhete ratificado com o extracto do dito bilhete junto á meada de laã, ou fio.

Casa de trabalho militar.	Extracto do bilhete de fiado.
1795, 10 Sept. N. 230	*Casa do trabalho militar.*
Maria Schmidt recebe	1795, 10, Sept. N. 230
1. lib. de laã N. 14.	2. meadas 4. negalhos
rende huma meada 4. negalhos	de laã fiada
recebe de salario 12 kreutzers.	peza huma libra
Attest. aos 14 *de Sep.* 1795.	Fiadeira Maria Schmidt
	Attestado
J. SCHMIDT.	J. SCHMIDT.

Para que se possaõ classificar mais facilmente os bilhetes de fiado, na taboa geral, que se guarda na secretaria da sala de fiar, todos os bilhetes da mesma especie de materia, por exemplo, linho, entregues pelo mesmo Secretario, devem ser numerados regularmente.

N. VII.

N. VII.

Experiencias feitas na padaria da casa de trabalho militar de Munich, aos 4 e 5 de Novembro de 1795.

Para cozer paõ de centeio.

N. B. O forno, que he de fórma oval, tem doze pés de profundidade, medidos desde a bocca do forno até ao fundo, onze pés e dez pollegadas de largo, e hum pé e onze pollegadas de elevaçaõ no meio.

AOs 4 de Novembro, ás dez horas da manhaã se tomáraõ 1736 libras (1) de farinha de centeio do armazem, mandaraõ-se para a padaria onde se amassaraõ, e convertêraõ em paõ da maneira seguinte.

Primeira fornada.

A's 10 horas e 45 minutos, se misturou a farinha com agua, servindo-se para este effeito de 28 libras e 28 loth de agua tepida.

(1) A libra de Baviera, de que se faz uso nestas experiencias, e que se divide em 32 loth, tem com a libra do haver do pezo, a razaõ de 12,384 para 1000, ou, com pouca differença, 5 para 4.

A's 3 hòras da tarde se fez o *fermento pequeno*, e se empregou para isto 43 lib. e 6 loth de agua: ás 7 horas e meia se fez o *fermento grande* com 27 libras e 6 loth de agua: ás 11 horas se preparou esta massa para ser amassada, acrescentando-lhe mais 72 libras e 6 loth de agua.

A's 10 horas e hum quarto se começòu a amassar a farinha tendo-lhe préviamente ajuntado 2 libras de sal: a massa fermentou e levedou até huma hora e tres quartos: amassou-se segunda vez, e no espaço de meia hora se dividio em 191 partes cada huma do pezo de 2 libras e 16 loth. Deixou-se esta massa a levedar ainda meia hora; e metteo-se ao depois no forno ás duas horas e 50 minutos; tirou-se para fora huma hora depois; e 24 pães pezáraõ immediatamente ao sahir do forno, 55 libras e 5 loth e meio; e como a massa pezava antecedentemente 2 libras e 16 loth, vem a haver huma quebra de 10 loth depois de cozido.

A quantidade de agua, que se empregou para fazer o fermento e a massa, foi de 216 libras e 18 loth; e a da farinha perto de 310 libras.

Pri-

Primeiro aquecimento do forno.

Principiou ás 4 horas e 35 minutos com 220 lib. $\frac{1}{2}$ de lenha de pinho, que se tinhaõ absolutamente inflamado ás cinco horas e quarto: ás 8 horas e 8 minutos se lhe deitáraõ mais 51 lib. de lenha: ás 11 e 12 minutos se lhe deitou mais 32 lib., e 51 lib. a huma hora, e 12 lib. ás duas horas e meia: de maneira que se consumiraõ 366 lib. 16 loth de lenha no primeiro aquecimento.

Segunda fornada.

A's 11 horas e 20 minutos se misturou a quantidade de fermento necessario á farinha, e se lhe ajuntou 79 lib. e 25 loth de agua. A's 3 horas e 10 minutos se preparou a massa para amassar ajuntando-lhe mais 93 lib. 27 loth de agua. A's 5 horas e 30 minutos se começou a amassar deitando-se-lhe 2 lib. e meia de sal. A's 6 horas e quarto se amassou segunda vez, e se formáraõ 186 partes, que se metteraõ no forno ás 7 horas e quarto, e se tiráraõ ás 8 horas e 9 minutos. Vinte e cinco pães que sahiraõ do forno, pezáraõ 55 lib. 4 loth. A agua empregada na segunda fornada era de 173 lib. e 8 loth.

Se-

Segundo aquecimento do forno.

Principiou ás 4 horas e 20 minutos da manhaã com 54 libras de lenha: deitaraõ-se-lhe mais 20 lib. ás 5 horas e 10 minutos; e 60 lib. ás 6 horas e 6 minutos: de modo que o segundo aquecimento do forno exigio 134 lib. $\frac{1}{2}$ de lenha.

Terceira fornada.

A's 3 horas e 20 minutos se metteo na farinha o fermento necessario ajuntando 86 lib. 20 loth de agua.

A's 8 horas e 6 minutos se preparou a massa para amassar, deitando-se-lhe 86 lib. e 20 loth de agua.

A's 9 horas se misturou com a massa 2 $\frac{1}{2}$ lib. de sal, e ás 10 horas e meia se formáraõ 189 padas, que depois de levedadas por meia hora, foraõ mettidas no forno ás 11 horas, e 10 minutos, e nelle estiveraõ até ás 12 horas, ou meio dia.

Tendo pezado os 50 pães ao sahir do forno, o seu pezo se achou ser de 110 lib. e 3 loth; o que faz 2 lib. e 5 loth $\frac{1}{2}$ para cada paõ. A agua empregada para esta fornada, foi de 173 lib. e 8 loth.

Ter-

Terceiro aquecimento do forno.

Principiou ás 8 horas e meia com 50 lib. de lenha: ás 9 horas se lhe metteraõ mais 50 lib. Total 100 lib.

Quarta fornada.

A's 7 horas e 3 quartos se misturou com a farinha o fermento necessario: ajuntaraõ-se-lhe 86 lib. 20 loth de agua, ás 11 horas e 30 minutos. Preparou-se esta massa para amassar deitando-se-lhe 93 lib. e 27 loth de agua.

A' huma hora e 4 minutos se lhe accrescentaraõ 2 lib. e meia de sal. A massa foi amassada ás 2 horas e quarto, e della fizeraõ 188 padas, que se metteraõ no forno ás 2 horas e 55 minutos, e se tiraraõ para fóra antes das 4 horas. O resultado do pezo foi de 2 lib. e 5 loth e meio para cada paõ.

Quarto aquecimento do forno.

Principiou ao meio dia e quarto com 40 lib. de lenha; á hora e meia se lhe deitaraõ mais 50 lib. Total 90 lib.

Quin-

Quinta fornada.

Ao meio dia menos hum quarto se misturou o fermento com a farinha, e se lhe ajuntou 93 lib. 27 loth de agua. A's 4 horas e quarto se preparou esta massa para amassar, deitando-lhe 86 lib. 20 loth de agua: principiou-se a amassar ás 5 horas, e ás 5 horas e meia se dividio a massa em 186 padas, tendo-lhe préviamente ajuntado 2 lib. $\frac{1}{2}$ de sal. Estas 168 padas foraõ postas no forno ás 5 horas, 50 minutos, e tiradas antes das 8 horas. 25 pães pezaraõ entaõ 55 lib. e 18 loth. A quantidade de agua empregada para fazer a massa foi de 180 lib. e 15 loth.

Quinto aquecimento do forno.

A's 4 horas e quarto se principiou a aquecer o forno com 40 lib. de lenha; ás 6 horas se lhe acrescentáraõ mais 40. Total da lenha consumida 80 lib.

Sexta fornada.

Misturou-se a farinha com o fermento ás 3 horas e meia, ajuntando-se-lhe 57 lib. e 24 loth de agua: ás 7 horas e quarto se preparou a massa para amassar deitande-se-lhe 79 lib.

e

e 13 loth de agua, e a porçaõ requerida de sal. A's 9 horas e 19 minutos se amassou pela primeira vez a massa, e ás 9 horas e 3 quartos se amassou a segunda vez. Perto de meia hora ao depois se formáraõ 160 padas, que se metteraõ no forno ás 10 horas e 50 minutos, e se tiraraõ ás 11 horas e 52 minutos.

A agua que se empregou, pezava 137 lib. 5 loth.

Sexto aquecimento do forno.

A's 8 horas e quarto se aquentou o forno, pela sexta e ultima vez, com 40 lib. de lenha. A's 9 horas e 3 quartos se lhe deitaraõ mais 34 lib. e meia; de modo que neste ultimo aquecimento se consumiraõ unicamente 74 lib. e meia de lenha.

Resultado geral da experiencia.

Os ingredientes empregados para fazer o paõ no curso de seis experiencias foraõ na proporçaõ seguinte

Farinha de centeio .	1.736 lib.	» loth
Agua	1.061	5
Sal	15	»
Pezo total . . .	2.812 lib.	5 loth

Esta massa foi dividida em 1102 padas, cada hu-

huma das quaes, antes de cozida, pezava 2 lib. e meia. Por consequencia as 1.102 padas pezaraõ juntamente 2.755 lib.; porém os ingredientes empregados para as formar pezavaõ 2812 lib. 5 loth; donde se vê, que a diminuiçaõ do pezo, no curso das seis experiencias, preparado o fermento pela evaporaçaõ, antes que a massa fosse ao forno, pela perca no tempo de amassar, etc. foi de 57 lib. e 5 loth.

No curso das experiencias seguintes se empregou menos agua, e a diminuiçaõ no pezo foi quasi metade menor.

No decurso destas experiencias se empregaraõ 1061 lib. 5 loth e hum quarto de agua para 100 lib. de farinha; porém as experiencias seguintes tem mostrado que 56 libras de agua eraõ bastantes para 100 lib. de farinha.

As 1102 padas, depois de cozidas, pezaraõ huma por outra, 2 lib. e 5 loth e meio cada huma; por consequencia, tomadas juntamente, pezaraõ 2393 lib. 13 loth; e como ellas pezavaõ 2755 lib. antes de ir ao forno, o fogo lhe fez perder 361 lib. 19 loth, o que faz quasi hum oitavo de diminuiçaõ do pezo primitivo da massa em cada pada.

Segundo os regulamentos estabelecidos na padaria da casa de trabalho de Munich, o mestre padeiro he obrigado a dar 139 lib. de paõ

bem

bem cozido, por 10 lib. de farinha que recebe do fiel dos armazens: a saber, 64 padas do pezo de 2 lib. e 5 loth e meio cada huma; e como se consumiraõ 1736 lib. de farinha no curso das seis experiencias, he evidente que se deveriaõ ter dado 1111 padas em lugar de 1102; porque 100 lib. de farinha estaõ para 64 pães, assim como 1736 lib. para 1111 pães; donde resulta que no decurso das experiencias se produziraõ 9 padas de menos do que se poderiaõ dar.

He de suppor que o padeiro esperava diminuir, por este meio, o numero dos pães que devia dar por cada 100 lib. de farinha, mas esta pretençaõ naõ foi acolhida.

Quantidade de lenha consumida no curso das experiencias.

	lenha de pinho secca.	
Para aquecer o forno a 1.ª vez	366 lib.	16 loth.
2.ª vez	134	16
3.ª vez	100	»
4.ª vez	90	»
5.ª vez	80	»
6.ª vez	74	16
	845	16
Lenha empregada para entreter o fogo brando, na boca do forno em quanto se enforna o paõ	34	16
Lenha consumida nas 6 experiencias	880 liv.	»

O resultado destas experiencias mostra de huma maneira muito sensivel, a importancia que ha em naõ deixar jámais esfriar o forno, se se quer poupar o combustivel; visto que para aquecer o forno na primeira experiencia, se consumiraõ 366 lib. e meia de lenha, e na sexta, quando o forno tinha sido bem aquecido no decurso das experiencias precedentes, naõ se consumio mais de 74 lib. e meia.

Co-

Como se fez cozer, no curso destas experiencias, 2393 lib. 13 loth de paõ com o calor produzido pela combustaõ de 880 lib. de lenha, segue-se que se dispendeo para cada lib. de paõ 11 loth $\frac{1}{3}$, ou $\frac{17}{48}$ de lib. de lenha.

No decurso da quinta experiencia, ou fornada, em que se cozeraõ 186 padas do pezo de 2 lib 5 loth e meio cada huma, e com o total de 404 lib. menos hum loth de paõ, se consumiraõ 80 lib. de lenha, o que dá pouco menos de hum quinto de lib. para cada paõ.

Como cada pada pezava 2 lib. 16 loth ao entrar no forno, e 2 lib. 5 loth ao sahir, a diminuiçaõ do pezo occasionada pela cocçaõ, he de 10 loth. e meio, como já se observou. Esta quebra naõ podia proceder senaõ da evaporaçaõ da agua superabundante misturada na massa; e como he sabido quanto calor se necessita, e por consequencia quanto combustivel, para reduzir a vapores certa quantidade de agua, de qualquer temperatura que seja, poder-se-hia, com estes dados, determinar quanto he necessario de combustivel para fazer cozer huma certa quantidade de paõ, suppondo que se naõ perde nenhuma parte do calor, seja em aquecer o forno, seja de outro modo; mas sim que todo o calor se emprega sómente em cozer o paõ.

Ainda que estes calculos naõ sirvaõ para

fa-

fazer conhecer como se póde poupar o calor, que se perde; com tudo como elles determinaõ precisamente a quantidade desta perca em todos os casos, nos poem em estado de fixar com alguma precisaõ naõ sómente o valor dos differentes processos, que tendem a economisar o combustivel consumido para cozer o paõ; porém mostraõ igualmente a distancia precisa do ponto de perfeiçaõ a que he possivel chegar, e além do qual he impossivel esperar mudanças vantajosas: debaixo deste ponto de vista, ficaõ sendo interessantissimos estes calculos.

Calculando o calor necessario para cozer huma quantidade determinada de paõ, se simplificaraõ muito as indagaçõeş que ha para fazer, attendendo-se que a pada de paõ foi primeiramente aquecida até á temperatura da agua fervendo; e que adquirio ao depois o gr. de cocçaõ necessaria, em consequencia da evaporaçaõ de agua superabundante.

Porém como a massa he composta de duas substancias differentes; a saber agua e farinha de centeio; e a experiencia tem provado, que ellas contém differentes quantidades de calor absoluto, ou, por outros termos, que he necessario differentes quantidades de calor para elevar a mesma temperatura, ou ao mesmo gráo do thermometro, quantidades iguaes destas

tas substancias; he preciso determinar quanto se emprega de cada hum destes ingredientes para formar certa quantidade de massa.

No decurso das experiencias antecedentes se formaraõ 1102 padas com 1736 lib. de farinha de centeio; logo parece conter cada paõ ou pada huma lib. e $\frac{47}{100}$ de farinha; e como cada huma das padas pezeva 2 lib. e meia ao tempo de entrar no forno, deviaõ, cada huma dellas, ser compostas, estando ainda em massa, de huma lib. $\frac{47}{100}$ de farinha, e 1 lib. $\frac{1}{100}$ de agua.

Supponhamos que as padas estavaõ na temperatura de 55 gráos no termometro de Fahrenheit, quando se metteraõ no forno, o calor necessario para as elevar á temperatura de 212 gráos, que he a da agua fervendo, póde ser calculado da maneira seguinte.

Por huma experiencia, que ao depois mencionarei, tenho achado que 20 lib. de agua de neve podiaõ chegar a ferver por effeito do calor produzido com huma lib. de lenha de pinho secco, da qualidade daquelle, que servio para cozer o paõ nas experiencias precedentes. Logo se 20 lib. de agua podem ser aquecidas até 180 gráos (isto he de 32° até 212°) pelo calor produzido com huma libra de lenha queimada; huma libra e $\frac{1}{100}$ de agua póde ser aquecida de 157° (que vem a ser desde a tempe-

ratura de 55° até a de 212°) com $\frac{4476}{100000}$ de lib. de lenha.

Suppondo que a farinha de centeio contém a mesma quantidade de calor absoluto, que a agua, como a quantidade de farinha de cada pada he de huma lib. $\frac{47}{100}$, parece que esta quantidade, pela supposiçaõ precedente, deve exigir, para se elevar da temperatura de 55 gráos á de 212°, huma quantidade de calor igual á que poderia ser produzida pela combustaõ de $\frac{6405}{100000}$ de lib. de lenha.

Mas parece, segundo o resultado das experiencias publicadas pelo Doutor Crawford, que a quantidade de calor requerido para aquecer até certo numero de gráos huma quantidade igual, e determinada de agua, e farinha de trigo (e he de suppor que o centeio naõ tenha muita differença do trigo) está na proporçaõ de $2\frac{9}{10}$ para 1: a agua exigindo mais calor para se aquecer do que o trigo; consequentemente a quantidade de lenha requerida para aquecer, desde 55° até 212°, as $\frac{47}{100}$ partes de huma lib. de farinha de centeio, que entraõ na composiçaõ de cada paõ, em lugar de ser de $\frac{6405}{100000}$, como acima se determina, segundo a falsa supposiçaõ de que o calor especifico da agua e do centeio eraõ o mesmo, naõ sobirá realmente senaõ a $\frac{2898}{10000}$; porque $2\frac{9}{10}$ (calor especifico da agua) está para 1

(ca-

(calor especifico do centeio), assim como $\frac{6405}{100000}$, para $\frac{2899}{100000}$.

Donde se segue que a quantidade de lenha necessaria para elevar, da temperatura de 55° até a de 212°, huma pada ainda em massa, do pezo de 2 lib. $\frac{1}{2}$, deve ser determinada do modo seguinte

	A saber, lenha de pinho.
Para aquecer 1 lib. $\frac{1}{100}$ de agua que entraõ na composiçaõ da massa.	$\frac{4436}{100000}$
Para aquecer 1 lib. $\frac{47}{100}$ de farinha de centeio	$\frac{1899}{100000}$
Total . . .	$\frac{7335}{100000}$

Para completar o calculo da quantidade combustivel necessaria para cozer o paõ resta-nos ainda determinar quanto calor he necessario para extrahir do paõ, e reduzir a vapores (depois de ter elevado a temperatura a 212°) os 10 $\frac{1}{2}$, iguaes a $\frac{21}{64}$ de lib. de agua, que he a reducçaõ do pezo que a cocçaõ produz em cada pada.

Segundo o resultado das engenhosas experiencias de M. Watt, sobre a quantidade de calor latente, que existe nos vapores, parece que a intensidade do calor necessaria para mudar em vapores huma quantidade determinada de agua já fervendo, he quasi cinco ve-

zes maior que a quantidade necessaria para aquecer a mesma quantidade de agua do grão correspondente da neve até o estado de agua fervendo.

Porém acabamos de observar que 20 lib. de agua em neve podiaõ ser elevadas de ebuliçaõ por effeito do calor produzido por huma lib. de lenha de pinho; logo parece que 20 lib. de agua fervendo exigiraõ cinco vezes mais calor, ou 5 lib. $\frac{1}{2}$ de lenha para serem reduzidas a vapores.

Se 20 lib. de agua fervendo exigem 5 lib. $\frac{1}{2}$ de lenha as $\frac{21}{64}$ partes de huma lib. de agua fervendo exigem $\frac{9023}{100000}$ de lenha para serem reduzidas a vapor.

Lenha de pinho.

Acrescendo-se á esta qualidade de combustivel a que he necessaria para aquecer o paõ até a temperatura da agua fervendo, como se vê acima. $\left\{\begin{matrix}\frac{9023}{100000} \\ \frac{7335}{100000}\end{matrix}\right.$

A quantidade de combustivel necessaria para cozer hum paõ do pezo acima determinado será $\frac{16358}{100000}$

E como estes pães depois de cozidos pezaõ 2 lib. e 5 loth e meio cada hum ou 2 lib. $\frac{11}{24}$, e exigem, para seb cozidos, o consumo de $\frac{16358}{100000}$ de huma lib. de lenha a proporçaõ seguinte de combustivel para cozer o paõ, será

rá $\frac{7512}{100000}$ de lib. de lenha de pinho, o que dá 13 lib. e $\frac{1}{4}$ de libras de paõ, para cada lib. de lenha.

Porém já vimos pelo resultado das experiencias acima mencionadas, que sendo o paõ cozido no momento mais favoravel para economisar o combustivel, he necessario 80 lib. de lenha de pinho para cozer 404 lib. de paõ; o que faz com pouca differença, 5 lib. de paõ para cada libra de lenha; consequentemente os dous terços de calor produzido pela combustaõ da lenha se deviaõ neste caso perder, e no curso das outras experiencias, a perca era ainda maior.

Perder-se-ha sempre huma quantidade consideravel de calor em cozer o paõ; mas he provavel, que este gasto inutil possa ser reduzido a metade da quantidade produzida pelo combustivel inflamado, construidos os fornos de maneira conveniente, e tendo cuidado no arranjamento do fogo. Segundo o processo ordinario na cocçaõ do paõ, he certo, que se perdem mais de tres quartos do calor produzido pelo combustivel, ou do que delle poderia emanar, se houvessem de tomar-se medidas convenientes.

N. VIII.

O Governador da casa de industria de Dublin fez dar ao Author em 30. de Abril de 1796. o mapa junto, das pessoas que habitaõ esta casa, e as informaçoes relativas ao modo de as nutrir.

Recapitulaçaõ dos pobres na semana que acaba aos 30 de Abril de 1796.

	Homens.	Mulheres.	Total.
Empregados	74 .	352 .	426
Enfermos incuraveis .	172 .	585 .	758
Idiotas	16 .	13 .	29
Cegos	5 .	10 .	15
	267 .	960 .	1277

Na enferamria.

Enfermos, criados . .	88 .	200 }	343
Lunaticos	15 .	40 }	
		Total. .	1570

Empregados em trabalho activo 322 pessoas
Em funçoes servis 104

Total . . . 426

En-

Entre as 1570 pessoas acima mencionadas ha 282 crianças e 447 pessoas recolhidas.

Entre as crianças ha 205 que aprendem a ler, escrever, e contar.

Sabbado 30 *de Abril* 1796.

1227 ao almoço.

	Pess.	Pães	Lib.	val.
120 criados na casa nova a 8 onças 60	186.	1541.	$1\frac{1}{2}$.	1. 14.
336 incuraveis, crianças, etc. 126				

771 obreiros tiveraõ da sopa chamada *stirabout.*

Pezo da farinha para o *stirabout.*

3. lib. 1. sh. 8. pen.

120 criados tiveraõ huma quantidade de manteiga de 30 gallons, que fazem 167 gallons de manteiga do valor de 1. lib.

1084 obreiros, incuraveis, etc. huma medida de 135 gallons e 4 canadas.

23 crianças de mama que naõ recebem manteiga.

Passa pela quebra. 1 gallon, e 4 canadas., e o total vem a ser 5. lib. 15. sh. e 8 pence.

Carvaõ para fazer o *stirabout* 3 alqueires que custaõ	2 sh. 3 d.		
Sal para o mes. fim 1 qr. 3 lib	$9\frac{1}{2}$	3	$0\frac{1}{2}$

O almoço custa 5 lib. 18 sh. $8\frac{1}{2}$ p.

Agua empregada no almoço 5 barris e 6 gallons.

		lib.	paõ	valor. lib. sh. p.
1227 pessoas ao jantar. 120 criados a 6 onças de paõ 68 l. 1107 obreiros, incuraveis, etc. a 8 onças 553 $\frac{1}{4}$		661 $\frac{1}{2}$.	15138. o $\frac{1}{2}$	5. 10. 4.
Fârinha para sopa . . .		o	13.	5.
Pimenta $\frac{1}{2}$ libra . . .		o	1.	1.
Gingibre 1 libra . . .		o	1.	3.
Sal 21 lib.		o	o.	7.
Carvaõ 2 alqueir. e 2 peck.		o	2.	7. $\frac{1}{2}$
Total.			6 lib. 9. sh. 3. $\frac{1}{2}$ p.	

Ceia.

	lib.	paõ	valor sh. p.
Para 165 mulheres doentes 6 onç. de paõ 62 l. Para 251 crianças 3 onç. de paõ 47	109.	25. 24. 1=19.	0.

N. B. A despeza dos alimentos fornecidos para o hospital onde ha perto de 343 pessoas, naõ he comprehendida na conta acima.

Domingo o 1. *de Maio de* 1796.

1220 pessoas a almoçar.
120 criados a 8 onças de paõ.
330 incuraveis, crianças, etc. 6 onças.
770 obreiros tem do stirabout.

1220 pessoas

A mesma quantidade de mantimentos dada no sabbado, e custou o mesmo preço 5 lib. 18 sh. 8 $\frac{1}{2}$ pen. esterlinos.

		Paõ lib.	carne e sopa pães	valor lib. sh. p.
1220 pessas a jantar				
120 criados a 9 onças de paõ	68	618.	15. 137.	$1\frac{1}{2}$ 5. 9. 6.
1100 obreiros, incuraveis, etc. a 8 onças de paõ	558			
1220 pessoas				

	q.	lib.			
Carne fresca . . .	4.	2.	10.		
Ossos	1.				
	5.	2.	10.		
Farinha para a sopa	1.	2.	—	7	19 3
Paõ gasto				1	3 $1\frac{1}{2}$
para o jantar . .	1.	0.	0.	0	0 0
Sal	0.	0.	24.	0	0 8
Pimenta . . .	0.	0.	0 $\frac{1}{2}$	0	1 1
Carvaõ 4 alqueires e 2 pecks.				0	3 $4\frac{1}{2}$
				14 lib.	17 sh. 0 p.

Ceia.

O mesmo numero de mulheres, e de meninos que hontem. Esta ceia custou o mesmo 19 sh. 11 p.

Quar-

Quarta feira 4 de Maio de 1796.

1216 pessoas ao almoço.
120 criados a 8 onças de paõ.
334 incuraveis, erianças, etc.
762 obreiros tiveraõ o stirabout.

1216 pessoas.

A mesma quantidade de mantimentos que foi dada sabbado passado, e custou o mesmo preço 5 lib. 18 sh. 1 p. $\frac{1}{2}$ st.

1216 ao jantar. *Calecañon* e cerveja.

				valor		
		q.	l.	lib.	s.	p.
Pezo das tubaras da terra para fazer o *calecañon*.	19.	0.	0.	3.	6.	6.
Passado pela quebra.						
Lenha consumida.	1.					
	20.					
Ervas finas	8.	0.	0.	1.	6.	0.
Manteiga	1.	0.	0.	3.	12.	0.
Pimenta	0.	0.	$\frac{1}{2}$.	0.	1.	1.
Gingibre , ...	0.	1.	0.	0.	1.	3.
Cebolas	0.	14.	0.	0.	2.	0.
Sal	0.	24.	0.	0.	0.	8.
Carvaõ 4 alqueires e 4 pecks				0.	3.	4.

Tempo da cocçaõ . 4 horas.

pes-

		gal.	bar.	gal.
1193	pessoas, huma canada de cerveja, a cada huma faz 149 gallons.			
23	doentes do peito sem cerveja	151.	15.	3. 31.
1216			2.	5. 3.

Passa por quebra 1. 7.

Paõ para os incuraveis enfermos do peito 43 padas . . . . . 1. 15. 4.

Total. 12. 13. 5.

Cea.

O mesmo numero de mulheres e de crianças que sabbado. O mantimento custou o mesmo preço 19 sh. 11 d.

N. B. Os calculos acima, saõ todos feitos pela libra, ou arratel do *haver do pezo*; e a moeda saõ libras esterlinas da Irlanda.

N. IX.

Relaçaõ de huma experiencia feita (perante os olhos do Author) na cozinha da casa de industria de Dublin, sobre a preparaçaõ dos alimentos dos pobres.

A 6 de Maio de 1796 se preparou hum jantar para 927 pessoas; o qual constava de *caleçañon*, especie de alimento muito estimado na Irlanda, composto de tubaras da terra cozidas e esmagadas, misturadas com huma quinta parte do seu pezo de hervas finas, picadas muito meudo, e temperadas com cebola, manteiga, sal, pimenta, e gingibre. Estes ingredientes, destinados para serem cozidos, foraõ lançados em huma grande marmita de ferro de figura circular, ou semiespherica, que podia conter 400 gallons, e singularmente grossa e pezada; deitou-se nesta marmita 273 gallons de agua de poço. A taboa seguinte mostrará exactamente o progresso e resultados da experiencia.

Tempo. hor.	min.	Carvaõ gasto. pecks	pezo.	calor do liquido.	Contheudo na marmita.	Em medida. Gallons	Em pezo. Libras.
7	48	4	106 l.	55°			
8	15	1	26 ½				
8	40	1	26 ½				
9	0	1	26 ½		Agua para cozer as hervas,		
0	15	2	53	80°	e as tubaras		
0	30	1	26 ½	90°	da terra.	273	
0	45	2	53	110°			
10	0	1	26 ½	150°			
0	20	0	0	212°			
					Addiraõ-se-lhe hervas.		295½
	2	0	0	180°			
	30	1	26 ½	190°			
	45	0	0	212°			
11	0	0	0	0			
					Tiraõ-se as ervas e deitaõ-se-lhe as tubaras da terra.		1615
11	10	2	53	180°			
0	20	1	26 ½	200°			
0	30	0	0	212°			
0	45	0	0	0			
					Estaõ cozidas as tubaras da terra.		

Resultado geral da experiencia.

O combustivel que se consumio, era carvaõ de Whitehaven, na quantidade de 17 pecks, e com o pezo de 450 lib. e meia.

As tubaras da terra foraõ esmagadas com a pele, e as hervas picadas meudissimamente: misturou-se tudo isto ajuntando-lhe 98 lib. de manteiga, 14 lib. de cebolas picadas, 40 lib. de sal, huma lib. de pimenta negra em pó, meia de gingibre, misturando-se tudo muito bem. Este alimento foi dividido em porçõe de quartos, ou quasi 2 lib. cada huma, em escudellas de páo, que levavaõ exactamente hum *quarto*.

Cada huma destas porçõe de *calecañon*, servia para o jantar e ceia de huma pessoa; e cada porçaõ custava 2 pence e $\frac{1}{4}$ moeda de Irlanda. A despeza total de todos os ingredientes, comprehendendo o combustivel, era de 7 lib. 19 sh. 12 p. e meio moeda de Irlanda.

Com esta especie de alimento se naõ come paõ.

He difficil achar huma iguaria mais nutriente, e mais apetitosa, do que o calecañon, tal qual se prepara na Irlanda; mas póde diminuir-se consideravelmente a despeza, empregando menos manteiga.

Poder-se-hia servir vantajosamente dos a-

ren-

renques salgados, que ordinariamente naõ custaõ mais de 2 p. a lib. para lhe dar o sabor picante, particularmente quando se lhe deita pouca manteiga.

No curso desta experiencia 273 gallons de agua, com o pezo de 2224 lib. *haver do pezo*, e na temperatura de 55o° foraõ elevados a ebuliçaõ em 2 horas e 39 minutos, e consumiraõ 346 lib. e meia de carvaõ; o que faz pouco mais ou menos 6 lib. e meia de agua para cada lib. de carvaõ que se consumio. A agua se aqueceo 157 gráos, ou de 55° até 212°.

Segundo as minhas experiencias 20 lib. de agua podem ser aquecidas 180°; a saber desde 32, ponto da congelaçaõ, até 212, temperatura da agua fervendo, com o calor produzido pela combustaõ de huma lib. de lenha de pinho: consequentemente a mesma quantidade de lenha (huma libra) aquecerá 23 libras de agua 157 gr.; isto he, de 55° até 212°.

Porém M. Lavoisier nos ensina, pelas suas experiencias, que a quantidade de calor produzido pela combustaõ de huma dada quantidade de lenha secca, está na razaõ de 1089 para 600; por consequencia huma lib. de carvaõ de terra deverá fazer ferver 40 lib. e $\frac{3}{4}$ de agua, que he a temperatura de 55 gráos.

Ora na experiencia precedente se consumio huma lib. de carvaõ para fazer ferver 6

lib.

lib. e meia de agua; logo os $\frac{5}{7}$ do calor, produzidos pela combustaõ do carvaõ, ou que se poderiaõ aproveitar com certo arranjamento, ficaráõ perdidos em razaõ da má construcçaõ do lar da cozinha, e das proporçõeſ viciosas da marmita.

Se a construcçaõ da marmita, e do fogaõ fossem taõ perfeitas, como nas minhas experiencias, se teria gasto menos carvaõ na proporçaõ de $6\frac{1}{2}$ para $40\frac{3}{4}$; ou, por outras palavras, em lugar de 450 lib. de carvaõ, se teriaõ empregado na cocçaõ dos alimentos sómente 71 lib. e $\frac{3}{4}$: e em vez de ser o custo 3 sh. e 2 p. e meio; este combustivel naõ custaria mais que $6\frac{1}{4}$ pence, moeda de Irlanda; o que faz com que o preço, ou custo do combustivel seja $\frac{1}{7}$ por cento do custo dos alimentos.

Este calculo póde mostrar que naõ foi aventurado sem fundamentos, a opiniaõ, que estabeleci no meu Tratado sobre os alimentos, de que a despeza para a cocçaõ dos alimentos naõ devia jamais exceder, ainda neste paiz, 2 por cento do seu valor; porém he supponſo que os lares da cozinha saõ construidos debeixo de boas proporçõeſ.

Se os ingredientes desta experiencia a saber

2234 lib. de agua.
1615 de tubaras da terra.
98 de manteiga.
14 de cebolas.
40 de sal.
1 de pimenta.
» ½ de gingibre.

no total . 4002 ½ fossem empregados para fazer sopa em lugar de calecañon; esta sopa a huma lib. e huma quarta porçaõ (iguaes em volume a huma canada e ¼ medida de Inglaterra) teria servido para sustentar 3210 pessoas.

Porém se eu posso provar que na Irlanda, onde todo o carvaõ que se gasta, he importado da Inglaterra, se póde preparar huma comida conveniente para 3210 pessoas, sem mais despeza do que 5 pence ¾ para o combustivel, penso que senaõ achará incrivel, o que avancei no meu primeiro Ensaio, de ser a despeza do combustivel, empregado na casa de trabalho militar de Munich, para preparar os alimentos destinados a 1000 pessoas, naõ mais de 4 pence e meio por dia. E attendendo ao enorme desperdicio de combustivel, e de calor, occasionado pela má construcçaõ dos fogões, e negligencia dos agentes; esta proposiçaõ parecerá muito natural.

Eu

Eu me supporia feliz se as idéas que o curso das minhas occupações favoritas me obrigaraõ a avançar, pudessem induzir os Sabios a fixar a sua attençaõ à todas as partes de huma sciencia, demasiado esquecida até ao presente, com a certeza de que as menores descubertas, que poderiaõ fazer, haviaõ tender evidentemente ao augmento dos prazeres, e e gozos da Sociedade.

Fim do I. Tom.

IN-

INDICE
DOS
CAPITULOS QUE CONTÉM ESTE I. VOL.

INTRODUCÇAÕ.

SItuaçaõ do Author ao tempo em que entrou no serviço de Sua Alteza Serenissima Eleitoral Bavaro-Palatina.

Razões que obrigaraõ a formar hum estabelecimento, para o amparo dos pobres. Pag. 3

ENSAIOS POLITICOS, ECONOMICOS, E PHILOSOPH.

CAP. I.

Força, e actividade dos mendigos em Baviera, quando se projectou destruillos. 17

CAP. II.

Disposições preparatorias para a abolição da mendicidade em Baviera. Aquartelamento da Cavallaria nas pequenas aldéas, e lugares. Formaçaõ de huma cõmissaõ encarregada de diregir o estabelecimento, para o amparo dos pobres em Munich. Fundos deste estabelecimento. 26

CAP. III.

Preparativos necessarios para occupar os pobres. Difficuldades que acompanhaõ esta empreza. Os meios que se adoptáraõ foraõ completamente bem succedidos. Os pobres tornaraõ a adquirir o habito de industria util. Descripçaõ da casa de industria em Munich. Pag. 39

CAP. IV.

Modo porque se prenderaõ os mendigos em Munich. Convidaõ-se os habitantes a que lhes prestem auxilios. Subscripçaõ geral para o soccorro, e mantença dos pobres. Abolição de todas as outras contribuições, e impostos destinados a favorecer os pobres. 51

CAP. V.

Diffetentes occupações, que se deraõ aos mendigos, logo que se ajuntaraõ na casa de industria. Inaptidaõ que tinhaõ ao principio. Adquirem docilidade, e fazem progressos em varios ramos da industria util. Modo porque saõ tratados. Modo porque saõ nutridos. Precauções para acautelar os abusos da cozinha publica, destinada a preparar-lhe os alimentos. 62

CAP. VI.

Apologia pela falta de methodo, que ha, tratando desta materia. Differentes modos

dos de animar a industria dos pobres. Do arranjamento, e da administraçaõ interior da casa de industria. Porque razaõ se chama casa de trabalho militar. *Meios, que se empregaõ para previnir a fraude nas differentes manufacturas. Estado florecente destas manufacturas.* Pag. 79

CAP. VII.

Situaçaõ dos pobres recolhidos na casa de industria. Alteraçaõ interessante dos seus costumes, e disposições. Diversas provas, que confirmaõ o bom successo, dos meios empregados para os fazer industriosos, e procurar-lhes huma vida commoda, e feliz. 103

CAP. VIII.

Meios empregados para soccorrer os pobres naõ mendigos. Consideraveis sommas distribuidas aos pobres a titulo de esmola. Medidas que se tomaraõ para introduzir o habito de industria naquelles que recebiaõ esmolas. Utilidade da casa de industria para os pobres, e necessitados de todas as classes. Cozinhas publicas para alimentar os pobres addidos ao estabelecimento, ou que nelle tem emprego, e da grande vantagem, que haveria em formar estabelecimentos seme-

lhantes em todas as Paroquias. Alojamento dos pobres de Munich. Pag. 112

Cap. IX.

Meios empregados para estender a influencia da instituiçaõ dos pobres de Munich, a outras partes de Baviera. A imitaçaõ dos estabelecimentos, que se formaraõ em Munich produzio vantajosas mudanças em outros paizes. 124

ENSAIO II.

Dos principios fundamentaes porque se podem formar, em todos os paizes, estabelecimentos para o soccorro dos pobres.

Cap. I.

Idéa geral da materia. Estado deploravel dos que se achaõ reduzidos à pobreza. Naõ he possivel formar hum codigo de leis, que attenda efficazmente a todas as suas necessidades. As contribuições voluntarias das pessoas humanas, e bemfeitoras, saõ as unicas, que podem segurar-lhes soccorros sufficientes. Como se devem fazer certos estes soccorros. Resposta ás objecções, que se podiaõ fazer relativamente á despeza, que traz comsigo esta protecçaõ dos pobres. Modo de introduzir hum plano geral para soccorro dos pobres. 133

Cap.

CAP. II.

Da extensaõ de hum estabelecimanto para os pobres. Divisaõ da Cidade em districtos, ou bairros. Maneira de administrar os negocios de hum estabelecimento publico para os pobres. Necessidade de numerar todas as casas de huma Cidade, onde se pertende formar hum estabelecimento para pobres. Pag. 145

CAP. III.

A direcçaõ geral dos negocios de hum estabelecimento naõ traz comsigo demasiado teabalho. Do melhor modo de tratar os negocios correntes, e da utilidade das fórmulas impressas. Qualidades que devem ter as pessoas, que estaõ encarregadas de hum estabelecimento para o soccorro dos pobres. Grande importancia desta materia. Imprudencia, e crueldade, que haveria em entregar a sorte dos pobres entre as mãos de pessoas, que elles naõ podem amar nem respeitar. Pessoas indicadas, como capazes de dar projectos para o soccorro dos pobres, e de contribuir de hum modo activo a sua execuçaõ. 153

CAP. IV.

Da necessidade de medidas efficazes para introduzir o espirito de industria entre

os

os pobres, formando hum estabelecimento para o seu amparo, e soccorro. Meios que se podem empregar para este fim, e para a formaçaõ de hum estabelecimento, em que se possaõ alimentar os pobres. Pag. 168

PLANO *para formar, por meio de assignantes particulares, hum Estabelecimento para dar de comer aos pobres; para os empregar utilmente; e para fornecer os artigos necessarios por preços commodos, e baratos, aos que necessitarem deste soccorro. Reuniaõ de outro Estabelecimento para fazer conhecer, e diffundir o uso de novas invenções, e novas descubertas particularmente daquellas, que disserem respeito á propagaçaõ do calor, e economia dos combustiveis; e de outras invenções mecanicas, que podem augmentar o conforto, e economia domestica.* 179

CAP. V.

Dos meios que podem empregar os particulares abastados, para soccorrer os pobres da sua visinhança. 197

EN-

ENSAIO III.

Sobre os alimentos, e particularmente sobre o sustento dos pobres.

INTRODUCÇAÕ. Pag. 225

CAP. I.

Grande importancia do objecto, que se vai a tratar. He provavel, que a agua contenha mais partes nutrientes, do que até aqui se tem pensado. Quando os alimentos solidos saõ bem preparados, pouquissimos bastaõ para conseguir o fim da nutriçaõ. Grande importancia da arte de cozinha. A cevada he muito nutriente, quando he bem preparada. A importancia de se servir dos processos chymicos na preparaçaõ dos alimentos, he demonstrada pelo uso, que ha em differentes partes da Alemanha, de fazer cozinhar algumas substancias vegetaes, que daõ ao gado para mantimento. Difficuldade de mudar o methodo ordinario de fazer a cozinha. Meios que se podem empregar para esse fim. 227

CAP. II.

Do prazer da comida, e dos meios que se podem empregar para o augmentar. 243

CAP. III.

Das differentes especies de manjares que se daõ aos pobres na casa de industria

em

em Munich, com a relaçaõ do seu custo. Calculo do que poderiaõ custar os mesmos alimentos na Gram Bretanha, segundo o preço exorbitante porque actualmente se achaõ os generos, e o seu preço ordinario. Differentes modos de melhorar os alimentos que custaõ baratos. Pag. 247

Cap. IV.

Os soldados Bavaros se sustentaõ com muito pouca despeza. Exposiçaõ da sua economia domestica fundada na experiencia. Consumçaõ do combustivel que precisaõ para a sua cozinha. 262

Cap. V.

Do muito que importa fazer viver os soldados em commum. O influxo destes arranjamentos economicos se extende até ao caracter moral das pessoas que saõ o objecto dellas. Despezas que fazem os soldados vivendo em commum. Os pobres de Munich saõ sustentados com huma despeza excessivamente modica. Proporçõeſ especificas para sustentar os pobres da Gram-Bretanha com o calculo da despeza conforme ao preço actual dos effeitos. 282

Cap. VI.

Do milho, ou maiz. Este graõ fornece o ali-

alimento mais barato, e mais nutriente, que existe. Prova de que he mais nutrimental, que o arroz. Calculo da despeza para alimentar huma pessoa com o milho, fundado nas experiencias. Receita para fazer puddim de milho. Pag. 289
Receita para fazer hum plain indian pudding. 305
Despeza feita na preparaçaõ do puddim indiano, acima descripto, conforme os preços dos generos em Londres. 307

CAP. VII.

Receita para preparar diversas qualidades de alimentos baratos, do macarraõ, das batatas. Receita approvada para cozer as batatas, puddim de batatas, almondegas de batatas, batatas cozidas com molho, selada de batatas. Da cevada: este graõ he mais nutriente que o trigo; a farinha de cevada póde ser substituida pela cevada pilada, ou farro, para fazer as sopas. Indicações geraes para fazer as sopas economicas. Receita para fazer huma sopa o mais barato possivel. Do samp; modo de o preparar; póde fazer as vezes de paõ. Da sopa de farinha queimada. Do paõ de centeio. 321
Receita para fazer a especie de macarraõ, que se chama em Italia tagliati. 322

Modo de cozer as tubaras da terra, para as comer em forma de paõ. Pag. 328
Puddim de tubaras da terra cozido ao forno. 332
Receita para fazer almondegas de tubaras da terra muito baratas. 334
Receita para preparar as tubaras da terra cozidas com certo molho. 335
Salada de tubaras da terra. 336
Instrucções geraes para fazer sopas baratas. 338
Receita para fazer huma sopa muito barata. 339
Receita para fazer a sopa de farinha queimada. 342
Do paõ de centeio. 345

ENSAIO IV.

Das chaminés, e seus lares. Differentes modos de os aperfeiçoar, para poupar o combustivel, fazer as cousas mais sans e agradaveis, e obstar a fumegaçaõ.

ADVERTENCIA. Pag. 347

Cap. I.

Os lares destinados a queimar carvaõ ou lenha nas chaminés descubertas, saõ susceptiveis de muitas alterações. As chaminés, que fumegaõ para dentro, podem ser concertadas em todos os casos. A

A grandeza desmarcada das chaminès he a causa principal da sua imperfeiçaõ. Desenvoluçaõ philosophica desta materia. Meios propostos para remediar todos os defeitos, que se tem descoberto nas chaminés, ou seus lares. Estes meios saõ igualmente applicaveis ás chaminés destinadas a queimar lenha, ou cespede, ou aquellas em que se queima sómente o carvaõ. Pag. 346

Cap. II.

Instrucçôes práticas para uso dos obreiros, em que se indica o modo de proceder nas alterações, que se haõ-de fazer nos lares das chaminés, e os meios de remediar efficazmente as chaminés, que fumegaõ para dentro. 378

Meios de execuçaõ para o concerto das chaminés. 399

Cap. III.

Cáusa da sobida do fumo; desenvoluçaõ desta materia, explicada por meio de comparações, e experiencias vulgares. Das chaminés que reciprocamente se fazem mal, impedindo humas a sobida do fumo de outras. Das chaminés que fumegaõ para dentro por falta de ar. Dos redemoinhos de vento, que penetraõ os fumeiros, e empurraõ para dentro o fumo. 413

Conclusaõ. Pag. 427
Explicaçaõ das Estampas. 429

ENSAIO V.

Planos de varios Estabelecimentos publicos recentemente formados em Baviera, e Appendice ao Primeiro Volume.

Prospecto succinto da Academia militar de Munich. Pag. 433
Meios empregados para aperfeiçoar a raça dos cavallos, e gado vacum, em Baviera, e no Palatinado. 437
Meios adoptados para fazer cessar as usuras em Munich. 445
Relaçaõ de hum projecto, para empregar os soldados em concertar as estradas, e caminhos de Baviera. 448

APPENDICE.

N. I. *Memoria e petiçaõ, dirigida a todos os habitantes de Munich em nome dos verdadeideiros Pobres, e Afflictos.* Traduzida do Alemaõ. 451
N. II. *Lista dos assignantes para as contribuições voluntarias, destinadas para os pobres em estado de trabalhar, e para os doentes e achacados; cujo fim he a aboliçaõ total da mendicidade publica; apre-*

sen-

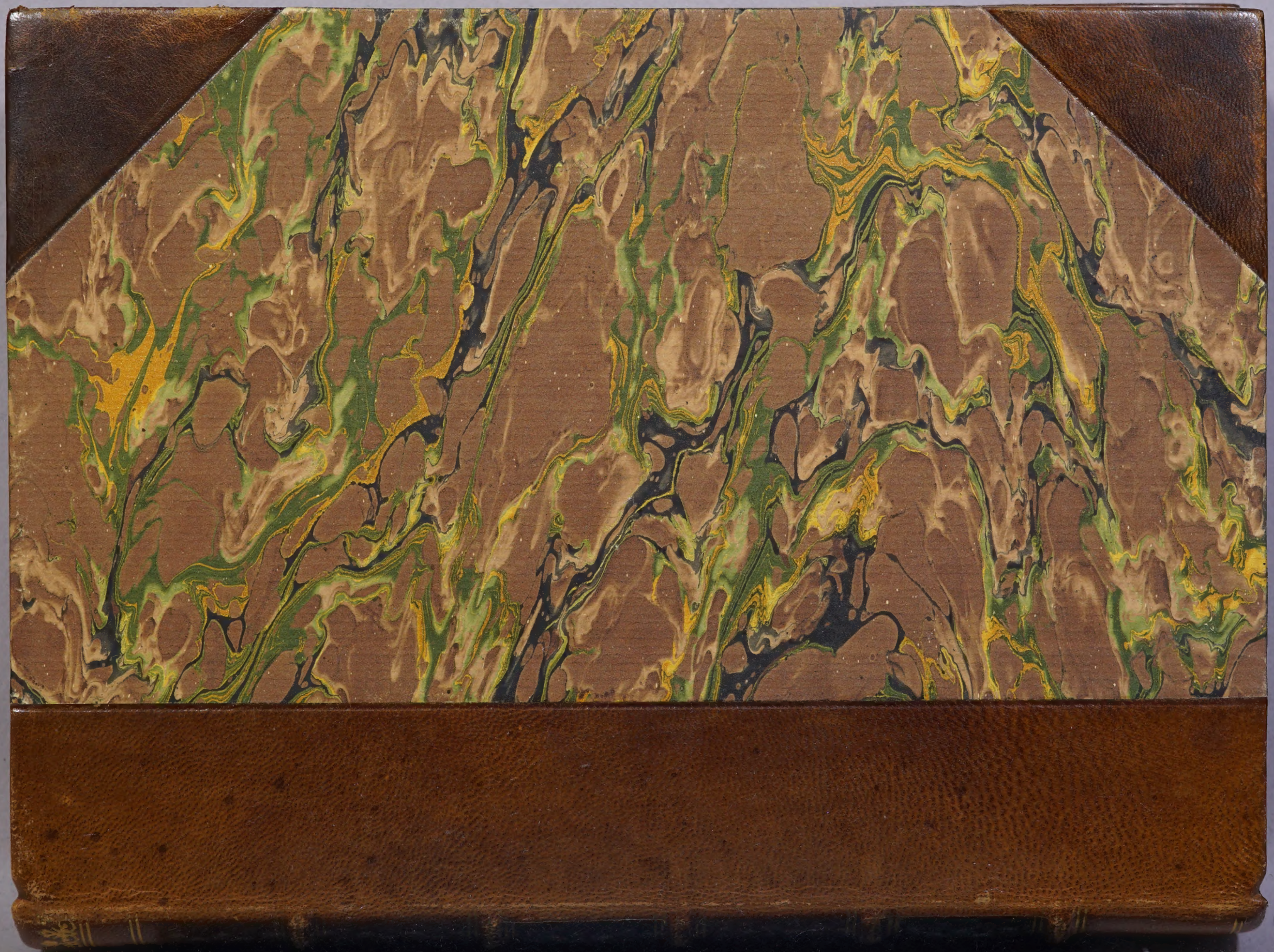
sentada aos habitantes de Munich no mez de Janeiro de 1770. Traduzida do Alemaõ. Pag. 463
Contribuiçaõ voluntaria para o amparo dos pobres de Munich. 467
N. III. *Conta da receita e despeza feita para o sustento do estabelecimento de Munich no espaço de cinco annos.* 468
N. IV. *Certificado relativo ao consumo de lenha para aquecer os quartos, e fazer a comida na cozinha da casa de trabalho militar em Munich.* 470
N. V. *Modélo da descripçaõ dos pobres.* 471
N. VI. *Modélo.* 473
N. VII. *Experiencias feitas na padaria da casa de trabalho militar de Munich aos* 4 *e* 5 *de Novembro de* 1794. 475
Resultado geral da experiencia. 481
Quantidade de lenha consumida no curso das experiencias. 484
N. VIII. *O Governador da casa de industria de Dublin fez dar ao Author em* 30 *de Abril de* 1796. *o mapa junto, das pessoas que habitaõ esta casa, e as informaçõeS relativas ao modo de as nutrir.* 492
N. IX. *Relaçaõ de huma experiencia feita (perante os olhos do Author) na cozinha da casa de industria de Dublin, sobre a preparaçaõ dos alimentos dos pobres.* 498
Resultado geral da experiencia. 500

18 419

cc - RCR - 5/15/07

2 uuls

1200

8/11

D801
R936e
v.1